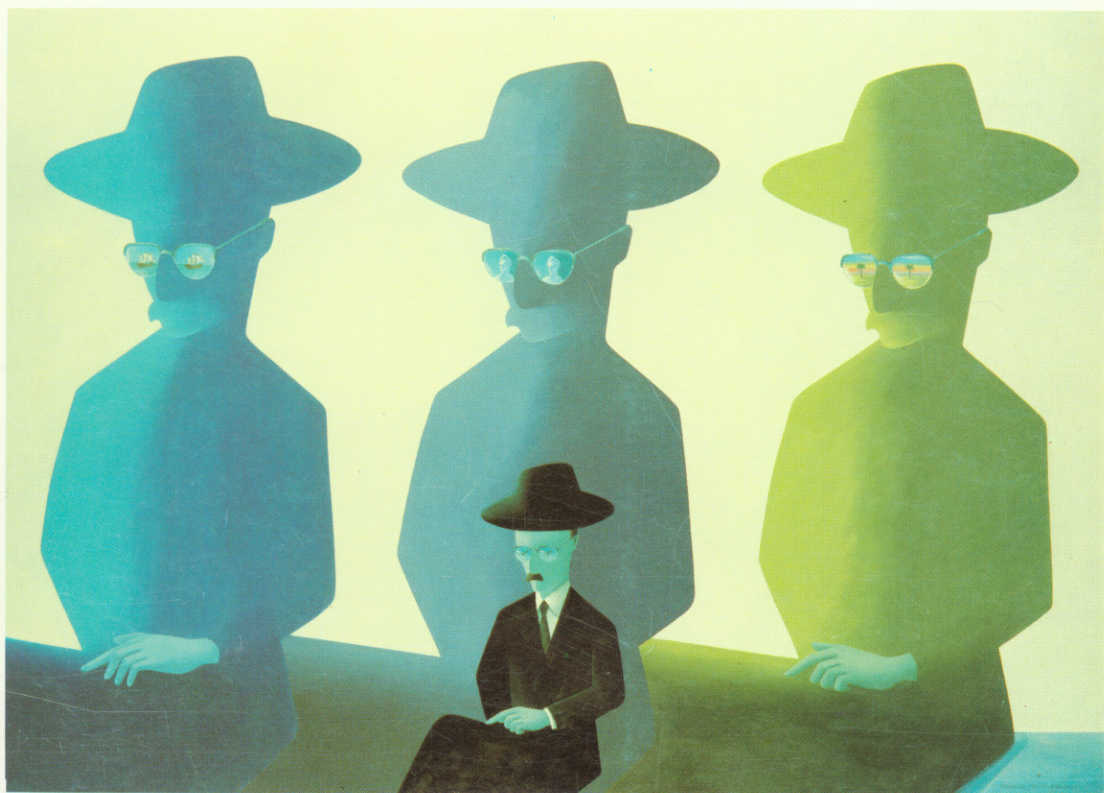


ANTÓNIO CIRURGIÃO

O «OLHAR ESFÍNGICO»
DA
MENSAGEM
DE
PESSOA



IDENTIDADE

CULTURA PORTUGUESA

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

António A. Cirurgião, nascido em Chaves, Portugal, em 1933, foi para os Estados Unidos, como estudante de Direito, em 1962. Tendo optado por Letras, fez o M.A. (mestrado) em Francês, em Assumption College, Massachussetts, e o Ph. D. (doutoramento) em Espanhol e Português, na Universidade de Wisconsin, sob a direcção de Lloyd Kasten e Jorge de Sena.

Depois de ter ensinado Espanhol, Francês e Latim em Kansas State University e na Universidade de Nevada, foi contratado em 1969 pela Universidade de Connecticut, em Storrs, e aí ensina Espanhol e Português. Recebeu o contrato vitalício em 1973, e foi promovido a professor catedrático em 1980. Em 1983 e 1987, ensinou na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, na qualidade de Professor Visitante.

Entre as suas publicações no campo da literatura portuguesa e brasileira, contam-se **Fernão Álvares do Oriente — o Homem e a Obra**, Paris: Gulbenkian, 76; ed. de **O Cancioneiro de D. Cecília de Portugal**, Lisboa: Ocidente, 72; ed. de **Lusitânia transformada** de Fernão Álvares do Oriente, Lisboa: Imprensa Nacional, 85; ed. de **Camonian Symposium Commemorating the Fourth Hundredth Anniversary of The Lusíads**, Lisboa: Ocidente, 72; «A estrutura de **A ilustre casa de Ramires**», **Ocidente**, 69; «Inéditos de Correia Garção e Basílio da Gama no Ms. 1842 do ANTT», Coimbra: **Biblos**, 74; «Simbolismo religioso em Dão-lalalão de Guimarães Rosa», **Ocidente**, 74; «À margem da poética de Jorge de Sena», Santa Bárbara, 81; «Uma leitura alegórica do **Auto dos Anfitriões** de Luís de Camões», **Bracara Augusta**, 80; «Pero de Andrade Caminha e a Poética», **Arquivos do Centro Cultural Português**, Paris, 82; «A relação entre as letras portuguesas e a pintura nos séculos XVI e XVII», **Boletim da Assembleia Distrital de Lisboa**, 82; «A vida como viagem na **Imagem da vida cristã** de Frei Heitor Pinto», **Biblos**, 86; «O carácter moralizador de **O Primeiro Cerco de Diu** de Francisco de Andrade», **Biblos**, 87; «A “Penitência de Soropita” vista à luz dos **Exercícios Espirituais** de Santo Inácio de Loyola», **Arquivos...**, 88; «Da variedade à unidade e da ignorância ao conhecimento em “Minha gente” de Guimarães Rosa», **Nova Renascença**, 89; «A divinização do Gama de **Os Lusíadas**», **Arquivos...**, 89.

IDENTIDADE
SÉRIE CULTURA PORTUGUESA

O «OLHAR ESFÍNGICO»
DA
MENSAGEM
DE
PESSOA

E A CONCORDÂNCIA

ANTÓNIO CIRURGIÃO

O «OLHAR ESFÍNGICO»
DA
MENSAGEM
DE
PESSOA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

1990

CIRURGIÃO, António

O «olhar esfíngico» da Mensagem de Pessoa e a Concordância / António Cirurgião. — Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990 — 388 p. — (Identidade: cultura portuguesa)

Cultura — Crítica literária — Literatura — Fernando Pessoa

Título

O «OLHAR ESFÍNGICO» DA MENSAGEM DE PESSOA
E A CONCORDÂNCIA

1.^a edição, 1990

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

© Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Divisão de Publicações
Praça do Príncipe Real, 14-1.^o — 1200 LISBOA

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Tiragem

3000 exemplares

Capa: Costa Pinheiro «Fernando Pessoa — Heterónimo», 1978
Óleo/tela. Dim.: 150x200 C.A.M.-F.C.G.

Composição e impressão

MINERVA DO COMÉRCIO

Depósito legal

ISSN 0871-4428 Identidade. Cultura Portuguesa

A meus Irmãos,
e à memória de meus Pais.

ANTELÓQUIO

Ciente da complexidade do tema e da popularidade da obra, foi «com temor e com tremor» que nos lançámos à leitura da Mensagem. E, sendo assim, durante o processo da sua elaboração, achou-se conveniente ir dando conhecimento do projecto a alguns colegas e amigos, sempre na esperança de que teriam uma palavra crítica a dizer ou, pelo menos, uma palavra de encorajamento. E (cito por ordem alfabética) como o Dr. Arturo Giráldez, a Dr.^a Bruna Cunha-Viana, o Dr. Chrystopher Aurette, o Doutor Fernando Martinho, o Professor Ivo de Castro, o Professor José Augusto Seabra, o Dr. José Blanco, a Dr.^a Marcela Forjaz, a Professora Marie Naudin, e o Dr. Sérgio Pachá se dignaram honrar-nos com essa palavra crítica elou com essa palavra de encorajamento, a todos eles deixamos aqui expresso o nosso mais sincero reconhecimento, apressando-nos, porém, a prevenir que, se a esses colegas e amigos cabe o mérito de observações acertadas, só a nós cabe a responsabilidade última pelas deficiências — e muitas serão — que possa haver neste nosso estudo.

Quanto à concordância da Mensagem, que julgamos venha a contribuir para tornar mais rico e completo o comentário a cada uma das partes, secções e poesias que constituem o poema épico de Pessoa, assim como a introdução geral, queremos deixar aqui expressos os nossos agradecimentos à licenciada Robin Andrés e ao doutorando David Silva pela colaboração que nos deram por ocasião da realização de um curso sobre Fernando Pessoa na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, no verão de 1987, colaboração que consistiu no levantamento de todo o vocabulário da Mensagem.

Ao Professor António Quadros e à Professora Maria Lucília Pires agradecemos as diligências feitas para que este trabalho fosse publicado; e ao ICALP, na pessoa do seu digno e dinâmico Presidente, Professor Fernando Cristóvão, manifestamos a nossa gratidão por se ter dignado apostar na relevância desta obra.

Desejamos também expressar o nosso reconhecimento à University of Connecticut Research Foundation e à Fundação Calouste Gulbenkian pelo apoio material prestado na elaboração deste estudo.

Storrs, 13 de Outubro de 1987.

INTRODUÇÃO

Plurimi pertransibunt, et multiplex
erit scientia.

Apud Vieira, *História do Futuro*.

A verdade não é o desvendamento que
anula o mistério, mas a revelação
que lhe faz justiça.

Walter Benjamin.

O que fiz por acaso e se completou
por conversa fora trabalhado, com
Esquadro e Compasso, pelo Grande Architecto.

Fernando Pessoa.

A POÉTICA DA MENSAGEM

Vistos no conjunto, os 44 poemas que constituem a **Mensagem** poderão ser considerados quanto ao esquema estrófico, ao rítmico e ao rímico.¹

Pelo que se refere ao esquema estrófico, cabe-nos observar que há 3 poemas monóstrofos, 15 de duas estrofes, 18 de três, 5 de quatro, 2 de cinco e 1 de seis. Prevenimos, porém, que é com certa relutância que consideramos «Noite» um poema de seis estrofes. Em nossa opinião, deverá ter sido por descuido que os últimos seis versos foram distribuídos por uma estrofe de cinco versos e outra, a última, de um. Não fosse isso, e teríamos 3 poemas de cinco estrofes e nenhum de seis.

As estrofes dos poemas da **Mensagem** poderão ser classificadas em pares e ímpares, isostróficas e alostróficas, isométricas e heterométricas, isorrítmicas e heterorrítmicas, e, quanto ao número de versos, em monósticos, dísticos, tercetos, quadras e quartetos, quintilhas, sextilhas, sétimas, nonas e décimas.²

Pelo que diz respeito ao esquema rítmico, há também na **Mensagem** uma vasta gama de ritmos, indo do dissílabo ao dodecassílabo, passando pelos versos de três, quatro, seis, sete, oito, nove e dez sílabas.

Finalmente, quanto ao esquema rímico, nota-se também uma grande variedade, que vai dos versos brancos aos versos rimados, dividindo-se estes em emparelhados, cruzados, interpolados, misturados, e que vai da rima rica à rima pobre, da rima aguda à rima grave e exdrúxula.

O GÉNERO POÉTICO DA MENSAGEM

Como classificar poeticamente a **Mensagem**? Como poema épico? Como poema lírico? Como poema elegíaco? Deixando de parte a discussão pormenoriza-

¹ Em apêndice à Introdução, apresenta-se uma breve visão anatómica da **Mensagem**, na esperança de que ela possa vir a servir de pretexto para estudos sérios por parte dos peritos em aritmosofia e doutrinas esotéricas.

² Note-se que não existe na **Mensagem** uma única oitava, pelo que talvez se pudesse aventar que Pessoa teve o maior cuidado em demarcar o seu poema épico, também neste ponto, da estrutura externa de **Os Lusíadas** de Camões.

da do assunto, em virtude de ele já ter sido tratado em pormenor por especialistas na matéria ³, ater-nos-emos a enunciar em termos muito genéricos a nossa posição, para o que nos valem de uma visão **a posteriori**. Como se diz no comentário a um dos poemas, a **Mensagem** constitui um género híbrido, embora nele se privilegie o género épico, tal como, depois da teorização de Edgar Allan Poe, esse poema épico era viável. A tonalidade lírica e elegíaca que se faz ouvir, umas vezes em surdina e outras em voz alta, através de todo o poema, leva-nos a classificar a **Mensagem** como um mixto de poema épico, lírico e elegíaco.

MÉTODO CRÍTICO

Leitor assíduo das novidades no campo da crítica literária, é nossa preocupação servirmo-nos de todos os meios que possam auxiliar-nos numa melhor compreensão do texto literário que nos propomos analisar, cientes como estamos de que a **Mensagem**, como obra maior que é, merece ser lida com a máxima atenção e com a maior profundidade possível. Dito isto, fácil é concluir que de forma alguma excluímos qualquer dos métodos propostos até hoje, desde que satisfaçam o desiderato enunciado. Se mais longe não vamos na utilização de determinados métodos de crítica literária, isso se deve à falta de tempo para os assimilar a todos.

Se nos perguntassem qual o método a que mais frequentemente recorremos na análise dos poemas da **Mensagem**, seria difícil responder. Uma coisa convém, porém, que desde já fique bem clara. E é que se evitou, tanto quanto foi possível, o método biografista, por várias razões: primeiro, porque parece ter sido aquele que mais se tem usado, e de que mais se tem abusado, nos estudos feitos até agora sobre a **Mensagem**, pelo que quase tudo quanto se dissesse neste capítulo seria provavelmente repetitivo e, portanto, supérfluo; segundo, porque as conclusões a que esse método tem levado de forma alguma fazem justiça ao poema, em nossa modesta opinião. É pela insistência desmedida no método biografista, desde o momento em

³A título de exemplo, indicaremos apenas três estudos sobre este tema, caucionando o leitor, tal como se faz em situações idênticas, que isto de forma alguma significa que estes trabalhos sejam necessariamente superiores a outros sobre o mesmo tema. Este e outros **caveats** assentam na natureza do trabalho que nos propusemos realizar, assim como na impossibilidade física de estar em dia com a bibliografia pessoana.

Eis os estudos, por ordem cronológica de primeira edição:

1. João Gaspar Simões. **Vida e obra de Fernando Pessoa. História de uma geração**. Lisboa: Bertrand, 1981.
2. David Mourão-Ferreira. «Nota» in Fernando Pessoa, **Mensagem**. Lisboa: Edições Ática, 1967.
3. Anazildo Vasconcelos da Silva. **Semiotização literária do discurso**. Rio de Janeiro: Elo, 1984.

que a **Mensagem** saiu a lume, que ainda hoje uns vêem esta obra como uma mancha na vida e criação artística de Fernando Pessoa, e outros como um ponto alto nessa vida e nessa criação, de acordo com a ideologia e com as cores políticas de cada um desses dois grupos. Naturalmente que com isto não queremos dizer que sejam irrelevantes as convicções políticas de um escritor, mas tão só que elas jamais deverão ser razão necessária e suficiente para minimizar, ou engrandecer, o valor estético da obra ou obras que possam reflectir, com maior ou menor fidelidade, essas convicções. Sendo a literatura uma arte, e a **Mensagem** uma obra literária, é sobretudo como obra de arte que deverá ser julgada e apreciada ^{3a}.

De que métodos nos servimos então para elaborar o trabalho que oferecemos ao juízo do leitor? Sem pretender referi-los todos, até porque, em certo aspecto, poderia acontecer-nos como ao Mr. Jourdain de Molière — o tal que levava dezenas de anos a falar em prosa, sem saber que o fazia —, diremos que, tratando-se de uma epopeia histórica, forçoso foi recorrer ao método historicista; tratando-se de um poema de ressonâncias bíblicas e messiânicas, necessário foi servirmo-nos da hermenêutica, como se se tratasse de uma obra sagrada, método, aliás, de venerandas tradições no campo da análise de poemas épicos, desde os homéricos ao de Milton, passando pela **Eneida** de Virgílio, a **Divina Comédia** de Dante e **Os Lusíadas** de Camões; tratando-se de uma obra em que abundam os arquétipos, pareceu conveniente utilizar o método arquetípico; tratando-se de uma obra em que o verbo impera soberano, prestou-se a maior atenção ao método filológico, procurando-se fazer com a palavra o que Rabelais convida a fazer na introdução ao seu **Gargantua**: sondar-lhe todas as faces, virá-la de todos os lados, penetrar-lhe as entranhas, a fim de poder encontrar a «substantifique moelle» dessa palavra, imitando o cachorro, às voltas com o osso, de que fala Rabelais de uma forma pitorescamente séria. E recorreu-se ao método esteticista e ao método psicológico e ao método estruturalista e ao método semiótico e ao método estatístico e, como se deu a entender atrás, a possíveis métodos sem nome. Em conclusão, optou-se por uma abordagem metodológica de carácter eclético, na convicção moral de que, como se disse no início, são aceitáveis todos os métodos que nos conduzam a uma melhor compreensão da obra estudada, razão de ser última de todo o exercício de crítica literária.

Mas poderá justamente questionar-se a relevância de tantos e tão variados métodos, quando falta aquele «quid» que Fernando Pessoa exige dos críticos dignos de tal nome. Referimo-nos àquele «apontamento solto de Fernando Pessoa» que a

^{3a} Sobre as razões que terão levado Fernando Pessoa a escrever a **Mensagem**, veja-se Onésimo Teotónio Almeida, "**Mensagem**." Uma tentativa de reinterpretção. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1987. Apoiado em sólidas bases históricas e filosóficas, e em documentação pertinente, o autor resolve a dicotomia a que acabamos de nos referir.

organizadora da Edição da Aguilar, Maria Aiete Galhoz, antepôs à **Mensagem**, sob o título de «Nota Preliminar»:

A quinta [qualidade ou condição] é menos definível. Direi talvez, falando a uns que é a graça, falando a outros que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da mesma maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.⁴

CAMÕES E PESSOA

Embora o diálogo de Fernando Pessoa com Camões seja objecto de um escrutínio relativamente cuidadoso no decorrer da leitura que nos propomos fazer da **Mensagem**, dada a relevância do caso, parece-nos necessário fazer algumas observações sobre esse diálogo nesta breve introdução.

Se lermos **Os Lusíadas** e a **Mensagem** com atenção, não nos é difícil notar imediatamente a intertextualidade entre os dois poemas épicos.⁵

Poderíamos comprovar este fenómeno por meio de uma breve referência ao episódio do «Gigante Adamastor» de **Os Lusíadas** e ao «Mostrengo» da **Mensagem**. Mas como esse tema tem sido tratado por críticos competentíssimos, vejamos, à guisa de exemplo, a epígrafe geral da **Mensagem** e o primeiro verso de **Os Lusíadas**. Numa e noutra obra temos o sinal distintivo e indelével gravado na fronte dos heróis e do poeta e dos portugueses: «As armas e os barões assinalados» e

⁴ Fernando Pessoa, **Obra completa**. Organização, introdução e notas de Maria Aiete Galhoz (Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965), p. 69.

E cabe aqui dar um esclarecimento. Tendo comprado há bastantes anos a obra de Fernando Pessoa publicada pela Ática Editora, é sobre essa que através das frequentes leituras sempre temos vindo a fazer glosas da mais variada natureza. Da Edição da Aguilar tínhamos conhecimento, mas jamais nos tínhamos servido dela. Foi só quando estávamos para passar este estudo a limpo que nos lembrámos que, num trabalho desta natureza, era aconselhável a transcrição de um texto fielmente reproduzido da primeira edição. E foi só então, portanto, que deparámos com a nota a que se aludiu acima. Se sem o conhecimento dela nos lançámos ao estudo da **Mensagem** «com temor e com tremor», pense-se na nossa atitude se dela tivéssemos conhecimento prévio. Resta-nos, porém, a consolação de ter adivinhado o mandamento — e o desejo — de Fernando Pessoa.

É este o momento de manifestar a nossa estranheza por a organizadora da dita edição ter inserido esta «Nota Preliminar» no corpo da **Mensagem**, exactamente entre o título e a epígrafe geral e a «Primeira Parte», como se se tratasse de uma parte integrante do poema.

⁵ Dessa intertextualidade muitos são os que têm escrito, desde Costa Ramalho a Jacinto do Prado Coelho, desde Maria de Lourdes Belchior a Alexandrino Severino. Neste, como em casos idênticos, remetemos o leitor para as bibliografias da especialidade, mormente para a de José Blanco, que é a mais completa. Isto para não sobrecarregar o estudo de uma erudição desnecessária, por meramente decorativa.

«Benedictus Dominus noster qui dedit nobis signum». Em **Os Lusíadas** os nautas portugueses vão assinalados com um sinal muito especial: o de heróis escolhidos pelo Senhor para realizarem uma empresa de carácter transcendente e cristão. E pelo que se refere à **Mensagem**, no poeta, feito profeta e interlocutor de um povo, o Senhor dá aos portugueses um sinal que os distingue e os marca também para uma obra sobre-humana e sotereológica.

Porém, a **Mensagem**, comparada com **Os Lusíadas**, é um passo em frente. Enquanto Camões, em **Os Lusíadas**, conseguiu fazer a síntese entre o mundo pagão e o mundo cristão, Pessoa na **Mensagem** conseguiu ir mais longe, estabelecendo uma harmonia total, perfeita, entre o mundo pagão, o mundo cristão e o mundo esotérico, entendendo por mundo esotérico aquele que vai da teosofia à alquimia e da maçonaria ao rosacruzianismo, passando por todas as religiões de carácter iniciático e, portanto, secreto. Num poema como «Viriato», por exemplo, vão de mãos dadas o Cristianismo e o Pitagorismo, o Budismo e o Induismo, traduzidos, respectivamente, pela ressurreição e pela reencarnação ou metempsicose.⁶

Por outro lado, enquanto **Os Lusíadas** é essencialmente o poema da celebração do passado, a **Mensagem** é sobretudo o poema da glorificação do futuro; enquanto em **Os Lusíadas** se aponta muito timidamente para uma visão messiânica de Portugal, no passado, na **Mensagem** faz-se do messianismo a mola-real de Portugal, no futuro, podendo dizer-se que, no fundo, o que se propõe na **Mensagem** é o regresso à Idade de Ouro.

Em vista do que fica dito, e, sobretudo, do que se verá adiante, a intertextualidade entre os dois poemas épicos máximos da literatura portuguesa é uma realidade palpável, impregnando as linhas e as entrelinhas dos dois discursos.

DO TEXTO ADOPTADO

Tratando-se de fazer um estudo, baseado essencialmente, no seu aspecto externo, no método de crítica literária intitulado explicação de texto, isto é, alicerçado na análise meticulosa da obra, parte a parte, secção a secção, poema a poema, verso a verso, palavra a palavra, signo a signo, pareceu-nos que deveria dar-se preferência a uma versão da **Mensagem** que reflectisse o melhor possível a vontade do autor. E como é nossa convicção que o texto que melhor traduz essa vontade é o da edição de 1941, ou seja, a segunda, feita à base de um exemplar da primeira edição corrigido por Fernando Pessoa, como se diz expressamente numa rubrica

⁶ Poder-se-ia dizer que uma das características da **Mensagem** é um exemplar sincretismo religioso.

impressa a seguir ao poema ⁷, foi por esse texto que se optou. Isto depois de se ter utilizado o texto da Aguilar, em virtude de duas declarações que nos pareceram pertinentes: uma contida na «NOTA EDITORIAL / À Primeira Edição», e outra numa nota à **Mensagem**: «Todavia, em homenagem de respeito à memória do poeta, reproduzimos absolutamente intocada a grafia da **Mensagem**, o único livro de poesia portuguesa publicado em vida dêle e por êle revisto» ⁸; 5. —. A 1.ª ed. da **Mensagem** foi feita em Lisboa em 1934 pela parceria Antônio Maria Pereira. Não tem datas nos poemas como costume era do A. quando publicava algo seu. A 2.ª ed. foi feita também em Lisboa (1940), pela Agência Geral das Colônias; sôbre um exemplar da 1.ª, revisto pelo A., foi feita a 3.ª ed., a cargo da Edit. Atica (1945) e constituindo o OC/V» ⁹. Mas a pertinência dessas observações evaporou-se no momento em que, resolvendo trilhar caminho seguro, se recorreu à consulta directa de um exemplar da 2.ª edição e se verificou que essas observações eram erradas.

Maria Aliete Galhoz não terá reparado, por distracção, em dois factos muito claros: primeiro, que a 2.ª ed. da **Mensagem** é de 1941 e não de 1940, uma vez que a data está impressa no próprio texto dessa 2.ª ed., que é a da Agência Geral das Colônias: «Este livro realizado pela Editorial Atica, Rua Chagas, 23 a 27, Lisboa, foi composto e impresso durante o mês de Janeiro de 1941»; segundo, que foi essa 2.ª ed., e não a da Atica de 1945, a primeira que foi feita à base do dito exemplar da 1.ª ed. (1934), revisto e datado por Fernando Pessoa.

Cabe informar que as variantes entre a edição da Agência Geral das Colônias e a da Aguilar são mínimas, e que delas se dará devida conta ao transcrever os respectivos poemas, à medida que forem sendo analisados.

Eis a dita rubrica: «Desta edição, a segunda que se publicou da “Mensagem”, em que foram corrigidos e datados alguns poemas, conforme um exemplar da primeira edição revisto pelo autor, fez-se uma tiragem especial de 15 exemplares em papel “Manchester Ledger” numerados de 1 a 15.»

Para os curiosos, direi que o exemplar de que me servi (refiro-me à edição da Agência Geral das Colônias, de 1941), hoje propriedade da Biblioteca da Universidade de Illinois, pertenceu a Alexandre O'Neill e a seu pai, José O'Neill de Bulhões, como se depreende das seguintes palavras escritas a tinta verde na folha que precede a do título:

«Com um abraço de amizade, ofereço ao meu Pai.
Alexandre O'Neill de Bulhões
11-8-942”.

assim como do Ex-Libris de José O'Neill de Bulhões, estampado na página do título.

⁸ Fernando Pessoa, **Obra completa**. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz (Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965).

⁹ I., lb., p. 649.

Na transcrição dos vocábulos e da pontuação, observou-se rigorosamente, como se disse, o texto da edição da Agência Geral das Colónias, com três excepções quanto ao vocabulário e uma quanto à pontuação: a mudança de dois «porque» para «por que», por se tratar, em ambos os casos, de uma conjunção final e não causal, a mudança de Ê para E, no poema sobre o Conde D. Pedro, e a mudança de **tremar** para **temer**, no poema «O Mostrengo», e a inclusão de uma vírgula ¹⁰. Destas alterações dá-se devida conta em notas ao texto da **Mensagem**, à medida que os respectivos poemas forem sendo transcritos, como se disse.

Embora vários dos poemas incluídos na **Mensagem** tenham sido publicados anteriormente, já separadamente, já em grupos ¹¹, e, ao aparecerem na epopeia, tenham sofrido alterações, neste trabalho não se registram essas variantes, uma vez que o poema modificado é essencialmente outro.

Aos que porventura tenham interesse em ver essas variantes recomenda-se-lhes a consulta de duas obras pertinentes: Fernando Pessoa, **Obra completa**. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Cronologia da vida e da obra do poeta de João Gaspar Simões (Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965), pp. 647-652, e **A letra e o leitor** de Jacinto do Prado Coelho (Lisboa: Moraes Editores, 1977), pp. 227-234.

Oportunamente, chamar-se-á a atenção para as variantes registradas na edição da Aguilar, como se disse atrás. É que esta edição, pelo que se refere à **Mensagem**, tal como a da Agência Geral das Colónias, também foi feita à base de um exemplar da 1.^a edição revisto por Fernando Pessoa, como expressamente se declara na pág. 649. E outrossim se indicarão em nota as variantes em relação à edição de 1934, que é a primeira, como é sabido.

É o momento de esclarecer mais uma vez que as correcções feitas pelo autor sobre um exemplar da primeira edição são menos que as que os organizadores da segunda edição e da ed. Aguilar nos querem fazer crer. Para além do registro das datas da composição da maioria dos poemas que constituem a **Mensagem** (fenómeno importante, naturalmente), as variantes são mínimas, como poderá verificar-se, através das notas ao texto da segunda edição. A única variante de carácter mais ou menos essencial é a que consta do segundo poema da **Mensagem**: «O das Quinas». Quanto às outras, é bom que conste que elas são quase inexistentes. Aliás, no

¹⁰ Devo ao Prof. Ivo de Castro a chamada de atenção para os casos do E e do **temer**. Pessoa, no exemplar em que fez as correcções à mão, não mudou o E para Ê nem o **tremar** para **temer**, o que quer dizer que essas alterações são da exclusiva responsabilidade do organizador da segunda edição.

¹¹ Em José Blanco, **Fernando Pessoa / Esboço de uma bibliografia** (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoaanos, 1983) poderá o leitor informar-se sobre a data de publicação desses poemas, assim como sobre as revistas ou suplementos literários em que foram publicados.

aspecto ortográfico, a ed. Aguilar afasta-se mais da ed. de 1934 que a ed. Agência Geral das Colónias de 1941. A ed. de 1941 acompanhou tão de perto a de 1934, que, salvo raras excepções, vai ao ponto de seguir quase à letra o formato tipográfico, a começar pela paginação e a acabar pela disposição do índice. O primeiro desvio, no que se refere à disposição tipográfica, surge na II Secção das Quinas. Ao passo que na ed. de 1934 os títulos dos cinco poemas que constituem essa secção estão numa só linha, na ed. de 1941 estão em duas linhas; e o primeiro desvio, no que se refere à paginação, é motivado pelo poema «D. Fernando, Infante de Portugal.» Enquanto na ed. de 1934 esse poema ocupa unicamente a página 32, na de 1941 extrapola para a página 33. Fenómeno idêntico a este dá-se com o poema «As Ilhas Afortunadas», o qual na ed. de 1934 ocupa só a página 79 e na de 1941 ocupa também a página 80.

BIBLIOGRAFIA

Quanto à bibliografia, convém esclarecer que nem todas as obras enumeradas na bibliografia geral aparecem citadas directamente no texto. Se aí foram incluídas é por ser nossa convicção que é útil para o leitor saber da existência dessas obras e da sua possível relevância para um estudo compreensivo da **Mensagem**.

Outro ponto importante a esclarecer neste capítulo relaciona-se, como já se disse em nota, com a impossibilidade física de estar a par de tudo quanto no mundo se está escrevendo sobre Fernando Pessoa, especificamente sobre a obra que nos propusemos estudar, pelo que desde já prevenimos os interessados que, sem negligenciar este aspecto, ele representou papel secundário no nosso estudo. Tanto mais que, sendo nossa intenção partir para a leitura da **Mensagem** em estado de inocência (no sentido etimológico do termo), só depois de feita essa leitura, ou escrito o trabalho, é que tomámos conhecimento de praticamente todos os estudos referidos na bibliografia. Pelo que pode ser dito que, no que possa haver de análogo entre a nossa visão da **Mensagem** e a visão contida num ou noutro dos estudos mencionados na bibliografia, se trata de mera coincidência, fenómeno que nos apraz focar, na medida em que talvez isso sirva para corroborar o possível acerto de algumas das nossas hipóteses sobre o sentido do poema. Em vista do que, talvez possa afirmar-se que, se há um método de cuja omni-presença se pode falar, no decurso da nossa peregrinação através dos meandros da **Mensagem**, esse método é aquele que I. A. Richards advogou e baptizou com o nome de «close reading.»

Sabendo de antemão, quando pela primeira vez nos surgiu a ideia de escrever sobre a **Mensagem**, que são muitos os estudos que tratam da leitura pré-textual da obra, foi nossa preocupação, desde o primeiro momento, evitar debruçar-nos sobre esses aspectos, a fim de não repetir o que outros já disseram. Daí que o nosso trabalho seja essencialmente uma leitura textual da obra.

DA REPRODUÇÃO DOS POEMAS

A fim de o leitor poder ter a todo o momento diante dos olhos o texto que está sendo analisado, achou-se por bem reproduzir cada um dos 44 poemas na secção em que deles se trata.

Quanto à exposição básica dos esquemas estróficos, rítmicos e rítmicos de cada um dos poemas que constituem a **Mensagem**, depois de demorada ponderação, chegou-se à conclusão que deveria fazer-se, em virtude da sua relevância para uma melhor compreensão da estrutura do poema. Por outras palavras, não é indiferente que um poema tenha este ou aquele esquema estrófico, rítmico ou rítmico. Nas mãos de um grande poeta, matéria e forma, a palavra e o conceito por ela veiculada, valor denotativo e conotativo do termo, e todos os elementos constitutivos da poesia, andam sempre de mãos dadas, numa simbiose perfeita. E, mesmo correndo o risco de fazer juízos apriorísticos, sentimo-nos muito à vontade para concordar com todos os que consideram Fernando Pessoa um grande poeta, e para proclamar que a **Mensagem**, para além do que possa ou não reflectir em termos políticos, para os que optam por lê-la exclusivamente dentro desses parâmetros, é um grande poema, como espero a presente análise ajude a demonstrar.

Dito o que, só nos resta despedir-nos dos nossos leitores potenciais com as palavras com que o poeta da **Mensagem** se despede dos seus leitores reais... e também potenciais:

VALETE, FRATRES!

Manchester, Connecticut

17 de Setembro de 1987.

ANTÓNIO CIRURGIÃO

APÊNDICE

VISÃO ANATÔMICA DA MENSAGEM

Publicada em 1934, a **Mensagem**, dividida em três partes, consta de 44 poemas, num total de 583 versos. A Primeira Parte tem 19 poemas, com um total de 199 versos; a Segunda tem 12 poemas, com um total de 183; e a Terceira tem 13, com um total de 201.

A média de versos por poema é de 13,4, tendo o mais longo 30 versos e o mais curto, 4.

Eis, esquematicamente, o número de versos por poema e o número de poemas por categoria:

Número de versos	Número de poemas
4	1
5	1
6	1
8	8
10	4
12	14
14	2
15	3
16	2
18	1
20	1
22	1
24	2
25	1
27	1
30	1

O esquema precedente permite-nos fazer as seguintes observações:

1. Quanto ao número de versos, há 16 espécies de poemas;
2. Dessas 16 espécies, 5 têm número par e 11 têm número ímpar;
3. Dessas 16 espécies, 9 são diferentes umas das outras e sete são repetidas;
4. Das 7 espécies repetidas, a de maior representação é a de 12 versos, com um total de 14 poemas (quase um terço do total), seguindo-se-lhe, por ordem decrescente, a de 8, com 8, a de 10 com 4, a de 15 com 3, a de 14, 16 e 24, com 2 cada uma, e as 9 restantes com um poema cada uma.

A DATA DOS POEMAS

Vejamos agora a data em que foram escritos os poemas que formam a **Mensagem**, de acordo com a cronologia apresentada pelo organizador da 2.^a edição, que é a da Agência Geral das Colónias, datada do 1941, feita à base, como aí se declara, de um exemplar da 1.^a ed., de 1934, revisto pelo Autor.¹²

Segundo essa cronologia, os poemas da **Mensagem** foram escritos entre 1913 e o ano da publicação da epopeia, em 1934.

São 12 os poemas sem data: 3 da Primeira Parte, 7 da Segunda, e 2 da Terceira, o que significa que é na Segunda Parte que predominam os poemas sem data.

Dos outros 32, passamos a expor, por ordem cronológica, a data em que foram escritos:

Data	Número de poemas
1913	1
1918	3
1921-1922	1
1922	1
1928	11
1929	1
1930	2
1933-1934	3
1934	9

As conclusões a extrair deste quadro cronológico são as seguintes:

1. Os poemas constitutivos da **Mensagem** foram escritos no decurso de 21 anos;
2. Esses poemas foram escritos em 9 anos distintos.
3. Os anos em que o poeta escreveu mais poemas foram 1928 e 1934, com 11 e com 9, respectivamente. Isto, se não incluirmos no ano de 1934 os 3 que escreveu nos anos de 1933-1934.
4. Entre os poemas sem data, 3 fazem parte da Primeira Parte, 7 da Segunda, e 2 da Terceira, como já foi dito.
5. É de notar que, entre os 11 poemas escritos em 1928, 9 pertencem à Primeira Parte, e apenas 2 à Terceira.

¹² Para uma exposição pormenorizada da cronologia da **Mensagem**, remetemos o leitor para Jacinto do Prado Coelho, «Cronologia e variantes da 'Mensagem'» in **A letra e o leitor** (Lisboa: Moraes Editores, 1977), pp. 227-234.

Chama-se também a atenção para a importância deste estudo na génese da **Mensagem**, assunto que tanta tinta tem feito correr.

O INTRÓITO E O VALEDICTÓRIO
DA
MENSAGEM

Benedictus Dominus noster qui dedit nobis signum

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. [...] Foi n'Ele que vós também, depois de terdes ouvido a Palavra da verdade — o Evangelho da vossa salvação, no qual acreditastes —, fostes marcados com o selo do Espírito Santo, que tinha sido prometido, o qual é o penhor da nossa herança, enquanto esperamos a completa redenção daqueles que Deus adquiriu para o louvor da Sua glória.

Ef 1, 3 e 13.

A **Mensagem** abre com uma frase em latim: «Benedictus Dominus noster qui dedit nobis signum» («Bendito seja Deus Nosso Senhor que nos deu o sinal») e remata com outra: «Valete, fratres» («Saúde, irmãos»).¹⁰

Na frase de abertura fala o poeta de uma dádiva do Senhor, e na frase do fecho faz votos para que os destinatários dessa dádiva saibam convertê-la em meio de salvação.

E que essa dádiva, esse «sinal», seja a **Mensagem** parece ser óbvio. Sabe-se que mensagem, para além de «uma sequência de signos ou sinais construída segundo umas regras combinatórias precisas, que um emissor envia a um destinatário através de um canal»,¹¹ significa evangelho e que evangelho significa boa nova, palavra do Senhor. E, a ser assim, estaríamos perante o evangelho segundo Fernando Pessoa, dirigido ao povo português, aquele povo escolhido de que fala o Padre António Vieira, sobretudo na **História do Futuro**. Evangelho que, tal como os quatro evangelhos canónicos e as epístolas apostólicas, também teria sido inspirado por Deus: «Benedictus Dominus noster qui dedit nobis signum.»

Quanto à inspiração divina, creio poder dizer-se que, para além da proclamação da doutrina platónica, segundo a qual o poeta era inspirado pela divindade, Pessoa, ao dar louvores a Deus, no princípio da **Mensagem**, pelo «sinal» de que se dignou fazê-lo depositário, está indirectamente a estabelecer uma analogia entre ele e os apóstolos, o que é uma maneira muito eloquente de afirmar o carácter transcendente e sagrado da sua mensagem. Corroboram também esta leitura o paralelismo entre o começo e o remate de várias das epístolas apostólicas e da **Mensagem**, o uso do pronome majestático, em consonância com uma prática multissecular, por parte das altas autoridades eclesiásticas, e o uso do latim, língua oficial da liturgia católica, ao tempo da elaboração da epopeia.¹²

¹⁰ Fernando Pessoa, **Mensagem**. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1941.

Chamar-se-á a atenção oportunamente para todas as variantes — mínimas, aliás — entre esta edição, a de 1934 e a de 1965, dado o facto de tanto a da Agência Geral das Colónias como a da Aguilar terem sido feitas à base de um exemplar da 1.ª edição (1934), revisto por Fernando Pessoa, como já foi dito.

¹¹ Angelo Marchese — Joaquín Forradellas, **Diccionario de retórica, crítica y terminología literaria** (Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1986), p. 255.

¹² O facto de as duas frases em questão serem também de cariz maçónico, rosacruziano e/ou templário em nada diminui a plausibilidade da nossa hipótese.

Não sendo nosso intento entrar na questão respeitante ao género poético em que a **Mensagem** deverá ser incluída, apressamo-nos a esclarecer que partimos do princípio de que se trata de um poema épico, com as peculiaridades apontadas na Introdução. De entre os testemunhos que poderíamos invocar para justificar este pressuposto, queremos que conste o do crítico que apresentou pela primeira vez a **Mensagem** ao grande público — David Mourão-Ferreira — : «Verdadeira imagem de Portugal, com a carne da História sublimada na auréola do Mito, a

Acabado de compor o seu evangelho, a sua mensagem, o autor, a exemplo dos apóstolos, deseja saúde e felicidade a seus irmãos: «Valete, fratres.» É como que a sua bênção apostólica.

A outro nível, a **Mensagem** é uma espécie de anamnésis, isto é, uma representação cerimonial, litúrgica, de um acontecimento de natureza salvífica do passado, vivido pelo celebrante no presente, em comunhão com os fiéis, em vista à salvação de todos no futuro.

Mais: a **Mensagem** é a celebração de um rito iniciático cujo ministro é o poeta e cujos fiéis são os leitores (portugueses, note-se bem). Nesse acto litúrgico, iniciado com a invocação do Senhor, e concluído com uma saudação fraterna, o celebrante introduz os fiéis nos mistérios divinos de Portugal e fá-los assistir a todas as fases por que passa o futuro membro de uma sociedade religiosa secreta, desde o postulando à profissão.

O poeta da **Mensagem**, na sua função de sacerdote ou dispenseiro dos bens sagrados, é o intérprete ou mediano entre Deus e os homens, assim se explicando que, ao iniciar a celebração do acto litúrgico, que é a escrita do poema, invoque o auxílio do Senhor, e, ao conclui-lo, lance a sua bênção aos fiéis.

O Padre António Vieira, ao falar, nas primeiras páginas da **História do Futuro**, da sua utilidade para o povo português, escreve estas palavras:

Quem refere a glória dos bons sucessos ao valor, à sua ciência militar, ao seu braço, ao seu talento, dá a glória de Deus ao ídolo; por isso se vos escrevem aqui essa mesma liberdade, essas mesmas vitórias e esses mesmos sucessos, assim os que já se viram, como os que restam para se ver, tantos anos antes revelados por Deus. Para que conheça por nossa confissão todo o Mundo que são misericórdias suas e não obras do nosso poder; e para que nós, como efeitos da Providência, da bondade e onnipotência divina, a Deus só as refiramos todas, e a Deus só louvemos e demos graças.¹³

Mutatis mutandis, não se poderão aplicar estas palavras à **Mensagem**? Queremos crer que sim.¹⁴

Mensagem constitui, nos tempos modernos, uma das raras possibilidades de sobrevivência da epopeia em verso» («Nota» in **Mensagem** por Fernando Pessoa [Lisboa: Edições Atica, s.d.]).

¹³ Padre António Vieira, **História do Futuro**, apud **Obras Completas**. Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, vol. VIII (Lisboa: Sá da Costa, 1953), p. 36.

¹⁴ Como se verá oportunamente, o Padre António Vieira é um dos três profetas da **Mensagem**, e o espírito da sua visão messiânica e sebastianista de Portugal está presente na epopeia de Pessoa.

**DIVISÃO TRIPARTIDA
DA
MENSAGEM**

Deus omnia fecit in numero,
pondere et mensura.

Sabedoria.

In most cultures and religions, numbers are carriers of symbolic meaning with often complicated significance. Numbers were frequently regarded as expressions of the cosmic and human order or (for the Pythagorians) of the harmony of the spheres.

The Herder Symbol Dicctionary.

Como se verá em pormenor, à medida que se for lendo a tentativa de interpretação da **Mensagem** no seu conjunto e de cada um dos quarenta e quatro poemas de que consta, o poeta dividiu, muito apropriadamente, a obra em três partes (três é o número sagrado da divindade), fazendo corresponder, nas suas linhas gerais, a Primeira Parte ao Portugal da Europa, a Segunda ao Portugal de Além-Mar, e a Terceira ao Portugal do futuro ou Quinto Império. Trata-se, evidentemente, de um discurso de configuração ascensional, um pouco à maneira, *mutatis mutandis*, do discurso da **Divina Comédia** de Dante.

A demarcação das três partes é estabelecida por um título visivelmente adequado. Assim, a Primeira Parte intitula-se «Brasão», a Segunda, «Mar Português», e a Terceira, «O Encoberto.» E para auxiliar o leitor a penetrar melhor na letra e no espírito desse templo meio real, meio mágico e meio esotérico, que é a **Mensagem**, o poeta empresta-lhe uma chave. Referimo-nos às epígrafes antepostas a cada uma das três partes: «*Bellum sine bello*» («Guerra sem guerra»), «*Possessio maris*» («Posse do mar»), e «*Pax in excelsis*» («Paz nas alturas»), respectivamente. Mas, pensando bem, para efeitos de hermenêutica, sentimo-nos mais inclinados a qualificar a **Mensagem** de labirinto que de templo, o que implica a substituição da metáfora da chave pela do fio de Ariadna, mas um fio mil vezes mais subtil que o que a princesa de Creta deu a Teseu.

BRASÃO

BELLUM SINE BELLO

Los elementos exteriores del blasón [...] como los interiores o armas [...], aparte de su sentido literal, o incluso de la anécdota de su origen, tienen significado simbólico.

Juan-Eduardo Cirlot,
Diccionario de símbolos.

A Primeira Parte da **Mensagem** intitula-se «Brasão» e tem por epígrafe «Bellum sine bello» («Guerra sem guerra»).

Como se dirá noutra parte, não é difícil depreender o significado das epígrafes da Segunda e da Terceira Parte da **Mensagem**, mas o mesmo não poderá ser dito da epígrafe da Primeira Parte. É que começa por encerrar um paradoxo ou oxímoro: «guerra sem guerra.» Entretanto, tal como as outras duas, também esta epígrafe terá que ser a chave que nos abra a porta do «Brasão.» E se o significado desta epígrafe estivesse contido na Epístola aos Efésios, cujo epílogo apresenta a vida dos cristãos na terra como um combate espiritual, que Prudêncio, uns quatro séculos mais tarde, viria a cunhar de psicomáquia?

Longa é a passagem da epístola, mas, para uma melhor compreensão do assunto, parece-nos apropriado transcrevê-la:

Revesti-vos da armadura de Deus para que possais resistir às ciladas do Demónio. Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os Espíritos malignos espalhados pelos ares. Tomai, portanto, a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau, e ficar de pé depois de terdes cumprido todo o vosso dever. Ficai firmes, tendo os vossos rins cingidos com a verdade, revestidos com a couraça da justiça, prontos para ir anunciar o Evangelho da paz. Empunhai, sobretudo, o escudo (sublinhado nosso) da fé, com a qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus (Ef 6, 11-17).

Isto significa que, ao passo que no tempo histórico de Portugal se travavam batalhas cruentas, a guerra que o poeta propõe aos destinatários do seu evangelho, da sua mensagem, é de sinal diferente daquela que está retratada no campo dos castelos do escudo de Portugal. O combate que os portugueses terão que combater no futuro Quinto Império é incruento e não cruento. Será um combate de carácter espiritual, contra as paixões. Da necessidade desse combate sem tréguas, para merecer a graça do Quinto Império, falam claramente vários dos poemas da **Mensagem**, mas o primeiro e o último fazem-no de uma maneira mais específica, como se verá oportunamente.

Embora, na sua configuração exterior, o brasão descrito na Mensagem seja o do Infante Dom Henrique e não o de Portugal,¹ a verdade é que, no espírito, é do de Portugal que se trata. É o caso de dizer que, assim como Nun'Alvares Pereira é transubstanciado em Portugal, como se verá ao analisar o poema que lhe é dedicado, assim também o brasão do Infante é transubstanciado no de Portugal, até porque a

¹ Mário Martins, *O Infante D. Henrique: O homem e a sua época*. Lisboa: Livraria Romano Torres, 1957.

única diferença entre os dois brasões reside no timbre: enquanto o do brasão de Portugal, a partir de D. João I, é a serpe alada,² o do brasão do Infante é o grifo.

Formado, como se diz no poema, pelos campos dos castelos e das quinas e pela coroa, encimada pelo grifo, tem à direita uma esfera armilar e à esquerda uma caravela, o que quer dizer que, na Primeira Parte da **Mensagem**, vão de mãos dadas a heráldica e a poesia, o elemento visual e a palavra.³

A Primeira Parte da **Mensagem** divide-se em cinco secções, ou tantas quantos são os componentes do brasão: «Os campos», «Os castelos», «As quinas», «A coroa» e «O grifo», respectivamente.

A apresentação do brasão, no aspecto espacial, processa-se em movimento centrípeto e ascensional, isto é, da periferia para o centro e da base para o cimo. Isto no aspecto espacial. No aspecto temporal, processa-se cronologicamente, desde os tempos míticos até ao tempo histórico de Portugal, inclusive.

Cada uma das secções é constituída por tantos poemas quantos são os elementos representados pelos componentes do brasão. Assim há dois poemas para os campos: o dos castelos e o das quinas; há sete para os castelos, por, de acordo com a história e a tradição, sete serem os castelos que D. Afonso III tomou aos mouros em 1249, por ocasião da conquista definitiva do Algarve;⁴ há cinco para as quinas,

² Carlos Castro da Silva Carvalho, «Aspectos formais do nacionalismo místico da **Mensagem**», *Colóquio-Letras*, N.º 62, Julho de 1981, p. 27:

o timbre das armas nacionais, por exemplo, é, como se sabe, desde D. João I, a serpe alada. Fernando Pessoa colocou em seu lugar, mas exactamente no lugar do timbre, outro monstro quimérico, o que dá pelo nome de grifo. A serpe (e isso tem acontecido) pode ser confundida com o dragão, mas não confundida ou identificada com o grifo (metade águia, metade leão).

Por não ter notado que o brasão da **Mensagem** é, como foi dito, o do Infante D. Henrique, Silva Carvalho atribui a Fernando Pessoa a reconstrução do brasão de Portugal: «Mas o leitor atento não deixará de constatar que a referência tem uma nítida intenção de contraposição — a contraposição de um brasão novo, um brasão reconstruído, a um velho brasão nacional» (*Op. Cit.*, p. 26).

³ É como se Fernando Pessoa estivesse a reduzir a Primeira Parte da **Mensagem** a dezanove emblemas.

E, por falar em emblema, dada a sua afinidade com o brasão, regista-se aqui a definição que dele dão Angelo Marchese e Joaquín Forradellas: «Se llama también emblema en la literatura de los siglos XVI y XVII a un dibujo de valor simbólico, acompañado o no de un mote, que puede ir seguido de un comentario en verso o prosa, o de ambos» (*Diccionario de retórica y terminología literaria*).

⁴ «O número de castelos e de besantes fixou-se definitivamente no século XVI. Sobre os castelos e o seu significado, V. Marquês de [sic] de São Payo, "A bordadura nas Armas do Infante D. Henrique", in *Armas e Troféus*, tomo I, n.º 2, 1960, Janeiro-Abril, pp. 101 a 106" (Carlos Castro da Silva Carvalho, *Op. Cit.*, p. 34).

por cinco serem as chagas de Cristo que essas quinas emblematicamente representam no escudo do Infante D. Henrique (e no de Portugal); há um para a coroa; e há três para o grifo, sendo um para a cabeça e dois para as asas.

Como a Primeira Parte da **Mensagem** é visivelmente um texto de natureza iconográfica, a leitura que vamos fazer do brasão de Portugal é a leitura da leitura de uma leitura. Se não vejamos. Era uma vez um brasão que, como todos os brasões, adquiriu significado simbólico, em virtude da sua natureza emblemática. De alguns dos componentes desse brasão fizeram os escritores de Portugal leituras simbólicas, como a que se encontra, por exemplo, em *Os Lusíadas*, em que as cinco quinas ou escudetes, a que chama Camões «escudos», representam os «cinco reis vencidos» por D. Afonso Henriques na Batalha de Ourique, e em que os trinta besantes, «contando duas vezes o do meio», representam «os trinta/Dinheiros por que Deus fora vendido.»⁵ Fernando Pessoa, por sua vez, fez corresponder aos castelos, escudetes ou quinas, coroa e grifo figuras da mitologia, pré-história e história de Portugal, e dessas figuras, visualmente representadas, passou a fazer uma descrição verbal escrita, e dessa leitura de Fernando Pessoa vamos nós fazer agora uma outra leitura, que, aliás, é apenas uma das várias leituras feitas até à data dos poemas da **Mensagem** em questão.

Dir-se-á, para concluir, que o «Brasão», em particular, e a **Mensagem**, em geral, é um complexo labirinto intertextual em que o poeta, como o alquimista no seu laboratório, reproduz, transforma e transubstancia dados mitológicos, históricos, filosóficos, religiosos, retóricos, literários e iconográficos.

⁵ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto III, LIII-LIV.

OS CAMPOS

Jeu des rois, roi des jeux. L' échiquier symbolise la prise de contrôle, non seulement sur des adversaires et sur un territoire, mais aussi sur soi-même, car la division intérieure du psychisme humain est aussi le théâtre d' un combat.

Jean Chevalier — Alain Cheerbrant,
Dictionnaire des symboles.

São dois os campos do brasão de Portugal: o dos Castelos e o das Quinas, sendo este interior em relação àquele. Associados aos campos de batalha, por neles os cavaleiros reproduzirem os feitos bélicos, os campos de um brasão fazem-nos lembrar o tabuleiro de um jogo de xadrez, onde se digladiam reis, rainhas, bispos, cavaleiros e peões, protegidos por torres. (Não nos esqueçamos que o Portugal do «brasão» é essencialmente um Portugal medieval.)

No campo dos Castelos estão representados os fundadores de Portugal e no campo das Quinas, os mártires, correspondendo aos primeiros o corpo e aos segundos o espírito da nação. Como se verá oportunamente, no comentário a alguns dos poemas da **Mensagem**, poder-se-ia dizer que os sete castelos simbolizam os seis dias da criação de Portugal e o dia do repouso em analogia com os seis dias da criação do mundo e o dia do repouso do Senhor, assim como com a semana cristã. Outra imagem que nos ocorre, ao considerar o significado dos Castelos e das Quinas, é a do zigurat e a do templo de que ele é a base. Por outro lado, como resultado da soma de quatro mais três, o número sete contém em si o número da Divindade (três) e o número da Terra (quatro).

Em certo sentido, poder-se-ia dizer que o campo dos castelos, sede dos fundadores da pátria, corresponde à vida activa, e o campo das quinas, sede dos mártires, corresponde à vida contemplativa.

PRIMEIRO

O DOS CASTELLOS

8-12-1928

A EUROPA jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe romanticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Italia onde é pousado,
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

A primeira poesia da **Mensagem**, que poderíamos comparar à abertura de uma ópera, por nela se conterem os temas fundamentais da epopeia, metricamente compõe-se de quatro estrofes irregulares, tendo a primeira quatro versos, a segunda cinco, a terceira dois e a quarta um. Com excepção do quarto verso da primeira estrofe, que é hexassilábico ou heróico quebrado, todos os versos são decassilábicos heróicos, o que se harmoniza perfeitamente com a natureza épica da **Mensagem**. Pelo que se refere ao esquema rítmico é de notar que, enquanto a rima é cruzada na primeira estrofe, no resto da poesia extrapola de uma estrofe para outra, concorrendo assim para tornar mais evidente a concatenação dos conceitos logicamente desenvolvidos: abaab cb c.

Numa obra preñhe de simbolismo, como se verá oportunamente, talvez não seja descabido chamar a atenção para o possível significado do número de versos desta primeira poesia, que poderia ser considerada o prólogo do poema, como a última poderia ser considerada o epílogo.

O número doze, número da plenitude, estaria, antes de mais nada, relacionado com os doze signos do Zodíaco, cuja «expresión general es conceniente al proceso en el cual “la energía primordial», al ser fecundada, pasa de la potencialidad a la virtualidad [sic], de la unidad a la multiplicidad, del espíritu a la materia, del mundo informal al mundo de las formas»,⁶ o que é fundamentalmente o espírito da **Mensagem**. Por outro lado, o conceito de doze como número de ordem cósmica, ligado à ideia de espaço e de tempo, do círculo, da salvação, também se coaduna muito bem com a estrutura circular da **Mensagem**, que tão bem transparece do relacionamento da primeira poesia com a última: Portugal, apresentado a dormir e em estado de encantamento na primeira poesia, é intimado a despertar na última. É como se, na sua essência profunda, a **Mensagem** consistisse na iniciação de Portugal numa religião esotérica.

Além disso, numa obra impregnada de conceitos e símbolos cristãos, não será inapropriado equacionar o número de versos da poesia-prólogo com os doze apóstolos, uma vez que a missão destes é ser veículo, arautos, da mensagem de Cristo, que é a salvação da humanidade, e a missão do poema é ser veículo, arauto, da mensagem de Pessoa, que é a de salvação de Portugal. Daí o título da obra: **Mensagem**.

Dentro do simbolismo do número 12, acrescente-se ainda que são doze os Irmãos Maiores Rosacruz, e é em grupos de doze seres que se realizam as curas espirituais (referimo-nos aos auxiliares invisíveis), veiculando cada entidade a energia de cada um dos signos do Zodíaco.

Repare-se também que esta poesia, referente aos sete castelos do escudo de Portugal, como a seguinte, referente às cinco quinas do mesmo escudo, tem doze versos, ou seja, tantos quantos são a soma dos castelos e das quinas.

⁶ Juan-Eduardo Cirlot, *Diccionario de símbolos* (Calabria-Barcelona: Editorial Labor, 1981), p. 470.

Feitas estas considerações preliminares, passamos agora a analisar a poesia verso a verso.

«A Europa jaz, posta nos cotovellos»:

«Jaz» tanto pode significar que a Europa (uma Europa personificada, repare-se bem) está morta como está deitada ^{6a}. E, nesta poesia, significa ambas as coisas. O «jaz» do primeiro verso significa que a Europa está morta, e o «jaz» do segundo significa que está deitada.

Dentro do contexto global do poema épico que a **Mensagem** é, a Europa, temporariamente morta (e estar morta, em, sentido cristão, é a manifestação do pecado no mundo), à maneira das princesas dos contos de fadas, jaz (está) à espera do beijo de um príncipe que venha despertá-la para uma vida mais bela e mais gloriosa.

A Europa desta poesia de abertura poderia também comparar-se à Psique do conto alegórico de Apuleio, «Amor e Psique»⁷, ou à Psique da poesia de Fernando Pessoa, «Eros e Psique.»⁸

Continuando a interpretar este primeiro verso, diríamos ainda que o «jazer» é um requisito da iniciação antiga, na prática rosacruziana, uma vez que essa iniciação requeria que o candidato entrasse em transe, isto é, adormecesse. A iniciação de Lázaro, por outro lado, é a representação simbólica, no Evangelho de S. João, da iniciação deste. Numa perspectiva esotérica, em Lázaro (João Evangelista), realiza-se a primeira iniciação moderna. O candidato é chamado à realização da consciência crística, sem se submeter a um estado de transe ou de inconsciência. É só na iniciação moderna, com Cristo, que o candidato acede à verdade crística conscientemente, desperto, e sem ter de vivê-la num templo, ocultamente. Estaríamos assim em pleno Rosacruzianismo, doutrina explicitamente tratada numa das poesias da **Mensagem**, «O Encoberto», e que tão bem se integra na atmosfera que permeia a obra. Convém também não esquecer-se das palavras com que termina a última poesia: «O' Portugal, hoje és nevoeiro [...] / É a hora!». É a hora de ressuscitar, de despertar para a glória, para um futuro novo, depois de se ter purgado do pecado.

^{6a} Num contexto sensivelmente idêntico a este, já Camões personificará a Europa, a Península Ibérica e Portugal (Os *Lusíadas*, II, XVII e XX)

⁷ *Amor and Psyche — The Psychic Development of the Feminine — A Commentary on the Tale of Apuleius* — Translated from the German by Ralph Manheim. New York: Princeton University, 1966.

⁸ Fernando Pessoa, *Poesias* (Lisboa: Edições Atica, 1970), pp. 239-241.

«posta nos cotovellos»:

É a postura tradicional da esfinge, sentido explicitado no verso décimo: «Fita, com olhar sphyngico e fatal.» O que quer dizer que a Europa, neste caso, não está morta. Como a esfinge, vive numa eterna vigília, a andar o mistério dos tempos e dos espaços.

E assim temos o poeta feito herói de uma demanda transcendente, logo a partir do primeiro poema da **Mensagem**, pois decifrar o enigma da Esfinge foi um dos desafios mais dramáticos que a humanidade conheceu. E, aceito o desafio, vai procurar decifrar a Europa e Portugal. É ele o Édipo chamado a cometer essa empresa sobre-humana, pelo que se sente no direito de reclamar para si o estatuto de «Super-Camões.»⁹ Não necessariamente no sentido de se considerar superior a Camões como poeta (sobejava a Fernando Pessoa inteligência e astúcia para fazer, mesmo mistificadamente, uma afirmação dessa natureza), mas no sentido de a ele lhe caber cantar um império espiritual e do futuro, enquanto a Camões coubera cantar um império material e do passado. Mais: o poeta da **Mensagem** é o Orfeu que vai tentar, por meio da magia da palavra e do canto, unir o Portugal do passado com o Portugal do futuro, criando assim um mundo onde reine soberana a harmonia total.

«De Oriente a Occidente jaz, fitando.»

É que no extremo ocidental da Europa fica (pré-iniciaticamente jaz) Portugal. E para ocidente de Portugal fica o mar. E, se foi no mar que Portugal se realizou em tempos idos, ao fundar o império marítimo de quatrocentos e de quinhentos, no mar voltará misticamente a realizar-se, quando vier a ser o Quinto Império predito pelos três profetas da **Mensagem**: Bandarra, António Vieira e o poeta (Fernando Pessoa), e no mar, nas «Ilhas Afortunadas», «o Rei mora esperando»; aí jaz o futuro Messias de Portugal.

«E toldam-lhe românticos cabelos»

Personificada a Europa, é lógico que o poeta lhe dê as partes que se dão ao ser humano: cabeça, tronco e membros, fazendo corresponder a cabeça a Portugal: «O rosto com que fita é Portugal.» É que, na teoria platónica do estado, de carácter

⁹ Sobre o tema do «Super-Camões», veja-se, por exemplo, Wilson Martins, «Camões e Super-Camões», *Occidente*, Número especial, 1972, e Alfredo Antunes: «A verdadeira oração que dirige a D. Tareja — “mãe de reis e avó de impérios”, — traz, clara, a sobreposição coincidente de símbolos, todos eles correspondendo à mesma missão fatal: Afonso Henriques, ‘menino que envelheceu’ — é ao mesmo tempo o ‘filho real-Portugal’, e, possivelmente, ele próprio, Fernando Pessoa, predestinado para ser o novo Desejado sob a forma de Super-Camões» (*Saudade e profetismo em Fernando Pessoa* [Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983], 454).

organicista,¹⁰ que é também a que ressalta do apólogo que Menénio Agripa expôs aos escravos revoltados no Monte Aventino,¹¹ à cabeça, sede das forças espirituais, correspondem os filósofos e governantes, ao tronco correspondem os defensores ou guerreiros, e aos membros correspondem os escravos ou produtores dos bens necessários para alimentar o corpo todo. Desta forma, Portugal, sendo hierarquicamente o primeiro país da Europa, está fatalmente destinado a ser cabeça do Quinto Império, o que está em inteira consonância com o lugar privilegiado que Bandarra, predecessor de Pessoa, lhe destinara nas suas profecias:

Forte nome é Portugal,
Um nome tão excelente
É rei do cabo poente,
Sobre todos principal.

Não se acha vosso igual
Rei de tal merecimento:
Não se acha, segundo sento,
Do Poente ao Oriental.

Portugal é nome inteiro,
Nome de macho, se queres:
Os outros reinos mulheres,
Com ferro sem azeiro.¹²

¹⁰ Platão, *República*, Livro IV.

¹¹ Tito Lívio, *Da fundação de Roma*, Livro II, caps. XVII e XVIII.

Da natureza organicista do estado fez-se também eco Camões em *Os Lusíadas*: "E porque é de vassalos o exercício / Que os membros têm, regidos da cabeça / Não quererás, pois tens de rei o ofício / Que ninguém a seu rei desobedeça." (II, LXXXIV).

Deste carácter organicista do estado fala também o Padre António Vieira na *História do futuro*: «Porque as Conquistas (que era o primeiro reparo), membros tão remotos e tão vastos deste corpo político de Portugal, ainda que do Reino, como do coração, recebem os espíritos de que se animam, é tanta a cópia de alimento, e tão abundante, que eles mesmos com suas riquezas lhe subministram, que não só têm suficiente matéria para formar os espíritos que com os membros mais distantes reparte, mas lhe sobeja com que se sustentar a si e a todo o corpo» (apud *Obras escolhidas*, vol. VIII [Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1953], pp. 82-83).

Esta teoria organicista do estado encontra o seu paralelismo no Corpo Místico da Igreja, a que S. Paulo, seu principal expositor, se refere com tanta frequência nas suas epístolas (vide, v. g., Rom 6, 4 — 5, e Cor), proclamando que Cristo é a cabeça e nós somos os membros.

¹² «Profecias» do Bandarra — sapateiro de Trancoso (Lisboa: Editorial Vega, s.d.), p. 55.

E pelo que se refere à personificação da Europa, não nos esqueçamos do que nos ensina a mitologia. Filha do rei fenício Agenor, encantou Júpiter com sua beleza. Para a conquistar, Júpiter transformou-se em touro. Impressionada pela sua mansidão, Europa montou a cavalo dele. Feito o que, Júpiter levou-a a nado para Creta, vindo a ter dela três filhos: Minos, Radamanto e Sarpedão.

Vejam também a personificação da Europa e de Portugal em Camões: «Eis aqui se descobre a nobre Espanha / Como cabeça ali de Europa toda» (*Os Lusíadas*, III, XVIII); «Eis aqui, quasi cume da cabeça / De Europa toda, o Reino Lusitano» (Ib.).

Convém também lembrar que a esfinge, criatura com corpo de leão e cabeça de rei, simboliza o poder real.

Sabendo que os cabelos, em esoterismo, sempre foram considerados expressões da força espiritual do ser humano, ao atribuir-lhe «românticos cabelos», o poeta está a referir-se à herança que Portugal recebeu dos povos nórdicos. Portugal, antes de o ser, fora parte do Império Visigótico: «[Pitágoras] pelos cabelos entendeu os parentes.»¹³ Por outro lado, como a Alemanha passou a ser metáfora para país guerreiro, conquistador, fundador de um império, o poeta, ao emprestar a Portugal uma herança germânica, está analogicamente a lembrar que Portugal se distinguirá pelas conquistas e pela formação de um império.

«olhos gregos lembrando»

Esta alusão à Grécia tem várias conotações. Primeiro, reconhece o poeta o muito que Portugal deve à velha Grécia, desde a cidade de Lisboa, cuja fundação é lendariamente atribuída a Ulisses (lenda de que se fizeram eco vários dos poetas e historiadores de Portugal), à filosofia e às artes. Muito apropriadamente, atribui o poeta os olhos à Grécia e os cabelos à Alemanha. É que, enquanto os cabelos estão emblematicamente associados à força, à virilidade, às qualidades bélicas (lembramos Sansão, a título de exemplo),¹⁴ os olhos, como fonte principal do conhecimento, de acordo com a filosofia platónica e aristotélico-tomista, estão associados ao espírito, à ciência e às artes. Neles reside o mais nobre dos cinco sentidos: «E por isto é o sentido da vista mais excelente que todos os outros: entanto que Galeno chama aos olhos membros divinos.»¹⁵ É como se, na entidade que Portugal é, a Alemanha fosse a matéria e a Grécia fosse a forma. Mais: a ênfase especial dada ao sentido da vista, no prómio da obra — o verbo fitar aparece três vezes —, contribui para sublinhar a atmosfera esfíngica e profética que impregna o texto da **Mensagem**.

Por outro lado, ao falar o poeta em «toldar», continua a insistir no estado de letargia em que se encontra Portugal, estado de que virá um dia a despertar, como já se disse. E a referência a «lembrar» é mais uma corroboração da herança grega existente em Portugal, na medida em que, por meio desse termo, estabelece o poeta, implicitamente, uma comparação entre Portugal e o prisioneiro da caverna de

¹³ D. Francisco Manuel de Melo, *Tratado da Ciência Cabala* (Lisboa: Editorial Estampa, 1972), p. 126.

¹⁴ Juan-Eduardo Cirlot, *Diccionario de Símbolos...* p. 111. *The Herder Symbol Dictionary* - Translated by Boris Mathews (Wilmette, Illinois: Chiron Publications, 1986), p. 93.

¹⁵ Frei Heitor Pinto, *Imagem da vida Cristã* (Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1952), Vol. I, p. 12.

Platão. É através da reminiscência platónica («lembrando») ¹⁶ que Portugal acabará por encontrar a verdade e a sua vocação de cabeça do Quinto Império e, sobretudo, por encontrar-se a si mesmo e ao seu destino, que é o tema fundamental da Mensagem.

«O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Itália onde é pousado.
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta em que se appoia o rosto.»

Tomando esta primeira poesia como que a proposição da epopeia, como já se sugeriu, poderíamos ler claramente na referência à Itália e à Inglaterra os elementos romano e celta que caldeiam a alma portuguesa, uma vez que, na pré-história de Portugal, tanto os celtas como os romanos fizeram sentir a sua presença na Península Ibérica.¹⁷ Entre outras coisas, a Itália deu-nos o Direito e o Cristianismo e a Inglaterra deu-nos o misticismo messiânico: «[A ideologia céltica] teria gerado o mito decadentista do sebastianismo, reflexo da consciência de um povo predestinado e fatal.»¹⁸ Por outro lado, no tempo da história de Portugal, a Inglaterra misturou o seu sangue com o de Portugal, por meio da esposa de D. João I, D. Filipa de Lencastre, aquela «Madrinha de Portugal» que o poeta celebrará adiante.

«Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.»

O «olhar sphyngico» é essencialmente um olhar misterioso, enigmático, como o da esfinge, «enigma por excelência», como nos ensina Cirlot no seu *Diccionario de Símbolos*. Um olhar que penetra nos tempos vindouros. Mas — repare-se bem —, ao contrário da Esfinge de Gizeth, que fita o sol nascente, a esfinge de Portugal fita o sol poente. É que o mundo descoberto fica para Oriente, e o mundo por descobrir fica para Ocidente. Para Oriente de Portugal ficam os quatro impérios que houve: o grego, o romano, o cristão, o europeu (veja-se a poesia «O

¹⁶ «Têm razão os pitagóricos quando afirmam que aquilo a que chamamos aprender não passa, no fundo, do reavivar de uma lembrança» (Walter Patter, *Platon et le Platonisme* [1923], p. 75).

¹⁷ Francisco Maciel Silveira, «`Sermão pelo Bom Sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda': Futuro do Passado», *Colóquio-Letras*, N.º 74, Julho de 1983, pp. 29-36.

¹⁸ Maria Leonor Carvalhão Buescu, apud *Demanda do Graal*.
Introdução, selecção, notas e glossário (Lisboa: Editorial Verbo, 1964), p. 9.

Quinto Império»); para Ocidente de Portugal fica o império que Portugal há-de descobrir e há-de ser: «O Quinto Império», «futuro do passado.»

Ao elidir o tempo presente, o poeta está a dizer-nos que o Portugal autêntico foi o que existiu até D. Sebastião (o Portugal do passado). O que se lhe seguiu, o do presente, é um mero figmento desse Portugal, pelo que o que há-de vir terá que ser a continuação do que ficou sepultado com D. Sebastião em Alcácer-Quibir.

O significado de «fatal», como adjectivo qualificativo de «olhar», é precisamente esse: que o «Quinto Império» terá fatalmente que acontecer. É o destino manifesto de Portugal, no contexto da **Mensagem**.

«O rosto com que fita é Portugal.»

A cabeça, como já foi dito, é a parte mais nobre do corpo, e a vista, o mais excelente dos sentidos. Será Portugal a governar toda a Europa. Ao serviço de Portugal, cabeça pensante, estará toda a Europa, como ao serviço da cabeça estão o tronco e os membros.

Vejam agora, para terminar, a maneira engenhosa como o poeta consegue expressar os conceitos a que se fez referência, mormente a essência e o tempo mítico, pré-histórico, histórico, místico e poético de Portugal. Como se vê claramente, o discurso, visivelmente conotativo e oracular, processa-se do geral para o particular, do género para a espécie, da diversidade para a unidade, da Europa para Portugal. E como consegue o poeta traduzir esses conceitos? Primeiro, por meio do esquema estrófico, na medida em que o poema começa com uma estância de quatro versos e acaba com uma estância universicular ou um monóstico; segundo, por meio da presença da Europa no primeiro verso do poema e de Portugal no último. É a transubstanciação de uma Europa plurinacional numa Europa uninacional. Trata-se, no fundo, de um recurso constante, por parte do poeta, à alquimia: à transmutação dos metais pobres (pluralidade das nações) em metais nobres: em ouro (uma única nação).

E pelo que se refere à dualidade temporal de Portugal — o do passado e o do futuro —, que o poeta procurará resolver numa síntese de natureza misticamente transcendente, está magistralmente esculpida nestes dois versos de ressonância cósmica e sibilina: «Fita, com olhar sphyngico e fatal, / [...] / O Ocidente, futuro do passado.»

SEGUNDO

O DAS QUINAS

OS DEUSES vendem quando dão. ¹⁹

Compra-se a glória com desgraça. ²⁰

Ai dos felizes, porque são

Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta ²¹

O bastante de lhe bastar! A vida é breve, a alma é vasta:

Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza

Que Deus ao Christo definiu:

Assim o oppoz à Natureza

E Filho o ungiu.

¹⁹ Ed. de 1934: Vendem os Deuses o que dão.

²⁰ Ed. de 1934: A glória compra-se a desgraça.

²¹ Ed. de 1934: Baste a quem basta o que lhe basta.

Tal como a poesia anterior — «O dos castelos» —, também esta, em paralelismo perfeito, tem doze versos, distribuídos por três quadras, em rima cruzada, sendo os três primeiros versos de cada quadra de oito sílabas e o último de quatro. De notar também que em cada quadra há dois versos graves ou femininos e dois versos agudos ou masculinos.

No plano do discurso, esta poesia, como a que a precede, está em terceira pessoa, tendo, portanto, forma puramente narrativa, mas carregada de subjectividade, como se pode depreender das duas frases exclamativas. Trata-se, por conseguinte, de um discurso épico-lírico.²² Curioso ainda o carácter aforístico do discurso, no seu aspecto retórico, reflexo palpável da natureza tópica da universalidade dos conceitos: «Os deuses vendem quando dão»; «Compra-se a glória com desgraça»; «A vida é breve, a alma é vasta»; «Ter é tardar.» Claro que o tempo verbal apropriado para a exposição dos princípios universais é o presente, que é o das duas primeiras estâncias. Por sua vez, sendo a terceira estância uma exemplificação, por meio de um fenómeno histórico, dos aforismos referidos, o predicado teria que ser posto no pretérito.

Enquanto a poesia sobre os castelos se refere claramente, e sobretudo, aos sete fundadores de Portugal, de que se tratará individualmente no poema - Ulisses, Viriato, o Conde D. Henrique, D. Tareja, D. Afonso Henriques, D. Dinis e D. João Primeiro mais D. Filipa de Lencastre —, a poesia sobre o campo das Quinas alude visivelmente aos cinco mártires de Portugal: o Rei D. Duarte, o Infante D. Fernando, o Regente D. Pedro, o Infante D. João e o Rei D. Sebastião.

Passemos agora a considerar *pari passu* a segunda poesia da obra: «O [campo] das Quinas.»

«Os deuses vendem quando dão.»

Este aparente paradoxo — «Os deuses vendem quando dão» — encontra a sua explicação não só na natureza da religião romana, que tanto contribuiria para enformar a futura religião de Portugal (é uma das heranças que a Itália da poesia anterior legou a Portugal), mas também na da própria religião judaico-cristã. De facto, se repararmos bem, um dos princípios fundamentais da religião dos romanos sófa traduzir-se por estas palavras: «*Do ut des*» (Dou para que [me] dê). É como se entre o homem e a divindade se celebrasse um autêntico contrato de compra e venda, em que expressamente fala o poeta nos dois primeiros versos, o que aliás vai

²² Já se disse que, não sendo nossa intenção entrar na questão respeitante ao género poético a que a **Mensagem** possa ou não pertencer, partimos do pressuposto de que estamos perante um poema épico. Entretanto, ciente de que ainda nos poemas mais ortodoxamente épicos, como por exemplo *Os Lusíadas* de Camões, há pequenas ilhas líricas e elegíacas, de forma alguma deixaremos de chamar a atenção para o facto de a **Mensagem** estar igualmente salpicada de ilhas idênticas.

igualmente muito bem com o espírito do emblema máximo da herança civilizacional romana: o Direito Romano.²³ Se passarmos agora para o carácter contratual da religião judaico-cristã, também não nos é difícil provar esse aspecto, ao considerarmos o sacramento eucarístico, na parte conhecida como «Acção de Graças» ou acto propiciatório. O fiel paga a Deus a dádiva dispensada.²⁴ Por outras palavras: Portugal pagou aos deuses a dádiva da existência com o sangue dos seus mártires.

«Compra-se a gloria com desgraça.»

Neste verso há uma dimensão semântica que convém comentar. A compra da glória com a desgraça, corolário do aforismo do primeiro verso, ou sua reduplicação, costuma traduzir-se por dois lemas que datam, cristãmente, de tempos imemoriais: *ad augusta per angusta*; *per aspera ad astra*: sobe-se à glória, ao paraíso²⁵ pelo caminho estreito da oração e da penitência, ou por aquele caminho estreito semeado de espinhos de que fala S. Mateus e que os ascetas, baseados nele, contrapõem ao caminho largo semeado de rosas: «Entraí pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso é o caminho que conduz à perdição e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram» (Mt 7, 13-14)!²⁶ O que significa que, tal como aconteceu com Cristo, e com todos os bodes expiatórios de que Ele é o protótipo e arquétipo, no Cristianismo, também aos indivíduos e às entidades colectivas, no caso em questão aos cinco mártires da Pátria, e, neles, com eles e por eles, a essa entidade chamada Portugal, lhes cabe, como sorte, comprar a felicidade, o triunfo, a glória, por meio do sofrimento e do sacrifício. E, voltando a Cristo, protótipo e arquétipo, como se disse, todos sabemos que, para poder vir a sentar-se à direita de seu Pai, no Paraíso, teve que passar pela morte na cruz, no Monte Calvário, por aquela ignomínia de que fala S. Paulo e que Pessoa traduz por «desgraça».

Do ponto de vista rosacruciano, teria sido um sacrifício cósmico para elevar a vibração etérea da Terra.

²³ De todos é sabido que o contrato é a alma do direito, em termos genéricos. À guisa de prova deste carácter contratual da religião romana aduziremos simplesmente a instituição dos ex-votos oferecidos aos deuses em paga dos benefícios feitos por eles, tradição que já vinha dos gregos, como poderá ver-se, considerando as oferendas feitas a Esculápio, em paga das curas que operava, para que os templos que lhe eram dedicados eram pequenos. Da veneranda tradição dos ex-votos fala também com grande eloquência o Cerro dos Santos de Espanha.

²⁴ C. G. Jung, *Psyche & Symbol* - Selections from the Writings of C. G. Jung - Edited by Violet S. de Laszlo (Garden City-New York City: Doubleday & Company, Inc., 1958), pp. 148-115.

²⁵ Um dos sentidos da palavra glória é céu ou paraíso, como se pode ver, por exemplo, no *Auto da Barca da Glória* de Gil Vicente.

²⁶ O caminho estreito da oração e da penitência corresponde às austeridades de Buda.

«Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!»

O significado destes dois versos começa por saltar à vista quando postos em contraste com os dois anteriores. Da natureza do homem fadado para realizar o seu destino, para transcender-se, é o sofrimento. Daí que o homem que, neste mundo, não esgota aquele «cálice amargoso da desgraça», de que fala Antero de Quental num dos seus sonetos mais dramáticos,²⁷ esteja condenado a passar pelo mundo, sem deixar de si sequer um rasto. «Só o que passa» é o fenómeno, a aparência, e não o númeno.

«Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar.»

Estes dois versos, de um incomparável requinte gongórico, são como que uma redundância ou uma glosa dos dois versos precedentes. Referimo-nos aos homens e, neles, às nações que vivem só, hedonisticamente, para o momento que passa e para a matéria, e não para a eternidade e para o espírito. As *cinco* repetições do verbo «bastar» e seu cognato «bastante» apontam inequivocamente para o homem que vive só para os *cinco* sentidos, que é o programa de vida do epicurista, em contraposição ao programa de vida do estóico.

«A vida é breve, a alma é vasta.»

Este verso é uma tradução livre do famoso primeiro aforismo de Hipócrates: **ars longa, vita brevis**, de tão venerandas tradições. Perante a efemeridade da vida terrena, só resta ao homem e às nações que queiram transcender-se construir para si mesmos aquele **monumentum aere perennius** (monumento mais duradouro que o bronze) de Horácio,²⁸ viver plenamente para o ideal, entrar nos recessos da alma e aí estabelecer o seu habitáculo.

«Ter é tardar».

Para se alcançar a vitória de que se fala na primeira estância necessário é ao home — e às nações — caminhar longamente e penosamente pelas sendas do

²⁷ Antero de Quental, *Sonetos* - Edição organizada e anotada por António Sérgio (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1963), p. 83.

²⁸ Entre outros, traduziram muito bem este ideal supremo do artista, emblematizado por Horácio na Epístola aos Pisões, dois poetas lusófonos deste século: Manuel Bandeira no seu poema «Última canção do beco» de *Lira dos Cinquent'Anos*, e Jorge de Sena no último poema de *Pedra Filosofal*.

deserto da vida, passar primeiro pelo Purgatório e aí purificar-se das manchas que lhe empanam o brilho da alma. É a purificação alquímica ou ascética.

«Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Christo definiu:
Assim o opoz à Natureza
E Filho o ungiu.»

A função fundamental desta estância é servir de explicação exemplificativa do que se dissera nas duas anteriores. E isso é feito — repare-se bem — com referência àquele bode expiatório por excelência, protótipo e arquetípico, a que se aludiu atrás. Isto significa, antes de mais nada, que as cinco chagas da história de Portugal, correspondentes às cinco quinas, são, para todos os efeitos, figuras de Cristo. Nem outra coisa seria de esperar, uma vez que é sobre elas que assentam os alicerces espirituais desse corpo místico que é o Portugal da **Mensagem**, da mesma maneira que é sobre as sete figuras dos sete castelos que assenta fundamentalmente o Portugal histórico, temporal.

Em que consiste a essência de Cristo, segundo estes versos? Consiste numa viagem iniciática através da «desgraça» e da «vileza», condições da encarnação do espírito na matéria. Só no corpo material pode o espírito obter a experiência que lhe permitirá realizar-se plenamente como Homem-Deus. E aqui está claramente a oposição entre os homens que sofrem e os que vivem «felizes» da primeira estância; entre a vida e a alma da segunda, e entre Cristo e a Natureza da terceira.

Numa inequívoca referência à Lei da Natureza e à Lei da Graça, de que fala S. Paulo, sobretudo na **Epístola aos Romanos** (8, 1-12), o poeta diz-nos que os homens — e implicitamente as nações — só se alcandoram às cumeadas da glória quando se purgam no cadinho alquímico do sofrimento. Para que Deus os unja seus filhos terão de conhecer o sabor da «desgraça» e da «vileza», terão que experimentar na carne e no espírito aquelas ignomínias preditas pelos profetas da Paixão e Morte de Cristo e relatadas pelos quatro evangelistas.

Naturalmente que esta aproximação entre os cinco mártires de Portugal, correspondentes às cinco chagas, e Cristo tem a sua razão de ser naquele Milagre de Ourique que a tradição histórica propalou através das idades (se com fundamento ou sem ele pouco importa para o caso) e de que se fizeram eco quase todos os historiadores e poetas que celebram as efemérides de Portugal, milagre que o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, terá feito gravar, logo após a batalha de Ourique,²⁹ de acordo com a tradição que mandava que os cavaleiros e príncipes

²⁹ Para quem, como Carlos Castro da Silva Carvalho, opta pela ignorância do sentido latente de um poema tão impregnado de polissemias e plurivalências como a **Mensagem**, é fácil concluir que «debalde o leitor procurará, na **Mensagem**, a mais leve referência à visão de D. Afonso Henriques» (*Colóquio Letras*, N.º 62 de Julho de 1981). Mas quem quiser passar além do sentido

imortalizassem nos seus escudos as proezas que iam praticando nos campos de batalha.

De uma forma muito sucinta, diremos que neste poema assistimos à passagem da lei da natureza à lei da graça, do politeísmo ao monoteísmo e do paganismo ao cristianismo. Na primeira estância — a dos Deuses — está resumida a teologia do paganismo, e na terceira — a de Deus — está resumida a teologia do cristianismo. No mundo pagão, os Deuses, em perpétua ira contra os homens, tinham que ser constantemente aplacados com o sangue das vítimas; no mundo cristão, uma vez apagado o pecado original com o sangue do Filho de Deus, os frutos desse sacrifício cruento renovam-se na liturgia eucarística, sem a necessidade de recurso ao derramamento de sangue de novas vítimas.

A segunda estância é como que a ponte entre a ordem pagã e a ordem cristã. O estoicismo, na sua vertente ortodoxa, pode ser visto como o nexo ideológico entre o paganismo e o cristianismo.³¹

Para concluir, ainda quereríamos chamar a atenção para a maneira como o poeta opõe visualmente, no signo externo que o poema também é (mesmo sem ser caligrama), o homem que vive para o espírito e para a eternidade ao homem que vive para a matéria e para o tempo. Este, o epicurista, no sentido vulgar do termo,³² descrito pelos dois últimos versos da primeira estância e pelos dois primeiros da segunda, está cercado por aquele, o estóico, descrito pelos dois primeiros versos da primeira estância e pelos dois últimos da segunda, estando assim o epicurista, portanto, ao contrário do estóico, prisioneiro, dentro das quatro paredes do poema (o quadrado simboliza o espaço) e, por conseguinte, impossibilitado de bater as asas e levantar voo para a amplidão azul dos espaços infinitos em demanda da glória ou paraíso.

patente ou literal ao sentido alegórico ou até anagógico que o texto postula não terá dificuldade em encontrar na **Mensagem** alusões implícitas, mas inequívocas, ao Milagre de Ourique. A leitura que estamos a fazer do poema encarregar-se-á de provar esta asserção.

³⁰ Luís de Camões, **Lusíadas**- Comentadas por Manuel de Faria e Sousa - Edição comemorativa - Introdução de Jorge de Sena (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972), Tomo II, pp. 80-81.

³¹ A tradição fala de um possível elo de amizade entre Sêneca e S. Paulo.

³² Diz-se «sentido vulgar», tendo em conta que o epicurismo se vinculou, na antiguidade, com o mero prazer dos sentidos. Este descrédito começou já com a crítica de Cícero a Lucrécio e a Epicuro.

OS CASTELOS

[O castelo] en el sentido más general es una fuerza espiritual y erigida en vigilancia.

Juan-Eduardo Cirlot, **Diccionario de símbolos.**

Vimos anteriormente, ao analisar as duas primeiras poesias da **Mensagem**, que a primeira, sobre o campo dos Castelos do brasão de Portugal, se refere aos fundadores do reino, e a segunda, sobre o campo das Quinas, se refere aos mártires da nação.

Agora, nesta secção, vamos analisar em pormenor as poesias relacionadas com os fundadores do reino.

Na fundação de Portugal entram três elementos: o mito, a pré-história e a história. O mito é representado por Ulisses; a pré-história, por Viriato, o Conde D. Henrique, e D. Tareja; e a história é representada por D. Afonso Henriques, D. Dinis, e D. João I — D. Filipa de Lencastre.

Vimos também na poesia sobre o campo dos Castelos que, na construção de Portugal, entram elementos vindos dos quatro cantos da Europa: Ulisses; da Grécia; Viriato, da Ibéria; o Conde D. Henrique, da França; D. Tareja, de Castela; D. Afonso Henriques, do Condado Portucalense; D. Dinis e D. João I, de Portugal; D. Filipa de Lencastre, da Inglaterra.

Vejamos agora o que cada um fundou. Ulisses fundou uma cidade, Lisboa, a futura capital do reino e do império; Viriato fundou uma nação: a Lusitânia; o Conde D. Henrique fundou um condado: o Condado Portucalense; D. Afonso Henriques fundou um reino e uma dinastia: o reino de Portugal e a dinastia de Borgonha; D. Dinis fundou uma cultura, simbolizada pela criação dos Estudos Gerais de Lisboa; D. João I fundou uma dinastia e lançou as sementes de um império; as duas mulheres — D. Tareja e D. Filipa de Lencastre — estiveram na origem da fundação de duas dinastias: a de Borgonha e a de Avis, respectivamente.

Vale a pena chamar a atenção desde já para o que faz o poeta no plano genérico do discurso. Dos poemas referentes aos castelos, dois — «Ulisses» e «D. Dinis» — estão na terceira pessoa; dois — «Afonso Henriques» e «D. Filipa de Lencastre» — estão na segunda pessoa; e os outros quatro — «Viriato», «O Conde D. Henrique», «D. Tareja» e «D. João Primeiro» — estão na segunda e terceira pessoas. Dos efeitos estéticos e semânticos deste tipo de discurso tratar-se-á oportunamente.

PRIMEIRO

ULISSES

O Mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos creou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundal-a decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Entre os elementos constitutivos de Portugal — o mito, a pré-história e a história —, Ulisses representa o mito.

A poesia que descreve este primeiro castelo do brasão de Portugal consta de quinze versos, distribuídos por três quintilhas, sendo os primeiros quatro versos heptassilábicos e o último tetrassilábico, com rima cruzada em ababa.

Note-se, antes de mais nada, o carácter silogístico da poesia. A primeira estância é a premissa maior; a segunda, a premissa menor; e a terceira, a conclusão. Silogismo, portanto, de natureza dedutiva.

Na primeira estância, o poeta define o mito e justifica essa definição por meio de um exemplo. Fá-lo no tempo presente, em virtude da natureza a-temporal do princípio. Na segunda, fala concretamente de uma entidade mitológica — Ulisses — relacionada com Portugal. Na terceira, diz do significado desse mito na vida de Portugal, em constante devir. Fá-lo no presente, o tempo por excelência da perpetuidade.

O discurso, como se disse, está na terceira pessoa. Como Ulisses não existe, o poeta nem o põe a falar nem fala com ele: fala dele.

«O mytho é o nada que é tudo.»

A poesia abre com um oxímoro e com um paradoxo; com a afirmação de uma coisa e do seu contrário. A antítese entre o nada e o tudo. O nada que foi Ulisses transformou-se no tudo que foi Lisboa, cidade que ele fundou e a que lhe deu o nome e que viria a tornar-se capital do reino, primeiro, e do império, depois, pelo que Lisboa passa a ser neste poema metonímia para Portugal. E, tal como faz noutras poesias, produzida uma afirmação ou dada uma definição, apressa-se o poeta a exemplificar, já discursivamente, já por meio de símbolos, símiles ou metáforas. E para isso tem o poeta muito boa razão. Ulisses veio-nos do Oriente (a Grécia fica para Oriente em relação a Portugal), como do Oriente nos vem o sol, como do Oriente nos vêm os deuses novos: ³³

«O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo.»

É o velho mito de Apolo, o deus radiante de Delfos, o deus que nasce e morre todos os dias, num ciclo que não conhece ocaso, num eterno retorno.

«O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.»

³³ «Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem» (Mt 24, 27).

Este símile entre o sol e Deus assenta na existência dialéctica de ambos estes seres, na sua passagem contínua da vida para a morte e da morte para a vida: o sol no seu movimento astrológico e Deus no sacrifício eucarístico de todos os dias: «morto» e «vivo», como aquela fénix que os mitólogos fizeram emblema de Cristo. Mais: na iniciação esotérica, o Sol é considerado como o corpo físico da entidade Cristo. Daí que o «corpo morto» seja a referência ao aspecto material do espírito de Cristo. O Sol está para Cristo como o nosso corpo está para o espírito.

Nesta alusão ao mistério da morte e da ressurreição, a propósito de Ulisses, a primeira coluna do templo de Portugal, talvez se possa ver como que um indício, já na terceira poesia da epopeia, da morte e da ressurreição de Portugal, tema de que o poeta fará, como se de um cânone se tratasse, mil variações e modulações.

Por outro lado, ao comparar Ulisses com o sol, mito de criação, o poeta está a dizer-nos que este semi-deus é a alma de Portugal. É que o sol está intimamente associado ao espírito. Encerra em si os dois elementos masculinos: o ar e o fogo. Foram esse ar e esse fogo que vieram fecundar a terra e a água que eram a matéria de Portugal.

«Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.»

Repare-se no poder mágico do «aqui» deféctico. O que não foi em nenhum tempo e em nenhum espaço faz-se presente ao poeta e a nós («Sem existir nos bastou» — sublinhado nosso), mercê de um simples advérbio de lugar. O poeta, situado em Lisboa, quando escrevia esta poesia, pode dizer-nos de Ulisses: «aqui aportou.»

Veio-nos do Oriente Ulisses, como se disse, e veio-nos do mar. É que, se do Oriente nos vêm os deuses e os messias e os libertadores, do mar nos vem o amor, cuja deusa — do mar e do amor — é Afrodite, mãe do «facundo» Ulisses.

Por outro lado, Ulisses, lendariamente celebrado por Homero como o mais astuto dos navegantes, através de dez longos anos passados nos mares, em meio a perigos inauditos e sujeito às mais duras provas, significa na **Mensagem** o destino marítimo de Portugal, desde os tempos da sua pré-infância.

Como já foi enunciado no comentário ao primeiro poema, sendo oriundo da Grécia, Ulisses representa para Portugal o culto do amor, da beleza, das artes e das letras, valores emblematicamente representados pela Grécia.

«Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.»

Nesta cópula alquímica entre o não-ser e o ser, o nada e o tudo, parece haver uma alusão inequívoca, ainda que velada, ao carácter sibilino e aparentemente utópico de toda a verdade, à vida pelo sonho. Criados por um ente que não existiu,

que não foi, quem somos nós, os portugueses? A ilusão de uma ilusão? A quimera de uma quimera? Ou, pelo contrário, somos aquela inefabilidade pura de tudo o que é feito para ser eterno, porque é puro espírito?

«Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundal-a decorre.»

Fazendo lenda sinónimo de mito, recorre o poeta à metáfora da água corrente, daquele rio misterioso e místico que corre sem parar pelas páginas da obra de Fernando Pessoa, como tão bem mostrou Guerra da Cal na interpretação da poesia «Entre o sono e o sonho»³⁴ para explicar a presença de Ulisses e, com ele, da Grécia, do espírito estético, em Portugal. É como se, repetimos, a terra fosse a matéria e Ulisses, comparado com o sol, fosse a forma; ou, como está no texto, a «realidade» fosse a matéria e a «lenda» fosse a forma. E também, dentro dos dados da premissa, aí está, clara como a luz meridiana, a referência à fecundação, como resultado da presença do sol, e, nele, do fogo, elemento fecundante por excelência. Note-se que a última palavra da segunda estrofe é «criou.» Razão tinha Pessoa para afirmar que «a alma portuguesa está grávida de divino.»³⁵

«Em baixo, a vida, metade
De nada, norre.»

Em baixo, onde? Na terra, naturalmente, uma vez que dela explicitamente se trata, ao falar-se em «aportar» e em «realidade», e uma vez que o «em cima» nos é dado pelo equacionamento entre Ulisses e o sol. Nem sequer é preciso recorrer, neste caso, à alquimia — em que Pessoa, como todos sabemos, era sumamente perito, como o era em rosacrucianismo e em hermetismo e em ocultismo e em outras religiões esotéricas³⁶ — para aceitar o princípio de que todo o acto de fecundação,

³⁴ *The Poem Itself*. Edited by Stanley Burnshaw (New York: A Pelican Original, Penguin Books, 1964), pp. 200-201.

³⁵ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal. Introdução ao problema Nacional*. Recolha de textos por Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização por Joel Serrão (Lisboa: Edições Atica, 1979), p.

³⁶ Sobre a religião em Fernando Pessoa, desde o Cristianismo ao Rosacrucianismo e ao... Sebastianismo, veja-se, por exemplo:

Y. K. Centeno — Stephen Reckert, *Fernando Pessoa — Tempo — Solidão — Hermetismo*. Lisboa: Moraes Editores, s.d..

Carlos Castro da Silva Carvalho, «Aspectos formais do nacionalismo místico da *Mensagem*», *Colóquio-Letras*, N.º 62, Julho de 1981, pp. 26-35

Alfredo Nunes, *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.

de criação, pressupõe a morte de algo: «Chegou a hora de ser glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão do trigo, caído na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá fruto» (Jo 12, 23-24).³⁷ Ah! Fernando Pessoa era também um grande perito em religião e mitologia cristãs. Truismo que é bom não esquecer, em nossa modesta opinião, para o compreendermos melhor.

Em conclusão, o Ulisses que enforma Portugal é todo espírito, ou aquela palavra feita verbo de que fala o Evangelho de S. João, precisamente no prólogo, o que se coaduna perfeitamente com a proverbial facúndia de Ulisses, que Camões tão eloquentemente celebra em **Os Lusíadas**.

³⁷ «Sabrás então que é a obrigação da alquimia espiritual mortificar e purificar todo o preconceito obscuro como corruptível e vão, e assim lançar por terra as tendas da escuridão e da ignorância, de maneira que o espírito imperecível, mas ainda envolto em trevas, possa ser livre e crescer e multiplicar-se, cheio de graça, espírito que Deus tão amoravelmente irrigou com o seu orvalho para assim o fazer transformar de um simples grão numa montanha. Esta é a verdadeira alquimia de que falo, a que pode multiplicar em mim a pedra rectangular que é a pedra angular da minha alma, para que o morto em mim possa voltar à vida, e levantar-se da velha natureza que se havia corrompido em Adão, como um homem novo que é novo e vivo em Cristo, e, portanto, nessa pedra rectangular» (Robert Fludd, Robert, alias de Fluctibus, **Clavis Philosophiae et Alchymiae Fluddanae**. Frankfurt, 1933). [Tradução nossa.]

SEGUNDO

VIRIATO

22-1-1934

SE A ALMA que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memoria em nós do instinto teu.

Nação porque reincarnaste,
Povo porque resuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste —
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquella fria
Luz que precede a madrugada,
E é já o ir a haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.

Constituída por doze versos octossilábicos, distribuídos por três quadras em rima cruzada, alternadamente grave e aguda nas duas primeiras quadras, e grave na terceira, esta poesia celebra o segundo castelo do escudo de Portugal. Sendo, como é, Viriato uma figura real, histórica, nada estranha que o poeta a ele se dirija, com ele fale. É a primeira poesia em segunda pessoa.

Viriato representa, na economia da **Mensagem**, o componente ibérico de Portugal. Pastor dos Montes Hermínios, distinguiu-se na resistência heróica à invasão romana, como chefe militar dos Lusitanos, entre 147 e 139 A.c., ano em que foi morto à traição.

Se Ulisses é a forma de Portugal, Viriato é a matéria. Mas, como se sabe, em termos de metafísica aristotélico-tomista, a matéria não existe sem a forma, nem esta sem aquela. A separação destes dois elementos constitutivos do ser só é possível em termos metodológicos.³⁸

«Se a alma que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu»,

É, nas suas linhas gerais, a teoria platónica do conhecimento, que se processa através da reminiscência, a qual, por sua vez, tem a sua razão de ser numa pré-existência num mundo perfeito, de que a alma foi expulsa para se purificar de um pecado de origem. É o mito da caverna, a que já se aludiu no decorrer deste trabalho. Afastado do reino das formas perfeitas, o homem só por meio da reminiscência consegue recuperar parcialmente esse mundo de luz.³⁹

Discursivamente exposta em forma condicional, a teoria platónica do conhecimento adquire uma dimensão enfática, sobretudo se for lida dentro do contexto da **Mensagem**, para já não falar dentro do contexto geral da obra de Fernando Pessoa. É o caso de dizer que, assim como há perguntas de retórica, também há prótases de retórica.

«Vivemos, raça por que houvesse⁴⁰
Memoria em nós do instinto teu.»

³⁸ E de lógica sabia de sobra Fernando Pessoa, justamente considerado um dos poetas mais cerebrais de todos os tempos e o poeta que com toda a razão pode lapidarmente formular a sua filosofia gnoseológica nestes termos: «O que em mim sente está pensando.»

³⁹ «In heaven, learning is seeing; on earth, it is remembering» — diz Píndaro. In Edouard Schuré, **The Great Initiates. A Study of the Secret History of Religions**. Translated from the French by Gloria Rasberry. Introduction by Paul M. Allen (San Francisco: Harper & Row, Publishers, 1980), p. 371.

⁴⁰ Por se tratar de uma conjunção final e não causal, deverá escrever-se «por que» e não «porque», como consta da edição que estamos a utilizar, assim como da edição de 1934.

A referência à «raça» põe-nos claramente perante o elemento humano que viria a contribuir para a formação de Portugal. E que «instincto» da «raça» seria esse? Seria o instinto de criar uma nação, a Lusitânia, que foi como que o embrião que viria a explodir em Portugal? Queremos crer que sim. «Instincto» que se transmitiu para nós, descendentes de Viriato: «Memoria em nós do instinto teu», ou, em termos junguianos, do inconsciente colectivo de Portugal. Em Viriato tomamos consciência da nossa identidade de portugueses.

Estes dois versos seriam também uma alusão ao Espírito que tudo sabe, mas que agora, toldado e limitado pela matéria em que encarnou, esquece.

«Nação porque reincarnaste,»

Isto significa que houve uma metamorfose, ou a passagem de um ser para outro. O que antes fora uma nação embrionária — a Lusitânia — passaria depois a ser uma nação acabada e outra, em espécie: Portugal. E, dentro da teoria da metamorfose de carácter oriental, o ser passaria de um estado inferior para um estado superior,⁴¹ assim se explicando que o Portugal da **Mensagem** começa no caos e culmine na ordem cósmica do Quinto Império.

«Povo porque resuscitou»

Como se viu no poema anterior, sobre Ulisses, para que possa haver ressurreição (passe o truismo), terá que haver primeiro morte. As verdades do Espírito «morrem» quando o ser se encarna. Quem morreu? A Lusitânia que Viriato defendera e representara, na sua luta heróica contra os Romanos. Quem resuscitou? A Lusitânia, matriz metamorfoseada em Portugal.^{40a}

«Ou tu, ou o de que eras haste.»

Quem é este «tu»? Viriato ou o povo? Um e outro foram haste (corpo / matéria) da Lusitânia, futuro Portugal. A metáfora da planta convida-nos novamente a considerar a parábola evangélica da semente que tem de morrer primeiro para que o botão venha a abrir em flor e a flor a desabrochar em fruto. Esta nova planta é Portugal: «Assim se Portugal formou», estando aqui o verbo «formar» na acepção que Aristóteles lhe dá na sua metafísica: a aquisição de uma essência, por

^{40a} Os versos quatro e cinco fazem-nos pensar no mistério da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. É a omnipresença da Bíblia, numa fecunda intertextualidade com a **Mensagem**.

⁴¹ Este princípio — o da passagem de um estado inferior a um estado superior — viria a ser também defendido, se bem que em termos não necessariamente análogos, pelo autor da **Origem das Espécies**, Darwin, e pelo teorizador oficial do estado positivista: Auguste Comte.

meio da passagem da potência ao acto. Formou-se — repare-se bem — num tempo futuro, não no tempo histórico de Viriato. Se não for lido assim, este verso estará em contradição, como se vai ver, com a última estância.⁴²

«Teu ser é como aquella fria
Luz que precede a madrugada.»

O que quer dizer que Portugal, mais uma promessa de ser que o próprio ser, é algo assim que está entre a potência e o acto. No céu de Portugal ainda não é dia, mas já se vislumbra ao longe a luz da iniciação, que é o sentido da «madrugada.» Ainda é necessário esperar pelos raios fecundantes do sol para que a planta desabroche em todo o seu esplendor. E por falar em planta, de que a «haste» da segunda estância é a sinédoque, cremos poder dizer-se que, com a evocação de Viriato, nos leva o poeta às raízes ibéricas de Portugal para que aí possamos impregnar-nos da seiva que deverá continuar a nutrir a árvore da pátria em letargia.

«E é já o ir a haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.»

No contexto da formação de Portugal e do Quinto Império, profetizado na **Mensagem**, que é aquele em que, em última análise, esta poesia tem que ser lida, estamos essencialmente num mundo pré-geñesíaco, portanto ainda um tanto caótico, «confuso nada.»⁴³ E assim se explica que seja imperiosa a vinda de um demiurgo.⁴⁴

⁴² Tendo em conta que, no folclore português, Viriato nos é sempre apresentado como pastor, a haste de que se fala neste verso seria também uma metáfora para indicar o seu emblema: o cajado de pastor.

⁴³ A «confusão» vem do esquecimento das Verdades espirituais, condição a que nos submetemos quando encamamos.

⁴⁴ Repare-se no «antemanhã» deste verso e no título do penúltimo poema da **Mensagem**. Não seria o caso de presumir que Viriato está para o Portugal da história como a «Antemanhã» de «O Encoberto» está para o Portugal do futuro ou Quinto Império? Note-se que um é o segundo poema de «Os Castelos» e o outro é o penúltimo de «Os Tempos.»

TERCEIRO

O CONDE D. HENRIQUE

TODO COMEÇO é involuntario.
Deus é o agente.
O heroe a si assiste, vario
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
«Que farei eu com esta espada?»

Ergueste-a, e fez-se.

Se, de uma maneira geral, todas as poesias da **Mensagem** se podem considerar epigramáticas, em virtude da sua brevidade e concisão, algumas há que o são mais visivelmente, sobretudo pelo seu carácter aforístico. E entre elas conta-se a dedicada ao Conde D. Henrique, o terceiro castelo do brasão de Portugal. Oito versos distribuídos por três estâncias de, respectivamente, quatro versos, três e um, em rima cruzada, alternando-se versos de oito sílabas com versos de quatro.

Pelo que se refere ao discurso, esta poesia tem uma peculiaridade. Enquanto Ulisses é o herói de quem se fala, Viriato, o herói de quem se fala e com quem se fala, o Conde D. Henrique é o herói de quem e com quem se fala e que fala. O poeta fala do herói, fala com o herói e põe o herói a falar. Engenhoso processo, por parte do poeta, para transportar Portugal do mito para a pré-história, e desta para a história, ou seja, do caos para a ordem.

Na primeira estância o poeta enuncia um princípio geral sobre a interacção do homem e da divindade. À onipotência de Deus contrapõe o poder limitado do homem. Na segunda apresenta-nos o herói a interrogar-se sobre o curso da acção a seguir. Na terceira diz-nos da acção executada pelo herói e do resultado dessa acção.

Daquele «confuso nada» com que remata o poema anterior («Viriato») vai brotar radiante e belo um mundo novo. É a primeira manhã genesíaca de Portugal. Nesse começo está o Conde D. Henrique (? — 1112), cavaleiro fidalgo que viera de Borgonha ajudar o rei D. Afonso VI de Leão e Castela a combater contra os mouros nas assim chamadas Cruzadas do Ocidente, para distinguir das Cruzadas do Oriente, as quais tinham como palco de acção a Península Ibérica, então parcialmente na posse dos muçulmanos.

«Todo começo é involuntário.»

Involuntário — entenda-se bem — da parte do homem, porque, da parte de Deus, todo o começo está determinado **ab aeterno** na mente do Criador. O que quer dizer que o Conde D. Henrique, pura causa segunda e instrumental, nada teve a ver, de início, com a formação dessa nova nação que viria a chamar-se Portugal.

«Deus é o agente.
O heroe a si assiste, vario
E inconsciente.»

Ou, em termos de metafísica aristotélico-tomista, Deus é a causa primeira e a causa eficiente que move a causa segunda e a causa instrumental que é o herói: o Conde D. Henrique. É esse o significado último dos adjectivos «vário» e «inconsciente.»⁴⁵ Isto quer dizer que não é herói quem quer, mas aquele a quem Deus

⁴⁵ No decorrer deste trabalho, várias serão as ocasiões em que se chamará a atenção para sistemas filosóficos, mormente os de Platão e Aristóteles.

escolhe para ser herói. Estamos aqui, em termos religiosos, diante de um autêntico caso de vocação. Deus chama aqueles a quem quer. Assim chamou, por exemplo, Abrão; assim chamou Moisés; assim chamou Pedro; assim chamou todos os fundadores de povos e todos os grandes precursores.

Presciência da parte de Deus; insciência da parte do homem, o qual tudo quanto de bom e grande realiza o faz por obra e graça de Deus.

«À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.»

Estamos perante mais um poema que se estrutura em forma de tese. Enuncia-do o silogismo na primeira estância, passa o poeta a prová-lo no resto do poema. E fá-lo em forma de corolário. O herói, «vario / E inconsciente», é passividade pura, disponibilidade total. A própria espada que tem nas mãos aí se encontra porque Deus assim o quis. Não foi ele que, num acto de vontade, pegou nela com a intenção de realizar algo de grandioso. Alguém fez com que ele a tivesse nas mãos no momento oportuno.

Estamos, como se disse, na primeira manhã genesíaca de Portugal. E que melhor processo poderia o poeta utilizar para indicar esse acto de criação que a espada, símbolo fálico por excelência, além de emblema do cavaleiro cristão? ⁴⁶

«Que farei com esta espada?»

É o herói, «inconsciente», que assim se interroga. Para acentuar o carácter passivo do homem, põe-no o poeta a fazer esta pergunta. O Conde D. Henrique é como que a esfinge de si mesmo. A «memória» em Viriato faz-se presença e acto no Conde D. Henrique, mas ainda de uma forma penumbrosa. É como que uma semi-tomada de consciência. ⁴⁷

À luz do Tomisno, não há contradições de maior entre a filosofia de Platão e a de Aristóteles. Mas apressamo-nos a dizer que isso não significa que o poeta da **Mensagem** esteja inteiramente de acordo com esses sistemas. Por outro lado, antes de mais nada é como poesia que temos de ler esta obra.

⁴⁶ Para a espada como símbolo fálico, veja-se, por exemplo, Juan-Eduardo Cirlot, **Diccionario de símbolos...** e **The Herder Symbol Dictionary**.

Sobre este e outros significados da espada em Fernando Pessoa, inclusive na **Mensagem**, veja-se Y. K. Centeno, « "Episódios / A Múmia": Poema chave para o estudo do hermetismo em Fernando Pessoa», apud Y. K. Centeno Stephen Rockert, **Fernando Pessoa — Tempo — Hermetismo — Solidão** (Lisboa: Moraes Editora, s.d.) pp. 144-152.

⁴⁷ Só se interroga quem pensa. É, *mutatis mutandis*, o «dubito: ergo sum» (duvido: portanto existo) de S. Agostinho, de uma forma muito miniatural embora.

«Ergueste-a, e fez-se.»

Num acto meio consciente, meio inconsciente, o herói ergueu a espada «e fez-se.» Fez-se o quê? Fez-se Portugal. Foi o *Fiat* criador do novo reino. Um *Fiat* que Deus lhe pôs na boca, mas um *Fiat* que ele pronunciou. O que quer dizer que a chamada de Portugal à existência foi um acto conjunto de Deus e do homem. O que por sua vez significa que um dos sentidos deste poema é, no fundo, uma profissão de fé, por parte do poeta, na origem providencial do novo reino.

QUARTO

D. TAREJA

24-9-1928

AS NAÇÕES todas são mysterios.
Cada uma é todo o mundo a sós.
O mãe de reis e avó de imperios,
Vella por nós!

Teu seio augusto amamentou
Com bruta e natural certeza
O que, imprevisito, Deus fadou.
Por elle resa!

Dê tua prece outro destino
A quem fadou o instincto teu!
O homem que foi o teu menino
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante
Onde estás e não ha o dia.
No antigo seio, vigilante,
De novo o cria!

Eis-nos chegados ao poema mais longo do campo dos castelos: dezasseis versos. É o quarto da secção. Está no centro. São quadras, constituídas por três versos de oito sílabas e um (o último) de quatro, em rima cruzada.

Feitas duas afirmações, de carácter sentencioso, nos dois primeiros versos, passa o poeta a falar directamente com D. Tareja, em modo de prece, informando-a primeiro de uma realidade no passado ou de uma carência no presente e implorando depois o seu auxílio sobrenatural. É o poema dos quatro imperativos imprecatórios: um por estrofe.

Duas são as mulheres da **Mensagem**: D. Tareja (? — 1130), filha ilegítima de Afonso VI, rei de Leão e Castela, e D. Filipa de Lencastre. Aquela é mãe do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques; esta é esposa do fundador da segunda dinastia, D. João I; a primeira é castelhana; a segunda é inglesa; a primeira é «mãe de reis e avó de imperios»; a segunda é «madrinha de Portugal.»

«As nações todas são mysterios.»

Em que sentido as nações são mistérios? Na medida em que a sua chamada à existência está acima da vontade dos homens? E também do seu conhecimento? A ser assim, estaríamos perante uma visão providencialista da história — de que se fez menção no comentário ao poema anterior —, que foi a de Santo Agostinho na **Cidade de Deus**, que foi a de Bossuet no **Discours de l'Histoire Universelle**, que foi a do Padre António Vieira, que foi a dos teólogos e a dos especialistas em direito constitucional através de toda a Idade Média e do Renascimento, até, mais ou menos, à aparição dos filósofos iluministas de finais do século XVII e princípios do século XVIII.⁴⁸

Ainda dentro do contexto da origem divina, providencial, de Portugal, convém observar que foi esse especialmente, como já se disse, o papel desempenhado pela lenda do Milagre de Ourique, de que se fizeram eco praticamente todos os historiadores e poetas de Portugal, desde os cronistas da Idade Média até alguns dos historiadores de nossos dias. Claro que, ao assim procederem, os historiadores e cantores das gestas heróicas de Portugal nada mais faziam que aplicar a Portugal o que era da praxe aplicar a outras nações. Países nascidos por vontade divina, postulavam de seus filhos um espírito de dedicação e de veneração diferentes do que se exigiria para com uma instituição nascida por vontade humana.

Também poderíamos ver nesta definição das nações como «mysterios» uma referência aos cultos-mistérios ou religiões esotéricas da antiguidade pagã: o culto de Isis no Egipto, o de Atis na Asia Menor e o de Baco na Grécia, por exemplo. Neste caso, Portugal seria, ao mesmo tempo, uma nação nascida por vontade divina e uma religião de carácter iniciático.

⁴⁸ Esta visão providencialista da história começa a ser posta em questão, sobretudo com Voltaire.

«Cada uma é todo o mundo a sós.»

É a teoria do microcosmo.⁴⁹ É a interpretação da história em termos arquetípicos, de acordo com a filosofia platónica que coloca no Hiperurânio o arquétipo, o ser por excelência, não passando os seres que se encontram neste mundo de sombras, de imitações, de projecções desses arquétipos. E esta teoria aplicar-se-ia não só às entidades individuais, mas também às colectivas, como as nações.

«O mãe de reis o avó de imperios,
Vella por nós!»

Tal como fará em relação à segunda mulher da **Mensagem**, também a esta dirige o poeta uma oração a favor do bem-estar de Portugal: «O mãe de reis e avó de impérios, / Vella por nós!» Numa tomada de consciência, numa interacção dramática, que faz do poeta parte integrante da diegese e do discurso, e parte integrante de Portugal, portanto, fala em «nós», concitando-nos assim a participar com ele, sumo-sacerdote, na celebração de um rito imprecatório, colectivo e a-temporal, em prol da pátria.

Note-se que não diz «reza», mas «vella.» Velaré estar de guarda, de sentinela, a toda a hora, e especialmente em tempos «incertos» e de denso «nevoeiro» espiritual sobre os céus de Portugal.

«Mãe de reis» chama o poeta a D. Tareja, porque ela foi a mãe do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, e, nele, dos seus sucessores. Mas, ao chamar-lhe «avó de imperios», dá-se um salto metafórico, na medida em que o império passa a ser personificado. É de certa maneira a transformação de D. Tareja na **Magna Mater** do império que foi Portugal, no tempo das grandes descobertas marítimas e conquistas, nos séculos XV e XVI, e do império que virá a ser: o Quinto Império, feito tema fundamental da **Mensagem**.

«Teu seio augusto amamentou
Com bruta e natural certeza
O que, imprevisto, Deus fadou.
Por elle resa!»

Convertida em **Magna Mater**, D. Tareja adquire dimensões míticas, divinas. É esse o significado do adjectivo «augusto», na sua origem etimológica, tal como era aplicado aos imperadores romanos, a partir do momento em que, além do poder temporal, lhes foi atribuído também o poder espiritual, através da elevação ao sumo sacerdócio. Por outras palavras, «augusto» significa divino.

⁴⁹ Esta teoria traduzia-se na Idade Média por uma frase em latim: «Multum in parvo.»

Mas, se uma **Alma Mater** passa a ser mito, isso só quer dizer que antes fizera parte do mundo dos homens, como aqueles deuses que povoam as páginas de **Os Lusíadas**, os quais, antes de serem elevados à categoria dos deuses, eram simples seres humanos, como declara Tétis ao Gama, na oitava XCI do Canto IX:

Não foram senão prémios que reparte
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo dos varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneas e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

E é para acentuar esse aspecto humano de D. Tareja que o poeta fala em amamentar «com bruta e natural certeza», estabelecendo assim uma analogia entre D. Tareja e a loba que amamentou Rómulo e Remo, fundadores também de um grande reino, de acordo com a lenda (bruto, no seu sentido etimológico, significa animal).

Nascido por vontade divina, como já foi dito, Portugal foi «imprevisto» para os homens. É que o Espírito sopra onde e como quer. «Deus fadou» o primeiro rei de Portugal e, nele, o reino que ele fundou, uma vez que, como se depreende da leitura global da poesia, D. Afonso Henriques funciona como sinédoque, pelo que é símbolo de Portugal. Mas, mesmo fadado por Deus, para permanecer fiel ao seu destino transcendente, necessário se torna que os santos por ele intervenham junto de Deus, assim se explicando que o poeta implore a D. Tareja que reze por ele.

«Dê tua prece outro destino
A quem fadou o instinto teu!»

Num contexto esotérico e místico, que é o que permeia as linhas e entrelinhas da **Mensagem**, no seu conjunto, nada admira que se recorra ao poder mágico da oração para conseguir aquelas graças que só por meio dela se obtêm, de acordo com a letra e o espírito das religiões que impregnam a **Mensagem**: o Judaísmo, o Cristianismo, o Teosofismo, o Rosacruzianismo.

Dizia-se na estrofe anterior que Portugal tinha sido fadado por Deus, na pessoa do seu fundador, e diz-se nesta que foi fadado por D. Tareja. Mas, enquanto Deus fadou Portugal por vontade, D. Tareja fadou-o por «instinto.» É como se Deus, causa primeira da existência de Portugal, tivesse delegado parte do seu poder em D. Tareja, causa segunda dessa existência, fazendo-a co-participante da sua essência, em certo sentido dentro do espírito da teologia de Plotino. Mais: sendo o fado das nações, sobretudo das que entraram na existência por *Fiat* divino, como foi o caso de Portugal, como se viu, viverem para o tempo e para eternidade, o poeta

faz questão de fazer depender o destino dele de uma interacção constante entre a criatura e o Criador: D. Tareja e Deus. Mas uma criatura elevada à categoria de medianeira entre Deus e o homem, o que nos permite estabelecer uma analogia entre D. Tareja e Nossa Senhora, para já não falar numa analogia entre D. Tareja e a Vénus da *Eneida* e de *Os Lusíadas*.

**«O homem que foi o teu menino
Envelheceu.»**

Porque é que Portugal precisa que rezem por ele?— Porque «O homem que foi o teu menino / Envelheceu.» Dentro da teoria organicista das nações, na tradição de S. Agostinho e de Vico, por exemplo, também para elas, como para os homens, se fala de idades, sendo as mais topológicas análogas às quatro estações do ano. Na última estação, no inverno, da sua vida está Portugal: «Envelheceu.» Por conseguinte é imperioso rejuvenescê-lo, banhá-lo na fonte da eterna juventude. E é esse o terceiro pedido que o poeta, revestido dos paramentos de sacerdote, faz na sua prece à *Magna Mater* de Portugal: D. Tareja.

**«Mas todo vivo é eterno infante
Onde estás e não ha o dia.
No antigo seio, vigilante,
De novo o cria!»**

Velho embora, Portugal ainda está vivo. E no Hiperurânio, ou supra-mundo, onde tudo o que na terra existe aí se encontra em forma de arquétipo, Portugal está na sua forma primeva: infante. E é por lá assim estar que o poeta-sacerdote implora a sua mãe, no Hiperurânio também, que de novo o crie, não no sentido do o trazer do nada ao ser, mas no sentido de lhe permitir uma ressurreição.

Semanticamente, a poesia gira à volta de três conceitos fundamentais ou núcleos sémicos: o da maternidade, o da intervenção do sobrenatural, e o do renascimento («mãe», «avó», «amamentar», «seio», «menino», «infante», «criar», «misterioso», «velar», «Deus», «fadar», «rezar»), admiravelmente traduzidos por outros tantos núcleos léxicos, em permanente jogo dialéctico entre Deus e o homem, a vontade e o instinto, a infância e a velhice, o tempo e a eternidade.

QUINTO

D. AFFONSO HENRIQUES

**PAE, foste cavalleiro.
Hoje a vigilia é nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!**

**Dá, contra a hora que, errada,
Novos infieis vençam,
A benção como espada,
A espada como benção!**

Continuando a desenvolver a epopeia em forma cronológica, entra o poeta no tempo histórico de Portugal, ao falar do primeiro rei, D. Afonso Henriques (1109? — 1185), ou do quinto castelo do escudo, num breve poema de oito versos hexassilábicos, com a possível excepção do quinto, que poderá ser considerado também heptassilábico, distribuídos por duas quadras, em rima cruzada.

Como com D. Afonso Henriques Portugal adquire o estatuto de nação de pleno direito, canta-o o poeta num poema de oito versos, número da plenitude.

Tal como acontece com o poema anterior, «D. Tareja», também este se estrutura em forma de prece, o que quer dizer que estamos perante uma figura histórica de Portugal colocada pelo poeta no paraíso. O poeta dirige-se directamente a D. Afonso Henriques, evocando-o e invocando-o como pai e como cavaleiro.

«Pae, foste cavalleiro.»

D. Afonso Henriques é pai da pátria e pai dos portugueses, no sentido de progenitor e fundador de uma nação chamada Portugal. Por outro lado, ao atribuir o estatuto de cavaleiro ao primeiro rei de Portugal — que ele na realidade foi, como o eram todos os príncipes cristãos —, o poeta empresta-lhe automaticamente o papel de conquistador e, ao mesmo tempo, de pessoa sagrada e consagrada a uma missão de carácter religioso. Como todos os cavaleiros, D. Afonso Henriques contraiu para com Deus o dever de se devotar a uma demanda de cariz sagrado, dever que terá que ser assumido pelos seus filhos e pelos filhos de seus filhos, numa cadeia sem fim, em obediência a uma práxis que data dos tempos patriarcais.

«Hoje a vigília é nossa.»

Parte do ritual a observar por ocasião da investidura de um postulante numa ordem de cavalaria era uma longa vigília de penitência e de oração. Num *continuum* sem fim (a acção principal da **Mensagem** processa-se no tempo e no espaço históricos, e também fora desse tempo e desse espaço), num render de armas que não conhece ocaso, oito séculos depois da vigília do filho do Conde D. Henrique e de D. Tareja, é imperioso que seus filhos, que são todos os portugueses (o poeta diz «Hoje a vigília é nossa» «**Dá-nos**»), lhe sucedam numa vigília de armas.

«Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força»⁵⁰

À mãe implorou o poeta uma prece a favor dos portugueses e de Portugal; ao filho implora a graça do seu exemplo de guerreiro de Deus, que todo o cavaleiro era, e a sua lendária força hercúlea, sobejamente documentada pelas letras e pelas artes.⁵⁰

⁵⁰ Pense-se, a título de exemplo, na «Missa do Bispo Negro» de Alexandre Herculano.

«Dá-nos, contra a hora que, errada,
Novos infieis vençam,»

Que o primeiro rei de Portugal teve que combater contra os então considerados infiéis ou inimigos da Cruz — os muçulmanos ou mouros — todos o sabemos. Mas, ao rogar-lhe o poeta que, nos anos trinta do século XX, ajude os portugueses a vencer os «novos infieis», lícito nos é perguntar-nos que infiéis serão esses. Os portugueses que já não acreditam na missão religiosa, providencial, ecuménica, de Portugal? Tendo em consideração as duas principais facções em que no tempo da composição da epopeia Portugal estava dividido e outros textos de Pessoa, julgamos ser-nos permitido aventar esta hipótese. Dum lado estava o partido monárquico ou nacionalista, de sinal Integralismo Lusitano; do outro estava o partido republicano. A primeira facção estava imbuída de valores tradicionalistas, que postulavam de Portugal uma adesão à sua missão multi-secular de paladino de Cristo, gerada em meio ao sacrifício cruento da batalha de Ourique (1139); a segunda facção estava imbuída de valores puramente seculares, divorciada, portanto, na opinião de seus opositores, de tudo o que pudesse ser continuidade da missão sagrada conferida por Deus a D. Afonso Henriques em Ourique.⁵¹

«A benção como espada
A espada como benção!»

Lê-se no Velho Testamento que, antes de morrerem, os Patriarcas davam sempre a benção ao filho primogénito. É esta benção que o poeta pede ao primeiro patriarca de Portugal: «A benção como espada, / A espada como benção.» Neste quiasmo⁵² faz o poeta uma variante do primeiro verso da poesia: é a prece ao primeiro rei da monarquia, na sua qualidade de pai e de cavaleiro: pai para dar a benção, cavaleiro para dar a espada, simbolizando a benção a fé que deverá nortear Portugal e a espada a acção. Fé e acção — note-se bem —, uma vez que, de acordo

⁵¹ Sabemos que é temerário levantar uma hipótese desta natureza. Mas também sabemos que é obrigação do leitor procurar ler com a maior fidelidade possível o texto que tem na frente. Se lermos esta poesia no seu todo e à luz do contexto da obra em que está inserida, cremos ser lícito sugerir esta hipótese, sem que tal implique atribuir a Fernando Pessoa a filiação ou a simpatia por esta ou aquela facção política. Primeiro trata-se de uma mera hipótese; segundo, trata-se da possível opinião da *persona* poética responsável pelo discurso da *Mensagem*, a qual pode não coincidir necessariamente com a do autor.

Esclarece-se também, novamente, que a leitura que nos propusemos fazer da *Mensagem* se baseia tanto quanto possível no método do «close reading», tal como foi proposto e advogado por I. A. Richards.

⁵² Além deste quiasmo, temos um outro formado pelo primeira verso e pelo último do poema: «Pae, foste cavalleiro. [...] A espada como benção.»

com a Sagrada Escritura, a fé sem obras é morta (Tgo 2, 17). É a vida de um povo nas suas duas vertentes de vida activa e de vida contemplativa, emblematicamente representadas, respectivamente, pela Marta e pela Maria dos santos Evangelhos (Lc 10, 38-42), e neste poema pela espada e pela bênção, pelo cavaleiro e pelo pai.

SEXTO

D. DINIZ

09-02 1934

NA NOITE escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silencio murmuro comsigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Imperio, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a falla dos pinhaes, marulho obscuro,
É o som presente d'esse mar futuro,
É a voz da terra anciando pelo mar.

Para condignamente celebrar o pai da poesia portuguesa, o poeta recorre pela primeira vez, na epopeia, ao verso heróico, por excelência, em língua portuguesa: o decassílabo. Com excepção do segundo verso de cada uma das duas quintilhas que formam o poema, que é octossilábico, todos os versos são decassilábicos. A rima, cruzada, emparelhada e interpolada, é abaab.

São nove os reis da primeira dinastia e, entre eles, escolheu o poeta dois: o primeiro e o sexto. Repare-se, aliás, que é sob o número seis, número da perfeição, que D. Dinis (1261-1325) aparece no campo dos castelos; e repare-se também que o último dia da criação foi o sexto, segundo o **Genesis**. É como se, com D. Dinis, a criação de Portugal ficasse completa, no seu aspecto ontológico.

Dentro da metafísica aristotélico-tomista, que preside a uma boa parte do discurso da **Mensagem**, D. Afonso Henriques e D. Dinis são metáforas para traduzir, respectivamente, a matéria e a forma que são parte integrante e obrigatória dessa entidade ontológica que é Portugal. Veja-se que, na **Mensagem**, como na tradição histórica, o emblema do primeiro é a espada e o emblema do segundo é o livro, como se com isso o poeta nos quisesse dizer que a espada é o símbolo da matéria e o livro é o símbolo da forma, ou do corpo a primeira e da alma o segundo. D. Afonso Henriques talha para Portugal o território a golpes de montante; D. Dinis dá a Portugal os valores espirituais, simbolizados pela criação dos Estudos Gerais de Lisboa, em 1290, e pela poesia que escreve.⁵³

«Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver.»

Como tudo o que de grandioso e belo acontece no mundo é na noite que se gera, o poeta apresenta-nos D. Dinis a escrever os seus poemas «na noite.» Aliás, a noite como tempo da gestação de portentos que virão a acontecer a Portugal é uma constante na **Mensagem**, como se poderá ver, sobretudo, na Terceira Parte.

D. Dinis simboliza, na **Mensagem**, e, nela, na história de Portugal, entre outras coisas, o semeador que lança ao solo a semente que florescerá em impérios e o escritor que cria a poesia que cantará impérios.

⁵³ Sobre o símbolo da espada e do livro, neste contexto, veja-se, por exemplo, o «Sonho de Cipião» de Rafael.

A propósito do seu excelente estudo sobre a «pastorela do papagaio», eis o que diz Luciana Stegagno Picchio sobre o rei D. Dinis:

«É a fulgurante invenção de um rei trovador que nas mãos alterna a espada e a viola, e que tanto confere o seu nome à árvore plantada, ao pinho de Leiria, promessa de barcos futuros (de «naus a haver», dirá Fernando Pessoa na **Mensagem**) e às flores que enfeitam o verde pinho da cantiga de amigo («O papagaio e a pastora: filtros de hoje para textos medievais», apud **A lição do Texto — Filologia e literatura — I — Idade Média** — [Lisboa: Edições 70, 1979], p. 31).

Provavelmente por lapso, em nota às palavras transcritas Luciana Stegagno Picchio classifica de soneto esta poesia de Pessoa.

Criador de bens materiais e de bens espirituais, D. Dinis, *mutatis mutandis*, é para Portugal o que Júlio César foi para Roma: planta pinhais de dia e escreve poemas de noite.

«E ouve um silêncio murmuro consigo:»

De acordo com o conceito platónico do poeta, que viria a ser tão do gosto dos românticos, D. Dinis assume prerrogativas de vate, de profeta. É esse o significado último do verso, aparentemente paradoxal, em virtude da sua dupla antítese: «E ouve um silêncio murmuro consigo.» Aos poetas outorga Deus o condão de ouvirem o que o vulgo não ouve, de verem o que o vulgo não vê, de penetrarem os interstícios do futuro distante e nebuloso.

«É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Imperio, ondulam sem se poder ver.»

Essas vozes que o vate, isto é, D. Dinis, ouve na noite vêm dos pinhais que ainda não são, mas que um dia virão a ser as «naus da iniciação» da poesia «Horizonte.» O «trigo» da estrofe serve de símile e de metáfora ao mesmo tempo: de símile, na medida em que há uma analogia entre o ondular de um pinhal e o de um trigo; de metáfora, na medida em que, tal como o trigo foi utilizado por Cristo para nele transformar o seu corpo e nele se perpetuar, transubstanciando-se, também o pinheiro será utilizado pelo Infante D. Henrique para nele transformar (e transportar) a história de Portugal, no espaço e fora do espaço, no tempo e fora do tempo, servindo para dele se fazerem as naus que farão de Portugal o descobridor e civilizador do mundo e a cabeça de um império místico.

A segunda estância do poema dedicado a D. Dinis é de uma beleza encantatória. Salpicada de metáforas, traduz à perfeição a realidade patente e a realidade latente.

«Arroio, esse cantar jovem e puro,
Busca o oceano por achar.»

É que D. Dinis, na sua qualidade de poeta, é como que por antonomásia o introdutor do tema do mar na poesia portuguesa. Esse arroiozinho, infância da poesia portuguesa, crescerá tanto, tanto, que um dia, atingida a plenitude da idade e da vida adulta, será oceano com *Os Lusíadas* de Camões e com outros poemas maiores sobre o mar, entre os quais sobressai a «Ode Marítima» de Álvaro de Campos.

«E a falla dos pinhaes», por sua vez, é o prenúncio das caravelas que o Infante D. Henrique lançará no mar alto, em busca de «novos mundos.» Sob a roupagem da metáfora e da antropomorfização, ocultam-se os dois referentes histórico-culturais do poema, que é a herança que D. Dinis legou a Portugal, como homem e como rei: a sua poesia incomparável, sobretudo as suas cantigas de amigo, que o poeta celebra,

singularizando-as, no primeiro verso da primeira quintilha, e o pinhal de Leiria, que daria a madeira para as futuras «naus da iniciação.»

«E a falla dos pinhaes, marulho obscuro,
É o som presente d'esse mar futuro,
a voz da terra anciando pelo mar.»

Tratando-se dos dois elementos femininos — a terra e a água —, poder-se-ia dizer que é uma irmã suspirando pela outra, ou seja, é Portugal que tem em gestação a futura epopeia marítima de quatrocentos e de quinhentos. E, muito apropriadamente, dentro do espírito emblemático que distingue D. Dinis, essa ânsia de partida é traduzida por meio de vozes, pois de vozes é feita a poesia.⁵⁴

Visto no seu conjunto, este poema, composto em honra do santo fundador da poesia portuguesa, e do precursor inconsciente da epopeia marítima de Portugal, no seu dúplice aspecto de feito e de celebração litúrgica e mimética, é um milagre de coerência total, de harmonia perfeita entre significante e significado, entre enunciação e enunciado, entre sentido patente e sentido latente.⁵⁵

Ao celebrar D. Dinis como fazedor de cantigas de amigo, o poeta, a fim de melhor pôr em realce a letra e o espírito que unem o celebrando e o celebrante, fá-lo numa poesia em que são palpáveis as semelhanças com uma das características fundamentais dessas cantigas: o paralelismo temático, sugerido pelo canto dos pinhais e do mar, e o paralelismo linguístico e retórico, sugerido pelas recorrências léxicas e semânticas: «Cantar» e «cantar», «mar» e «mar»; «rumor» e «fala»; «som» e «voz»; «o rumor dos pinhais» e «a fala dos pinhaes.»

⁵⁴ Sobre este curioso problema de semiótica, ouçamos, a título de exemplo, duas vozes longínquas, mas autorizadas, das letras peninsulares: uma espanhola e outra portuguesa: «VOZ. Propiamente, según trae Plutarco en las opiniones de los filósofos, se dice voz, la articulada: y por eso la llaman fvnh (foné) el griego, porque alumbra y descubre los conceptos del entendimiento. Pero San Juan Crisóstomo em la Homilla 3, en San Mateo, dice que la voz es un sonido confuso, que no señala algún secreto del corazón, mas que sólo significa que quiere decir algo el que da voces; pero que la palabra es sermón razonable, que descubre el misterio del corazón. Y la voz es común al hombre y a los brutos, mas la palabra es sola del hombre. Y aun no sólo se refiere al animal, pero aun a lo inanimado, y así dijo Virgilio...»

(Fernando de Herrera apud Garcilaso de la Vega y sus comentaristas; obras completas acompañadas de los textos íntegros de el Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas y Azara. Edición, introducción y notas, cronología y bibliografía por Antonio Gallego Morell [Granada: Universidad de Granada, 1966], p. 383).

«Porém concedendo à prática a excelência, a acção, o modo e a graça de falar, que é uma viveza a que se não iguala outra nenhuma semelhança, a escritura tem tantas grandezas que parece igualmente necessária para a vida, pois ficava o mundo às escuras sem a luz da lição escrita, e só na tradição dos homens se salvaria a memória das cousas, e, nas principais, dominaria a ignorância com mero império (Francisco Rodrigues Lobo, Corte na aldeia. Prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira [Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1959], p. 24).

⁵⁵ António Manuel Machado Pires faz umas observações muito agudas e apropriadas sobre este poema da Mensagem em «Os Lusíadas de Camões e a Mensagem de Pessoa», *Persona* 4 (Porto: Centro de estudos pessoanos, Janciro de 1981), pp. 46-47.

SÉPTIMO (I)

D. JOÃO O PRIMEIRO

12-02-1934

O HOMEM e a obra são um só
Quando Deus faz e a história é feita.
O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo
Que Portugal foi feito ser,
Que houveste a gloria e déste o exemplo ⁵⁶
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,
É, na ara da nossa alma interna,
A que repelle, eterna chamma,
A sombra eterna.

⁵⁶A edição da Aguilar tem deste.

A poesia dedicada a D. João I (Fernando Pessoa diz «D. João o Primeiro», à inglesa) consta de doze versos distribuídos por três quadras em rima cruzada, tendo os primeiros três versos de cada estância oito sílabas e o último, quatro. Em termos de discurso, a poesia estrutura-se em forma de silogismo deductivo, sendo a primeira estância a premissa maior, a segunda, a premissa menor, e a terceira, a conclusão. Quanto aos termos desse silogismo, processam-se em forma decrescente: passa-se do género para a espécie e da espécie para a diferença.

O sétimo castelo do escudo de Portugal é partilhado por duas figuras históricas: D. João I (1357-1433) e D. Filipa de Lencastre (1360-1415), a quem poderíamos chamar o Adão e a Eva de Portugal. Em certo sentido, sendo, como são, marido e mulher, é como se se tratasse de uma só entidade, um só corpo e uma só alma, de acordo com a definição que o Evangelho dá de casamento (Mt 19, 5). E, se quisermos recorrer à doutrina junguiana, D. João I e D. Filipa de Lencastre seriam, respectivamente, o *animus* e a *anima* de uma totalidade existencial, que é Portugal. Ou seriam, dentro de um contexto alquímico, o sol e a lua; e, dentro da sabedoria chinesa, seriam o yang e o yin; ⁵⁷ ou ainda, baseados na visão de Zósimo, estaríamos perante um caso de androginia, na medida em que, segundo alguns exegetas, o homem do Génesis foi criado macho e fêmea, o que é também a versão do *Banquete* de Platão.

Acentue-se, também, já de início, que, em conformidade com a harmonia perfeita que preside ao poema épico, na sua totalidade, e circularidade, de que a primeira poesia, à maneira da abertura de uma ópera, é a súplica, D. João I, nascido em Portugal, é como aquele «arroio» da poesia dedicada a D. Dinis que mistura as suas águas com as do oceano, simbolizado por D. Filipa de Lencastre, nascida na Inglaterra. Mais uma vez a terra — D. João I — em busca do mar — D. Filipa de Lencastre.

«O homem e a hora são um só
Quando Deus faz e a história é feita.»

Estes dois versos, em sintonia com aqueles com que abre a poesia sobre o Conde D. Henrique, traduzem o mistério que envolve o fazer-se de uma nação e de um império. Deus é a causa eficiente ou o agente, e o homem, simples instrumento nas mãos do eterno Fazedor, é pura potência, em total disponibilidade para a realização do destino que Deus lhe impõe *ab initio*. Para melhor expressar estes conceitos recorre o poeta à conjugação do verbo fazer na voz activa e na voz passiva, respectivamente.

⁵⁷ Para um estudo mais pormenorizado deste tema, consulte-se, por exemplo, Elémire Zolla, *The Androgyne — Reconciliation of the Male and Female*. New York: The Crossroad Publishing Company, 1981.

É como se na origem de uma nação estivesse sempre o milagre, o que aliás era a ideologia oficial do tempo em que D. João I foi feito rei, como já se viu anteriormente, em contexto semelhante.

Não nos esqueçamos que, sendo ele filho bastardo, um dos argumentos aduzidos pelos juristas-teólogos, para dele fazerem rei de Portugal, foi o Milagre de Ourique, segundo o qual Deus teria escolhido Portugal para dele fazer uma nação privilegiada, através dos séculos:

Naquela noite em que Cristo por sua própria Pessoa fundou o Reino de Portugal, aparecendo e falando ao primeiro rei, disse: *Ego aedificator et dissipator regnorum atque imperiorum sum. Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteris nationes*: «Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos impérios, e quero em ti e em teus descendentes fundar um império para mim, pelo qual o meu nome seja levado às nações estrangeiras.»⁵⁸

«O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.»

Corolário dos dois versos precedentes, estes dois enfatizam a verdadeira natureza do homem, enquanto ser dotado de corpo e alma, a qual será novamente explicitada na primeira poesia sobre D. Sebastião: «Cadáver adiado que procria.» Veremos que, por sinal, são a tradução livre daquelas palavras que o Senhor Deus pronunciou por ocasião do castigo imposto a Adão e Eva, e neles, à sua descendência, por terem comido do fruto proibido: «Tu és pó e em pó te hás-de tomar» (Gn 4, 19), palavras que a Igreja incorporou na liturgia da Quarta-Feira de Cinzas.

«Mestre, sem o saber, do Templo
Que Portugal foi feito ser,
Que houveste a gloria e deste o exemplo
De o defender.»

Como acontece com outras poesias, também nesta temos o sentido patente e o sentido latente. O patente é a reprodução da história de Portugal. D. João I, filho ilegítimo do rei D. Pedro e de uma dama galega, D. Teresa Lourenço, foi feito, aos seis anos, Mestre da Ordem Militar de Avis, uma das quatro ordens militares de Portugal, juntamente com a de Cristo, Santiago, e Hospital, e mais tarde, a seguir à morte do rei D. Fernando, seu meio-irmão, foi feito Regedor e Defensor do reino. E, num daqueles saltos qualificativos e metafóricos que o poeta faz com frequência, o referente histórico metamorfoseia-se em referente místico, simbólico: a Ordem de Avis transforma-se em Portugal e o Mestre de Avis em Mestre do Templo que

⁵⁸ Padre António Vieira, *História do futuro*. Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade — Vol. VIII (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1953), 112-113.

Portugal foi. E, como consequência lógica do que foi dito na primeira estância, esse mestrado místico assumiu-o D. João I «sem o saber.»⁵⁹ Era o mero instrumento nas mãos de Deus, de que se falou atrás, no comentário ao poema sobre o Conde D. Henrique. É o sentido latente destes versos.

Com o último rei da primeira dinastia, Portugal passa a ser, de direito e de facto, um espaço sagrado, um templo, onde habita, portanto, a divindade, e onde se encontra o elemento espiritual da nação.⁶⁰

«Teu nome, eleito em sua fama,
É, na ara da nossa alma interna,
A que repelle, eterna chamma,
A sombra eterna.»

Em recordação e compensação do muito que fez por e amou Portugal, deu a história a D. João I o cognome de rei «da boa memória.» É o sentido patente, literal, da terceira estância.

Quanto ao sentido latente ou simbólico, deduz-se, dessa admirável sucessão de metáforas, que a mera evocação do nome de D. João I, um pouco à guisa daquele nome de Cristo, cuja simples menção realiza portentos, como proclama S. Paulo (Fil 2, 90), basta para preservar em vida a realidade transcendente e querida por Deus, que é Portugal. Esse nome é a «eterna chamma» que repele «a sombra eterna» (repare-se no encanto do quiasmo). Sendo chamma símbolo da vida e sombra símbolo da morte, a simples evocação do nome de D. João I é a afirmação da

⁵⁹ Como já foi dito, as iniciações antigas realizavam-se obrigatoriamente nos templos. O candidato acedia aos Mistérios em estado inconsciente, isto é, «sem o saber», como D. João I.

⁶⁰ Sobre o significado do templo em Fernando Pessoa, veja-se Leland Robert Guyer, *Spatial Imagery of Enclosure in the Poetry of Fernando Pessoa* (tese de doutoramento policopiada, apresentada à Universidade da Califórnia em Santa Barbara e defendida em Julho de 1979).

Na segunda estância, o poeta apresenta Portugal como um templo. Segundo a Bíblia, temos dois templos: o de Salomão, no Velho Testamento, e o de Cristo, no Novo Testamento. O Templo de Salomão era o lugar onde Deus era adorado e onde se revelava na terra. O Templo do Novo Testamento, feito de «pedras vivas», é o coração dos homens em que habita Cristo. Deus rasgou o véu do templo e estabeleceu a sua morada nos homens. Segundo o poeta, Portugal foi transformado no Templo de Deus para realizar a Sua missão divina sobre a terra. D. João I foi chamado e escolhido por Deus para levar Portugal a repelir a sombra e a dar o exemplo. Corrobora esta asserção o facto de a expansão ultramarina ter tido início no reinado de D. João I, com a tomada de Ceuta em 1415. Foi a primeira vitória da «eterna chamma» sobre a «sombra eterna», no contexto da *Mensagem*.

imortalidade de Portugal. É a magia do nome e a magia da voz que abre em flor na poesia dedicada a D. Dinis — o protótipo, na **Mensagem**, do mago do verbo criador — e explode em fruto sazonado na poesia em honra de D. João I.⁶¹

⁶¹ «A number was a very different thing from a *figure*. Just as in ancient times, and, above all, in Egypt, the *name* had a magic power, and ceremonial words from an irresistible incantation, so here the number possesses an active force, the number is a symbol, and its properties are sacred attributes» (Franz Cumont, *Astrology and Religion among the Greeks and Romans* [New York, 1912], pp. 29-30).

Sobre a magia do nome, ou melhor, sobre o poder mágico do nome, veja-se D. Francisco Manuel de Melo, *Tratado da Ciência Cabala* (Lisboa: Editorial Estampa, 1972). pp. 89-97. Repare-se no título do capítulo XVI: «Da eficacia dos nomes em modo especial.» «Sabe sobretudo o que diz S. Paulo do Santíssimo e Poderosíssimo nome de JESUS (ad Rom. Epist.) a cujo suavíssimo eco o Inferno, a Terra e o Céu se humilham» (p. 93).

SEPTIMO (II)

D. PHILIPPA DE LENCASTRE

26-09-1928

QUE ENIGMA havia em teu seio
Que só genios concebia?
Que archanjo teus sonhos veio
Vellar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto serio,
Princeza do Santo Gral,
Humano ventre do Imperio,
Madrinha de Portugal!

Passemos agora à análise da segunda parte do sétimo poema do campo dos castelos. É o poema dedicado a D. Filipa de Lencastre, esposa de D. João I, fundador da segunda dinastia.

Ao numerar o poema sobre D. João I «Séptimo (I)» e o poema sobre D. Filipa de Lencastre «Séptimo (II)», o poeta está a atribuir a um momento epifânico da história de Portugal um carácter androgénico. Como já foi dito, D. João I seria o **animus** da nação e D. Filipa de Lencastre, a **anima**.

O poema, composto por duas estrofes, de quatro versos cada uma, em rima cruzada e em versos de redondilha maior, divide-se em duas partes. Na primeira, o poeta faz uma pergunta, que podemos considerar de retórica. Na segunda parte, constituída pela segunda estância, faz uma invocação. Numa e outra parte, o poeta fala directamente com D. Filipa de Lencastre, à maneira de prece, em paralelismo perfeito com o que fizera em relação a D. Tareja.

«Que enigma havia em teu seio
Que só génios comcebia?»

Um rápido relancear de olhos à «ínculta geração, altos infantes», que Camões celebra em **Os Lusíadas** (IV, L), é quanto basta, como referente histórico, para justificar a pergunta retórica da **Mensagem**. Se por génio entendermos o homem que, pelos seus raros dotes intelectuais e morais e pelo uso que deles faz, se eleva muito acima e para além dos outros homens, passando a fazer parte do grupo selecto dos iniciados feitos heróis e semi-deuses, que Deus ou os deuses transformam em protectores e guias da humanidade e medianeiros entre o homem e a divindade, fácil nos é concluir que o Rei D. Duarte, o Regente D. Pedro, o Infante D. Henrique e o Infante D. Fernando foram génios de verdade, como oportunamente se verá, dado que, na **Mensagem**, quatro dos cinco mártires de Portugal são filhos de D. Filipa de Lencastre. «

«Que archanjo teus sonhos veio
Vellar, maternos, um dia?»

Numa clara alusão ao mistério da concepção de Jesus no seio virginal de Maria, por obra e graça do Espírito Santo (Lc 1, 26-35), o poeta aproxima ousadamente D. Filipa de Lencastre de Nossa Senhora e a concepção dos seus filhos da concepção do filho de Maria. Porém, o que em S. Lucas, o evangelista por excelência da concepção, nascimento e infância de Jesus, está narrado com uma rara abundância de pormenores, está em Pessoa referido de uma forma altamente

⁶² Para o processo de promoção a génios e a «santos» muito terá contribuído Oliveira Martins, com **Os Filhos de D. João I**, cuja influência em Fernando Pessoa não pode ser posta de parte.

epigramática e elíptica, em dois versos visivelmente gongóricos, pela violência do hipérbaton. Aliás, é essa a função da alusão erudita na pena de um poeta maior, como o é Fernando Pessoa: um sinal a apontar para uma realidade análoga. E o sinal mais palpável no poema da **Mensagem** é a palavra «archanjo».

Aproximando-se os génios mais dos deuses que dos homens, ⁶³ forçoso era que esses génios viessem ao mundo por obra e graça de Deus, explicando-se assim que também D. Filipa de Lencastre tivesse, como a Virgem de Nazaré, o seu anjo da anunciação. ⁶⁴

«Volve a nós teu rosto serio,
Princeza do Santo Gral,
Humano ventre do Imperio,
Madrinha de Portugal.»

Primeiro, os referentes lendários e históricos. Ao chamar a D. Filipa de Lencastre «Princeza do Santo Gral», está o poeta a acenar para três realidades: a primeira de carácter histórico, a segunda de carácter lendário, e a terceira de carácter profético.

Histórico, porque D. Filipa de Lencastre, filha de D. João de Gaunt, Duque de Lencastre, era da Inglaterra; lendário, porque da Inglaterra eram o lendário Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, cuja missão principal consistiu na demanda do Santo Graal; ⁶⁵ profético, porque, na sua qualidade de mãe do herói que, na economia da **Mensagem**, ideou emblematicamente a demanda do Preste João das Indias, réplica do rei que, na **Demanda do Santo Graal**, é o guardião do cálice sagrado, D. Filipa de Lencastre está indirectamente na origem dessa empresa espiritual.

D. Filipa de Lencastre é «humano ventre do imperio», porque foram os seus filhos que, com a conquista de Ceuta, em 1415, ano da sua morte, deram oficialmente início à expansão ultramarina, e porque foi o seu filho D. Henrique que presidiu oficialmente à formação do império marítimo português.

⁶³ Segundo a mitologia, génio era a divindade que presidia ao destino dos homens.

⁶⁴ Da santidade de D. Filipa de Lencastre fala, por exemplo, o seu neto, o Condestável D. Pedro, ao chorar a morte de seu pai, «fijo de aquella *santa* (sublinhado nosso) reyna inglesa que tanto plugo al señor, que claros milagros se recuentan della...» (*Tragedia de la Insigne Reina Dona Isabel*, apud *Obras Completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*. Introdução e Edição Diplomática de Luís Adão da Fonseca [Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975], p. 311).

⁶⁵ A existência ou não existência histórica de um rei bretão, chamado Artur, que no século VI da era cristã chefiou a resistência dos bretões contra a invasão dos saxões não tem qualquer relevância no contexto da leitura que nos propomos fazer.

E foi «Madrinha de Portugal» porque, no sentir do poeta, mesmo depois de morta, D. Filipa de Lencastre continua a velar pela nação de que foi rainha exemplar e paradigmática.

A fim de tornar ainda mais explícito o papel desempenhado na **Mensagem** por D. Filipa de Lencastre — o de N. Senhora, de que é figura, como se viu —, o poeta estrutura a segunda estância em forma de litania ou ladainha, sendo o primeiro verso a petição do coro e os três versos restantes a tríplice invocação do «corifeu», subentendendo-se a petição depois de cada invocação:

(«Corifeu»)

(Coro)

Princesa do Santo Gral
Humano ventre do imperio
Madrinha de Portugal

— Volve a nós teu rosto serio,
— (Volve a nós teu rosto sério)
— (Volve a nós teu rosto serio)
— (Volve a nós teu rosto sério).⁶⁶

⁶⁶ As invocações da ladainha de N. Senhora que mais se aproximam das do poema parecem ser as seguintes:

(«Corifeu»)

(Coro)

Mãe da divina graça
Mãe de Cristo
Santa Mãe de Deus

— Rogai por nós
— Rogai por nós
— Rogai por nós
— Rogai por nós.

III

AS QUINAS

Leuando consigo a bandeyra reall
que nunca vençida se pode dizer,
pois he inuencível aquele sinall
tomado das chagas que quis padeçer
o Sumo Bem nosso com muytos marteiros,
porque saluasse o mundo perdido,
tambem senefica os trinta dinheyros
per cujo preço foy Cristo vendido.

De Luys Anriquez ao Duque de Bragança,
quando tomou Azamor, em que conta como
foy (Cancioneiro Geral).

Como a tradição oral e escrita o prova, as quinas do brasão de Portugal representam as cinco chagas de Cristo: as das mãos, as dos pés, e a do lado:

Vai tratando o Bandarra das armas de Portugal e chagas de Cristo, e depois deas antepor às armas de todos os reinos, diz assim no *Sonho primeiro* (...) *O Rei Santo varão*, a quem foram dadas as insígnias da paixão de Cristo por armas, em memória da vitória, foi El-rei D. Afonso Henriques (...). De sorte que El-rei D. João, que foi o segundo como fundador do Reino de Portugal, restaurando-o depois de perdido, e que sucedeu a El-rei D. Afonso Henriques na possessão do Reino e do brasão das chagas de Cristo, esse mesmo Rei, e não outro, será o que levará essas insígnias da paixão de Cristo por cimeira do seu elmo.⁶⁷

⁶⁷ Padre António Vieira, *Esperanças de Portugal. Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida de El-Rei D. João IV*; escritas por Gonçalo Eanes... apud *Obras completas* — Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952), vol. VI, pp. 39-40.

Veja-se também Padre António Vieira, *Defesa do livro intitulado «Quinto Império...»* (Ib.), Vol. VI, pp. 101 e 130; e *Epítome de las historias portuguesas*, primer y segundo tomos. Madrid, por Francisco Martínez, 1628.

Assim como aos sete castelos do escudo fez o poeta corresponder sete figuras da mitologia, pré-história e história de Portugal (os sete fundadores do reino), assim também às cinco quinas fez corresponder cinco figuras da história do Portugal: os cinco mártires da pátria, todos pertencentes à Dinastia de Avis, a única dinastia portuguesa que celebra no próprio nome uma ordem de cavaleiros de Cristo: quatro irmãos e um parente longínquo.

Note-se a maneira como estão distribuídos os mártires. Temos primeiro um rei: D. Duarte; segundo, um infante: D. Fernando; terceiro, um regente: D. Pedro; quarto, um infante: D. João; quinto, um rei: D. Sebastião. Quer dizer: dois reis nos extremos; um regente no meio; e dois infantes entre os reis e o regente.

Com excepção do Regente D. Pedro, que é a chaga do lado, todos os outros mártires sofreram e morreram, directa ou indirectamente, vítimas da guerra santa ou da luta plurissecular pelo triunfo do Cristianismo contra o Maometismo, no Norte da Africa. Era a prova mais eloquente do martírio como testemunha de Cristo, o que é a verdadeira natureza do martírio, de acordo com a doutrina da Igreja.

Algo de peculiar nesta III secção da Primeira Parte da **Mensagem** é o subtítulo que o poeta dá a cada um dos poemas. É como se quisesse acentuar bem o homem e a sua missão, a metafísica e a ética, o ser e o dever, logo na designação do poema.

Outro aspecto curioso a notar já de início é que todos os poemas estão na primeira pessoa. São, como se verá, monólogos ético-metafísicos de cinco mártires pensantes. E são também auto-epitáfios, como claramente se deduz do uso do pretérito perfeito nos segmentos narrativos do discurso.

Quanto à associação dos besantes das quinas com os trinta dinheiros por que Judas vendeu Cristo, veja-se, por exemplo, Duarte Nunes de Leão: «La dividió en cinco escudos, los cuales sembró de dineros de plata, en memoria también de aquéllos por que fue vendido nuestro Redemptor» (*Genealogía verdadera de los reyes de Portugal con sus elogios y sumario de sus vidas*. Lisboa, por António Alvarez, 1590).

Ouçamos também o Bandarra:

Portugal tem a bandeira
Com cinco Quinas no meio,
E segundo vejo, e creio,
Este é a cabeceira,
E porá sua cimeira,
Que em Calvário lhe foi dada,
E será Rei de manada
Que vem de longa carreira.

(«Profecias» do Bandarra — Sapateiro de Trancoso — Apresentação de António Carlos Carvalho [Lisboa: Editorial Vega, s.d.], p. 56).

Quanto ao ritmo, não podia deixar de ser heróico em todos os poemas, uma vez que é constituído, quase na totalidade, por versos decassilábicos e hexassilábicos. Mais: com excepção do primeiro poema, que é formado só por versos de dez sílabas, com esquema estrófico próprio da elegia clássica, e do último, que contém versos de dez, oito e seis sílabas, todos os poemas são autênticas odes horácianas, na sua configuração externa.

Em conclusão: houve, por parte do poeta, uma grande preocupação em imprimir aos poemas que constituem esta secção uma disposição harmónica e uma estrutura externa consentânea com o significado das partes entre si e com o todo.

Feitas estas considerações preliminares, vamos agora analisar brevemente os poemas dedicados a cada um dos cinco mártires de Portugal, segundo a **Mensagem** (evangelho) de Fernando Pessoa. ⁶⁸

⁶⁸ Não sendo nosso propósito entrar em pormenor no campo da bibliografia sobre o Milagre de Ourique, como já foi dito, não resistimos, porém, a transcrever as palavras de Cristo a D. Afonso Henriques, segundo Tirso de Molina:

Las armas que a Lusitania
otorga mi amor propicio,
en cinco escudos celestes
han de ser mis llagas cinco;
en forma de cruz se pongan,
y con ellas, en distinto
campo, los treinta dineros
con que el pueblo fementido
me compró al avaro ingrato,
que después, en otro siglo,
tu escudo con el Algarbe
se orlará con sus castillos

(Las Quinas de Portugal, in Obras do Tirso de Molina, V [Madrid: BAE, t.CCXXXIX, 1971], pp. 439-481).

PRIMEIRA

D. DUARTE ⁶⁹

REI DE PORTUGAL

26-09-1928

MEU DEVER fez-me, como Deus ao mundo.
A regra de ser Rei almou meu ser,
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumprí contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumprí.

⁶⁹ Ed. de 1934: D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Como a vida e o reinado do rei que retrata foram curtos, curto é também o poema que o poeta dedica a D. Duarte (1391-1438): seis versos decassilábicos, distribuídos por dois tercetos, com rima em aba cbc. Seis versos e sete orações, em que a concisão é obtida principalmente por meio da zeugma verbal, no primeiro e último versos.

«Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.»

D. Duarte começa por traduzir o seu destino em termos de uma proporção aritmética. Deus está para o mundo como o dever está para ele. O mundo existiu porque Deus assim o quis, porque Deus proferiu a palavra criadora: *Fiat* (Faça-se): D. Duarte foi rei porque o dever assim o quis. Não dependeu dele ser ou não ser rei. Como filho mais velho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, a questão foi resolvida, independentemente dele, pelo princípio do direito de primogenitura, consagrado na constituição monárquica portuguesa.

«A regra de ser Rei almou meu ser,»

Em D. Duarte houve uma união hipostática entre o homem e o rei, entre o ser e a sua função. Por isso pode ele proclamar: «A regra de ser Rei almou meu ser.» O homem é a matéria; o rei é a forma, conceito que o verbo «almar» tão bem expressa.

Do ponto de vista esotérico e reencarnacionista, podemos ver aqui uma alusão ao significado essencial da encarnação do espírito na matéria: o que anima D. Duarte é a regra de ser Deus, «ser Rei.» A experiência adquirida no sofrimento e na limitação do corpo material, na Terra, tem como função única a consciência da entidade humana destinada a ser Deus.

«Em dia e letra escrupuloso e fundo.»

Com estas palavras cremos que D. Duarte quererá dizer que foi sempre constante e fiel («escrupuloso») e intenso («fundo»), através da sua curta vida («dia»), no cumprimento do seu dever, de que o seu **Leal Conselheiro** («letra») é a prova metonímica.

«Firme em minha tristeza, tal vivi.»

Esclareça-se, antes de mais nada, que o inconsciente no Conde D. Henrique se tornou consciente em D. Duarte. O adjectivo «firme» aponta mais uma vez para o espírito do dever que norteou a vida de D. Duarte, que «almou» o seu ser. A «tristeza» a que se refere ressalta com frequência das páginas do **Leal Conselheiro**. Foi a sua inclinação inata para a melancolia, magistralmente descrita numa das páginas mais pungentes da obra referida: «Da maneira que fui docente do humor

merencório...». ⁷⁰ Foram os seus estados de depressão, como se diria hoje, que resultaram em parte da sua constituição física e em parte do choque sofrido pela prisão e consequente morte em Fez de seu irmão, o Infante D. Fernando.

«Cumprir contra o Destino o meu dever.»

Mártir do dever poderíamos chamar ao rei D. Duarte. Descendente longínquo, mas directo, do Imperador Marco Aurélio, D. Duarte é a figura prototípica do filósofo e governante estóico na história de Portugal.

Na peugada de Sócrates, de Séneca e de outros filósofos estóicos, D. Duarte, no capítulo das relações do homem para consigo mesmo, para com os outros e para com a divindade, valoriza mais a prática que a teoria, a ética que a ontologia. Ao proclamar que foi o que fez, D. Duarte está a fazer um acto de fé, em certo sentido, numa espécie de filosofia existencialista, fazendo preceder a essência da existência, ao contrário do que defendia a filosofia de tradição aristotélica.

«Inútilmente? Não, porque o cumpro.»

O que o mesmo é dizer que a consciência de haver cumprido o dever é já por si mesma uma recompensa, independentemente de quaisquer benefícios ou recompensas ulteriores. É a moral no seu estado mais puro.

Para concluir, queríamos chamar a atenção para a maneira como D. Duarte se define poeticamente como mártir estóico, num poema aparentemente prosaico. Ao repetir, numa poesia de apenas seis versos, o sintagma nominal «meu dever» duas vezes e o verbo «cumpro» outras duas, e ao colocar esses elementos do discurso em posições-chave, o filósofo automaticamente privilegia a acção conscientemente penosa, mas livre. E dele, só dele, como claramente ressalta da presença de quatro adjectivos possessivos no reduzido espaço poético de seis versos: «meu dever», duas vezes; «meu ser»; «minha tristeza», estando o seu ser e a sua tristeza aprisionados entre as malhas férreas do seu dever. Mas o artifício poético não acaba aqui. Juntem-se as duas palavras com que começa o primeiro verso à palavra com que termina o último e repare-se no resultado: «Meu dever [...] cumpro.» É a arte consumada de poetar — ou de fingir — no sentido etimológico de cada um destes dois termos.

⁷⁰ D. Duarte, *Leal Conselheiro* — Actualização ortográfica e notas de João Morais Barbosa (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1982), pp. 100-107.

SEGUNDA

D. FERNANDO ⁷¹

INFANTE DE PORTUGAL

21-07-1913

DEU-ME DEUS o seu gladio, por que faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

⁷¹ Ed. de 1934: D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Eis-nos perante o poema mais longo desta secção. O mais longo, o de maior complexidade estética e possivelmente o mais belo. Consta de quinze versos, distribuídos por três quintilhas, símbolos, respectivamente, da Santíssima Trindade e da Cruz, com rima interpolada e emparelhada: abaab. O primeiro, terceiro e quarto versos são decassilábicos e o segundo e o quinto são hexassilábicos. Ritmo heróico, portanto (é uma ode clássica, como se disse), apropriado ao tema: a ânsia de aventura bélico-missionária, por parte de um cavaleiro de Cristo de sangue real: o Infante D. Fernando (1402-1443). Do altar a que o martírio o alcandorou, o Infante Santo fala também connosco.

«Deu-me Deus o seu gladio por que faça
A sua santa guerra.»⁷²

Tal como seu irmão D. Duarte, também D. Fernando foi moldado, feito, por Deus, na medida em que dele recebeu uma missão divina: a de cavaleiro da cruz. E como se fez para com Duarte, também para com D. Fernando poderemos estabelecer uma proporção aritmética, estando a cruz para Cristo como a espada para D. Fernando. Com a cruz teve que carregar Cristo; com o gládio teve que carregar D. Fernando. Um e outro por imposição de Deus. Um e outro fadados por Deus para serem imolados como vítimas inocentes por uma vontade mais alta. Cristo arrostou com a Cruz para redimir a humanidade; D. Fernando arrostou com a espada, símbolo da cruz, a começar pela própria forma, para colaborar com Cristo nessa redenção: «Efectivamente, nós somos cooperadores de Deus» (Cor 3, 9). O Infante D. Fernando é na epopeia e, nela, na história de Portugal, o protótipo do cavaleiro de Cristo, o que é mais um exemplo do carácter emblemático e tipológico que o poeta empresta aos figurantes da *Mensagem*: «É este mundo um teatro; os homens as figuras que nele representam, e a história verdadeira de seus sucessos uma comédia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas ideias de sua Providência.»⁷³

A «santa guerra» do poema é uma clara alusão à guerra feita contra os mouros, assim classificada pela Igreja e pelo Estado para sua justificação.

«Sagrou-me seu em honra e em desgraça.»

Ser cavaleiro de Cristo é uma honra, pois, constituindo as ordens de cavalaria um estado de perfeição, só nele era iniciado quem fosse chamado por Deus. É essa

⁷² Tal como se observou no poema dedicado a Viriato, também aqui se chama a atenção para o facto de o «por que» do primeiro verso do poema ser uma conjunção final e não uma conjunção causal, pelo que se deverá escrever separado: por que.

⁷³ Padre António Vieira, *História do futuro*, apud António Vieira, *Obras escolhidas* — Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952), Vol. VIII, p. 149.

a natureza da vocação para a vida religiosa. Mas, tendo-o sagrado para o honrar, sagrou-o também para o vilipendiar, o que é mais uma afirmação de que o Infante D. Fernando é uma autêntica figura de Cristo, na medida em que morreu em opróbrio por Ele e como Ele. Sendo filho de reis, viveu e morreu em Fez como um escravo, segundo os seus biógrafos.⁷⁴ Pode dizer-se que teve a morte de Cristo, o Qual, ao ser condenado a morrer na cruz, no contexto da lei romana, morreu da morte dos escravos, em "desgraça", portanto, tal como os profetas predisseram, os evangelistas narraram e S. Paulo interpretou. Será este o sentido da afirmação antitética de D. Fernando, protótipo do «miles christianus» da Mensagem? Queremos crer que sim.

«As horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.»

Como o políptoto tão bem indica, o momento solene da investidura na ordem de cavalaria foi também para o Infante D. Fernando um momento de mau agouro, aquele em que «um frio vento passa/Por sobre a fria terra.»

«Poz-me as mãos sobre os hombros o doirou-me
A fronte com o olhar.»

Começando por ler estes versos à luz do seu sentido patente, vemos que se trata da reprodução fiel de uma das fases do ritual utilizado por ocasião da investidura de alguém numa ordem de cavalaria. De acordo com a doutrina da Igreja, inerente a este sacramental, como a todos os outros, havia a infusão de uma graça especial: a graça de ser cavaleiro ou a graça de estado, que no poema está representada pelo ouro («doirou-me»).⁷⁵

Note-se como o poeta põe em evidência as atribuições de cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade, no acto de investir o Infante D. Fernando na ordem de cavalaria. O Pai Criador fê-lo cavaleiro, dando-lhe a espada; o Filho Redentor fê-lo colaborador na sua obra de salvação, sagrando-o «seu em honra e em desgraça»; e o Espírito Santo Santificador conferiu-lhe a graça necessária para

⁷⁴ Como se sabe, de acordo com a lei, em Roma só podia ser condenado à morte na cruz quem tivesse o estatuto de escravo. Os cidadãos romanos, enquanto tais, não podiam ser condenados à morte e não podiam ser crucificados. Primeiro tinham que ser privados dos seus direitos de cidadãos.

⁷⁵ O ouro, o mais nobre dos metais, universalmente identificado com o sol e com o fogo, é símbolo da caridade cristã, a rainha das virtudes.

poder desempenhar a sua missão, pondo-lhe «as mãos sobre os ombros», e doirando-lhe «a fronte com o olhar.»

«E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.»

Armado cavaleiro por Deus, a Ele se propõe servir com zelo inquebrantável, indefectível, levando a graça da sua redenção àqueles que a não conhecem, e desempenhando assim a missão fundamental de cavaleiro de Cristo. E foi essa «febre de Além» e essa fome de «grandeza» que levaram o Infante Santo emblematicamente às plagas africanas, em serviço do seu Senhor: Deus e não um homem.

O termo «Além», com letra maiúscula, parece ser ambivalente. Tomado em sentido literal, seria o novo espaço geográfico do mundo português a projectar-se para além do velho território nacional na Península Ibérica; tomado em sentido metafórico, este «Além» seria o paraíso por que todas as almas possuídas de Deus e a Ele votadas ardentemente suspiram. Eis-nos novamente perante uma alusão à iniciação aos mistérios, à união do eu inferior (matéria) e do eu superior (a consciência crística).

«E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.»

Levantada ao alto, a espada, símbolo da cruz de Cristo, como já foi dito, irradia a luz da graça, idêntica àquela que Deus lhe imprimiu na fronte, como declarara nos dois primeiros versos da segunda estância. Sereno, «face calma», o cavaleiro caminha de rosto erguido para a sua missão.

«Chelo de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.»

«Cheio de Deus», o cavaleiro nada teme. Não é ele que luta: é Cristo que luta nele. É o grito místico de S. Paulo: «Vivo ego? Jam non ego. Vivit vero in me Christus» (Gal 1,20) («Vivo eu? Já não sou eu quem vive. É Cristo que vive em mim»). É o grito de exclamação dos místicos e de todos aqueles que viam nas cruzadas o supremo serviço do Senhor e o caminho mais seguro, por parte do homem, para alcançar o máximo de glória no céu.

A sede de aventura e a «febre de Além» do Infante Santo estão admiravelmente reproduzidas pela sucessão de encavalamentos do poema: nada menos que seis, simetricamente distribuídos: dois em cada estância, do primeiro verso para o segundo e do quarto para o quinto.

Por outro lado, essa ânsia ardente de aventura bélico-missionária do cavaleiro que melhor internaliza na alma o espaço histórico sagrado de Portugal ressalta também de outros recursos estilísticos: a anáfora da segunda estância — «Esta febre...», «Este querer...»; os polissíndetos da segunda estância e da terceira; a primazia do predicado sobre o sujeito, como se pode ver, por exemplo, nos dois primeiros versos das duas primeiras estâncias; a insistência no gládio sagrado, como símbolo da acção evangélica; a omni-presença da luz, como símbolo da graça do Senhor.

D. PEDRO ⁷⁶

REGENTE DE PORTUGAL

15-02-1934

CLARO EM PENSAR, e claro no sentir,
E claro no querer; ⁷⁷
Indifferente ao que ha em conseguir
Que seja só obter;
Duplice dono, sem me dividir,
De dever e de ser —

Não me podia a Sorte dar guarida
Por não ser eu dos seus. ⁷⁸
Assim vivi, assim morri, a vida,
Calmo sob mudos céus,
Fiel à palavra dada e à idéa tida. ⁷⁹
Tudo mais é com Deus!

⁷⁶ Ed. de 1934: D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL

⁷⁷ Ed. de 1934:E

⁷⁸ Ed. de 1934: Por eu não ser dos seus.

⁷⁹ Edição Aguilar: idéia.

Constituída por duas sextilhas em que se alternam, respectivamente, versos decassilábicos e versos hexassilábicos, em rima cruzada — ababab —, esta poesia, monologal, como todas as desta III secção da Primeira Parte, tem também, como as outras quatro, um ritmo heróico, o que se harmoniza com a vida de um príncipe e homem de estado («Regente») que morreu lutando por uma causa nobre. E tratando-se da suma autobiográfica de um guerreiro e filósofo estóico,⁸⁰ forçosamente tinha de predominar no poema o verbo sobre o substantivo, a acção sobre a especulação: há doze verbos contra nove substantivos, mais três verbos substantivados.

A chaga do lado das Quinas de Portugal é D. Pedro (1391-1449), Regente do Reino. Fica entre dois reis e dois infantes, como se disse. Tem um título diferente do de todos eles.

A razão de ter sido uma das cinco figuras da história de Portugal escolhida pelo poeta para mártir da pátria deve-se, sobretudo, à natureza da sua morte. Falsamente acusado de conspiração contra seu sobrinho e rei de Portugal, D. Afonso V (1432-1481), D. Pedro morre na batalha do Alfarrobeira, defendendo a sua honra e a honra de Portugal, e proclamando a sua inocência, morrendo com ele o último autêntico cavaleiro de Portugal.

«Claro em pensar, e claro no sentir,
E claro no querer.»

O poema abre em clave de sol, com um tríplice toque de clarim: o «claro» anafórico a qualificar três verbos substantivados, que traduzem outras tantas faculdades da alma: a razão, o sentimento e a vontade, em que D. Pedro sobressaiu, dando de todas elas provas ao mais alto nível, como escritor filósofo da escola estóica de Séneca e de Marco Aurélio, como «Cavaleiro das Sete Partidas», e como Regente do Reino, durante a menoridade de seu sobrinho, o filho herdeiro de D. Duarte e futuro D. Afonso V de Portugal.

O Regente D. Pedro é «aquele que passando la grande Bretaña y las galicas y germanicas regiones a las de Ungria, de Boemia y de Rosia partes pervino, guerreando contra los exercitos del grand Turco por tiempos estuvo, e retornando por la maravillosa çibdat de Veneçia, venido a las ytalicas o esperias provinçias, escodriño e vido las insignes e magnificas cosas, e llegando a la çibdat de Quirino tañio las sacras reliquias, reportando honor e grandissima gloria de todos los principes e reynos que vido».⁸¹

⁸⁰ Não nos esqueçamos que D. Pedro é o autor da *Virtuosa Benfeitoria*, enxertada, fundamentalmente, no *De Officiis* de Cícero.

⁸¹ Condestável D. Pedro, *Tragedia de la Insigne Reina Dona Isabel*, apud *Obras Completas*. Introdução e Edição Diplomática de Luís Adão da Fonseca (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975), p. 312.

«Indifferente ao que ha em conseguir
Que seja só obter.»

Por outras palavras, como os bons filósofos estóicos, o que foi e o que veio a ter foi fruto do seu pensar, do seu sentir e do seu querer. Nasceu infante e nada precisava de fazer para ter esse título. Mas, muito estóicamente, quis merecê-lo e, para isso, lutou e morreu mártir.

«Duplice dono, sem me dividir,
Do dever e do ser —

Em termos filosóficos, temos aqui, de mãos dadas, a ontologia e a ética, que eram, aliás, os dois ramos da filosofia que os estóicos tinham mais a peito.⁸² O carácter especulativo subordina-se ao carácter prático. A razão de ser da filosofia, para um estóico, é, acima de tudo, a elevação espiritual do homem, o aperfeiçoamento do carácter, de maneira a aceitar, com a mesma equanimidade, a alegria e a dor. De modo que nestes dois versos se resume o ideal de vida de um genuíno filósofo estóico: a fidelidade à essência — «ser» — e à existência — «dever.» O Regente D. Pedro foi o que era e o que devia ser, foi o infante que nasceu para ser e o regente que a consciência lhe impôs que fosse.

«Não me podia a Sorte dar guarida
Por não ser eu dos seus.»

A Sorte, personificada aqui, é uma divindade ciosa e caprichosa: adopta uns e deixa entregues ao seu destino outros. O Regente D. Pedro pertenceu ao segundo grupo. Sofrer e ser incompreendido foi o seu destino neste mundo.

«Assim vivi, assim morri, a vida,
Calmo sob mudos céus,
Fiel à palavra dada e à idéa tida.»

A «palavra dada» é o dever; a «idéa tida» é o ser. A uma e outra foi D. Pedro fiel, dentro daquele espírito de fidelidade a toda a prova, que é a pedra de toque dos estóicos. Nascem uns para receberem de Deus mensagens directas ou indirectas; nascem outros para abrirem o seu próprio caminho, perante a indiferença de Deus. Foi esta última a parte que coube ao Regente D. Pedro. Tudo o que foi a si mesmo

⁸² É bom ter presente que, para o estóico ortodoxo, a exemplo de Sócrates, tal como o conhecemos através dos diálogos de Platão, e do Santo Agostinho das *Confissões* e dos *Solilóquios*, a filosofia é, essencialmente, um programa de vida, a arte de bem-viver, a nível moral.

o deve. E, perante o silêncio de Deus, sereno viveu em face à fortuna adversa e à próspera fortuna, à vida e à morte.

Diante do dever, o Regente D. Pedro é o protótipo da fidelidade ao futuro mandamento do imperativo categórico kantiano, de que alguns versos da poesia são como que uma paráfrase: «uma obediência sem razão, ainda que não desrazoável, a um sentido do dever experimentado, imperativo, deixando o resultado nas mãos de Deus. E a isto sinto-me eu inclinado a chamar o Caminho.»

«Tudo mais é com Deus!»

Que será este «tudo mais»? A morte que lhe estava reservada, no campo de batalha? A vida que poderá esperá-lo para além da morte? Numa palavra, o seu futuro destino? Como Cristo agonizante no Horto das Oliveiras, também D. Pedro põe o seu destino nas mãos de Deus, dizendo com Ele: «Fiat voluntas tua» («Faça-se a vossa vontade»).

Q U A R T A

D. JOÃO, ⁸³

INFANTE DE PORTUGAL

28-03-1930

NÃO FUI alguém. Minha alma estava estreita
Entre tam grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemmente parada:

Porque é do portuguez, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.

⁸³ Ed. de 1934. D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

Filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, como os três mártires precedentes — D. Duarte, D. Fernando e D. Pedro —, o Infante D. João (1400-1442) foi muito pouco, em termos históricos, comparado com esses três irmãos e com o outro que o autor da *Mensagem* escolherá para cabeça do grifo do brasão de Portugal e para precursor do império marítimo português: o Infante D. Henrique. E neste não ser nada consistiu o seu martírio. Diz a história que, irado e despeitado por não ter sido ouvido sobre a expedição militar a Tânger, de que resultaria o cativo e futuro mártir de seu irmão D. Fernando, D. João, servindo-se dos seus recursos, como Mestre da Ordem de Santiago, chega a ir a Tânger com tropas de auxílio, com a finalidade de libertar o irmão. Não tendo obtido o êxito esperado, propõe que se troque o Infante D. Fernando por Ceuta, opinião partilhada pelo seu irmão rei, D. Duarte, mas contrariada pelo seu irmão D. Henrique.

«NÃO FUI alguém. Minha alma estava estreita
Entre tam grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemmente parada:»

Note-se, para começar, a construção alatinada: «Não fui alguém. «Não ser ninguém, como se dizia no tempo de Pessoa, e no nosso, no português normal, queria dizer em latim ser alguém. Porque não foi ninguém o Infante D. Fernando? Porque os seus irmãos («tão grandes almas minhas pares») eram demasiado grandes: eram os «genios» que o seio augusto de D. Filipa de Lencastre tinha concebido. Sua alma, «inutilmente eleita» (refere-se à chamada, à vocação, por parte de Deus, para uma ordem de cavalaria), ficou «virgemmente parada». Foi mera potência que nunca chegou a converter-se em acto.

«Porque é do portuguez, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.»

Nesta poesia repete-se um tipo de discurso retórico já nosso conhecido. Exposta a tese, na generalidade, na primeira instância, a *persona*, neste caso o Infante D. João, passa a explicitá-la na segunda.

Repare-se no significado da palavra «pai» e ter-se-á uma ideia da angústia, do sofrimento indescritível do Infante D. João. Ser pai significa, no seu sentido literal, a que o metafórico do poema nos conduz, ser genitor. Foi isso o que aconteceu em relação ao mar, uma vez que o não conhecido é como se ainda não existisse. A existência só o é em relação. Os mares só o são, só passam da potência ao acto, quando conhecidos pelos homens. Daí poder-se dizer que os portugueses é que fizeram, geraram, os mares do nada, podendo afirmar-se que Deus está para o universo, o Criador para a criatura, como o português para o mar.

Antes de prosseguir, queríamos chamar a atenção para um fenómeno curioso. Ao fazer afirmar ao Infante D. João que o português é «pai de amplos mares», o poeta está a recorrer ao que poderíamos classificar de prolepse mental, uma vez que o poeta está a privilegiar o Infante D. João com um conhecimento que só o poeta e o leitor têm. Na verdade, o descobrimento dos «amplos mares», iniciado no tempo do Infante D. João, só viria a consumir-se, com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia em 1498 e do Brasil em 1500, quase sessenta anos, portanto, após a morte do Infante D. João.

Voltando ao drama do Infante D. João, verificamos que, enquanto aos seus irmãos coube «o todo», a ele coube-lhe «o nada»; enquanto aos seus irmãos coube «o inteiro mar», a ele coube-lhe apenas «a orla vã desfeita.» E nisso consistiu, como se disse, o seu martírio.

Em termos estéticos, o poema, estruturado antiteticamente, traduz admiravelmente o drama interior do Infante D. João. Ele está entre o «não» com que abre o primeiro verso e o «nada» com que fecha o último; entre o ninguém — que ele é — do primeiro verso da primeira estância e o «português», «pai de amplos mares» — que os seus irmãos são — do primeiro verso da segunda estância; entre «O todo, ou o seu nada» com que fecha o poema. A vastidão das almas de seus irmãos contrapõe-se a estreiteza da sua. Por outras palavras, além de o poema estar, como se disse, estruturado antiteticamente — de um lado o nada que é D. João e do outro o tudo que são os seus irmãos —, está também fechado entre duas negativas, o que tão bem mostra a impossibilidade de respirar e de se libertar da prisão em que viria a morrer por asfixia: a da inanição.

Mais ainda: o tipo de vida que se não completa, qual viria a ser a do Infante D. João («virgemmente parada»), é-nos dado também pela assimetria rítmica e métrica das duas estâncias de quatro versos cada uma que compõem o poema. Enquanto na primeira os dois primeiros versos são decassilábicos e os outros dois são hexassilábicos, na segunda os versos decassilábicos e hexassilábicos alternam-se, respectivamente. E pelo que se refere à rima, peculiar aliás, na medida em que se extrapola da primeira para a segunda estância — abac bdac —, é a primeira poesia das que vimos até aqui que tem um verso branco, verso que não rima com nenhum outro, portanto, da mesma maneira que a vida do Infante D. João não rima, em grandeza, com a de seus irmãos.

QUINTA

D. SEBASTIÃO,⁸⁴

REI DE PORTUGAL

20-02-1933

LOUCO, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que ha.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver addiado que procria?

⁸⁴ Ed. de 1934: D. SEBASTIAO, REI DE PORTUGAL

Aqui temos nós, como símbolo da última chaga de Cristo do brasão de Portugal, o quinto mártir: o Rei D. Sebastião (1554-1578) e rei entre 1568 e 1578.

Mas, antes de entrarmos na leitura deste poema, convém tecer algumas considerações gerais sobre o papel desempenhado por D. Sebastião no conjunto da **Mensagem**, dado que nenhuma outra figura da mitologia, pré-história e história de Portugal é tão privilegiada pelo poeta. Na verdade, D. Sebastião aparece cinco vezes explicitamente: uma na Primeira Parte, na III secção — que é a das «Quinas» —, uma na Segunda Parte, e três na I secção da Terceira Parte — que é a dos Símbolos»; e aparece ainda duas vezes implicitamente na III secção da Terceira Parte: em «Calma» e em «Antemanhã.»

Escolhido para título da Terceira Parte, sob a designação de «O Encoberto», poder-se-ia dizer que, em certo sentido, as primeiras duas partes do poema são a preparação para a vinda de D. Sebastião, na sua qualidade de Messias de Portugal.

Na Primeira Parte, D. Sebastião entra na qualidade de rei mártir, sob o título de «D. Sebastião — Rei de Portugal», tentando a última conquista do império. Na Segunda Parte, entra na qualidade de descobridor, a bordo de «A Última nau» do império. Na Terceira Parte, figura de Cristo que é, aparece-nos, respectivamente, morto, sepultado e ressuscitado, sob os títulos sucessivamente de «D. Sebastião», «O Desejado» e «O Encoberto.»

Quanto ao tipo de discurso de cada um dos poemas, no primeiro e no terceiro fala a personagem, e no segundo, quarto e quinto fala o poeta da personagem. É como se a voz de D. Sebastião estivesse na razão inversa da distância: quanto mais próximo está de nós, maior é a distância que nos separa da sua voz.

Estruturado à volta da isotopia da loucura (o adjectivo louco com que abre o poema aparece duas vezes e o substantivo loucura aparece duas vezes também), e monólogo interior de um louco, não é de estranhar que o ritmo deste poema seja o mais complexo e variado de todos os poemas que vimos até agora. Constituído por duas quintilhas em rima cruzada e emparelhada, o poema contém versos de seis, oito e dez sílabas, assim ordenadas: 10 — 6 — 8 — 8 — 10 ; 10 — 6 — 8 — 6 — 10.

«Louco, sim, louco, porque quíz grandeza
Qual a Sorte a não dá.»

Note-se, antes de mais, o paralelismo (e a analogia) entre o Rei D. Sebastião e o Regente D. Pedro. Como este, também D. Sebastião declara que, não tendo sido um dos bafejados da Sorte, um dos seus eleitos, não podia esperar dela guarida. Por outras palavras, o homem só tem direito àquilo que a Sorte (a letra maiúscula confere à Sorte o estatuto de divindade), se digna dar-lhe. Querer mais é loucura, na definição do poema.

«Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que ha.»

D. Sebastião era dois: ele e a sua loucura. O que ficou nos areais de Alcácer-Quibir (1578) foi o «ser que houve», o seu corpo mortal, o «cadáver adiado que procria» do último verso do poema. O ser que há, o que permanece vivo através dos tempos e dos espaços histórico-místicos de Portugal, foi a sua loucura, uma vez que foi por ser louco que quis um império no Norte da África, «grandeza» que a Sorte lhe não destinava. Mas, possuído pelo ideal sublime dos loucos, não estava nele impedir que esse ideal transbordasse e se projectasse para fora e para além dele. A «certeza» ou a fé que habitava nele podia mais que ele. Era a «certeza» ou a fé dos que, nascidos sob o signo de Prometeu, vieram ao mundo para mover montanhas, para ultrapassar os limites impostos ao comum dos homens, numa palavra, para desafiar os deuses.

Se passarmos a uma interpretação esotérica, vê-se claramente que o poeta se refere à dicotomia espírito / matéria, à separação entre o Eu Superior, que tudo conhece, e cujas certezas, cujas verdades, ficaram com ele no «areal», nos planos subteis, e o eu inferior, habitante de um corpo físico e limitado. «O que há» tem a nostalgia do que foi, e para lá tende, com «loucura.»

«Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.»

Eis a herança que D. Sebastião lega ao seu povo, a Portugal: a sua loucura; o Sebastianismo. E o que ia nessa loucura era o sonho de um império sem fronteiras e sem ocaso. Pense-se no carácter sagrado das heranças (todos os testamentos começavam com uma profissão de fé na Santíssima Trindade) e far-se-á uma ideia aproximada do peso da herança que D. Sebastião deixou a Portugal.

Note-se a preocupação do poeta em privilegiar a loucura. Não só inicia a segunda estância com ela, como já iniciara a primeira com o «louco» em reduplicação, mas vai ao ponto de a sublinhar por meio de um hipérbaton.

«Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver adiado que procria?»

Eis o elogio da loucura que faz o Rei D. Sebastião. É pela loucura que o homem se salva e se distingue do animal. Por isso, a fim de poder elevar-se acima da simples condição de animal, o homem terá que abraçar a loucura. É a repetição das palavras de S. Paulo, ao falar da loucura da cruz (I Cor 1, 18 e 23). Sem essa loucura inútil é o viver. É a loucura, o sonho, o ideal, que definem o homem, que o enformam ou o «almam.»

Como o culto fanático da castidade é um lugar comum entre os biógrafos de D. Sebastião, o poeta faz dele um cátar, ao pôr-lhe nos lábios a condenação da parte animal do homem, heresia partilhada pelas seitas gnósticas, as quais consideravam

mau todo o mundo da matéria e bom todo o mundo do espírito. Aliás, o tema da sublimação da vida, da condenação da matéria e, portanto, da visão cátera da vida, já o poeta o tinha sugerido no poema dedicado ao Rei D. João I: «O mais é carne, cujo pó / A terra espreita.»

Vejamos agora como está organizado o discurso deste louco sublime, deste irmão gémeo de D. Quixote e émulo de Galaaz. Explicada na primeira estância a razão por que se considera louco e a causa da sua morte como homem e da sua permanência como herói mítico e divindade totémica, passa na segunda estância a expressar a sua última vontade e a tecer considerações metafísicas e morais sobre a natureza do ser humano, enfatizando e embelezando este último conceito com um aposto ou continuado e com uma pergunta de retórica.

IV

A COROA

As a decoration adorning a person's most noble part, it [the crown] symbolically elevates the wearer. [...]. The crown is always an expression of majesty, power, consecration, or of a solemn extraordinary status or condition.

The Herder Symbol Dictionary.

Depois de termos visto os campos, os castelos e as quinas, vamos agora considerar o quarto elemento constitutivo do brasão de Portugal: a coroa.

Tratando-se do brasão de uma nação com regime monárquico, e fadada para altos e misteriosos destinos, a coroa não só concorre para definir esse regime como também para transmitir um sentido muito especial:

El sentido afirmativo y sublimado de la corona aparece asimismo en los libros de alquimia. En *Margarita protiosa*, los seis metales son primeramente representados como esclavos, con la cabeza descubierta a los pies del oro (rey), pero después de su transmutación llevan corona en la cabeza. Esta «transmutación» es un símbolo de la evolución espiritual, cuyo hecho decisivo es la victoria del principio superior sobre los instintos. Por lo cual dice Jung que la corona radiante es el símbolo por excelencia de la más alta finalidad evolutiva: quienes triunfan sobre sí mismos logran la corona de la vida eterna.¹

Tal como procedeu, ao comunicar-nos o significado dos outros três componentes do brasão no passado, no presente e no futuro de Portugal, também para figurar a coroa recorreu o poeta a um herói da história de Portugal: Nun' Alvares Pereira ou o Santo Condestável (1360-1431).

¹ Juan-Eduardo Cirlot, *Diccionario de símbolos* (Calabria-Barcelona: Editorial Labor, 1901), pp. 146-147.

NUN'ÁLVARES PEREIRA

08-12-1928

**QUE AUREOLA te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.**

**Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Arthur te deu.**

**Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!**

O poema que descreve a coroa do brasão de Portugal, figurada por Nun' Álvares, prima pela regularidade estrófica, rítmica e rímica: tem doze versos de sete sílabas, distribuídos por três quadras em rima cruzada. A vasta série de hiatos e cacofonias, iniciada logo no primeiro verso, concorre para melhor retratar a figura máscula e austera do guerreiro e monge.

Num poema épico em que explicitamente se fala de «Símbolos», de «Avisos» e de «Tempos» — respectivamente, as três secções da Terceira Parte —, talvez se pudesse ler nos números da poesia dedicada ao Santo Condestável os doze signos do zodíaco, os sete planetas, as quatro estações, as três idades de Portugal, e a cruz de Cristo e a do «Encoberto.»

No plano do discurso, verifica-se o regresso ao colóquio, que o poeta já havia utilizado em alguns dos poemas dedicados aos representantes dos castelos do brasão de Portugal. Nas Quinas, eram os próprios mártires que falavam; aqui é o poeta que fala com o herói e santo.

Ainda no capítulo do discurso, convém chamar a atenção para a maneira como o poeta explica a coroa do brasão. Em cada uma das duas primeiras estâncias faz uma pergunta — que não é de retórica — e dá uma resposta. Processo curiosíssimo para expressar o seu deslumbramento perante o alto grau de heroísmo e santidade e de grandeza mística do Santo Condestável. E na terceira estância o poeta faz uma prece ao Santo, tecendo os seus louvores nos dois primeiros versos, numa espécie de acto propiciatório, para melhor o predispor a atender os seus rogos, seguindo assim a praxe das preces litúrgicas.

«Que auréola te cerca?»

O poeta abre com uma alusão à santidade de Nun' Alvares Pereira, pois, como é sabido, a auréola é o emblema da santidade. Aliás, não nos esqueçamos que, embora apenas beato, em termos canónicos, o povo chama a Nun' Alvares o Santo Condestável, cuja festa a Igreja em Portugal celebra no dia seis de Novembro, por decreto do Papa Bento XV, em 1918.

«É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.»

Olhe-se para as estátuas ou para os quadros de Nun' Alvares e ver-se-á sempre a espada. Símbolo do guerreiro cristão, a espada é o emblema deste guerreiro e monge, Frei Nuno de Santa Maria, nome por ele adoptado como religioso carmelita, em obediência à prática tradicional de um rito de transmutação e de passagem de um estado a outro. Histórica e simbolicamente, foi Nun' Alvares, com essa-espada de cavaleiro da milícia cristã, e, portanto, de defensor das forças da luz contra as forças das trevas, das forças do bem contra as forças do mal, que colocou na cabeça de D.

João I a coroa de Portugal, o que é mais uma razão para a propriedade do título do poema.

Sendo, por natureza, a auréola dourada, por conseguinte da cor do sol radiante, cujo culto simboliza, a espada do Santo Condestável, volteando nos ares, transforma o «azul negro e brando» dos Céus em ouro, e, como que alquimicamente, transforma-se ela própria em auréola. De maneira que, em termos alquímicos, em que alguma da poesia de Fernando Pessoa terá que ser lida para ser melhor compreendida, como já foi dito, mais que de transformação tratar-se-ia de transmutação. Lembremo-nos que, em alquimia, o ouro é igual ao sol, pelo que o sinal O os define e identifica a ambos.

Será que a espada representaria também, para o poeta, o símbolo velado da serpente e, analogicamente, da força do Kundalini que, uma vez desperta, cumpre a trajetória ascendente na coluna vertebral, activando assim os «chakras» ou centros energéticos? Assim a espada, como veículo da força espiritual, seria uma alusão ao meio iniciático de união com o Eu Superior e da respectiva luz, auréola, verdade, em que o candidato é transmutado.

«Mas que espada é esta que, ergulda,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Arthur te deu?

Não podia ser uma espada qualquer a que, volteando, se transubstanciasse em halo ou auréola. Tinha que ser uma espada mítica e sagrada — «a ungida.» E a espada por excelência era a do Rei Artur, a Excalibur, aquela com que Galaaz desencantou o Santo Graal. Dela fez o Rei Artur uma dádiva ao Santo Condestável, o cavaleiro de Portugal que mais profundamente viveu o espírito de Galaaz, e com ela fez ele a coroa do brasão de Portugal. Lembramos que, em sentido figurativo, auréola e halo significam coroa.¹

E aqui temos nós uma vez mais exemplificada a presença da herança britânica na história de Portugal, crípticamente anunciada na primeira poesia da *Mensagem*, e uma referência implícita ao Santo Graal, abertamente explicitada na poesia que celebra D. Filipa de Lencastre. Chama-se a atenção para estes factos para dizer da harmonia que preside à arquitectura da epopeia.

¹ Para corroborar a fidelidade de Fernando Pessoa nas suas sumas biográficas dos heróis de Portugal, julgamos oportuno chamar a atenção para *A vida de Nun' Alvares* e para *Os filhos de D. João I* de Oliveira Martins, e, no caso particular de Nun' Alvares, para as seguintes palavras de Rodrigues Lapa, a propósito da «influência social e literária» da assim chamada Matéria da Bretanha em Portugal:

Nos fins do século XIV houve em Portugal uma revivescência do espírito da cavalaria bretã, a que não deve ser estranha a influência inglesa que então operava

Com o «halo no céu» que a espada faz acena o poeta para o carácter sobrenatural, místico, do país fadado para ser cabeça de um império espiritual.

«Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!»

Numa oração, tal como acontece nos poemas dedicados a D. Tareja e a D. Filipa de Lencastre, o poeta implora ao Santo Condestável, metonimicamente convertido em S. Portugal, dado que, santo que foi, santo fez o país que heroicamente defendeu e libertou, implora — repetimos — que erga o facho da sua espada, rasgue as trevas que amortalam Portugal («Portugal, hoje és nevociro», diz-se no último poema da **Mensagem**), e alumie, com a sua luz de iniciado, o caminho que levará à glória do Quinto Império, quando for a «hora.» Alumiados pela luz que irradia da espada do guerreiro e monge, os portugueses caminharão direitos ao triunfo e à glória, o que é o sentido da «sperança consumada», isto é, realizada.

Ao fazer preceder a petição de duas invocações — «Sperança consumada» e «S. Portugal em ser» —, o poeta está mais uma vez a recorrer ao modelo devocional da litania, como fizera para com D. Filipa de Lencastre.

entre nós, e de que o delicioso conto dos **Doze da Inglaterra** parece ser amostra. Liam-se avidamente os feitos dos heróis da Távola Redonda. Nun' Alvares tinha duas paixões: a caça e os romances cavaleirescos. E tão forte e duradouro era sobre ele o encanto da **Demanda**, que se propôs imitar Galaaz, no valor e na justiça do seu braço e da sua virgindade.

Não pôde imitá-lo, por imposições de parentes, nessa última virtude, mas, no mais, é uma perfeitíssima reincarnação do mais puro herói da matéria da Bretanha, pois, como diz admiravelmente Fernão Lopes, «per peleja que nunca cessa, nom sem grande força e resistência subjugou de tal guisa os vícios carnaes que, cheio de fruto de grande proveito, o nom podia nenhum prasmear de mingua algua que notavel fosse (*Crónica de d. João I*, P. 1.^a, cap. 3 (*Lições de literatura portuguesa — época medieval* — 8.a edição, revista e acrescentada [Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1973, p. 250].

É importante notar mais uma vez que a presença do Santo Graal na **Mensagem** já está explicitada na poesia dedicada à «Princesa do Santo Gral», D. Filipa de Lencastre.

Note-se que em cada uma das estâncias se fala na espada luminosa erguida ao alto — a Excalibur do Rei Artur. É como se em Nun' álvaes, metamorfoseado na coroa de Portugal, e em Portugal, quisesse o poeta que víssemos o estandarte glorioso que todos devemos seguir na caminhada penosa, mas indefectível, para as cumeadas do Quinto Império, depois de fortalecidos pelo elixir inebriante do Santo Graal.²

² Como a espada aparece com frequência na *Mensagem*, impregnada de simbolismo, julgamos oportuno citar aqui as palavras do escritor português mais versátil do século XVII:

Não é menos significativo outro lugar do texto sagrado, que se acha no Livro dos Juizes, quando, pelejando Gedeão contra os Medianitas, mandou Deus lançar uma espada no meio dos próprios esquadrões, na qual os inimigos empeçavam e se iam degolando. Assim diz o Texto: *Immisit Deus gladium in omnibus castris et mutua se coede truncabant*. Tão respeitosa é a figura do poder divino que, por uma leve semelhança sua, se alcançam sobrenaturais vitórias. Porque nesta espada entendem muitos expositores a Cruz Santíssima, cujo sinal é bastante para prostrar a todos os inimigos do Céu e dos homens (D. Francisco Manuel de Melo, *Tratado da Ciência Cabala* [Lisboa: Editorial Estampa, 1972], pp. 128-129).

Aqui está a espada como símbolo da cruz de Cristo.

V

O TIMBRE

Apensa exteriormente ao escudo ou brasão, encontra-se uma insígnia chamada timbre. E o timbre do brasão de Portugal consta de um grifo,³ o qual é um animal fabuloso com cabeça de águia e garras de leão:

Ave fabulosa com bico de águia e corpo de leão, o grifo da emblemática medieval participará do simbolismo do leão e da águia, o que parece ser uma reduplicação da sua natureza solar. De facto, participa tanto da terra como do céu, o que faz dele um símbolo das duas naturezas de Cristo — a humana e a divina —. Evoca assim a dupla qualidade divina da força e da sabedoria.

Se se comparar o simbolismo próprio da águia com o do leão, poderá dizer-se que o grifo une o poder terrestre do leão à energia celeste da águia, inscrevendo-se desta forma no simbolismo geral das forças de salvação.⁴

Emblematicamente, portanto, no brasão de Portugal, temos o rei dos animais e a rainha das aves, vistos em sentido simbólico, em sentido heráldico e em sentido hermético. O leão a apontar para a vastidão da terra e a águia a apontar para as alturas e para amplidão dos horizontes.

Muito apropriadamente, como se verá em pormenor, na análise dos respectivos poemas que lhes são dedicados, faz o poeta do Infante D. Henrique a cabeça do grifo, e faz do Rei D. João II e de Afonso de Albuquerque as duas asas do grifo, asas que, figurativamente, estão para as velas das naus como estas para a águia.

Se os três poemas do timbre são dedicados exclusivamente ao componente águia do grifo (respectivamente a cabeça e as asas, como se disse atrás), é porque as três figuras que representam o timbre do brasão estão todas voltadas para a descoberta e conquista de novos espaços geográficos na amplidão dos continentes e mares distantes, conhecidos e por conhecer.

³ Como se disse no breve comentário ao «Brasão», o brasão da *Mensagem* é o do Infante D. Henrique (vide página 34).

⁴ Jean Chevalier — Alain Cheebrant, *Dictionnaire des Symboles* (Paris: Robert Laffont I Jupiter, 1982), p. 486.

O facto de o poeta ter escolhido estes três heróis e não outros para neles simbolizar a criação do império ultramarino português explica-o a história. Na sua esfera, cada um dos três heróis é protótipo na realização dessa empresa épica. É a trindade fundadora desse império: o Infante D. Henrique concebeu a ideia; o Rei D. João II mandou executá-la; e Afonso de Albuquerque executou-a.

É o momento de esclarecer que no brasão do Infante D. Henrique, que foi o que Pessoa metonimicamente transformou, na **Mensagem**, em brasão de Portugal, temos, num vasto campo que circunda o campo dos castelos, à direita uma esfera armilar e à esquerda uma caravela.

Para concluir, poderíamos dizer que o grifo leva emblematicamente Portugal ao Jardim das Hespéridas, ciosamente guardado pelo dragão, figurado na **Mensagem** pelo «Mostrengo». ⁵

⁵ O grifo é aquele animal mitológico que puxa o carro de Beatriz quando ela se aproxima da Arvore do Bem e do Mal (Dante, *Divina Comédia*, «Purgatório», XXXII, 148-150), o que nos permite estabelecer uma analogia entre os grifos dos dois poemas.

A CABEÇA DO GRIFO
O INFANTE D. HENRIQUE

26-09-1928

EM SEU THRONO entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —
O unico imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

Duas vezes aparece o Infante D. Henrique na **Mensagem**: a primeira na V secção da Primeira Parte, sob o título de «A Cabeça do Grifo — O Infante D. Henrique» — e a segunda na Segunda Parte, sob o título de «O Infante.»

Na primeira poesia vemo-lo numa atitude estática, entronizado, feito elemento constitutivo do brasão de Portugal; na segunda, vemo-lo em atitude dinâmica, no acto de converter em realidade o sonho agonicamente concebido.

Ao Infante D. Henrique atribuem os historiadores (queremos crer que com muito boa razão) a concepção do Império Marítimo Português. Por isso, como se disse, fez dele o poeta a cabeça do Grifo. É a cabeça que pensa, que concebe, que cria. É essa cabeça a de uma águia, a única ave que, lendariamente, e emblematicamente, consegue fitar o sol, razão pela qual o mais profundo dos quatro evangelistas, S. João, é simbolizado por uma águia. É que, na penetração dos mistérios divinos e da interacção entre Deus e o mundo, conseguiu subir mais alto que ninguém. É o vidente de Patmos, como, a outro nível, o Infante D. Henrique é o vidente de Sagres.

O poema, uma única estância de cinco versos — decassilábicos os primeiros quatro e octossilábico o quinto —, é um portento de síntese, no seu carácter epigramático. Tudo nele está carregado de sentido, a começar pela estrutura mono-estrófica. A essa estrutura externa terá recorrido o poeta para melhor estabelecer a correspondência entre significante e significado, representando a cabeça por uma única estrofe.

Nos cinco versos há apenas duas acções, tendo ambas o mesmo sujeito e o mesmo predicado — «tem» —, o verbo que expressa, por excelência, o sentido de posse. E «posse do mar», que é a epígrafe da Segunda Parte da **Mensagem**, encabeçada pelo Infante.

«Em seu throno entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,»

Figura majestosa, à semelhança do Cordeiro Triunfante do Apocalipse (Ap 14, 1-5), ou da «mulher revestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça» (Ap 14, 1), ⁶ coloca o poeta logo no primeiro verso o Infante D. Henrique num «throno entre o brilho das esferas.» Pensemos na esfera armilar do seu brasão, a que se aludiu atrás, na esfera armilar do brasão de Portugal, para ele transposta pelo Rei D. Manuel I, mas conquistada pelo Infante D. Henrique; pensemos na doutrina pitagórica e ptolomaica do universo; pensemos na Escola de Sagres, onde o Infante nos é apresentado, pela história e pela lenda, como um visionário, com os olhos postos nos longes do horizonte e a mente na amplidão dos

⁶ Transcrevemos a frase do Apocalipse por ser nossa convicção de que a letra e o espírito desta poesia é uma tradução livre dela. Como já foi dito, a **Mensagem** está repleta de ressonâncias bíblicas.

espaços planetários infinitos; pensemos em tudo isto, e fácil nos será apreender a vasta carga semântica destes dois primeiros versos.⁷

Lendo-se o retrato que Gomes Eanes de Zurara faz do Infante de Sagres, facilmente nos é também relacionar o «manto de noite e solidão» do poema com as vigílias de estudo e de meditação de que fala o cronista: «Duvidoso seria de contar quantos pares de noutes seus olhos não conheceram sono, e o corpo assim austinado que quase parecia que reformava outra natureza.»⁸

«Tem aos pés o mar novo e as mortas eras-»

Tendo assistido à morte de um mundo velho («as mortas eras») e presidido ao nascimento de um novo («o mar novo»), o Infante D. Henrique contempla esses mundos do alto do seu trono de imperador.

Para uma melhor compreensão deste verso, talvez seja conveniente lembrar a história e a tradição. O historiador Toynbee, entre outros, decidiu iniciar a Idade Moderna com a morte do Infante D. Henrique, em 1460, uma vez que ele, mais que ninguém, está na origem de uma nova era na história da humanidade, com a abertura para a velha Europa de mundos até então desconhecidos. Por outro lado, quando um rei vencia outro, duas coisas simbolizavam esse triunfo: a humilhação do rei vencido, representada pela prostração aos pés do rei vencedor, e a entrega ao rei vencedor de tudo quanto pertencia ao vencido. É este o significado essencial deste verso: o Infante D. Henrique tem aos pés, a servir-lhe de escabelo, o «mar novo» conquistado ao «Gigante Adamastor» de *Os Lusíadas* e ao «Mostrengo» da epopeia que estamos a comentar, numa luta triunfante, «e as mortas eras», ou seja, aquelas de que se fala no poema «O Quinto Império»: o Império Grego, o Império Romano, o Sacro Império Romano e o Império Europeu («Grecia, Roma, Cristandade, / Europa»).

Verdadeiro perfil de iniciado, único rei e imperador que acede ao trono, o Infante é esfera entre esferas, e, como elas, irradia luz. Só aquele que renunciou à personalidade conhece a solidão e a eternidade. Recebida a iniciação de Saturno, conhece Cronos, controla a dimensão do tempo em que viaja, passado e futuro: «Tem aos pés o mar novo e as mortas eras.» Saído vitorioso da prova iniciática com o guardião do umbral (o Mostrengo), possui o conhecimento da totalidade cósmica de que faz parte: tem «o globo mundo em sua mão.»

**«O único imperador que tem, deveras
O globo mundo em sua mão.»**

⁷ A esfera armilar do brasão do Infante D. Henrique traduz essencialmente a ordem celeste, a harmonia cósmica.

⁸ *Crónica de Guiné* — Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança (Lisboa(?): Livraria Civilização, s.d.), pp. 22-23.

Enquanto os imperadores que o precederam o foram apenas de uma parte do globo, o Infante D. Henrique e, nele, Portugal, é imperador do globo inteiro. As suas caravelas estiveram na origem do conhecimento de todos os mares e de todas as terras que formam o mundo. Por isso ele é o imperador por excelência ou por antonomásia. Das alturas, como a águia do Grifo, por que é simbolizado no poema, ele preside aos destinos do mundo inteiro, daquele «universus orbis» cujo recenseamento o imperador César Augusto mandou fazer por ocasião do nascimento do Messias em Belém (Mt 2, 1), mas um «universus orbis» com a conotação da globalidade terrestre, no seu sentido literal, que passa a ter, depois de as caravelas do Infante terem ofertado aos olhos deslumbrados da humanidade o «mar novo.»

Ao atribuírmos ao Infante D. Henrique o título de «imperador do globo inteiro», estamos a ver nele uma sinédoque do país que serviu e simboliza. Aliás, a transformação, por parte do poeta, do brasão do Infante D. Henrique no brasão de Portugal, como se viu a seu tempo, é já de si um claro indício da possibilidade dessa leitura.

Sobre a razão de o poeta ter colocado «o globo mundo» na mão do Infante e do significado dessa imagem já mais de um crítico especulou e opinou.⁹ E se Zurara fosse a fonte desta passagem do poema? Como se pode deduzir da leitura de outros poemas da *Mensagem*, Fernando Pessoa também era versado nas tradições históricas e literárias de Portugal. Vejamos as palavras do cronista: «Tanta era a continuação de seu trabalho e por tão aspera mancira, que assim como os poetas fingiram que Atlas, o gigante, sustinha os ceus com os ombros, pela grande sabedoria que em ele havia acerca dos movimentos dos corpos celestiaes, assim as gentes do nosso reino traziam em vocabulo as altezas dos montes.» E, numa nota à margem destas palavras, no Ms. de Paris da *Crónica de Guiné*, encontram-se estas palavras:

Atlas foi rei da terra do ocidente da Europa e da do ocidente da Africa, irmão de Prometeo, aquele grão sabedor e filósofo de Japeto, o gigante. Este Atlas foi havido por o maior astrólogo que havia em seu tempo. E tanto dava pelo saber das estrelas verdadeiros juizos nas cousas que haviam de vir, que os homens disseram que este foi o primeiro que achou a arte da pintura na cidade de Corintho, que é em Grécia.¹⁰

⁹ Até já houve quem aventasse que se trataria simplesmente de uma aproximação entre o Infante D. Henrique e o imperador do jogo do Tarot, uma vez que o Infante não foi imperador na realidade. É no que dão as leituras fora do contexto e baseadas apenas no discurso denotativo.

¹⁰ Gomes Eanes de Zurara, *Ib.*, p. 23.

À luz do texto de Zurara e da nota ao Ms. de Paris, torna-se mais plausível a leitura que propomos deste poema. O globo que a mitologia convencionalmente põe nos ombros de Atlas, põe-no o poeta na mão do Infante.¹¹

¹¹ Costa Ramalho, recorrendo à etimologia, dá a «mundo» e a «imperador» uma interpretação diferente da nossa. Interpretação diferente, mas não necessariamente contraditória, o que só comprova a riqueza semântica da poesia da **Mensagem**:

Deste modo, não é arriscado admitir-se que o poeta joga com os dois valores de *mundo* (substantivo e adjectivo) e consegue para a expressão em causa um duplo significado: «globo (do) mundo» e também «globo limpo — perfeito, intacto, completo.» [...]. Note-se também que *imperador* é usado aqui em sentido lato, com o significado de *chefe, condutor, dirigente*, valores que a palavra tem em latim, e não com a significação que estritamente possui em português (Américo da Costa Ramalho, «O Globo Mundo em sua mão», *Colóquio-Letras*, N.º 17, Fevereiro de 1962, p. 62).

Gostaríamos de fazer notar a interpretação peculiar (se original ou pedida emprestada, não nos interessa para o caso) que Zurara dá ao mito de Atlas.

UMA ASA DO GRIFO

D. JOÃO O SEGUNDO

26-09-1928

BRAÇOS CRUZADOS, fita além do mar.
Parece em promontório uma alta serra —
O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário ¹²
Enche de estar presente o mar e o céu,
E parece temer o mundo vario
Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

¹² Edição Aguilar: formidável.

Formado por dois quartetos de versos decassilábicos em rima cruzada, este poema, tal como o anterior, dedicado ao Infante D. Henrique, move-se em ritmo lento, majestoso, em sintonia com a solenidade do tema e com a postura hierática — e estática — do Rei.

Continuador genial da obra do Infante, até porque, entre outras coisas, assumiu o Mestrado da Ordem de Cristo, de que o Infante D. Henrique tinha sido o Grão-Mestre, e sob cuja égide se fizeram os descobrimentos e as conquistas de além-mar, D. João II (1455-1495), e rei entre 1481 e 1495, que a história cognominou de Príncipe Perfeito, no sentido maquiavélico do termo, não podia deixar de figurar num poema épico como este, em que é às pessoas individuais que se confere carácter representativo e emblemático.¹³ Embora não tenha sido ele, D. João II, a ver com os próprios olhos a chegada de Vasco da Gama à Índia em 1498 ou a de Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500, a verdade é que assistiu à chegada de Diogo Cão ao Congo em 1482 e à chegada de Bartolomeu Dias ao Cabo da Boa Esperança em 1488. Ao contrário do que fez Camões, o qual, em *Os Lusíadas*, glorificou o Rei D. Manuel, Fernando Pessoa decidiu fazer justiça poética — e histórica — a D. João II. É que D. Manuel I nada mais fez que assinar a obra que seu predecessor escrevera, o que lhe valeu o cognome de «Venturoso», por ter, precisamente, colhido os louros que D. João II semeara. Dobrado o Cabo da Boa Esperança, a chegada à Índia era uma certeza apenas adiada.

«Braços cruzados, fita além do mar.»

Compare-se este retrato com o do Infante D. Henrique. Como o deste, é o retrato de um sonhador, de um contemplativo, de um visionário. Os olhos com que fita são os olhos da alma. Só eles podem ver «além do mar.» Só quem acredita no que esses olhos vêem é que verdadeiramente está fadado para descobridor de um «mar sem fim», como é aquele de que se fala na poesia «Padrão.»

«Parece em promontório uma alta serra —»

O referente orográfico é aquele Promontório de Sagres onde o Infante D. Henrique fundou a sua escola de navegação.¹⁴ Rei de Portugal, D. João II carrega sobre os ombros os destinos da nação inteira: é ele, feito um imenso deus telúrico,

¹³ Neste ponto, Fernando Pessoa segue de perto a concepção da história que, por exemplo, Oliveira Martins pôs em voga em Portugal na *História da civilização ibérica, A vida de Nun' Álvares, e Os filhos de D. João I.*

¹⁴ Para o tipo de leitura que estamos a fazer da *Mensagem* é irrelevante a questão sobre a existência ou não existência dessa escola e da sua natureza, o que julgamos ser óbvio.

o símbolo desse sonho colectivo que aspira pela posse de um império marítimo. É do alto das montanhas que se contempla a vastidão do universo e se perscrutam os seus mistérios.

«O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.»

Com o símile do segundo verso — D. João II parece «uma alta serra» —, metamorfoseia o poeta o Rei em Portugal, que é, no dizer do épico, aquele país «onde a terra se acaba e o mar começa» (*Os Lusíadas*, III, XX), e aqui «o limite da terra.» Situado no extremo ocidental da Europa, Portugal é aquela «terra a dominar / O mar que possa haver para além da terra.» Ao dizer que é «o mar que possa haver» e não o mar que há, o poeta entrega a D. João II, transformado em Portugal, a vastidão de todos os oceanos.

«Seu formidável vulto solitário
Enche de estar presente o mar e o céu.»

Com a analogia entre a «solidão» do Infante e o «solitário» de D. João II, chama o poeta a atenção para o espírito de continuidade, no tempo e no espaço, do sonho imperial do primeiro por parte do segundo.

Preste-se atenção ao adjectivo «formidável». É que D. João II é aquele rei que inspira como que um terror sagrado e ante quem virá prostrar-se, vencido e humilhado, o Mostrengo. Equacionado com Portugal — que é a terra —, este rei virá a reinar sobre o mar e sobre o céu. De pé ¹⁵, em posição solene de comando, D. João II, e, nele, Portugal, far-se-á presente nos quatro cantos do globo.

«E parece temer o mundo vario
Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.»

«O mundo vario» é o mundo diferente — africano, asiático, americano, oceânico —, sobretudo o mundo por conhecer. O homem dos «braços cruzados», em contemplação no primeiro verso do poema, poderá vir a descruzar esses braços — símbolo da passagem da vida contemplativa à vida activa — e dominar o mundo inteiro, sobretudo, como se disse, o mundo por conhecer, «o mar que possa haver.»

Rasgar o «véu» a esse mundo desconhecido é violá-lo, na medida em que o véu, associado à virgem a caminho do casamento, é o símbolo do hímen. Descobrir os mares, conhecer biblicamente os mares, foi um acto de violação. Nisso consistiu essencialmente e emblematicamente aquele pecado que o Gigante Adamastor de *Os Lusíadas* tão duramente puniu nos portugueses.

¹⁵ Stare no latim significa estar de pé.

Com as suas dimensões de Titan, de deus telúrico, cujos braços, presentes no primeiro e no último verso do poema, parecem abarcar o cosmos, da mesma maneira que abarcam o espaço poético, D. João II, figura de Portugal, é apresentado neste poema como o futuro rei dos mares e dos céus. É como se, na luta secular entre os deuses dos Mares, os do Olimpo, e os Titans da Terra, tivesse chegado, com a era gâmica, a hora dos Titans, representados pelos portugueses.¹⁶

¹⁶ Segundo a mitologia, os Titans tinham no corpo uma partícula de divindade, por terem comido Dionisos. Queimados por Zeus, por castigo, deles vieram a nascer os homens. De acordo com esta leitura, os portugueses, elevados à categoria de Titans, na pessoa do rei que os representa, passam a ser os intermediários entre os deuses e os homens.

A OUTRA ASA DO GRIFO
AFONSO DE ALBUQUERQUE

26-09-1928

DE PÉ, sobre os paizes conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
Não pensa em vida ou morte,
Tam poderoso que não quer o quanto ¹⁷
Póde, que o querer tanto
Calcára mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Trez imperios do chão lhe a Sorte apanha.
Creou-os como quem desdenha.

¹⁷ Edição Aguilar: *quere*.

Chegados ao terceiro e último poema do Timbre do Brasão de Portugal, comecemos por chamar a atenção para a maneira como principia cada um dos três poemas desta secção: a cabeça e as duas asas do Grifo. Todos principiam por um complemento circunstancial: de lugar e de modo o primeiro; de modo o segundo; de modo e de lugar o terceiro: «Em seu throno entre o brilho das espheras, / Com seu manto de noite e solidão», está o Infante D. Henrique; de «braços cruzados», fitando para além do mar, está D. João II; «De pé, sobre os paizes conquistados», está Afonso de Albuquerque (1462-1515). O primeiro, emblematicamente a mente que concebe os descobrimentos e as conquistas, contempla o futuro império de Portugal das alturas do universo; o segundo, emblematicamente o chefe que ordenou que esse sonho se realizasse, fita o império que as suas naus irão descobrir; o terceiro, emblematicamente o peito que conquistará esses mundos, «de pé, sobre os paizes conquistados / Desce os olhos cansados» sobre esse império. Trata-se da concepção platónica do governo dos estados: os filósofos fazem as leis; os governantes administram-nas; e os soldados executam-nas. Como se disse, estamos perante a trindade mística do Portugal havido e do Portugal a haver. O Infante D. Henrique pensa; D. João II manda; Afonso de Albuquerque faz.

Formado por uma única estância de dez versos em que se alternam, respectivamente, decassílabos e hexassílabos emparelhados, o poema traduz, na sua inteireza, o carácter austero, a integridade monolítica, do herói cantado. Aponta também para esse significado a fisionomia visivelmente descarnada, quase prosaica, do poema.

Como acontece com quase todos os poemas da **Mensagem**, também este tem que ler-se tendo em conta o referente histórico.

«De pé, sobre os paizes conquistados,
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.»

Vítima, como diz e prova a história, de difamação indizível, de invejas mesquinhas, por parte daqueles a quem a sua grandeza fazia sombra, vem Afonso de Albuquerque, o segundo vice-rei da Índia, «a maior figura da história de Portugal no Oriente»¹⁸, a cair na desgraça do Rei D. Manuel e a morrer nessa situação. Ele, que foi a justiça em pessoa, que tinha o condão de se fazer temer, respeitar e amar de amigos e adversários (só assim poderia ter construído o império que construiu), só viu, nos últimos anos de vida, «a injustiça e a sorte.»

Dum estoicismo lendário, dum espírito de fidelidade a toda a prova ao seu Rei e senhor, e de um desprendimento de asceta das coisas do mundo, é indiferente à «vida e à morte.»

¹⁸ Dicionário da História de Portugal — Dirigido por Joel Serrão (Porto: Iniciativas Editoriais, 1979), Vol. I, p. 74.

Mais poderoso e mais rico, na realidade, do que o Rei a quem servia, fácil lhe teria sido fazer-se proclamar rei do Oriente, mas não o fez: «Tão poderoso que não quer o quanto / Póde.»

«Trez imperios do chão lhe a Sorte apanha.
Creou-os como quem desdenha.»

Os «trez imperios» são as conquistas de Ormuz, Goa e Malaca: a primeira na Península da Arábia; a segunda na Península do Índustão; e a terceira na Península da Malásia. Mas, como o seu supremo ideal era servir o seu rei, a sua única ambição era engrandecer Portugal no Oriente, nada queria para si: apenas a compreensão do Rei e a dos homens. Porém, não tendo nem a compreensão de um nem a dos outros, teve aquela exclamação célebre quando soube que ia ser substituído no seu posto de vice-rei por um dos seus maiores inimigos: «Mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor de el-rei.»

SEGUNDA PARTE

MAR PORTUGUEZ

POSSESSIO MARIS

«Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás-de sojugar com dura guerra»

Camões, *Os Lusíadas*, V, XLII.

Muito apropriadamente, intitulou o poeta a Primeira Parte da **Mensagem** de «Brasão», dividindo-a em cinco secções, tantas quantas são as partes do brasão de Portugal. Intitulou a Segunda Parte de «Mar Português» e a Terceira de «O Encoberto», sem explicitamente as fazer corresponder a qualquer símbolo ou emblema de Portugal. Mas, se nos fosse lícito ler para além da letra do texto, sem todavia extrapolar do seu espírito, ousaríamos propôr para a Segunda Parte o verde da bandeira de Portugal e para a Terceira o vermelho, cores adoptadas em 1911, depois da instauração da República, em substituição do azul e branco do tempo da Monarquia. Na verdade, o verde simboliza perfeitamente o «Mar Português» da Segunda Parte, e o vermelho, «O Encoberto» da Terceira, uma vez que esta Terceira Parte se processa sob o signo do Espírito Santo, cuja cor litúrgica é o vermelho, símbolo da graça santificadora por Ele encarnada e dispensada.¹⁹

Como as outras duas Partes, também esta tem uma epígrafe em latim — «Possessio Maris» («Posse do Mar») —, que é, das três, a de sentido mais directo e explícito, na medida em que traduz perfeitamente à letra o conteúdo literal da Segunda Parte: a posse do mar, por parte de Portugal.

São doze os poemas que constituem a Segunda Parte da **Mensagem**, num total de 183 versos. Numa obra tão abundante em símbolos, não cremos ser gratuito chamar a atenção para os doze trabalhos de Hércules e as doze batalhas do Rei Artur. Como o herói da Grécia e o herói da Bretanha, os portugueses terão de enfrentar mil perigos, vencer mil obstáculos, antes de poderem alcançar o prémio que os espera: a posse dos mares.

Dos doze poemas, quatro têm por título heróis individuais: O Infante (D. Henrique), Bartolomeu Dias, Fernão de Magalhães, e Vasco da Gama; um tem por título um herói colectivo: «Os Colombos»; um tem por título um fenómeno astrológico e geográfico: «Horizonte»; um tem por título um ponto cardeal: «Ocidente»; um tem por título uma figura emblemática: «O Mostrengo»; dois têm por título um objecto: «Padrão» e a «A última nau», relacionando-se o primeiro com Diogo Cão e o segundo com D. Sebastião; um tem por título uma acção: «Prece»; e outro tem por título uma parte do território de Portugal: «Mar Português», que é a designação da Segunda Parte.

Como acontecera antes, também aqui os factos históricos veiculados pelos poemas são apresentados por ordem cronológica. Abre a Segunda Parte com o precursor do «Mar Português», o Infante D. Henrique, e fecha com o último navegante desse mar: o capitão de «A última nau», que é o Rei D. Sebastião, e com a «Prece» pelo regresso da última nau. O facto de Vasco da Gama aparecer depois de Fernão de Magalhães tem a sua explicação no que ele é chamado a significar na

¹⁹ George Ferguson, *Signs & Symbols in Christian Art. With Illustrations from Paintings of the Renaissance* (London, Oxford, New York: Oxford University Press, 1974), p. 152.

epopeia: o papel de representante de todos os grandes descobridores do seu tempo, a quem o poeta quer glorificar.

Esta Segunda Parte da **Mensagem**, vista em termos diacrónicos, poderia sintetizar-se mais ou menos assim. O Infante D. Henrique concebe a ideia de um império marítimo português; partem as suas naus para os altos mares em busca de novas terras; Diogo Cão toma oficialmente posse, em nome de Portugal, das terras descobertas; o Mostrengo quer pôr termo a essa aventura, mas é simbolicamente vencido por Bartolomeu Dias, ousadia que virá a pagar com a vida; as outras nações europeias, desejosas de emular Portugal, lançam-se também nessa aventura marítima, não passando, porém, os seus feitos de uma sombra dos de Portugal; prosseguem as caravelas do Infante de Sagres na sua empresa e encontram as terras do Ocidente, especificamente o Brasil; descobertos todos os novos continentes e ilhas sem fim, resolvem os nautas da escola do Infante fazer uma viagem de circum-navegação, proeza por que serão punidos pelas forças adversas do universo; obreiros de gestas heróicas, os marinheiros do Infante são convertidos em semi-deuses, como os da antiguidade, e colocados, portanto, no panteão reservado aos semi-deuses: o Olimpo; sujeito às leis inexoráveis do tempo, que tudo consome, morre o império marítimo português; mas, ansiosos por se perpetuar no tempo e no espaço e cientes de que esse é o seu destino manifesto, os portugueses imploram a Deus que lhes conceda a graça de um império que não morra.

I

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.²⁰
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

²⁰ Edição Aguilar: *quere*.

O Infante, que aparece na Primeira Parte como a cabeça do grifo, e com o seu nome de baptismo, apenso ao título nobiliárquico — «O Infante Dom Henrique» —, abre, muito apropriadamente, a Segunda Parte. É como que o portal que nos introduz no majestoso templo do império marítimo português, ou, para nos expressarmos como o poeta, do «Mar Portugues.» É que foi ele, historicamente, o pioneiro da aventura marítima de Portugal, ao fundar a Escola de Sagres para aí preparar navegadores e descobridores.

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.»

Numa visão teológica da história, tudo quanto acontece no mundo tem duas causas: a causa primeira — Deus — e a causa segunda — o homem. É o que se diz no primeiro verso. O predicado está no presente para dizer que sempre assim foi, sempre assim é e sempre assim será. Enunciada esta premissa maior, o poeta, subentendendo a premissa menor, em virtude do seu carácter óbvio, enuncia a conclusão.

Este conceito de Deus como causa primeira e eficiente e do homem como causa segunda e instrumental é como que um *topos* da **Mensagem**, na medida em que aparece explicitamente três vezes: uma no poema dedicado ao Conde D. Henrique: «Todo o começo é involuntário. / Deus é o agente, / O heroe a si assiste, vario / E inconsciente»; outra no poema dedicado a D. João I: «O homem e a obra são um só / Quando Deus faz e a história é feita»; e a terceira neste poema em honra do Infante D. Henrique. São os três momentos epifânicos na história de Portugal, tal como é concebida e celebrada na **Mensagem**: a génese de Portugal, com o homem que está na origem do nome da nova nação e da primeira dinastia; a confirmação de Portugal na existência, com o herói que a defende da tentativa de absorção, por parte de Castela; e o nascimento do império marítimo português, com o seu genial idealizador e precursor.

Da conjugação, do conúbio, entre a vontade de Deus e o sonho do homem brota a obra. Mas note-se que a parte que cabe ao homem é mais um acto do inconsciente que um acto da vontade. Como se as obras grandes só pudessem ser concebidas em estado onírico, aquele estado que, de acordo com a filosofia do conhecimento de Pessoa, na **Mensagem**, põe o homem em contacto com a divindade.

«Deus quíz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.»

A vontade de Deus tem um tríplice objectivo: a unidade da terra, num reino universal; a união do mar, sob a égide dessa terra; e a permanência dessa união.

Ocultos durante séculos dois terços da terra, aproximadamente, predestinou Deus o Infante D. Henrique para mostrar à humanidade estupefacta essa parte

desconhecida do globo terrestre, metonimicamente representado pela «espuma», explicando-se assim que o poeta, no poema que lhe dedica na Primeira Parte, lhe ponha o «globo mundo» na mão. E essa missão teve um carácter visivelmente divino, como o verbo «sagrar» tão bem indica. E repare-se que não se trata necessariamente de uma metáfora: o Infante Dom Henrique era Grão-Mestre da Ordem de Cristo, pessoa «sagrada», portanto, a quem o Papa concedeu o privilégio de exercer a jurisdição, no foro eclesiástico, sobre as terras descobertas e/ou conquistadas.

«A orla branca foi de ilha em continente»

A referência à brancura, para além do sentido literal que certamente tem, é a prova do cariz divino da obra do Infante. Querida por Deus, é uma obra caracterizada pela pureza, que a «orla branca» simboliza, justificando-se desta forma a interpretação que Costa Ramalho dá ao «globo mundo.»²¹ O globo terrestre que o Infante vem a encontrar, porque desconhecido, inviolado, é «mundo», no sentido etimológico do termo, isto é, limpo, puro, virgem.

E ao dizer que «foi de ilha em continente», está mais uma vez o poeta a transportar o leitor para o fenómeno histórico e para a sequência dos descobrimentos: encontraram-se primeiro as ilhas do Atlântico (Madeira, Açores, ...) e só mais tarde se virá a encontrar o continente africano para o sul.

**«Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo».**

Como só com a luz podemos ver, como a Física nos ensina, o surgir da terra foi um acto de conhecimento. Note-se, por outro lado, o fenómeno científico que as caravelas do Infante revelaram à humanidade: a forma esférica da terra, até então considerada plana. Por isso é que esse brotar do «azul profundo» é não só o brotar do seio dos mares, mas também o surgir da amplidão dos espaços planetários, de que a terra faz parte, significado que arranca do sentido bivalente do sintagma «azul profundo.» É a terra vista em termos astronómicos, como um dos planetas do sistema solar, corolário das descobertas científicas do Infante de Sagres.

**«Quem te sagrou creou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu signal».**

²¹ Veja-se a nota ao poema «A Cabeça do Grifo — O Infante D. Henrique.»

Este «Quem», lido no contexto do poema, é Deus, como pode depreender-se da leitura do quarto verso da primeira estância. Sendo todo o acto de criar um fenómeno de volição divina, Deus podia ter dado ao Infante, ao criá-lo, outra nacionalidade, mas quis que ele fosse português, o que é mais uma reiteração do estatuto privilegiado de Portugal como nação. Protótipo da aventura marítima, como já se disse, o Infante é um sinal desse mar descoberto, ou «mar novo», e de todos os portugueses. Mas sendo o sinal, em termos sagrados (que são aqueles em que o verbo «sagrar» nos autoriza a interpretar o poema), uma marca distintiva indelével, de carácter sacramental, imposta por Deus, como é o caso, por exemplo, com os sacramentos do Baptismo, Confirmação e Ordem, no Infante todos os portugueses ficaram para sempre marcados com o sinal de povo predestinado de Deus para a fundação de um império marítimo e para a realização do que virá a ser o Quinto Império de que se falará na Terceira Parte da **Mensagem**.

«Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!»

O mar foi descoberto; o Império Português de quinhentos fez-se e desfez-se. Mas a missão divina de Portugal de que Deus incumbiu os portugueses, através do Infante Dom Henrique, ao sagrá-lo e ao sagrar-nos a nós nele, essa está por cumprir. Mas, como esse é o destino manifesto de Portugal, cumprida será quando chegar «a hora», porque essa é a vontade de Deus.

O último verso — «Senhor, falta cumprir-se Portugal» — é uma prece e uma queixa, ao mesmo tempo: uma prece para que o Quinto Império venha; uma queixa pela demora desse advento.

Para poética e inequivocamente mostrar que no princípio de todo o acto de criação está Deus, o poeta inicia o primeiro e segundo versos do primeiro quarteto e o primeiro e último do terceiro com Ele. E para dizer da natureza épica dessa demanda exemplar, e do carácter de *cruzada* que revestiu, que foi a empresa marítima de Portugal, escreve o poeta um poema de doze versos decassilábicos, os versos heróicos por excelência, como já foi dito, em rima *cruzada*.

II

HORIZONTE

Ó MAR anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mysterio,
Abria em flor o longe, e o Sul siderio
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, ha aves, flores,
Onde era só, de longe, a abstracta linha.²²

O sonho é ver as fórmãs invisíveis²³
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

²² Chama-se a atenção para o facto de nem a Ed. de 1934 nem a Ed. da Agência Geral das Colónias nem a da Aguilar porem uma vírgula a seguir a **longe**. Entretanto, como a syntaxe assim o postula, tomou-se a liberdade de pôr essa vírgula.

²³ Edição Aguilar: invisíveis.

Este poema, de manifesta demanda histórica e esotérica, como se verá, consta de dezoito versos, distribuídos por três sextilhas em rima emparelhada e intercalada — aabccb —, simbolizando as sextilhas os seis dias da criação do novo mundo português e as três estâncias a viagem iniciática de Portugal. (Diga-se, de passagem, que, em nossa opinião, estamos perante um dos poemas mais belos e mais bem sucedidos da *Mensagem*.)

«Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinhão coral e praia e arvoredos.»

Dentro do tema da descoberta e da posse dos mares, por parte dos portugueses, que é o da Segunda Parte da *Mensagem*, é lógico que, cantado o precursor e pioneiro dessa gesta marítima, o Infante D. Henrique, se volte o poeta para esse «mar novo», numa evocação heroicamente comovente. E assim o faz, começando por uma apóstrofe ao próprio mar, mas o mar anterior a Portugal: o mar de Ulisses, o mar de Eneias, o mar romano; um mar de «coral e praias e arvoredos», um mar aquém da «proibida azul distância.»

O mar alto, o mar desconhecido, o mar para além do Cabo Bojador, ciosamente guardado pelos monstros marinhos de que o Gigante Adamastor de *Os Lusíadas* e o Mostrengo da *Mensagem* são os protótipos emblemáticos, esse mar tinha-o Deus destinado para os portugueses; só a eles era dado desvendá-lo ao mundo, na sua beleza primeva. Esse mar novo pode também ser a representação simbólica do mundo espiritual, da realidade supra-sensível em que vive o homem antes de encarnar num corpo menos subtil: o corpo físico.

«Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mysterio,»

Numa viagem iniciática, que é a viagem do neófito nos ritos esotéricos, parte-se de olhos vendados e, portanto, caminha-se pelo meio da «noite e a cerração», e enfrentam-se as «tormentas» e bate-se impertérrito à porta do templo do mistério, e vencem-se as «tormentas» e penetra-se no templo do «mysterio.» Foi assim que os portugueses, sob a égide do Infante, sagrado por Deus (e os portugueses vicariamente nele e com ele, como se viu no poema anterior), puderam encontrar o Velo de Ouro que lhes estava reservado, puderam ver «o Longe» abrir «em flor». Esta flor, símbolo da virgindade dos mares, em que «o Longe» se abre, tinha-a Deus guardada para os portugueses. «As naus da iniciação», símbolo fálico, são recebidas num conúbio, num amplexo místico, pela flor em que «o Longe» se abre, celebrando-se deste modo uma espécie de casamento místico entre Portugal e o mar, um pouco à semelhança daqueloutro que em tempos idos a Veneza dos Doges celebrava com o Mar Mediterrâneo, rito ainda hoje anualmente comemorado.²¹

²¹ Veja-se, por exemplo, Frei Serafim de Freitas, *Do justo império dos portugueses* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983), pp. 256-257.

**«Abria em flor o Longe, e o Sul siderio
Splentia sobre as naus da iniciação.»**

Viagem iniciática, como o texto tão claramente o diz, este desvendar dos mares pelos portugueses foi essencialmente um acto de conhecimento mais alto, mais puro, foi uma autêntica gnose. Esse «Sul siderio» que «Splendia sobre as naus da iniciação», que, no seu sentido literal, poderíamos equacionar com a constelação do Cruzeiro do Sul, é, em sentido figurativo, o sinal de que o Senhor das Alturas põe a sua bênção sobre as aventuras marítimas dos portugueses. É mais uma vez a luz celeste, como símbolo da graça do Senhor, a presidir à transformação de uma viagem marítima numa viagem iniciática.

Salientaremos aqui que as naus constituem também símbolos do veículo físico que permite ao espírito adquirir experiência na Terra. Veículo que ele conduz na sua trajectória até à totalidade, o «Longe.»

**«Linha severa da longinqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em arvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe, a abstrata linha.»²⁴**

A segunda estância descreve de uma maneira extraordinariamente lógica e encantadoramente bela o que foram as viagens de descoberta dos portugueses. Sai a nau de Lagos ou de Lisboa, e à sua frente apenas está a «linha severa da longinqua costa.» Mas, vencidas «a noite e a cerração», começam a ver-se: primeiro «a encosta em árvores»; depois «a terra em sons e cores»; e, por fim, «aves e flores.» E, numa admirável forma poética, surge a referência àquelas aves exóticas e àquela rosa de Santa Maria, de que falam os cronistas, rosa que os nautas do Infante de Sagres lhe trouxeram para provar que tinham visto terras desconhecidas. Aliás, para essa rosa já aponta a «flor» metafórica da primeira estância.

Entre a «Linha severa da longinqua costa» do primeiro verso e «a abstrata linha» do último está encerrado um mundo a fervilhar de vida. O avançar das naus para esse mundo faz-nos lembrar o «traveling» de uma máquina cinematográfica, que começa por focar um ponto muito distante, vai reduzindo paulatinamente a distância, explode num «close up» e faz a marcha inversa.

**«O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,**

²⁴ Por razão óbvia, tomámos a liberdade de colocar uma vírgula entre «longe» e «a abstrata linha.»

Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos de verdade

A terceira estância é a sùmula da epistemologia de Pessoa na **Mensagem** e é a interpretação mística da acção das descobertas dos portugueses. Pode ser lida à luz do mito da caverna de Platão. Fechado numa caverna, distanciado das formas perfeitas dos seres, tinha o homem vivido durante séculos. Mas essas formas estão lá, ao longe, para além da «linha fria do horizonte», à espera de um herói predestinado que vá contemplar-lhes a beleza, ouvir-lhes a harmonia, sorver-lhes o sabor, aspirar-lhes o perfume, tocar-lhes a macieza (a beleza da praia, o fruto da árvore, o perfume da flor, o canto da ave, a frescura da fonte); numa palavra, um herói que vá apreender-lhes o seu esplendor pristino, por meio de cada um dos cinco sentidos. A extensão do campo sensorial a cada um dos cinco sentidos indica que o herói vai ao encontro de uma felicidade plena.

E o primeiro impulso para o conhecimento do desconhecido, das formas perfeitas, ou arquétipos, que se encontram no Hiperurânio, da «Verdade», é o sonho do primeiro verso (note-se que a estância abre em «sonho» e culmina em «Verdade»). Vêm depois a esperança e a vontade do terceiro verso e o sonho transforma-se em realidade. E o Velo de Ouro surge em todo o seu esplendor; e o Santo Graal oferta-se aos lábios sequiosos do novo Galaaz; e abrem-se em luz «a arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte — / Os beijos merecidos da Verdade.» Esta divindade, sempre próxima e sempre distante, objecto de uma demanda sem fim, — a VERDADE — está à espera que cheguem os paladinos das «naus da iniciação» para amorosamente se lhes entregar, por meio do ósculo, que é o emblema da paz, como nos ensinam, por exemplo, o ritual da missa e o das religiões esotéricas.²⁵ É como que o regresso ao Paraíso Terreal, a recuperação da Idade de Ouro.

Eis, nas suas linhas gerais, o sistema gnoseológico de Fernando Pessoa na **Mensagem**. Chega-se à verdade por meio do sonho, ancilado ou coadjuvado, sucessivamente, pela esperança e pela vontade, pelo que se poderia proclamar que no princípio era o sonho e o sonho fez-se esperança e a esperança fez-se vontade e a vontade fez-se Verdade.

Vejam os um pouco melhor como o poeta expõe esteticamente o seu sistema epistemológico. Recorrendo ao distributivo recolectivo, que tão bem estudaram

²⁵ Sobre o símbolo do beijo, ouçamos, por exemplo, D. Francisco Manuel de Melo, numa obra já mais de uma vez citada no decorrer deste trabalho: «Assim, vemos ser o abraço sinal de amizade; o ósculo, de paz; a genuflexão, de culto» (*Tratado da Ciência* [Lisboa: Editorial Estampa, 1972], p. 75).

Dámaso Alonso e Carlos Bousoño, e Aguiar e Silva,²⁶ «a árvore, a praia, a ave, a flor, a fonte», adivinhadas pelo sonho, desejadas pela esperança e queridas pela vontade, nas primeiras duas estâncias, entrega-as o poeta ao neófito, e ao leitor, no penúltimo verso da terceira estância, em todo o seu esplendor, no seu ser perfeito, platonicamente real.²⁷

De acordo com a leitura que temos vindo a fazer deste poema, talvez possamos dizer que as três estâncias representam as três fases da vida iniciática: a demanda, o achamento e o prémio. A Verdade, personificada, como sempre o foi, através da mitologia, é a princesa que dá o beijo da paz e da bem-aventurança ao neófito, recebendo-o no seu seio.

E assim temos nós uma viagem marítima e cósmica transubstanciada em viagem iniciática e mística. E assim temos nós mais um sinal inequívoco, e um claro «aviso» também, de que a Mensagem é algo mais, muito mais, que uma mera viagem temporal e espacial pela mitologia, pré-história e história de Portugal. É essencialmente uma viagem pelo mundo labiríntico dos mistérios e dos enigmas e dos símbolos e dos signos secretos, em demanda da Verdade.

²⁶ Dámaso Alonso y Carlos Bousoño, *Seis calas en la expresión literaria española - prosa - poesía - teatro* (Madrid: Editorial Gredos, 1963), pp. 401-434.

Vitor Manuel Pires de Aguiar e Silva, *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa* (Coimbra: Almedina, 1971), pp. 363-371.

²⁷ Convém chamar a atenção para a natureza feminina de cada um dos objectos do sonho, da vontade e do desejo. É mais um indício de que esta viagem iniciática está na linha da eterna demanda de Psique por Éros, de Eurídice por Orfeu.

III

PADRÃO

13/09/1918

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano ²⁸
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é portuguez.

E a Cruz ao alto diz que o que me ha na alma ²⁹
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

²⁸ Edição Aguilar: imenso.

²⁹ Edição Aguilar: cruz.

Este poema de dezasseis versos, distribuídos por quatro quartetos, em rima cruzada, alternadamente grave e aguda, tem um esquema rítmico irregular: os primeiros três versos de cada estrofe são decassilábicos e o último é octossilábico.

«Padrão», coluna granítica com as armas reais de Portugal, é um dos poemas da **Mensagem** que, juntamente com «Prece», mais explicitamente reflecte o carácter religioso dos descobrimentos portugueses. Normalmente encimado pelo sinal da redenção do homem, a cruz de Cristo, o padrão representava a soberania de Portugal sobre o novo território descoberto. E como o padrão plantado no coração da África Austral, no Reino do Congo ou Zaire, por Diogo Cão, em 1483, se transformou no padrão prototípico, é a esse que o poema da **Mensagem** se refere concretamente, estando nele subentendidos todos os padrões que os nautas portugueses plantaram através de todos os continentes por onde andaram.

O poema, na primeira pessoa, diz-nos do que, nas acções da história, é parte de Deus e é parte dos homens; do que está feito e do que está por fazer. Na primeira estrofe Diogo Cão declara que ergueu um padrão; na segunda explica o significado desse padrão; na terceira diz o que ensinam ao mundo as Quinas do padrão; na quarta e última diz o que simboliza a cruz «ao alto» do padrão. E num movimento ascensional, que começa na terra e termina no céu, oposto, por conseguinte, ao movimento descensional da escrita no papel, o herói faz-nos passar da contemplação do padrão, obra do homem, à contemplação das Quinas, símbolo das chagas de Cristo no brasão de Portugal, e destas à contemplação da Cruz em que Cristo morreu para redimir a humanidade.

«O esforço é grande e o homem é pequeno»

O primeiro verso desta estrofe, como o primeiro da segunda, é um aforismo, que podemos considerar como uma tradução livre do primeiro aforismo de Hipócrates: «ars longa, vita brevis» («a arte é duradoura e a vida é breve»), se optarmos por uma leitura em termos estéticos, que o poema também certamente postula. Mas se, pelo contrário, optarmos por uma leitura em termos ético-metafísicos, talvez possamos aproximar este verso da exclamação de Cristo quando agonizava no Horto das Oliveiras, na véspera da Paixão: «Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma» (Mt 26, 41) («O espírito está pronto, mas a carne é fraca»), leitura esta que parece harmonizar-se melhor com o espírito do conjunto do poema. Como todo o herói, também Diogo Cão conhece a agonia da **noche oscura** e se sente pequeno e trepidante perante a dificuldade e a magnitude da obra a realizar.

«Eu Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.»

Declinado o nome e a profissão, Diogo Cão informa a posteridade do seu feito heróico: a chegada em 1483 à foz do Rio Congo e a tomada de posse dessas novas

terras, em nome do rei de Portugal, por meio de um padrão, e a prossecução da demanda. O «areal moreno» em que o ergue é uma metáfora para o continente negro ou africano. E será também, possivelmente, uma referência às várias existências por que passa a alma divina. Esta, quando encarna, substancia-se e tem um nome. Em cada viagem — cada vida — o «navegador» deixa para trás parte de si, o «padrão» da experiência adquirida. A trajectória continua, guiada pela Cruz (que, na tradição rosacruciana, representa a experiência do Espírito na Terra), até que o homem se desligue totalmente da ilusão de ser o autor único das «obras» que vai realizando, e reconheça que elas não são mais do que o resultado da personalidade desligada do conhecimento verdadeiro e cósmico do Eu Superior. Só quando o homem apreende, com as iniciações maiores, que é uma identidade indissolúvel do seu espírito, que é divina a vontade que o rege conscientemente, é que poderá encontrar o «mar sem fim» e acostar a nau, já inútil, ao porto «de Deus na eterna calma.»

«A alma é divina e a obra é imperfeita.»

Na segunda estância, que começa também, como já se disse, por um aforismo, diz-nos Diogo Cão a parte que lhe coube na implantação do padrão.

«Imperfeita» aqui deverá ser lida no seu sentido etimológico, como obra inacabada, incompleta, que é, aliás, o das Capelas Imperfeitas do Mosteiro da Batalha, por exemplo. Esse sentido é explicitado no último verso desta segunda estância: «O por-fazer é só com Deus.»³⁰

**«Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.»**

Limitado nas suas faculdades, na medida em que é servido por um corpo mortal, o homem reconhece os seus pobres recursos, ao mesmo tempo que reconhece o poder ilimitado de Deus. E, ao reconhecer esse poder ilimitado de Deus, Nele deposita a sua esperança. Quer dizer que, em termos de metafísica, na obra civilizadora de Portugal, o homem teria posto a matéria e Deus teria posto a forma, princípio que já vimos aplicado noutros poemas, em situações sensivelmente idênticas. Enquanto Deus não lhe puser a abóbada, o templo levantado pelo homem será uma obra incompleta, «imperfeita», será um corpo sem alma.

³⁰ Poderá até levantar-se a hipótese de haver neste verso um paralelo com esse poema de pedra, se pensarmos que tanto o padrão como o Mosteiro da Batalha são marcos comemorativos de feitos em cuja realização colaboraram Deus e o homem, e que na origem desses feitos estão pai e filho: D. João I e o Infante D. Henrique.

«E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.»

Na terceira estrofe, Diogo Cão, falando com o espectador do padrão por ele erguido, declara em dois versos lapidares, epigramáticos, aquilo que já tinha sido dito, se bem que de uma forma mais velada, no poema precedente, «Horizonte»: que, ao passo que o mar de ao pé da porta, «o mar com fim», poderá ser «grego ou romano», «o mar sem fim é português», o que é um belo artifício para opor a grandeza épica da obra realizada pelos portugueses à pequenez da obra realizada pelos impérios que precederam o de Portugal. O sintagma «signala ao vento e aos céus» quererá dizer que o padrão que ele plantou no solo africano será um testemunho da sua proeza, que é a de Portugal, para todo o sempre, anunciada *urbi et orbi*, aos homens e aos deuses. O «possível oceano» significa os mares que ainda estão por achar ao tempo em que Diogo Cão ergue o seu padrão em nome de Portugal, mas que virão a ser descobertos num futuro não distante.

Na quarta estância, ao evocar o sinal da redenção — a Cruz —, eleva-se Diogo Cão às cumeadas da Teologia cristã e exclama com Santo Agostinho: «Fecisti nos [Domine] ad Te, et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te.»³¹ E é essa necessidade premente de caminhar para o repouso que só no seio de Deus se encontra que faz com que Diogo Cão e, com ele e nele, todos nós, uma vez que ele representa todos os que se lançaram em busca do Eldorado nas «naus da iniciação» do Infante de Sagres, não tenha paz enquanto não chegar ao termo dessa demanda. É a viagem no tempo transformada em viagem da eternidade; é a viagem em busca de bens temporais, perecíveis, transformada numa viagem em busca de bens imperecíveis, eternos; é a viagem do corpo transformada em viagem da alma; é a vida do homem transformada numa viagem em busca da salvação eterna, em Deus, o Qual se encontra, não nos portos deste mundo, mas nos portos da eternidade:

«E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.»

A ânsia que o navegador tem de alcançar esse «porto sempre por achar», a fim de nele gozar «de Deus na eterna calma», é tão febricitantemente intensa, que a traduz magistralmente em quatro versos que se encavalgam uns sobre os outros, sem qualquer sinal de pontuação.

³¹ «Fizeste-nos [Senhor] para Ti, e o nosso coração estará inquieto enquanto não repousar em Ti », (Confissões, Livro I, cap.I).

IV

O MOSTRENGO

09-09-1918

O MOSTRENGO que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,
E disse, «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,
Trez vezes rodou immundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de temer trez vezes,
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;³²
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

³² Edição Aguilar: *quere*.

Eis-nos perante o poema mais longo da Segunda Parte e o segundo mais longo da **Mensagem**. É como se com a estrutura externa quisesse o poeta simbolizar o tempo cronológico e o tempo psicológico, significando o primeiro os muitos e longos anos de esforços indizíveis para consumir a «posse do mar», e significando o segundo a infinda noite de sofrimento e agonia (no seu sentido etimológico e conotativo) dos navegadores do Infante, perante toda a sorte de privações, interpretação corroborada também pela lentidão de um ritmo em que há apenas um encavalamento, e em que predominam os ditongos nasais, as consoantes constrictivas e os «staccatos.»

O poema consta de vinte e sete versos distribuídos por três estâncias regulares, com refrão e recorrências paralelísticas, cujo ritmo vai do verso de sete sílabas ao verso de dez, passando pelo de oito e pelo de nove, e cuja rima, em aabaacdcd, tem a peculiaridade de ser igual no terceiro verso branco e no sétimo e nono de cada estância.

Quanto ao discurso, «O Mostrengo» é o poema em que, muito apropriadamente, se ouvem mais vozes. Três exactamente: a do narrador, a do Mostrengo e a do homem do leme, ou seja, a do encenador, a do antagonista e a do protagonista.

Com a repetição do lexema «leme» cinco vezes, de «roda» e seus derivados quatro vezes, num dos vários políptotos do poema, com uma superabundância de anáforas, e com a repetição do sintagma «três vezes» nada menos que sete vezes, obtém o poeta um efeito de vertigem diabolicamente encantatório.

Em todas as viagens de demanda há obstáculos a vencer. Nos quarenta anos de vida no deserto, a caminho da Terra Prometida, Moisés, escolhido por Deus para conduzir o povo de Israel a essa terra, teve de enfrentar a revolta do povo e o flagelo da fome e da sede que os visitou. Antes de lhe ser dado entrar no Olimpo e aí fazer as pazes com a mãe, Hércules teve de vencer doze provas, qual delas a mais difícil. Na viagem de regresso a Ítaca, sua terra natal, Ulisses teve de lutar contra a fúria dos elementos, contra a ira do Ciclope, contra as ciladas de Sila e Caribdes, contra os cantos das sereias, contra as feitiçarias de Circe. Antes de lhe ser permitido fundar uma nova pátria em Roma, Eneias teve de enfrentar mil provas, na sua longa peregrinação, encetada no meio de Troia em chamas. E os exemplos, transportados para as aventuras dos Cavaleiros da Távola Redonda e dos romances de cavalaria, poderiam multiplicar-se, mas os que aí ficam são suficientes para nos fazer compreender o papel desempenhado pelo Mostrengo na **Mensagem**, réplica do Gigante Adamastor de **Os Lusíadas**.

Simbolizando, como simboliza, todos os obstáculos que as legiões de navegadores portugueses, na sua heróica demanda de novos mundos, tiveram que enfrentar e vencer, em «O Mostrengo» não sabemos o nome do «homem do leme» que ousadamente desafiou a ira desse terrível monstro marinho nem vemos a sua face. Mas sabemos que, tal como o Gama de **os Lusíadas**, que constantemente proclama a sua obediência cega, total, ao rei distante a quem serve, D. Manuel I,

assim também o capitão sem face e sem nome proclama bem alto, três vezes, que está ao serviço do rei de Portugal, D. JOÃO II.³³

«O Mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;»

«No fim do mar» se encontra o Mostrengo. Onde será este «fim do mar»? No abismo dos abismos? Será uma referência ao inconsciente, que aquele que se propõe, corajosamente, empreender a viagem do conhecimento próprio tem obrigatoriamente de visitar e onde vê aparecer mil e uma imagens, fantasmas, aterrorizadoras? Onde quer que seja, a verdade é que o Mostrengo, como todas as aparições sobrenaturais, demoniacamente portentosas, aparece de noite — e numa «noite de breu.»

«[...] Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»

A penetração dos portugueses nas «cavernas» e nos «tectos negros» do Mostrengo, nos mares desconhecidos, foi um acto de violação e de sacrilégio. Tal como Prometeu, ao ousar subir aos céus para aí se apoderar do fogo, até então propriedade exclusiva dos deuses, para melhorar a sorte dos homens, seus irmãos, também os nautas de D. João II ousaram ir buscar os tesouros escondidos para além dos mares desconhecidos, aí ciosamente guardados pelos deuses, a fim de os porem nas mãos dos homens. Duramente foi castigado Prometeu. Porque não infligir também castigo análogo aos navegadores portugueses, simbolizados pelo «homem do leme?» Como se disse, no comentário a outro poema, em contexto quase idêntico, «desvendar» significa tirar o véu da noiva e violar a sua virgindade. Religiosa e zelosamente, na sua função de dragão proctetor, o Mostrengo «imundo e grosso», defende essa virgindade dos mares que são seus. Mas os portugueses raptam a noiva e violam-na.

O candidato, envolto por uma luz imensa e pura, desvendará os Mistérios Maiores, acederá ao conhecimento da totalidade cósmica do seu Eu Superior, após ter passado a terrível prova: a de enfrentar o Guardião do Umbral que o poeta simboliza num «mostrengo» e que não é mais que a soma de todas as limitações, erros cometidos ao longo de longas existências votadas a um único fim: o da valorização da personalidade, do ego, dissociado da sua dimensão superior e divina.

³³ Sobre «o parentesco literário entre o 'Mostrengo' da *Mensagem* de Fernando Pessoa e o 'Adamastor' de *Os Lusíadas*», assim como sobre as fontes clássicas deste poema e outros aspectos relevantes, veja-se Américo da Costa Ramalho, «Sobre o 'Mostrengo' de Fernando Pessoa», *Littera*, Janeiro-Junho, Ano VI, Rio de Janeiro, 1976, pp. 50-54.

Ritualmente, três são as perguntas que o Mostrengo faz ao «homem do leme» e a que este, na sua qualidade de candidato à iniciação, terá que responder: primeiro, quem ousava penetrar nos seus domínios; segundo, de quem eram as naus que penetravam nos seus domínios; terceiro, quem se fazia igual a ele, adquirindo o poder que só ele tinha. E a resposta do «homem do leme», em certo sentido figura do Édipo que consegue decifrar o enigma da Esfinge, é sempre a mesma: esse alguém era «El-Rei D. João II!» Em nome desse rei (do Eu Superior) e representando «um Povo que quer o mar que é» do Mostrengo, o «homem do leme», a tremer embora, perante a pavorosa aparição nocturna, prossegue impertérrio e «tremendo» na sua missão heróica e sagrada (note-se a ambiguidade deste termo: o «homem do leme» treme e inspira medo, ao mesmo tempo). Como todos os que, através dos séculos, ousaram elevar-se acima da sua simples condição de mortais, desde Adão a Jacob, desde Prometeu a Fausto, o «homem do leme» comete o pecado do sacrilégio, desafiando a divindade e violando os seus segredos e desobedecendo aos seus mandamentos.

Aproximando «O Mostrengo» de certo tipo de contos de fadas, o poema poderia ser interpretado mais ou menos assim. Nos contos de fadas, como nos ensina Propp na *Morphologie du conte*, o rei propõe ao herói um prémio, se matar o dragão, resolver o enigma, praticar uma façanha sobre-humana.³⁴ Em «O Mostrengo», vencida a prova, com a morte simbólica do monstro marinho, o «homem do leme», o herói, receberá vicariamente, em nome do Rei de Portugal, D. João II, a posse dos mares, pelo que se poderia falar numa analogia entre, respectivamente, o rei, o herói, o dragão e a princesa dos contos de fadas, e D. João II, o «homem do leme», o «Mostrengo» e os mares do poema da *Mensagem*.

Em certo sentido, a vitória do «homem do leme» sobre o Mostrengo é o esconjuro do mundo mágico, é a solução, por parte dos portugueses, do enigma que os vinha atormentado, e, neles, à humanidade, num crescendo que parecia não ter fim, desde o primeiro poema da *Mensagem*: o enigma que a esfinge, «posta nos cotovellos», encarna.

Lido num contexto religioso, de sinal rosacruziano ou teosófico, este poema representaria a prova, o exame, a que o neófito tem que sujeitar-se, antes de poder ser admitido no *pratum felicitatis*, ou o jardim de delícias, simbolizado, por sua vez, no âmbito da história mística dos descobrimentos portugueses, por aquele Eldorado tão afanosamente perseguido. Para apoio desta leitura, nem sequer faltam as três pancadas rituais do neófito, representadas pelas três perguntas do Mostrengo e pelas três respostas.

³⁴ Vladimir Propp, *Morphologie du conte*, suivi de *Les transformations des contes merveilleux*, et de E. Mélétski, *L'Étude structurale et typologique du conte*. Traductions de Marguerite Derrida, Tzvetan Todorov et Claude Khan. Paris: Éditions du Seuil, 1965 et 1970.

Sendo este um dos poucos poemas da **Mensagem** de carácter dinâmico-dramático (Pessoa escreveu teatro estático), é o momento de acentuar mais uma vez que Portugal, destinado, desde o primeiro poema, melhor, deste a epígrafe geral, a encabeçar o Quinto Império, não é apresentado a combater as forças adversas, simbolizadas pelo Mostrengo, mas sim a comemorar as vitórias já alcançadas. Portugal não vence as provas para receber o prémio do triunfo, mas vence-as porque estava predestinado **a priori** (passe a redundância) a vencê-las, da mesma maneira que o homem está predestinado, **a priori**, a ser deus. É como se, no fundo, a **Mensagem** fosse, não uma narrativa épica, mas a celebração de um rito de carácter comemorativo, ou a anamnésis de que se falou noutro lugar.

Para concluir estas breves considerações sobre «O Mostrengo», vamos transcrever, sem quaisquer comentários, as palavras de um especialista em alquimia: «O dragão é o guarda do templo. Sacrifica-o, tira-lhe a pele, separa-lhe a carne dos ossos, e encontrarás aquilo que procuras.»³⁵

³⁵ Marcellin Berthelot, *Les origines de l'Alchimie* (Paris: 1885), p. 128.

V

EPITAPHIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.³⁶

³⁶ Edição Aguilar: ombro.

Ao poema mais longo da Segunda Parte — «O Mostrengo» — segue-se o poema mais curto, que o é também da **Mensagem**: «Epitáfio de Bartolomeu Dias.» E, em obediência a uma coesa lógica interna, ao poema que simboliza e sintetiza a luta épica entre Portugal e as forças diabólicas da natureza, com a subsequente vitória de Portugal, segue-se o poema que epitoma essa vitória.

Recomendam as artes poéticas que os epitáfios sejam breves para que os transeuntes que porventura os leiam possam retê-los na memória. ³⁷ Pessoa observou esta regra, ao resumir a vida heróica, a morte exemplar e a mensagem à posteridade de Bartolomeu Dias nas trinta e três palavras de um quarteto decassilábico, em rima grave, cruzada (contamos os três casos de contracção entre a preposição e o artigo como duas palavras).

Neste poema, como em vários outros, o esquema rímico, em forma de cruz, concorre para ajudar a veicular o sentido do epitáfio. Bartolomeu Dias é um cruzado; nas velas dos navios que constituem a sua armada vai gravada a cruz de Cristo.

Já alguém terá reparado que este poema pode ser lido, sem perder o sentido, do fim para o princípio? É um poema retrógrado. Senão vejamos:

Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
O Capitão do Fim, dobrado o Assombro,
Jaz aqui, na pequena praia extrema. ³⁸

A diferença entre a primeira versão e a segunda afecta sobretudo a tonalidade. Enquanto na sua forma original tem uma maior carga de subjectividade, na forma inversa tem um tom mais épico. Isso resulta sobretudo do facto de, no primeiro caso, ir do homem para o mito, e, no segundo, do mito para o homem.

Mas suspeitamos que o efeito semântico do carácter retrógrado do poema não termina aqui. Assim como a morte de Bartolomeu Dias foi seguida do descobrimento de um novo caminho para a Índia, que é um sinal de vida, assim também o final

³⁷ Manuel de Faria e Sousa, **Rimas Várias de Luis de Camões Comentadas por...** (Lisboa: Theotonio Damaso de Mello, 1685), ed. facsimil, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972, Parte II, Tomo IV, p.186.

A este respeito, ouçamos Fernando de Herrera, a eterna Nemesis de Faria e Sousa: «La ley que se debe guardar en semejantes inscripciones y títulos es, según Platón, que no excedan el número de 4 versos, para que el caminante que pasa los lea fácilmente. Y Cicerón en el 21 de leyes quiere lo mismo, diciendo así: nec imponi quam quod capiat laudem mortui incisam quattor versibus quos appellat Enius», in Garcilaso de la Vega, **Garcilaso de la Vega y sus comentaristas; obras completas acompañadas de los textos íntegros de el Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas Y Azara**. Edición, introducción y notas, cronología y bibliografía por Antonio Gallego Morell (Granada: Universidad de Granada, 1966), p. 354.

³⁸ Para preservar o sentido do poema, só foi necessário substituir o ponto depois de «Fim» por uma vírgula.

do poema é o início de outro. É o regresso por meio de uma forma poeticamente críptica, do diálogo entre o grão que morre e os grãos que dele nascem.

«Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim.»

O epitáfio começa por apresentar-nos Bartolomeu Dias, o intrépido marinheiro que em 1487-88 dobrou o Cabo das Tormentas, chamado depois desse feito Cabo da Boa Esperança, sepultado na «pequena praia extrema», ou seja, segundo parece deduzir-se do contexto, no extremo sul da África, o que por sinal coincide com a lição da história, uma vez que Bartolomeu Dias morreu no mar do sul, junto do cabo por ele descoberto, por ocasião da viagem de Pedro Álvares Cabral à Índia via Brasil, em 1500: «Aqui espero tomar, se não me engano, / De quem me descobriu justa vingança» — dirá o Gigante Adamastor ao Gama, na sua profecia épica.³⁹ É o sentido literal dos primeiros dois versos do epitáfio.

Note-se a ênfase dada ao verbo *jazer*, por meio da inversão da ordem sintáctica. É essa a forma tradicional do epitáfio.

A razão de o poeta dar a Bartolomeu Dias o cognome de «Capitão do Fim» talvez possa encontrar-se no facto de ter sido ele que dobrou a costa sul do continente africano, acabando assim com a dúvida de não haver comunicação entre o Oceano Atlântico e o Oceano Índico, e, permitindo, portanto, a chegada à Índia por mar, razão fundamental de ser do programa das navegações portuguesas nessa direcção. Era ao Oriente que os reis de Portugal pretendiam chegar por mar para assim irem directamente ao encontro das riquezas que a Europa cobiçava. Uma outra explicação para esse cognome deverá ir buscar-se ao facto de a viagem de Bartolomeu Dias ser o fim dessa longa e penosa demanda, dado que, como na realidade viria a suceder, chegar à Índia já não era uma impossibilidade: era apenas uma certeza adiada, como já foi dito no comentário a outro poema: «D. João o Segundo.»

«Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.»

O «Assombro», maiusculizado, é o Cabo Tormentório em que a lenda colocou o Mostrengo da Mensagem e converteu o namorado Gigante Adamastor de *Os Lusíadas*. Equacionado com o Mostrengo do poema precedente, o «Assombro» é para os Portugueses o que a Esfinge fora para os Tebanos: um monstro sedento de sangue humano e símbolo do domínio das forças do mal sobre as forças do bem; e Bartolomeu Dias é o Édipo que decifra o enigma do «Assombro» e o força

³⁹ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, XLIV.

a precipitar-se no abismo e a desfazer-se em espuma, contribuindo assim para que a luz triunfe sobre as trevas, o conhecimento sobre a ignorância.

Ao chamar Atlas a Bartolomeu Dias, o autor do epitáfio está a mitificá-lo, a fazer dele um semi-deus. É que, metaforicamente, Bartolomeu Dias é o Atlas que se rebela contra os deuses do Oceano, e contra os deuses do Olimpo, e coloca o «globo mundo» nas mãos de D. João II e lhe revela a forma esférica da terra e lhe entrega a chave com que virá a abrir as portas do templo dos mares distantes, até então hermeticamente seladas e defendidas pelo deus «Assombro».

VI

OS COLOMBOS

02-04-1934

Outros haverão de ter
O que houermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.

Mas o que a elles não toca
É a magia que evoca
O longe e faz d'elle historia.
E porisso a sua gloria
É justa aureola dada ⁴⁰
Por uma luz emprestada.

⁴⁰ Ed. de 1934: É uma justa aurcola dada

Este poema consta de duas sextilhas em redondilha maior e em rima emparelhada, pobre, o que é uma maneira muito engenhosa, por parte do poeta, de dar, através da forma externa do poema, dimensões modestas aos feitos dos navegadores estrangeiros e das outras potências marítimas, estabelecendo assim um contraste palpável entre a grandeza épica de Portugal e a mediocridade dos países que lhe seguiram as pegadas.

Nesta poesia — «Os Colombos» — engloba o poeta todos os que, inspirados e, muitas vezes, também ensinados, pelos portugueses, como foi o caso específico de Cristóvão Colombo, que dá o nome ao poema, se lançam nas aventuras marítimas. Pelo que poderia dizer-se que Colombo é aqui essencialmente uma metonímia. Sendo o mais conhecido dos navegadores estrangeiros, nele quis o poeta simbolizá-los a todos.

A poesia, vista no seu contexto histórico, é, portanto, uma clara referência a todas as nações que vieram a fundar os seus impérios marítimos à custa de Portugal: «Outros haverão de ter / O que houvermos de perder», sendo esses outros, por exemplo, os espanhóis, os holandeses, os franceses, os ingleses, como a história nos ensina.

Narrada na primeira pessoa do plural, é a voz de todos os portugueses que, ao mesmo tempo que lamentam o muito que Portugal perdeu do que possuiu, manifestam o seu orgulho pela singularidade privilegiada de Portugal, neste capítulo ímpar da história da humanidade. Enquanto os outros países entraram prosaicamente na posse dessas terras desconhecidas e desses mares descobertos, a Portugal coube a glória de encontrar essas novas terras e esses novos mares numa viagem de demanda, viagem que se faz pela própria magia que ela tem, que é o prémio de si mesma, como que olímpicamente indiferente ao que possa encontrar-se no fim dela: «Mas o que a elles não toca / É a magia que evoca / O longe e faz d'elle historia.»

O acto dos descobrimentos foi, como se disse algures, um acto de criação. E descobrir, por meio do logos fecundante, é trazer para o tempo o que antes não passava de simples potência.

Fazer história do «Longe» foi apanágio exclusivo de Portugal. E, sendo assim, podem concluir os portugueses, através da magia demiúrgica do poeta, num silogismo de uma força convincente, irrefutável, à Fernando Pessoa, que a glória das outras potências marítimas é a que Portugal se dignou emprestar-lhes, é a que se desprendia do carro de triunfo de Portugal. É como se na metáfora implícita, latente, Portugal fosse o sol e as outras nações fossem a lua, a qual só tem a luz que do sol recebe emprestada. Mas, reparando bem na metáfora manifesta, patente, do texto — «uma luz emprestada» —, notamos uma vez mais a conotação religiosa, sacral. A «auréola», emblema da santidade, como se mostrou no comentário ao poema sobre Nun' Alvares Pereira, aponta claramente para o carácter divino, sobrenatural, da missão de Portugal, o que vem corroborar, mais uma vez, a leitura providencialista da história portuguesa feita por Pessoa na **Mensagem**.

VII

OCCIDENTE

COM DUAS mãos — o Acto e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Occidente o véu rasgou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.

Eis-nos perante mais um poema em ritmo heróico: doze versos (repete-se que num total de quarenta e quatro poemas, há na **Mensagem** catorze de doze versos), distribuídos por três quartetos em rima cruzada, sendo os três primeiros versos decassilábicos e o quarto hexassilábico.

Em termos de discurso, tal como no poema anterior, fala uma voz colectiva, na primeira pessoa do plural. São uma vez mais todos os portugueses a celebrar as efemérides da sua epopeia marítima.

Começando pelo título, nota-se imediatamente um paradoxo, aparente, porém, uma vez que as descobertas de Portugal são sempre equacionadas com o Oriente. A Índia, paradigma de todas as terras descobertas, fica, de facto, para Oriente de Portugal. Mas, se repararmos bem, a referência ao descobrimento do Ocidente tem a sua razão de ser muito lógica. Primeiro, porque o oceano em que se lançavam as caravelas dos navegadores da escola do Infante D. Henrique ficava a ocidente de Portugal; segundo, porque muitas das terras descobertas, como a Terra Nova, por exemplo, para já não falar dos Açores e da Madeira, ficavam na verdade a Ocidente de Portugal. Por outro lado, enquanto as terras do Oriente eram conhecidas — o que faltava era encontrar o caminho marítimo para lá chegar —, as terras do Ocidente eram totalmente desconhecidas para Portugal e para a Europa, dentro do contexto do poema. De maneira que, em última análise, de descobrimento propriamente dito, com referência a novos mundos, só se pode falar quando se considera o Ocidente. Com boa razão pôs o poeta a Europa, no primeiro poema da **Mensagem**, a fitar o Ocidente com «o rosto de Portugal.»

«COM DUAS mãos — o Acto e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino
E a outra afasta o véu.»

Mais uma vez afirma o poeta que a obra dos descobrimentos portugueses foi uma aventura conjunta de Deus — «o Destino» — e do homem — «o Acto» —, e que nela participaram todos os portugueses, como o «desvendámos» implica.

É importante voltar a chamar a atenção para o lexema «desvendar» como sinónimo de descobrir. É que descobrir foi um acto de conhecimento em sentido bíblico, foi uma iniciação amorosa, dentro de um contexto esotérico. E, para que essa iniciação se consumasse, foi necessário que a mão de Deus erguesse o «facho tremulo e divino» a fim de que a mão do homem pudesse afastar o véu.

O sintagma «facho tremulo e divino», que a mão que é «o Destino» levanta «ao céu», indica também a trepidação com que as «naus da iniciação» de Portugal se aproximavam da consumação desse cometimento prometeico. É o pavor sagrado que todo o acto de conhecimento de natureza sacrílega inspira.

«Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Occidente o véu rasgou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.»

Começando por corroborar a ideia de «iniciação amorosa» esotérica, referida atrás, com a expressão «rasgar o véu», o poeta, recorrendo à antropomorfização, dá à «mão que ao Occidente o véu rasgou» corpo e alma, sendo a «alma a Sciencia e corpo a Ousadia», como para acentuar que o acto de descobrir novos mundos foi fruto da ciência e da coragem, como o acto da autêntica criação poética é fruto da arte e do engenho. De uma forma muito subtil, mas inequívoca, é Fernando Pessoa a tomar partido na questão, ainda não definitivamente resolvida, sobre a maneira como se processaram os descobrimentos portugueses.⁴¹ Começando por, na primeira estância, fazer compartilhar entre o homem e Deus — «o Acto e o Destino» — a empresa marítima de Portugal, afirma na segunda que, por parte do homem, à ciência se aliou o espírito de coragem, de aventura.

«Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.»

O primeiro verso, lido em sentido literal e, portanto, num contexto histórico, refere-se certamente à maneira como se processou o achamento do Brasil. Como se sabe, ainda hoje os historiadores se debatem sobre a questão, opinando uns que o descobrimento do Brasil foi obra do Acaso, motivado por um temporal que teria desviado as naus de Pedro Alvares Cabral da rota que se propunham seguir — em direcção à Índia —, e opinando outros que o descobrimento do Brasil foi intencional, obra da Vontade, por conseguinte. Mas, fosse como fosse, conclui o poeta, nessa empresa magna houve colaboração entre Deus e Portugal, sendo Deus a alma e Portugal o corpo.

Mas, enquanto os historiadores do descobrimento do Brasil põem apenas duas hipóteses — a intenção e o temporal —, o poeta da *Mensagem* põe três: o «Acaso» ou a divina Providência, a «Vontade» ou a intenção do homem, e o «Temporal» ou o capricho da Natureza. E assim se explicaria a existência de três estâncias no poema. É o espírito de harmonia poética mais uma vez em evidência.

⁴¹ Foram unicamente resultado do espírito de aventura, como sustentam alguns historiadores? Foram unicamente resultado de conhecimentos científicos, como sustentam outros? Eis um aspecto dos termos em que o poeta parece pôr a questão.

⁴² Sentido literal do termo «mão»: mão de Deus e mão do homem. Sentido figurativo: na primeira estância, a mão é sinónimo de Acto e de Destino; na segunda, é sinónimo de hora; na terceira, é sinónimo de Acaso, Vontade e Temporal.

Como acontece com vários outros poemas da **Mensagem**, este gira essencialmente à volta de um lexema-chave: «mão», dotada de uma riqueza semântica extraordinária, indo do sentido literal ao sentido figurativo.⁴² Símbolo da actividade e do poder, a «mão», mencionada explicitamente cinco vezes, e implicitamente duas, por meio dos pronomes «uma» e «outra», está presente nas três estrofes: três na primeira e duas em cada uma das outras. Mais: aparece no primeiro verso e no último, em posição privilegiada. É um diálogo fecundante entre a mão de Deus e a mão do homem.⁴³

Simbolizando a mão a actividade e o poder, é natural que o poeta insistisse também no uso de verbos de acção, estando dois deles em forma de políptoto: «desvendámos» e «desvendou»; «ergue» e «ergueu.»

Como, no fundo, se trata de uma caminhada das trevas para a luz, o «facho» é também outra palavra-chave. É com a luz que ele projecta que é possível ver o caminho que leva ao encontro do tesouro escondido.

Num poema altamente conotativo, o carácter plurissémico da «alma» e do «corpo» desempenha um grande papel estilístico. Enquanto na segunda estância se afirma que a ciência foi a alma da mão e a ousadia o corpo dela, na terceira afirma-se que Deus foi a alma da mão e Portugal o corpo.

Mas o virtuosismo poético não termina aqui. Para melhor dizer do poder mágico dessas mãos, há anáforas perfeitas entre cada um dos quatro versos das duas últimas estrofes.⁴⁴

Para concluir, queremos chamar a atenção para o tema da colaboração entre Deus e o homem no fazer da história de Portugal, tema que, pela sua constância, talvez pudéssemos elevar à categoria de *topos* da **Mensagem**.

⁴³ Na arte cristã, a intervenção de Deus é frequentemente simbolizada pela mão de Deus saindo de entre as nuvens, mão que os exegetas costumam interpretar como o Logos encarnado.

⁴⁴ Vejamos essas anáforas:

1.ª estância:

Fosse a hora
A mão que
Foi alma
Da mão que

2.ª estância:

Fosse Acaso
A mão que
Foi Deus
Da mão que.

VIII

FERNÃO DE MAGALHÃES

NO VALLE clareia uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titans, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quiz cingir o materno vulto —
Cingil-o, dos homens, o primeiro —,
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda commanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas elles não
O sabem, e dançam na solidão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do valle pelas encostas
Dos mudos montes.

Foi em 1519 que, ao serviço do rei de Espanha, Carlos V, o português Fernão de Magalhães (1480-1521), com o propósito de chegar à fonte de certas especiarias, nas Ilhas Molucas, empreendeu o que viria a ser a primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre. E foi no decorrer dessa viagem histórica que Fernão de Magalhães foi assassinado pelos nativos das Ilhas Filipinas.

A morte do ousado marinheiro às mãos dos indígenas, que o poeta cognomina de «Titans, os filhos da Terra», representa a morte de todos aqueles que, antes dele, e como ele, ousaram desafiar as forças cósmicas e a ira dos deuses. Ele é como que o bode expiatório imolado à fúria implacável dos povos cuja tranquilidade e o «modus vivendi» secular os portugueses se atreveram a perturbar. Os Titãs que sacrificaram Fernão de Magalhães em desagravo dos pecados cometidos pelos nautas do Infante simbolizam também as forças adversas que os portugueses tiveram que enfrentar na terra no decurso da realização da sua epopeia marítima, da mesma maneira que o «Mostrengo» simboliza as forças adversas que tiveram que enfrentar no mar.

Em certo sentido, poder-se-ia dizer que há uma analogia entre Fernão de Magalhães e Prometeu: este subiu ao céu para roubar o fogo aos deuses, com a finalidade de melhorar a sorte dos homens; aquele sulcou os mares para proporcionar aos homens um melhor acesso aos bens da terra. Mas ambos tiveram que pagar as consequências da sua ousadia: Prometeu foi castigado pelos deuses do Olimpo e Fernão de Magalhães foi punido pelos «filhos da Terra.» Fernão de Magalhães pode ser também comparado com Édipo, pelo facto de ter pecado incestuosamente com a mãe.

Mas por outro lado, ao chamar «Titans, os filhos da Terra», aos que imolaram Fernão de Magalhães na ara dos holocaustos, o poeta está implicitamente a comparar o «marinheiro» com um deus do Olimpo. Porque ousou violar a *Magna Mater* («Violou a Terra»), os seus filhos («os filhos da Terra») vingaram o pecado. Porém, eles fizeram isso inscientemente: «Mas eles não / O sabem, e dançam na solidão.» É o poeta a dizer dos sacrificadores do herói português, do benfeitor da humanidade, o que Jesus moribundo na cruz disse dos que o insultavam: «Perdoai-lhes, ó Pai, que não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).

Como todos os grandes heróis, Fernão de Magalhães continua depois de morto a ser farol dos que precisam de luz para verem o caminho que conduz à libertação:

«Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda commanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a gular
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.»

Aliás, se repararmos bem na cerimónia fúnebre com que os «filhos da Terra» celebram a sua morte, facilmente concluiremos que se trata do funeral de um semi-

deus, de alguém que quis elevar-se acima da condição humana, através de uma união incestuosa com a própria mãe: a Terra.

Que fique bem claro que a leitura arquetípica que acaba de ser feita de forma alguma impede uma outra, igualmente legítima, que poderia chamar-se de 1º grau. Assim, pelo "resto do fim do espaço" entende-se a distância que separa as ilhas Filipinas da Península Ibérica, e pelo "até ausente soube cercar/A terra inteira com seu abraço" entende-se que foi sob a inspiração do herói sacrificado que Juan Sebastian Delcano levou a bom termo a viagem de circum-navegação.

As quatro sextilhas em ritmo irregular, em que se entrecruzam versos de quatro, oito, nove e dez sílabas, prestam-se muito bem para veicular a espécie de dança macabra e ritual que «os filhos da Terra» ou «Titans» executam para celebrar a morte do «marinheiro que quiz cingir o materno vulto.» E se passarmos ao plano do discurso, veremos que ele não podia ser também mais apropriado ao tema.

O poeta atira-nos «ex-abrupto» para o meio de um vale onde «clareia uma fogueira» e «Uma dança sacode a terra inteira.» Seguidamente, com um poder de visualismo extraordinário, apresenta-nos «sombras disformes e descompostas» movendo-se fantasmagoricamente por entre os clarões e as trevas de uma noite dedicada à celebração de ritos fúnebres.

Na segunda sextilha, para melhor dramatizar a cena, o poeta pergunta no primeiro verso «De quem é a dança que a noite aterra» e responde nos outros cinco.

Para dar dimensões épicas aos funerais de Fernão de Magalhães e, indirectamente, à sua gesta heróica, o poeta recorre a duas formidáveis hipérboles para descrever a dança dos «Titans»: «Uma dança sacode a terra inteira»; «De quem é a dança que a noite aterra!». Admirável também o efeito da luz e do som que o poeta consegue transmitir, para dimensionar a acção no tempo e no espaço. O poema abre em luz e fecha em trevas; abre num ruído infernal e fecha num silêncio de morte:

«NO VALLE clareia uma fogueira.

Uma dança sacode a terra inteira.

[.....]

E sombras disformes e descompostas,

Indo perder-se nos horizontes,

Galgam do valle pelas encostas

Dos mudos montes.»

Outro fenómeno estilístico de grande efeito dinâmico e dramático é a quase reduplicação temática e formal que se processa no poema, sendo a quarta estância a reduplicação da primeira, e a terceira a reduplicação da segunda, constituindo assim todas um super-quiasmo, a ponto de o terceiro verso da quarta estância ser exactamente igual ao terceiro da primeira: «E sombras disformes e descompostas.» O poeta não podia encontrar melhor maneira para reproduzir por meio da magia da palavra a coreografia do poema. É como se estivéssemos a assistir a uma dança em «ritornello». Uma dança de roda, à volta do «marinheiro/ Que quiz cingir o materno

vulto», dança que simboliza a viagem do homem em torno do globo, dança que o poema também reproduz visualmente, na medida em que as estâncias dos extremos descrevem os «titans» e as do meio descrevem o «marinheiro.» É uma vez mais o génio poético, o milagre do «fingimento» de Pessoa, em acção.

IX

ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

10-01-1922

OS DEUSES da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões 45

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.

⁴⁵ Nem esta edição nem a da Aguilar registram qualquer sinal de pontuação a seguir a clarões.

Dito isto, [Jesus] elevou-se à vista deles e uma nuvem subtraiu-O a seus olhos. E como estavam com os olhos fixos no céu enquanto Ele se afastava, surgiram de repente dois homens vestidos de branco que lhes disseram: «Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o céu? Esse Jesus, que vos foi arrebatado para o Céu, virá da mesma maneira, como agora O vistes partir para o Céu» (Act 1, 9-11)

Desempenhada a sua missão na terra, Jesus foi arrebatado aos Céus. Desempenhada a sua demanda — o descobrimento do caminho marítimo para a Índia (1498)—, Vasco da Gama foi arrebatado aos céus.

Este poema é, em miniatura, a réplica da "Insula divina" ou da Ilha do Amor (e não a Ilha dos Amores, como sói dizer-se) de *Os Lusíadas*. É a glorificação, em Vasco da Gama, como protótipo que é dos descobridores portugueses, da gesta marítima de Portugal. Estamos perante mais um caso em que um herói singular representa um herói plural.

**«OS DEUSES da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam.»**

Tendo consistido a sua aventura épica em feitos realizados na terra e no mar, lógico é que tanto as divindades terrestres («os gigantes da terra») como as divindades marinhas («Os deuses da tormenta») juntas assistam estupefactas à «ascensão de Vasco da Gama.» Simples mortal, tinha-se elevado, em virtude dos actos, acima da condição humana: tinha-se feito igual aos deuses. Merecedor, portanto, de uma apoteose reservada para os deuses.⁴⁶

**«Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.»**

Repare-se, antes de mais nada, na majestade processional do ritmo produzido por oito sons nasais, nas circunvoluções barrocas da frase, ornada por um hipérbaton («da nevoa ondeando os véus»), no dinamismo que os verbos de movimento lhe emprestam, e, portanto, na correspondência harmoniosa entre o signo e o seu conceito. Silêncio no vale, e, nos ares, um movimento primeiro e, depois, um assombro. Perante fenómeno tão estranho, todos os que o presenciavam — as criaturas da terra e as criaturas dos ares — passam do silêncio ao deslumbramento.

**«Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.»**

⁴⁶ De acordo com a teoria de Northrop Frye sobre a classificação do herói, Vasco da Gama deverá ser incluído entre os heróis da alta mimésis (*Anatomy of Criticism — Four Essays* [Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1973], pp. 33-34, v.g.).

Tradição mitológica (e histórica também?) e convenção literária é testemunhar prodígios da natureza sempre que algo de sobrenaturalmente extraordinário acontece no mundo.⁴⁷ Ora, para sublinhar este acontecimento ímpar da história de Portugal — a glorificação do herói prototípico — toda a natureza se dá as mãos e participa na apoteose do herói. Nela toma parte cada um dos quatro elementos, estando a terra simbolizada pelos «gigantes da terra», a água, pelos «Deuses da tormenta», o ar, pelas «nuvens», e o fogo, pelos «clarões» e pela «luz de mil trovões.»

A ascensão de Vasco da Gama é um fenómeno tão extraordinário, que a guerra perpétua entre «os deuses da tormenta e os gigantes da terra» se suspende como que por encanto. É a analogia com a tradição do estabelecimento de tréguas entre os povos em guerra quando se celebravam as festividades mais solenes do calendário litúrgico de todas as religiões. É a elevação da ascensão de Vasco da Gama ao nível da celebração dos grandes mistérios religiosos.

«Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.»

O pastor que gela e que deixa cair a flauta «e em êxtase vê, à luz de mil trovões, / O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta» é a réplica dos discípulos de Jesus, a quem «dois anjos vestidos de branco» encontraram com «os olhos fixos no céu enquanto Ele [Jesus] se afastava.» Em face de acontecimento tão insólito, o homem tudo esquece, e, deslumbrado, põe-se a contemplá-lo.

Mas cremos não ser este o único sentido destes versos. Ao fazer cair a flauta das mãos do pastor, o poeta lembra ao leitor que está diante de um herói épico e não de um herói lírico, pelo que a flauta, emblema da poesia lírica, deverá ser substituída pela tuba, emblema da poesia épica.⁴⁸

Para reproduzir condignamente a sublimidade deste acontecimento magno na história de Portugal e da humanidade, recorre o poeta ao mais majestoso dos metros na poética portuguesa: o verso alexandrino. A lentidão e a majestade do ritmo são reforçados pela grandiloquência e pelas palavras com que terminam os versos, assim como pela superabundância de orações e complementos adverbiais, e pelas aliterações (v.g., «o rastro ruge») e hipérbatos. Com excepção dos dois primeiros versos, todos os outros rimam em ditongos: quatro em ditongo oral e

⁴⁷ Pense-se, a título de exemplo, nos portentos que assinalaram a morte de César e o nascimento de Cristo.

⁴⁸ Chamamos a atenção, quanto a este ponto, para a Dedicatória de *Os Lusíadas* de Camões, assim como para a roda virgiliana, com que se convencionou representar o estilo sublime, o médio e o baixo.

quatro em ditongo nasal, o que contribui para o prolongamento do som e, por conseguinte, para a solenidade do andamento.

A metonímia ou antonomásia com que fecha o poema — Vasco da Gama é metamorfoseado em «Argonauta» — acentua muito apropriadamente a elevação do navegador português acima da condição humana, ao nível de herói mitológico. Pelo que não é de estranhar que, tal como acontecera com Jasão e com os que o acompanharam na demanda do Velo de Ouro — os quais, elevados ao céu, aí foram transformados em constelações —, também Vasco da Gama seja arrebatado aos céus.

Para mais uma vez chamar a atenção para a lógica interna que preside à estrutura da **Mensagem**, só nos resta concluir que o poeta, depois de nos ter feito assistir aos funerais de Fernão de Magalhães no VIII poema do «Mar Português», nos fez assistir no IX à «Ascensão de Vasco da Gama.» É mais um exemplo da dialéctica entre o sacrifício e o triunfo, a morte e a ressurreição, que impregna as linhas e as entrelinhas da epopeia.

X

MAR PORTUGUÊS

Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador ⁴⁹
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

⁴⁹ Edição Aguilar: *quere*.

«Mar Português» é provavelmente o mais conhecido dos poemas da **Mensagem**. Poucos serão os portugueses que passam pelos bancos da escola sem aprender de cor, senão na totalidade, pelo menos parte deste poema de doze versos, constituído por duas sextilhas em rima emparelhada, predominantemente masculina, em que se alternam os versos de dez sílabas com os de oito, com excepção do segundo verso de cada sextilha, que tem só sete sílabas.

O discurso, impregnado de subjectividade, como os pontos de exclamação tão bem indicam, muda da primeira para a segunda estância. Na primeira está na segunda pessoa e na segunda está na terceira. Na primeira apostrofa-se o «mar salgado» e questiona-se a validade da epopeia marítima, e na segunda justifica-se essa epopeia. Quanto à dimensão temporal, o discurso muda do presente para o pretérito, do pretérito novamente para o presente e deste para o pretérito, num processo circular que tão bem reflecte a permanência na continuidade e o diálogo constante entre a história e a representação e exemplaridade dela por meio do signo linguístico.

Na síntese das sínteses, teríamos nesta poesia uma miniatura do diálogo entre o Velho do Restelo e os seus adversários. Como em **Os Lusíadas**, quem perde é o Velho do Restelo. O espírito épico sobrepõe-se ao espírito satírico, na aceção que Northrop Frye dá a estes termos em **Anatomy of Criticism**.⁵⁰

«Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!»

Resumindo em doze palavras a história trágico-marítima de Portugal, o poeta começa por apostrofar o mar em nome de todos os portugueses, como se pode depreender da forma verbal «cruzarmos» e do pronome possessivo «nosso». Mais um caso em que todo o povo português é convidado a participar, à maneira do coro de uma tragédia grega, do drama colectivo que foi a aventura marítima (drama posto em cena no palco da **Mensagem**), fenómeno que Camões já registrara pela boca de Vasco da Gama, quando narra ao Rei de Melinde a despedida da armada que o levará às plagas do Oriente longínquo:

Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam.
As mulheres cum choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo
(**Os Lusíadas**, IV, 89).

⁵⁰ Northrop Frye, **Anatomy of Criticism — Four Essays** (Princeton: Princeton University Press, 1973), pp. 33-34.

«Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para quo fosses nosso, ó mar!»

Para que houvesse um «mar português», como antes tinha havido um mar grego ou um mar romano, todos os elementos constitutivos da sociedade portuguesa, em estado institucional de dependência afetiva e económica, sofreram: as mães, os filhos, as noivas. Choraram as mães, rezaram os filhos, ficaram por casar as noivas. É como se uma maternidade (o dar à luz o mar) impedisse, anulasse, outra. E assim se põe o drama da humanidade em toda a sua agudeza, ao mostrar o poeta que o homem só se realiza pela renúncia, pelo sacrifício. Que maior dramaticidade que ter a consciência de que a demanda de um bem implica a renúncia a outro bem? Bem é as mães viverem na companhia dos filhos; bem é os filhos viverem na companhia dos pais; bem é as noivas realizarem-se no casamento. E, entretanto, esses bens tiveram que ser preteridos, para sempre, por outro bem: o da posse dos mares.

Paralelamente, também na evolução espiritual do homem, todos os elementos da personalidade, consciente e inconsciente, convergem para um único fim: o do conhecimento íntimo da união com o Eu Superior, a divindade cósmica.

Por outro lado, como todo o acto de geração supõe a dor, desde a maldição do Génesis (Gn 3, 16), foi por meio do sofrimento que Portugal deu à luz o seu império marítimo, o «Mare Lusitanum.» Para subir aos céus é necessário descer antes ao abismo: «Deus ao mar o perigo e o abysmo deu, / Mas nelle é que espelhou o céu.» É na experiência, simbolizada poeticamente pelo «mar», que o espírito pode realizar a sua vocação de Homem-Deus. Nessa experiência terrestre, cheia de perigos e abismos, vai a entidade espiritual vivê-la num corpo físico, esquecida que é na matéria que a totalidade divina, a verdade que procura, se espelha.

Entre o «mar» com que abre o poema e o «céu» com que fecha habitam o sofrimento, as «lágrimas» e a «dor.» O que é uma forma poeticamente engenhosa para mostrar que, a fim de poder receber o prémio devido à vitória, é preciso sujeitar-se primeiro ao rigor da prova e superá-la.

Um dos comentários mais apropriados ao poema que dá o título à Segunda Parte da Mensagem — «Mar Português» — encontra-se nas queixas doridas daquela mãe plural que assiste lacrimosa à partida da armada a que já nos referimos atrás:

Qual vai dizendo: — O' filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro?
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento? (Os Lusíadas, IV, 90).

Comentário idêntico encontra-se num romance pastoril escrito entre os últimos anos do século XVI e os primeiros seis do século XVII. Ao descrever a sua peregrinação pelo Oceano Indico, nas proximidades da «celebrada Trapobana, e as terras opulentas da Aurea Quersoneso», Olívio-Felício, protagonista do romance e criptónimo do autor, expressa-se assim: «Desta forma cheguei à rica praia, cercada das inquietas ágoas daquele bravo Arquipélago, que da boca dos mais expertos mareantes só mereceu o nome de mar vivo, infelice sepultura de tantos corpos que, não perdoando em vida a tantos trabalhos e perigos, se confiaram nela ao arbítrio da fortuna, que lhe deu a morte por prémio da sua confiança.»⁵¹

Mas — apressamo-nos a esclarecer —, enquanto na **Lusitânia transformada** não se vê a face redentora da aventura marítima de Portugal, ao contrário do que ocorre em os **Lusíadas**, nesta poesia da **Mensagem** essa face é mais visível, o que aliás se casa perfeitamente com o espírito que enforma esta obra de Pessoa.

⁵¹ Fernão Alvares do Oriente, **Lusitânia transformada** — Introdução e actualização do texto por António Cirurgião (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985), p. 221.

XI

A ULTIMA NAU

**LEVANDO a bordo El-Rei D. Sabastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Imperio,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.**

**Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fórma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.**

**Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.**

**Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.**

«A ultima nau», um dos poemas mais artisticamente elaborados da epopeia, consta de vinte e quatro versos, distribuídos por quatro sextilhas isostróficas, sendo o primeiro, segundo, quarto e quinto versos decassilábicos e o terceiro e sexto dissilábicos, com rima emparelhada e interpolada — aabccb — com predomínio do verso grave.

O poema está estruturado em forma de viagem de ida e volta. Na primeira estância o poeta põe a nau que leva o Rei D. Sebastião, e o império que representa, a caminho do mistério; na última põe essa mesma nau que traz o Rei D. Sebastião a regressar do mistério para o império, conceito que está muito bem expresso pelos verbos de movimento com que começa o poema, assim como por meio do mecanismo poético da rima, como se pode ver comparando a primeira estância com a última. Enquanto o terceiro e sexto versos daquela são, respectivamente, «Do imperio» e «Mysterio», o terceiro e sexto desta são, respectivamente, «Mysterio» e «Do imperio.»

«LEVANDO a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Imperio.»

Personificam os reis as nações; personifica o Rei D. Sebastião o Império Português. Por isso, perdido o rei, perdida é a nação. Durante décadas, naus portuguesas, desfraldando aos ventos o pendão das quinas, percorreram a vastidão dos mares e as parcelas do Império. Mas um dia, em 1578, houve uma nau que partiu e que não voltou. Foi a que levou El-Rei D. Sebastião para as plagas africanas, numa aventura loucamente sublime. Ao comparar o erguer do «pendão do Imperio» ao erguer de um nome, coloca-nos o poeta no mundo dos universais, mundo em que o nome é da essência do conceito.

«Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.»

Sempre as grandes catástrofes épicas são anunciadas por solenes presságios. Assim aconteceu com a catástrofe de Alcácer-Quibir, que foi aquela em que se perdeu o rei e o reino de Portugal. Em arquivos públicos⁵² e particulares existem dezenas de poemas premonitórios sobre essa tragédia, e desses presságios se faz eco este poema da **Mensagem** nos últimos três versos da primeira estrofe, cujo «sol aziago» e «os choros de ancia e de presago / Mysterio», encerram as mil e uma profecias agourentas que pairam trágica e ameaçadoramente sobre os céus de Portugal.

⁵² Entre esses arquivos públicos, contam-se, por exemplo, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a Biblioteca Nacional de Lisboa, a Biblioteca da Ajuda, o Arquivo Distrital da Biblioteca Pública de Évora, a Biblioteca da Universidade de Coimbra, a Biblioteca Nacional de Madrid.

«Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?»

A segunda estrofe é a sùmula desse mito único que esfingicamente enche as páginas da história de Portugal e por entre elas fatidicamente nos espreita: o Sebastianismo. Mito antiteticamente dramatizado por meio de duas perguntas sucessivas de retórica e não de retórica.

Se «El-Rei» aportou a uma «ilha indescoberta», natural é que lá esteja à espera que Deus lhe permita que chegue a hora do regresso, tanto mais que, sebasticamente, não se sabe se sim ou não pereceu na batalha de Alcácer-Quibir, o que deverá ser o sentido do sintagma «sorte incerta.»

«Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.»

Expressando-se em termos ontológicos⁵³ — e mitológicos —, o poeta empresta carácter humano ao terceiro tempo: o futuro, e declara que, só conhecido na sua totalidade por Deus, é semiconhecido pelo homem. E, como todo o ser é criatura de Deus e dele providencialmente depende, o terceiro tempo — o futuro — é misticamente e penumbrosamente («sonho escuro») projectado por Ele, Deus, em nós, numa espécie de representação do mito da caverna de Platão, que é quase uma constante da **Mensagem**.

Neste «sonho escuro / E breve» poderá ler-se o mito do Sebastianismo naquele aspecto em que nos apresenta a vinda de D. Sebastião, Tejo fora, numa manhã de nevoeiro, e uma vinda que já não estará longe («sonho [...] breve»), o que se poderá ver melhor no último verso do último poema de **Mensagem**: «É a hora.»

Lido no contexto global da obra, como deverá ser lido cada poema da **Mensagem**, podemos ver já em «Ultima Nau» o primeiro indício de que D. Sebastião, metaforizado no «futuro» da segunda estrofe, foi encontrar-se com Deus, como ele próprio nos dirá explicitamente no primeiro poema de «Os Simbolos» da Terceira Parte, intitulado, precisamente «D. Sebastião.» A sua projecção, em forma de «sonho escuro», é uma reiteração da epistemologia pessoana que preside ao discurso da **Mensagem**: misto de doutrina aristotélica, platónica e plotiniana, sempre que se entra no reino misterioso do conhecimento do futuro.

⁵³ Veja-se a analogia entre a doutrina metafísica de Aristóteles e as palavras com que o poeta define o tempo futuro: «o corpo e a fôrma do futuro.» Segundo Aristóteles, todo o ser se compõe de matéria e de forma, de corpo e de alma.

«Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.»

A terceira estrofe, de tonalidade altamente subjectiva e emocional, está estruturada de uma forma dialéctica. Dum lado o povo português e do outro o poeta, metaforicamente feito «alma atlântica.» Falta ao povo a alma que sobeja ao poeta. Adormecido na sua «apagada e vil tristeza», precisa Portugal de um profeta que, à maneira dos profetas bíblicos, o desperte desse longo e infecundo sono. Carregando com ele e nele o passado de um povo que, em tempos idos, foi senhor de um império, o poeta-vate, numa vidência com que Deus o privilegia e que se estende para fora do tempo e do espaço («num mar que não tem tempo ou espaço»), vislumbra, por «entre a cerração» (quase sinónimo do «sonho escuro», referido anteriormente), o «vulto baço» de D. Sebastião, aquele Rei-Messias, de que se falará mais explicitamente na Terceira Parte.

Se atentarmos bem no sentido do «mar que não tem tempo ou espaço», podemos detectar mais um sinal a apontar para a natureza do reino em que o poeta da **Mensagem** crê e espera: um reino espiritual, pois os mares dos reinos deste mundo, ao contrário do mar deste poema, têm dimensões espaciais e temporais.

«Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Domore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.»

Na alma do poeta faz-se presença o que antes era apenas «sonho escuro» e mistério, «a nevoa finda» e surge radiosa a luz, pelo que poderíamos considerar a última estrofe um acto de fé na vinda, em tempo incerto, do Rei D. Sebastião, e, com ele, do Império Português. É como se D. Sebastião, à maneira de Cristo, tivesse, para resgate de Portugal, ficado sepultado durante três dias, para depois vir a ressuscitar glorioso e triunfante, mas transfigurado, afim de dar início ao reino espiritual a que já se aludiu e de que virá a falar-se em pormenor na Terceira Parte.

A ideia de vertigem da viagem espacial e temporal, mas fatídica, de ida de D. Sebastião e da viagem mística de regresso, sobre que a estrutura do poema assenta, transmite-a o poeta admiravelmente por meio dos oito versos dissilábicos e por meio de uma série de encavalamentos: três em cada uma das duas primeiras estâncias e dois em cada uma das outras duas.

XII

PRECE

31-12-1921 / 01-01-1922

SENHOR, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saúde.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não á finda.
O frio morto em cinzas a occultou:⁵⁴
A mão do vento póde erguel-a ainda.⁵⁵

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ancia —,⁵⁶
Com que a chamma do exforço se remoça,⁵⁷
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

⁵⁴ Edição Aguilar: occultou.

⁵⁵ Edição Aguilar: pode.

⁵⁶ Edição Aguilar: aragem tem vírgula (,).

⁵⁷ Edição Aguilar: esforço.

Eis-nos chegados ao último poema da Segunda Parte. Sendo o duodécimo, tem apropriadamente doze versos, distribuídos por três quartetos em versos decassilábicos e em rima cruzada. O ritmo é de uma grande lentidão. Em nítido contraste com o poema anterior, o da viagem louca, vertiginosa, de «A última nau», «Prece» não tem um único encavalamento. Pelo contrário, há sete pausas de ponto final ou equivalente, além de uma oração relativa explicativa e uma série de apostos ou continuados. É o ritmo mais adequado a uma prece dorida, soluçada. A voz é colectiva. Tomando o poeta como corifeu e demiurgo, os portugueses falam com Deus, como se pode depreender de o «restam-nos», o «conquistemos» e o «nossa» com que fecha o poema.

«SENHOR, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade»

Abre o poema com a entidade invocada. É ao Senhor que o poeta dirige a sua oração. Tomada a noite como metáfora para a morte, facilmente podemos concluir que Portugal está espiritualmente morto, devido a uma causa dupla: «a tormenta e a vontade.» Uma causa externa e uma causa interna, o que mais uma vez nos mostra que tudo quanto no mundo acontece é o resultado da conjugação de duas forças: uma transcendente e outra imanente; uma exterior ao homem e outra a ele inerente. Quando o que acontece é bom e grandioso depende de Deus e do homem, como vimos nos poemas «O Conde D. Henrique», «Dom João o Primeiro», e «O Infante.» Quando o que acontece é mau e trágico depende de entidades ou fenómenos adversos e do homem, como é o caso neste poema.

Ao descrever a alma como «vil», o poeta deverá querer dizer que Portugal tem necessidade de submeter-se a um rito de purificação, por meio da penitência e da oração. Lido num contexto alquímico, o «vil» estaria associado com as impurezas do ouro, antes de passar pela prova purificadora do fogo.

«Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saúde.»

Que resta aos portugueses em meio a um «silencio hostil» ou à conspiração do silêncio? — «O mar universal e a saúde.» É a reiteração de que Portugal, vocacionado para o mar, só no mar se poderá realizar como nação, mas num «mar universal» e, por conseguinte, diferente do mar do Portugal de quinhentos ou de um mar com fronteiras neste mundo. E é a afirmação de que para o poeta, na peugada de Teixeira de Pascoais, de Leonardo Coimbra e de outros, a essência de Portugal

reside na saudade, uma saudade ontologicamente feita carne e espírito de um povo ⁵⁸.

«Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frlo morto em cinzas a occultou:
A mão do vento póde erguel-a ainda.»

Reflecte o poeta e conclui que, mais que morte definitiva, houve uma morte temporária. Mais: Portugal não está morto: está adormecido, à maneira da princesa dos contos de fadas, à espera do beijo de um príncipe que venha despertá-la novamente para a vida. Assim como sob as cinzas se oculta por vezes uma réstea de fogo, assim também sob o «silêncio hostil» que cobre Portugal se oculta «a chamma, que a vida em nós creou.»

Mas na realidade a «chamma», isto é, a vida, que um dia foi Portugal, ainda perdurará? Sim, se ainda houver fé, que é o que a «vida» do segundo verso significa, como a «vida» do primeiro significa Criador.

«Dá o sopro, a aragem, — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do exforso se remoça,
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!»

Tendo concluído que a chama ainda existe, declara o poeta que «A mão do vento», isto é, aquele Senhor do Génesis que insuflou «o sopro da vida» no homem que acabara de formar «do pó da terra» (Gn 2, 7), pode reacendê-la com «o sopro, a aragem», se o homem colaborar com Ele, por meio de um acto da vontade.

É esse o milagre que o poeta implora a Deus. Mas para que Deus opere o milagre, terá o poeta, e, com ele, os portugueses em cujo nome reza, de demonstrar aquela fé que Jesus exigiu de Marta e Maria, antes de proceder à ressurreição de Lázaro (Jo 11, 144). Só então «A mão do vento» poderá erguer Portugal do Sepulcro.

Note-se como o poeta continua a jogar com a *aequivocatio*. A chama como sinónimo de vida da segunda estância surge-nos aqui, na terceira, como a alma do esforço.

Restituído à vida, como a fénix, que renasce das próprias cinzas sempre mais bela, poderá Portugal lançar-se novamente na conquista da «Distancia.» Outra

⁵⁸ Sobre este assunto, consulte-se, por exemplo, *Filosofia da Saudade*. Selecção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

Nesta obra, de 804 páginas, encontram-se depoimentos dos mais variados pensadores e escritores de Portugal e da Galiza, desde os tempos do Rei D. Duarte até nossos dias.

empresa marítima? Não necessariamente, e certamente não do mesmo sinal, como se viu atrás. O que importa é que seja uma empresa de cunho exclusivamente português: «mas que seja nossa.»

Curiosa neste poema a maneira como o poeta apresenta a dialéctica da morte e da vida. Do princípio ao fim, vão-se sucedendo e digladiando os campos semânticos indicativos da morte e da vida, tais como «noite», «silêncio», «frio morto», «cinzas» para a morte, e «chama» (duas vezes), «mão do vento», «sopro», «aragem», «remoçar», para a vida. E, nesta prolongada luta, roga a Deus o poeta-sacerdote que acabe por triunfar a vida.

TERCEIRA PARTE

O ENCOBERTO

«PAX IN EXCELSIS.»

Se me amais, Guardai os meus mandamentos. E pedirei a meu Pai, e vos dará um Consolador, que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque O não conhece. Mas vós, vós conhecei-Lo, porque ficará convosco e estará em vós.

Jo 14, 15-17.

«Bellum sine bello» é a epígrafe da Primeira Parte da **Mensagem**; «Possessio maris» é a epígrafe da Segunda; e «Pax in excelsis» é a epígrafe da Terceira. O que quer dizer que na Primeira Parte Portugal se realiza na terra; na Segunda se realiza no mar; e na Terceira se realiza no céu. Pelo que se poderia afirmar que na economia da **Mensagem** entram os quatro elementos, estando a Primeira Parte sob o signo da terra, a Segunda sob o signo da água, e a Terceira sob o signo do ar e do fogo.⁵⁹

Tendo «o anjo do Senhor» acabado de anunciar aos pastores, «que pernoitavam nos campos», o nascimento de Jesus, «juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade»' (Lc 2, 9-14).

Note-se, antes de mais nada, que, enquanto no Evangelho de S. Lucas os anjos cantam «glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade», na **Mensagem** anuncia-se «paz nas alturas», o que é mais um claro indício de que o Quinto Império, a criar sob a égide de Portugal, será essencialmente um império do espírito. Será o império da santidade, realizado sob o signo da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo.

Em termos analógicos, poder-se-ia dizer que, à maneira das três grandes idades da humanidade, no contexto do Cristianismo — a Idade do Pai Criador, a Idade do Filho Redentor, e a Idade do Espírito Santo Santificador —, também em relação a Portugal teríamos três idades: a da fundação do reino e da sua preparação para a expansão ultramarina, que foi a primeira dinastia; a da expansão ultramarina, com as suas descobertas e conquistas e evangelização, que foi a segunda dinastia; e a da santificação e glorificação do mundo, que será a dinastia que há-de vir.

Como é óbvio, no contexto da **Mensagem** não há quatro dinastias em Portugal. No final da segunda dinastia, Portugal morre e é metonimicamente sepultado com D. Sebastião, para nada contando, portanto, a dinastia filipina e a brigantina. A terceira dinastia de Portugal será a que há-de vir a seguir à ressurreição e ao regresso de D. Sebastião.

As três partes da **Mensagem** poder-se-iam assim comparar às três fases do Ano Litúrgico Cristão, as quais, por sua vez, correspondem às três grandes épocas da história da humanidade. A Primeira Parte da **Mensagem** corresponderia ao tempo do Advento, ou seja, aos quatro mil anos que precederam a vinda do Messias e prepararam a sua vinda. É a Idade do Pai. A Segunda Parte corresponderia ao ciclo da Encarnação do Messias e da Redenção, isto é, aos trinta e três anos que durou a

⁵⁹ Já depois de feitas estas observações, fomos deparar com uma interpretação quase idêntica num trabalho de Maria de Lourdes Belchior: «Já se terá reparado que a primeira parte, que diz respeito ao Reino, é referente à terra, e que a segunda parte se refere à água — Mar Português — e a terceira ao ar (sonhos, neblina, nevoeiro)? Uma interpretação, segundo os pressupostos de Bachelard, seria talvez fecunda» («Fernando Pessoa e Luís de Camões: Heróis e Mitos n'Os Lusíadas e na Mensagem», *Persona* 5 [Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, Abril de 1981], p. 5).

sua vida na terra, tempo que na liturgia compreende o Natal, a Epifania, a Quaresma e o Tempo Pascal. É a Idade do Filho. A Terceira Parte corresponderia ao período do Pentecostes, ou seja, a todos os tempos que se seguiram à ressurreição do Salvador e só hão-de acabar com a consumação dos séculos. É a Idade do Espírito Santo.

I

OS SYMBOLOS

The literary symbol, an
analogy for something unstated,
consists of an articulation of
verbal elements that, going beyond
reference and the limits of
discourse, embodies and offers a
complex of feeling and thought.

William York Tindall, *The Literary Symbol*.

A Terceira Parte da **Mensagem** está dividida em três secções, com um total de treze poemas: «Os Símbolos», «Os Avisos», e «Os Tempos.»

Eis a ordem, respectivamente, dos cinco Símbolos: «D. Sebastião», «O Quinto Império», «O Desejado», «As Ilhas Afortunadas», e «O Encoberto»; dos três avisos: «O Bandarra», «Antonio Vieira» e [Fernando Pessoa]; dos cinco Tempos: «Noite», «Tormenta», «Calma», «Antemanhã», e «Nevoeiro.»

Quanto a «Símbolos», a primeira coisa a notar é que D. Sebastião aparece três vezes, sob três nomes diferentes, e, por conseguinte, com atribuições distintas, em analogia com a unidade e trindade de Deus. D. Sebastião, o Desejado, e o Encoberto são um só ser em três pessoas, do mesmo modo que Deus é um só em três pessoas: O Pai, o Filho, e o Espírito Santo.

Se não soubéssemos, como sabemos, pelo que se tem visto no decorrer deste estudo, que a **Mensagem** está impregnada de simbolismo, bastaria o título desta I secção da Terceira Parte — «Os Símbolos» — para nos convenceremos a transcrever uma passagem de Ludwig Keller sobre o simbolismo do número cinco, que é o número de poemas desta I secção da Terceira Parte, assim como da III:

As flores, porém, e os jardins em que se cultivam, cedo serviram para símbolos dos Campos dos Bem-Aventurados ou da «terra abençoada», em que habitam as almas que passam através da morte para a vida. Em contraste com a habitação terrestre de Deus, o templo construído pelas mãos dos homens, que era representado pelo rectângulo, , o número sagrado cinco significava as mansões celestes das almas que tinham atingido a perfeição, e, portanto, representava tanto a Casa da Eternidade ou a Cidade de Deus como a Jerusalém Celeste. O pentagrama sagrado, em forma de rosa, não só na antiguidade como também no mundo cristão dos primeiros tempos, decorava os túmulos dos mortos, os quais, por sua vez, simbolizavam os jardins dos bem-aventurados. E o significado que as *loggia* atribuíam ao pentagrama colocado na rosa explica-se pelo facto de o seu festival religioso estar intimamente relacionado com este emblema. Já no mundo antigo, nos festivais de S. João, se celebrava a festa da rosa ou «rhodismus» ou Rosálias, em que os participantes se adornavam com rosas e realizavam festas religiosas.⁶⁰

E sobre o símbolo em geral, vejamos o que diz Fernando Pessoa:

...tudo é símbolo neste universo que se vê, por força que esse espírito, que cada fenómeno tem, é que é a realidade, sendo o fenómeno a manifestação; em outras palavras, não se pode, na verdade, dizer que o fenómeno tem essa alma: essa alma é que tem o fenómeno.⁶¹

Feitas estas breves considerações sobre os símbolos em geral e na **Mensagem**, vamos agora proceder à análise individual dos poemas.

⁶⁰ Ludwig Keller, *Die Heiligen Zahlen, und die Symbolik der Katakomben* (Leipzig und Jena, 1906), p. 21.

⁶¹ Fernando Pessoa, «This or Something like it, the Title of a Book of Travels.» *Ratz e Utopia*, N.º 2 (1977), pp. 140-141.

PRIMEIRO

D. SEBASTIÃO

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervallo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

Esta poesia consta de duas estrofes de quatro versos cada uma, em rima cruzada e de ritmo irregular. Na primeira estância, o primeiro e terceiro versos têm doze sílabas e o segundo e quarto têm seis; na segunda estância, o primeiro e terceiro têm também doze, o segundo tem seis e o quarto tem oito.

O discurso está na primeira pessoa. Fala D. Sebastião. Os seus interlocutores são os portugueses, como claramente ressalta da primeira palavra do poema: «Sperae!»

«Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.»

Sabendo da ansiedade com que os portugueses aguardam o advento do Messias que os liberte — ansiedade tão bem expressa por meio dos três encavalgamentos possíveis da primeira estância —, D. Sebastião começa por incitá-los a esperar, no duplo sentido que o termo esperar tem: o de aguardar e o de ter esperança. Seguidamente, explica-lhes a sorte adversa que o visitou. Almas há que Deus elege para a realização de altos destinos, de missões transcendentais. D. Sebastião foi uma delas. E, sendo assim, como todas essas almas, de que Jónatas é uma das figuras e Cristo é o protótipo, também a D. Sebastião coube em sorte a longa e penosa travessia do deserto e a morte e a descida aos infernos. Ele — esclarece — não morreu no areal de Alcácer-Quibir. Como Paulo de Tarso a caminho de Damasco, caiu do cavalo («Cahi no areal e na hora adversa»), e foi encontrar-se com Deus. Note-se o paralelismo entre o que aconteceu a Saulo e a D. Sebastião: ambos caíram do cavalo quando lutavam por uma causa religiosa. O primeiro numa campanha, numa guerra santa contra os cristãos; o segundo numa guerra santa, contra os muçulmanos. A transformação operada em Saulo de Tarso foi tal, que mudou de nome: de Saulo para Paulo. É o rito de passagem do homem velho para o homem novo, do homem sob o império da lei para o homem sob o império da graça. Transformação análoga se dará em D. Sebastião.⁶² Será nesse encontro com Deus que ele fará penitência pelos pecados passados e preparará a alma para enfrentar com êxito as provas que o esperam no futuro.

O «intervallo» vivido «em sonhos que são Deus» é um claro indício de que o estado em que se encontra foi precedido de um antes e será seguido de um depois. Antes o herói era a «loucura» sublime em união com «a besta sadia, / Cadáver adiado que procria»; depois será o «Desejado» que virá resgatar o seu povo.

Os «sonhos que são Deus» são uma perífrase para dizer que no «intervallo», D. Sebastião, em visão «beatífica», foi encher-se de Deus e da sua graça.

⁶² A razão de ser de observações desta natureza tem por finalidade primordial demonstrar que é nossa preocupação ser tão objectivo quanto possível, ter para com a letra e o espírito do texto o máximo de felicidade. Para a conversão de Saulo de Tarso veja-se Act 9, 1-18.

Adoptando uma análise baseada na teoria reencarnacionista da tradição esotérica ocidental, «cair no areal» seria uma alusão à tomada de posse, pelo espírito, do veículo físico com que viverá mais outro «intervallo» existencial, a «hora adversa», na terra. Aí a alma realiza a vontade, o «sonho» que lhe é imprimido por Deus. Que importa o que ilusoriamente concebemos ser no «areal», aquilo a que chamamos morte e sofrimento, se, em última análise, somos nós aquele deus que nos sonha desde o princípio ao fim?

«Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.»

É em virtude do chamamento divino, que o Senhor lhe faz, para a realização de altos destinos, que D. Sebastião considera desprezíveis, insignificantes, «o areal e a morte e a desventura.»⁶³ É como se diante da entrada da alma na mansão do Senhor, tudo o mais de nada valesse. Mergulhado em Deus, com Deus comungará e de Deus se encherá. E, quando voltar à terra dos homens («regressarei»), será em forma hipostática, homem feito Deus, como Cristo, o que cremos ser o significado do «O» e do «Esse» maiúsculos, referidos a ele, D. Sebastião.

Neste poema aparecem mais uma vez o sonho e o sonhar, não só numa aceção puramente gnoseológica, mas também ontológica. Deus é «sonhos» e D. Sebastião sonha-se Deus. E porque Deus se sonha, eterno viverá, como é da essência de Deus.⁶⁴

⁶³ Para melhor sublinhar a insignificância da prova a que D. Sebastião foi sujeito, em comparação com a transformação que nele se operou, recorreu o poeta ao polissíndeto: «Que importa o areal e a morte e a desventura.»

⁶⁴ Este poema, que é um dos poemas nucleares da **Mensagem**, além de formular em termos inconfundíveis a épica do sonho, que é uma marca indelével na obra de Pessoa, formula também o seu credo teológico.

Diga-se de passagem que não faltavam a Pessoa «irmãos seus pares» nesta aventura da poética do sonho. Calderón e Novalis, entre os mortos, e Unamuno e Borges entre os vivos, poderiam ser incluídos entre esses seus irmãos.

SEGUNDO

O QUINTO IMPÉRIO

21-02-1933

TRISTE de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será theatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grecia, Roma, Christandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vae toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?»

Cinco são os impérios e, portanto, para que a palavra, o sinal, mimeticamente veicule o conceito, como aristotelicamente lhe compete, cria, finge, o poeta uma poesia de *cinco* estrofes e de *cinco* versos em cada estrofe. Versos em redondilha maior, rimados em abaab.

O Quinto Império, adivinhado primeiro, ante-visto em embrião depois, através de alguns dos poemas da *Mensagem* que precedem este, explode aqui com a sua substância e acidentes, definido, portanto, como a lógica de Aristóteles manda.

«TRISTE de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.»

O poema começa por uma clara alusão àquela consumação dos tempos de que fala a sagrada Escritura:

Quando virdes, pois, a abominação da dosolação, de que falou o profeta Daniel, instalada no lugar santo, — o que lê entenda — então, os que se encontrarem na Judeia fujam para os montes; aquele que estiver em casa não desça para tirar as coisas de sua casa e o que se encontrar no campo não volte atrás para buscar a capa.
(Mt 24, 15-19)

Numa rápida «visão dos tempos», apresenta-nos o poeta um contraste entre o homem que vegeta e o homem que vive. O primeiro, digno de lástima, por parte da voz que fala (conceito reforçado por meio da anáfora que liga as duas primeiras estâncias), refugia-se na tranquilidade cinzenta do lar: «Triste de quem vive em casa», «Triste de quem é feliz!»; o segundo, nascido sob o signo de Icaro, realiza-se no voo e no sonho; o primeiro tem «por vida a sepultura»; o segundo, existencialmente, metafisicamente, insatisfeito («Ser descontente é ser homem»), lança-se à conquista dos espaços siderais, domando «as forças cegas» da natureza. O primeiro já o poeta não-lo apresentara, pela boca de D. Sebastião, no quinto poema de «As Quinas»: «Sem loucura que é o homem / Mais que a besta sadia, / Cadaver addiado que procria?». Verdadeiramente, apresentara-nos o primeiro e o segundo, em abissal contraste.

«Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.

Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erna noite começou.

Grecia, Roma, Cristandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vae toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?»

Saturninamente, as eras vão-se devorando umas às outras, e um novo império vai brotando das cinzas do que o precedeu. Como numa dança macabra das estações, ao Império Grego sucedeu o Romano; ao Império Romano sucedeu o Sacro Império; ao Sacro Império sucedeu o Império Europeu («Grecia, Roma, Cristandade, Europa»)⁶⁵ E a estes impérios de carácter temporal — os quatro tempos — sucederá um império de carácter transcendente, espiritual: o quinto tempo ou o Quinto Império.

As palavras «passados os quatro/Tempos do ser que sonhou»⁶⁶ são de grande relevância para nos ajudar a determinar a natureza do Quinto Império. É que os

⁶⁵ Ao falar-se adiante dos profetas da *Mensagem*, Bandarra e Padre António Vieira, tratar-se-á em mais pormenor do tema do Quinto Império.

Num contexto quase idêntico, na medida em que também aí se aponta para uma gesta histórica de superação e de sublimação, por parte dos portugueses, Camões, pela boca de Júpiter, cujo dom da profecia épica seria temeridade negar-lhe, fala sibilamente do advento de um Quinto Império:

«Eterno moradores do luzente,
Estelífero Pólo e claro assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
de Assírios, Persas, Gregos e Romanos»
(*Os Lusíadas*, I, XXIV).

Bartolomeu de Gusmão morreu dizendo que era o Messias destinado a criar o «Quinto Império» predito por Daniel..

⁶⁶ O «sonhar» deste poema vem reiterar a ideia, já a florada algures, de que na *Mensagem* se expõe cripticamente, entre outras coisas, o sistema epistemológico de Fernando Pessoa. De um certo Fernando Pessoa, entenda-se bem. Sem intuítos de paródia, talvez pudéssemos compendiar assim esse sistema: No princípio era o sonho e o sonho fez-se Gnose.

«quatro / Tempos do ser» são, convencionalmente, desde tempos imemoriais, uma metáfora para designar as quatro fases da vida do homem: a infância ou primavera, a juventude ou verão, a vida adulta ou outono, a velhice ou inverno. Findo o quarto tempo, finda é a vida do homem neste mundo. De maneira que o quinto tempo é a vida para além da morte, é a vida num mundo de natureza espiritual. Estabeleça-se a analogia entre as fases da vida do homem e as do mundo e tire-se a conclusão. É como se sobre as ruínas apocalípticas de Babilónia se erguesse gloriosa a Jerusalém Celeste triunfante: «A terra será teatro / Do dia claro, que no atro / Da erna noite começou.» `As trevas da Sexta-Feira da Paixão sucedem-se as radiações fulgurantes do Domingo da Ressurreição. Enterrado com D. Sebastião no penúltimo poema da Segunda Parte — «A última nau» —, Portugal ressurgiu de entre os mortos neste poema. O «atro / Da erna noite» é para Portugal o que a noite de Getsêmani e os três dias do sepulcro foram para Cristo: uma descida aos infernos para aí se purificar e se despojar, como o neófito dos ritos iniciáticos, de tudo quanto seja emblema da matéria e deste mundo. Pelo que se poderá concluir, mais uma vez, que o Quinto Império não virá a realizar-se no sentido material do termo, não será deste mundo. Pertencerá a uma nova geração de homens: àqueles que forem purificados pelo sangue do Cordeiro do Apocalipse. Consumados os tempos, uma nova ordem se inaugurará no universo.

«Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?»

O poeta lança um repto aos leitores, desafiando-os a provar que D. Sebastião morreu. É que os Messias poderão ser mortos, mas acabarão sempre por ressuscitar, como a fénix da mitologia.

TERCEIRO

DESEJADO

18-01-1934

ONDE QUER que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com patria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitento do teu povo
À Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gladio ungido,
Excalibur do Fim, em geito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

O terceiro poema de «Os Símbolos» consta de doze versos repartidos por três estrofes regulares, sendo os primeiros três versos de cada estrofe decassilábicos e o último, hexassilábico, em rima cruzada.

Estamos perante mais um poema na segunda pessoa, em forma de prece. O poeta, figura e herdeiro legítimo dos profetas do Antigo Testamento, implora ansioso a vinda do Messias, do Redentor. «Vinde, Senhor, e não demoreis», reza a liturgia do Advento. «Quando virá, Senhor, o dia / Em que apareça o Salvador», canta-se também numa loa sacra própria da mesma estação litúrgica. Mergulhada na longa noite da prova, que se estende pelos convencionais quatro mil anos que precederam a vinda de Cristo, a humanidade aguarda com ansiedade o «Desejado das Gentes.»

«ONDE QUER que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!»

Talvez mais que nenhum outro poema da **Mensagem**, «O Desejado» está repleto de referências e ressonâncias bíblicas e de mitologia cristã.

Disse-lhe o anjo: «Não tenhas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Há-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. [...] O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há-de chamar-se Filho de Deus».

(Lc 1, 30-35)

Tal como Jesus Cristo, também o Desejado da **Mensagem** será concebido misteriosamente e prodigiosamente, quando a palavra («dizeres») for dita e a sombra («sombras») baixar do alto. O que significa que, intimado pelo poeta, o qual lhe ordena que se sinta sonhado e que se erga «do fundo de não-seres», D. Sebastião reincarnará, como resultado da acção conjunta do poeta e dele, da mesma maneira que a concepção de Jesus é resultado da «sombra» do Espírito Santo que baixa sobre Maria e da palavra que Maria pronuncia: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38).⁶⁷

Na primeira estância poderemos ainda ver um paralelismo entre o Velho Adão e o novo Adão, isto é, Cristo, e entre o primeiro D. Sebastião, o da loucura sublime de Alcácer-Quibir, e o novo D. Sebastião, o «Desejado.» O primeiro D.

⁶⁷ Subtil embora, a analogia com a Sagrada Escritura, neste ponto, parece não deixar quaisquer dúvidas. Do primeiro ao último poema, a **Mensagem** é um diálogo constante do poeta com a mitologia, a religião judaico-cristã, nas suas vertentes ortodoxas e heterodoxas, as religiões orientais, o Neoplatonismo, o Teosofismo, o Rosacruzianismo, o Sebastianismo, a lenda e a história de Portugal e Camões.

Sebastião pecou e, por isso, morreu; o segundo, o prometido fundador do Quinto Império, divinizado, hipostaticamente feito deus e homem, nascerá para um «novo fado.»

Interpretada esotericamente, esta estância poderá ainda representar a dimensão atemporal do Eu Superior que sonha para o homem a sua vocação divina.

«Vem, Galaaz com patria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,

Numa referência explícita à demanda do Santo Graal, o poeta metamorfoseia D. Sebastião em Galaaz, mas um Galaaz já «com patria», ou seja, o novo Portugal, e «no auge da suprema prova», isto é, daquela última prova que será coroada pelo triunfo. Acrescentemos ainda que ter pátria é ter consciência da sua origem e da sua morada. Só o discípulo iluminado pode aceder ao conhecimento da totalidade cósmica de que faz parte.

Pecou Adão e, porque ele pecou, os seus descendentes tiveram que penar através dos séculos e comer o pão amargo do exílio para merecerem o resgate: «A alma penitente do teu povo / À Eucharistia Nova.» Como igual sorte coube aos portugueses por causa do pecado de D. Sebastião, implora o poeta ao novo D. Sebastião que venha redimir o seu povo.

«Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,
Excalibur do Fim, em geito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Graal!»

Entre muitos outros atributos que os profetas cristológicos dão ao Messias, um deles é o de «Príncipe da Paz»⁶⁸ Por outro lado, enquanto no Antigo Testamento, paz (*shalom*) significa qualquer tipo de felicidade, desde a material até à espiritual, no Novo Testamento, paz significa a felicidade do reino messiânico, a reconciliação entre Deus e o homem, a bênção e a graça de Cristo (Lc 24, 36-43, e Fil 4, 49, respectivamente).

Jesus, o Ungido do Senhor, transforma-se no Cristo libertador, que empunha uma espada igualmente ungida. Ao emprestar ao «Desejado», isto é, D. Sebastião, características ou predicados soteriológicos, o poeta faz dele um verdadeiro Messias, destinado a trazer ao «mundo dividido», através de Portugal, a *Pax Lusitana*.⁶⁷ Será o mundo unificado e santificado sob a égide de D. Sebastião,

⁶⁸ Veja-se, por exemplo, Fray Luis de León, *De los nombres de Cristo* (Madrid: Espasa-Calpe: 1956), Vol. II, pp. 151-211.

⁶⁹ Vem a propósito lembrar a *Pax Romana* predita por Virgílio na quarta égloga, vista, de longa data, como um poema messiânico. Foi a *Pax Augusta* ao tempo do nascimento do Messias, em Belém de Judá.

prefigurado por Galaaz. União e santificação sob o signo da Eucaristia, ou seja, do Amor de Cristo, de «O Santo Gral.»

Esta estância é uma tradução livre daquelas palavras de Isafas, o mais messiânico dos profetas, que a igreja utilizou para o introito da segunda missa do Natal ou «Missa da Aurora»: «Uma luz brilhará hoje sobre nós porque nos nasceu um Senhor e Ele se chamará Deus, Admirável Príncipe da Paz; Pai do futuro século: o seu Reino não terá fim» (Isaías 9, 2-6).

O «mundo dividido» a que se refere o poema poderá ser entendido como sendo o mundo composto de diversas nações, em oposição àquele mundo que o Desejado virá a unificar com o seu «gladio ungido.» O mundo sebástico será um mundo constituído por um só rebanho e um só Pastor, como aquele rebanho e aquele pastor de que fala Cristo no Novo Testamento: «Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco e também tenho de as conduzir; ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor» (Jo 10, 16).

Ainda no contexto da passagem da multiplicidade para a unidade, diremos que a tradição esotérica nos revela que a totalidade reside na multiplicidade. Embora todas as formas vitais nos pareçam distintas, separadas umas das outras, e autónomas, na realidade ao iniciado é-lhe concedido apreender a sua estrutura interligada e una.

Vejamos, para concluir este breve comentário, a arte consumada que preside à estrutura do poema.

Para começar, repare-se que o verbo «erguer», presente em cada uma das três estâncias, é como que o fio que vai conduzindo progressivamente o significado do poema. Na primeira estância, o poeta intima o Desejado a erguer-se a si mesmo «do fundo de não-seres»; na segunda, intima-o a erguer o seu povo do pecado e a conduzi-lo a Deus; na terceira, intima-o a erguer o «gladio ungido» e a levar esse povo à fonte da graça do Senhor.

Repare-se agora no último verso de cada uma das estâncias e ver-se-á com clareza que o Desejado, D. Sebastião, é apresentado como o Messias da Bíblia, o Cristo que recebeu de Deus a unção sacerdotal. A sua nova missão ou «novo fado» consistirá na reconciliação do homem com Deus, de que a «Eucharistia Nova» é o símbolo supremo, uma vez que eucaristia quer dizer amor e «Deus é Amor» (Jo 4, 8), e essa «Eucharistia Nova» foi dada aos homens no «Santo Gral», ou seja, no cálice que na Última Ceia conteve o sangue de Cristo, em que o vinho se transubstanciara.

Esta poesia é um dos testemunhos mais eloquentes da natureza da **Mensagem** como poema de demanda: demanda, não de bens terrenos, materiais, mas de bens celestes, espirituais: «o Graal é uma entidade celeste.»⁷⁰

⁷⁰ Tzvetan Todorov, *The Poetics of Prose* (Ithaca: University Press, 1977).

As palavras seguintes de Albert Beguin sobre o significado simbólico do Santo Graal parecem ter sido escritas para interpretar este poema de **Mensagem**:

Le Graal représente à la fois, et substantiellement, le Christ mort pour les hommes, le vase de la Saine Cène (c'est-à-dire la grâce divine accordée par le Christ à ses disciples), et enfin le calice de la messe, contenant le sang réel du Sauveur. La table sur laquelle le vase est donc, selon ces trois plans, la pierre du Saint-Sépulcre, la table des Douze Apôtres, et enfin l'autel où se célèbre le sacrifice quotidien. Ces trois réalités, la Crucifixion, la Cène, l'Eucharistie, sont inséparables et la cérémonie du Graal est leur révélation, donnant dans la communion la connaissance de la personne du Christ et la participation à son Sacrifice Salvateur (in Jean Chevalier / Alain Cheerbrandt, *Dictionnaire des Symboles* [Paris: Robert Laffont / Jupiter, 1928], pp. 482-483).

QUARTO

AS ILHAS AFORTUNADAS

26-03-1934

QUE VOZ VEM no som das ondas
Que não é a voz do mar?
É a voz de alguém que nos falla,
Mas que, se escutamos, cala,
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,
Sem saber de ouvir ouvimos,
Que ella nos diz a esperança
A que, como uma criança
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e ha só o mar.

Este poema de quinze versos distribuídos por três quintilhas, em redondilha maior, reveste uma peculiaridade, no conjunto dos poemas da **Mensagem**, no que se refere ao esquema rímico: rima em abccb, tendo, portanto, um verso branco, o primeiro, em cada estância.

No plano do discurso, o poema, em terceira pessoa, está exteriormente estruturado como uma adivinha, ou melhor, como um enigma, o que se harmoniza melhor com o espírito da **Mensagem**, pois não devemos esquecer-nos que no poema de abertura está uma esfinge que nos fita «com olhar sphyngico e fatal» e nos desafia a que lhe decifremos o enigma. Formulado este nos primeiros dois versos, procede-se à tentativa de decifração nos treze restantes.

«QUE VOZ VEM no som das ondas
Que não é a voz do mar?
É a voz de alguém que nos falla,
Mas que, se escutamos, cala,
Por ter havido escutar.»

Há uma voz que «vem no som das ondas», mas «que não é a voz do mar.» Que voz será essa? Que mistério se oculta por trás dela? «É a voz de alguém que nos falla» — diz o poeta —, a voz de uma pessoa, portanto, mas voz que se cala quando a escutamos. Como ocorre noutros poemas, o poeta pluraliza-se, faz-se «nós» e nós fazemo-nos «ele.»

Como já se referiu, o mar representa a experiência na terra, a consciência que o espírito tem dos fenómenos, das aparências. No seu veículo físico, o ser interpreta a realidade que o rodeia como sendo a verdadeira. Mas, nos momentos de silêncio e de meditação, há uma outra voz que se ouve, paralelamente, e lhe fala de outra dimensão, de «terras» onde a «Verdade», «o Rei mora esperando.»

«E só se, meio dormindo,
Sem saber de ouvir ouvimos,
Que ella nos diz a esperança
A que, como uma criança»

Em consonância com o sistema epistemológico adoptado na epopeia, de que já se falou, a mensagem veiculada por essa «voz de alguém que nos falla» só poderá ser apreendida em estado onírico, não em estado de vigília. Mas num estado onírico *sui generis*, que é um estar «meio dormindo», que é quando melhor se ouve a voz divina. É sabido que quando Jeová queria transmitir mensagens importantes, transcendentais, ao seu povo, o fazia muitas vezes através do sono, a homens puros e privilegiados, tais como José do Egipto, Samuel, José, pai putativo de Jesus, para já não falar dos profetas. É assim que sucede com a voz que nos fala no poema. A sua mensagem de «esperança» só a ouvimos quando dormimos e velamos, ao mesmo tempo, em estado de inocência, semelhante àquele em que «a dormir sorrimos» a «uma criança / Dormente.»

De esperança se fala. Esperança de quê? Da posse das Ilhas Afortunadas, possivelmente metáfora e símbolo da Jerusalém Celeste do Apocalipse?

«Dormente, a dormir sorrimos.
São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.»

Ilhas utópicas as «ilhas afortunadas»? É o que «sem ter lugar» significa.⁷¹ Não será isto, portanto, mais um indício da natureza puramente espiritual do Quinto Império? Espiritual, mas possível, uma vez que nessas «ilhas afortunadas» «O Rei mora esperando.» Que nós vamos ter com ele, ou esperando pelo momento em que ele venha ter connosco?⁷²

«Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e ha só o mar.»

Se, como se mostra no poema, a voz da «esperança», vinda do «Rei», só se apreende em estado onírico, porque não mergulhar num sono sem ocaso, como aquele de que Antero faz a apologia num dos seus sonetos mais belos? É isso que indirectamente somos convidados a fazer.

⁷¹ Sobre a vasta bibliografia referente às «ilhas afortunadas», associadas, através dos séculos, com a Atlântida, as Ilhas das Hespéridas, as Ilhas dos Bem-Aventurados, por exemplo, ilhas que simbolizam essencialmente o centro espiritual a que todos aspiram chegar, limitar-nos-emos a transcrever uma passagem de Hesíodo: «É lá que eles habitam, com o coração livre de cuidados, nas Ilhas dos Bem-Aventurados, nas margens dos turbilhões profundos do oceano, heróis afortunados, para quem o solo fecundo produz três vezes por ano uma abundante e doce colheita» (*Théogonie, Les Travaux et les Jours, Le Bouclier*. Trad. par P. Mazon. Paris: 1928)

⁷² Dizer das correspondências e do fenómeno da intertextualidade omni-presente na *Mensagem* é desnecessário. Para ele se chamou a atenção logo no início do trabalho. É que este poema, por exemplo, está intimamente relacionado com «A Última Nau» e com «Calma.»

QUINTO
O ENCOBERTO

21-02-1933/11-02-1934

QUE SYMBOLO fecundo
Vem na aurora anciosa?
Na Cruz morta do Mundo ⁷³
A Vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal⁷³
A Rosa do Encoberto.

⁷³ Edição Aguilar. Morta.

O último poema de «Os Symbolos» é constituído por três estrofes de quatro versos hexassilábicos cada uma, em rima cruzada, isto é (passe a redundância), em forma de cruz, para que a correspondência entre signo e conceito seja palpável. É o único poema da *Mensagem* formado exclusivamente por versos de seis sílabas, ou heróicos quebrados.

Os dois primeiros versos de cada estância contêm uma pergunta e os outros dois contêm uma resposta. Anaforicamente, o primeiro verso de cada estância abre com estas duas palavras «Que symbolo», e o terceiro com estas: «Na Cruz.» Por sua vez, os dois últimos versos da segunda e terceira estâncias começam com o sintagma «A Rosa.»

Antes de entrarmos na análise textual do poema, vamos fazer algumas considerações pré-textuais sobre a associação da rosa no Cristianismo e no Rosacruzianismo,⁷⁴ de cuja doutrina e símbolos a *Mensagem* está imbuída, como claramente se depreende do que se tem vindo a dizer e do que se dirá ainda. Vejamos, a título de exemplo, uma breve passagem de um dicionário de símbolos:

A rosa é, na iconografia cristã, já o cálice que recolhe o sangue de Cristo, já a transfiguração das gotas deste sangue, já o símbolo das chagas de Cristo. Um símbolo rosacruziano apresenta cinco rosas, uma ao centro e uma sobre cada um dos braços da cruz. Estas imagens evocam tanto o Graal como a **rosa celeste** da Redenção. E já que citamos o Rosacruzianismo, frisamos que o seu emblema coloca a rosa no centro da Cruz, isto é, no lugar do coração de Cristo, **Sagrado Coração**. Este símbolo é o mesmo que a **Rosa candida** da *Divina Comédia*, a qual não pode deixar de evocar a **Rosa mística** das litânias cristãs, símbolo da Virgem (tradução nossa).⁷⁵

⁷⁴ Mais que uma religião, poderíamos considerar o Rosacruzianismo como uma sociedade secreta, cuja doutrina está impregnada de alquimia, misticismo e ocultismo, nos parâmetros de um sincretismo peculiar, e cuja fundação se atribui a um hipotético Vatter Christian Rosenkreuz, que terá vivido entre 1378 e 1484.

Como exemplo do interesse com que Fernando Pessoa viveu o Rosacruzianismo, como poeta, mencionaremos apenas os poemas «Eros e Psique», «Iniciação», «No túmulo de Christian Rosenkreutz», e «Episódios / A Múmia.»

Quanto aos estudos sobre o Hermetismo e o Esoterismo em Fernando Pessoa — em que, naturalmente, se inclui o Rosacruzianismo —, limitamo-nos a indicar:

João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (Lisboa: Livraria Bertrand, 1950), pp. 225-233;

Dalila L. Pereira da Costa, *O esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão, 1971.

Y.K. Centeno, «'Episódio / A Múmia': Poema chave para o estudo do hermetismo em Fernando Pessoa» e «O espólio e a biblioteca de Fernando Pessoa: uma solução para alguns enigmas», apud Y.K. Centeno — Stephen Reckert, *Fernando Pessoa / tempo solidão — hermetismo* (Lisboa: Moraes Editores, s.d.), pp. 125-173;

Sol Biderman, «Mount Abiegnio and the Masks: Occult Imagery in Yeats and Pessoa», *Luso-Brazilian Review*, Vol. V, No. 1 (Junho de 1968), pp. 59-74.

⁷⁵ Jean Chevalier — Alain Chcerbrandt, *Dictionnaire des Symboles* (Paris: Robert Laffont / Jupiter, 1982), pp. 822-823.

«QUE SYMBOLO fecundo
Vem na aurora anciosa?»

«Que symbolo divino
Traz o dia já visto?»

«Que symbolo final
Mostra o sol já desperto?»

Numa progressão visível, palpável, em três fases, passa-se da Aurora para o romper do dia e do romper do dia para o esplendor do sol.

Na Aurora, grávida e «anciosa» por dar à luz, *vem* um «symbolo fecundo»: «A vida, que é a Rosa.» A Vida é igual à Rosa.

«O dia já visto» *traz* um «símbolo divino»: «A Rosa, que é Cristo.» A Rosa é igual a Cristo.

«O sol já desperto» mostra «um símbolo final»: «A Rosa do Encoberto». A Rosa é igual ao Encoberto.

É como se, numa progressão igualmente palpável, mas agora a um nível meio simbólico e meio alegórico, o «symbolo fecundo» fosse Adão, o «symbolo divino», Cristo feito homem, e o «symbolo final», Cristo glorificado.

Escusado é dizer que a Rosa, termo polissémico, é um symbolo tríplice: da Vida, de Cristo e do Encoberto. Mas escusado será dizer também que, ao fazer a Rosa igual à Vida, igual a Cristo e igual ao Encoberto, o poeta está a demonstrar que a Vida é igual a Cristo e igual ao Encoberto e que, portanto, o Encoberto é igual a Cristo.

E se, numa perspectiva de análise da evolução espiritual do homem, o «Encoberto» for uma alternativa para o «Iniciado», o poeta está a advogar um dos princípios fundamentais da tradição esotérica ocidental: «Eu sou» — a Vida — é igual a Cristo. O iniciado *conhece* a sua dimensão crística. Na iniciação o candidato *une* a sua personalidade ao Eu Superior que é o Cristo cósmico.

Três estrofes, três símbolos, três cruces, três rosas, três fases do dia, uma trindade.

Transpostos estes símbolos para o contexto da história de Portugal, como a letra e o espírito da *Mensagem* no-lo permitem, e o postulam, verificamos que temos nessa história três idades ou fases: a da primeira dinastia ou a dos reis fundadores ou criadores; a da segunda dinastia ou a dos reis salvadores; e a da dinastia vindoura ou a dos reis santificadores. Em certo sentido, atrever-nos-íamos a dizer que, assim como ao Pai, fonte do Poder, se atribui a criação do mundo, ao Filho, fonte do Amor, a sua redenção, e ao Espírito Santo, fonte da Sabedoria, a sua santificação, assim à primeira dinastia se atribui a fundação de Portugal, à segunda a sua redenção e à terceira, a do Quinto Império, a sua santificação.

Aplicado ao Rei D. Sebastião, no contexto da história e da mitologia de Portugal, na sua dimensão sebastianista, o poema poderia ler-se essencialmente da

seguinte maneira: a primeira estância representa o pecado dele, e, portanto, a perda do paraíso, isto é, de Portugal, pecado que consistiu em comer do fruto proibido, simbolizado pela campanha, sublimemente louca,⁷⁶ de África; a segunda representa a sua penitência e a sua paixão e morte, para resgatar Portugal do pecado em que o tinha lançado; e a terceira representa a sua vinda gloriosa e triunfante no futuro para restituir Portugal à sua passada grandeza e fazer dos portugueses o Povo Escolhido, como se lê nas profecias do Padre António Vieira, um dos profetas dos «Avisos» da *Mensagem*, como se verá oportunamente.

Figurã de Cristo, D. Sebastião, crucificado como «D. Sebastião — Rei de Portugal» na Primeira Parte da *Mensagem*, sepultado no primeiro poema da Terceira Parte, como «D. Sebastião», é claramente associado aqui, no quinto poema desta mesma Terceira Parte, como «O Encoberto», ao futuro Cristo glorioso do Apocalipse.

Finalmente, sabendo que a cruz anda sempre associada à árvore, a cruz da primeira estância representa «a árvore da ciência do bem e do mal» do Génesis, cujo fruto, comido por Adão e Eva, nossos primeiros pais, causou a morte espiritual do homem; a cruz da segunda estância representa o madeiro em que Cristo expirou, para restituir a vida espiritual ao homem; e a cruz da terceira estância representa a «Árvore da Vida» da Nova Jerusalém do Apocalipse, árvore «que produz frutos doze vezes, uma em cada mês, e cujas folhas servem para curar as nações» (Ap 22, 2).⁷⁷

⁷⁶ Ao discurso da *Mensagem*, essencialmente épico, salpicado de manchas líricas e elegíacas, deverá juntar-se também uma dimensão trágica, dimensão que tem a sua origem no pecado a que a *hybris* levou o Rei D. Sebastião.

⁷⁷ Antes de passar adiante, queremos chamar a atenção para a possível dialéctica negativa do poema, que parece ser também a dialéctica da *Mensagem*. Reparando bem, em «O Encoberto» o discurso processa-se em ordem descendente: começa-se na Cruz morta do Mundo, passa-se pela Cruz do Destino e chega-se à Cruz morta e fatal; começa-se na Rosa da Vida, passa-se pela Rosa de Cristo e chega-se à Rosa do Encoberto. Ou será tudo ao contrário? Como é difícil decifrar o enigma da esfinge da *Mensagem*!

II

OS AVISOS

Et habemus firmiorem propheticum sermonem,
cui benefacitis attendentes, quasi lucernae
lucenti in caliginoso loco, donec dies
elucescat, et lucifer oriatur in cordibus
vestris.

2 Ped 2, 19.

Lugar escuro e caliginoso é o futuro; a
candeia que alumia são as profecias; o sol
que há-de amanhecer é o cumprimento delas.

Padre António Vieira, **História do Futuro.**

Uma das nossas preocupações, no decorrer deste trabalho, é prestar o máximo de atenção ao sentido etimológico dos termos e ao seu possível significado, no contexto da **Mensagem**, dado que Fernando Pessoa, como todos os grandes poetas, cria os seus códigos linguísticos, os seus símbolos e os seus mitos. É tendo isto em atenção que vamos começar por definir o termo «aviso» no contexto da **Mensagem**.¹ E como a conotação que o termo assume na obra parece ser relativamente rara, a melhor tática a seguir será ver o significado que o «Imperador da Língua Portuguesa» lhe dá na sua **História do Futuro**, uma vez que o espírito dessa obra e, por vezes, até a sua letra, é visível na **Mensagem**, e António Vieira é um dos «Avisos.»

No Capítulo I da **História do Futuro**, depois de ter provado que nenhuma outra ciência provoca tanto o apetite intelectual do homem como a «ciência dos futuros» («Nenhuma cousa se pode prometer à natureza humana mais conforme ao seu maior apetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a notícia dos tempos e sucessos futuros»)², Vieira faz um inventário quase exaustivo dos meios a que o homem recorreu, desde que o mundo é mundo, para adquirir essa ciência. E, entre esses meios, menciona a agromancia e a hidromancia e a aeromancia e a piromancia e a fisiognomonía e a quiromancia e a astrologia e a micromancia e os sonhos. E, antes de proceder à inventariação de outros processos de sondar o futuro, escreve estas palavras:

Com o mesmo apetite pediam respostas às fontes, aos rios, aos bosques e às penhas; com o mesmo inquiriam os cantos e voos das aves, os mugidos dos animais, as folhas e os movimentos das árvores; com o mesmo interpretavam os números, os nomes e as letras, os dias e os fumos, as sombras e as cores, e não havia cousa tão baixa e tão miúda por onde os homens não imaginassem que podiam alcançar aquele segredo que Deus não quis que eles soubessem. O ranger da porta, o estalar do vidro, o cintilar da candeia, o topar do pé, o sacudir dos sapatos, tudo notavam como *avisos* da Providência e temiam como presságios do futuro³.

Aqui está: os «Avisos» da **Mensagem** têm a conotação que Vieira lhes dá na **História do Futuro**: são sinais, são profecias.

Para não sairmos das religiões de sinal judaico-cristão,⁴ uma vez que o espírito delas é aquele que mais profundamente permeia os versos da **Mensagem**,

¹ A não ser assim, facilmente se incorreria na censura de S. Agostinho aos que, na discussão de uma tese, o fazem através de um raciocínio formalmente correcto, mas substancialmente errado (é o célebre «bene curris, sed extra viam» — «corres bem, mas por fora do caminho»).

² Padre António Vieira, **História do Futuro** (I), p.1 apud **Obras Escolhidas** — Prefácio e Notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Vol. VIII (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1953).

³ Id., *Ib.*, p.4, apud *Ib.*, Vol VIII.

⁴ De todos é sabido que a profecia é uma marca universal de todas as religiões.

diremos que a profecia é, nas suas linhas gerais, a predição do futuro, por inspiração divina, transmitida por indivíduos escolhidos por Deus para essa missão transcendente.

É nesta acepção que deverão ser tomadas as profecias da **Mensagem**, poema heróico do passado e do futuro, ao contrário do que acontecia nos poemas heróicos tradicionais, em que as profecias apenas o eram na aparência, pois o que nelas se predizia já tinha ocorrido, pelo que se lhes dá o nome de profecias épicas.

Os «Avisos» da **Mensagem** são três e três são os portadores desses «Avisos»: Bandarra, António Vieira e Fernando Pessoa: o primeiro do século XVI, o segundo do século XVII e o terceiro do século XX: um representante do povo, um representante do clero e um representante da classe nobre intelectual; um poeta popular, um orador e historiador sagrado e um poeta culto e filósofo.

Tal como coube aos profetas de Israel perpetuar a doutrina de Moisés através de todas as espécies de vicissitudes sofridas pela nação no decorrer dos tempos, assim coube também aos profetas de Portugal preservar a mensagem confiada por Cristo ao primeiro rei de Portugal, em Ourique, e manter viva a chama da pátria, já dentro do reino, com Bandarra, já no exílio, com Vieira, já na diáspora, com Pessoa.

Quanto ao tempo das profecias, Bandarra profetiza na época em que as nuvens da decadência do império ultramarino e da fraqueza do reino começavam a adensar-se sobre os céus de Portugal: é o profeta do Portugal à beira do abismo; Vieira profetiza na época em que Portugal acaba de fazer a travessia do deserto, simbolizada pelos sessenta anos da monarquia dual, durante as primeiras décadas da quarta dinastia: é o profeta do Portugal que tenta refazer-se do cativeiro de Babilónia; Pessoa profetiza a três séculos de distância, na época em que Portugal faz a experiência republicana, ensaia os primeiros passos no caminho do Estado Novo e procura reencontrar a sua alma e o seu destino: é o profeta da pátria em busca de si mesma.

Digamos agora das credenciais dos profetas da **Mensagem**. Das de Bandarra e das de Vieira falam os próprios e falam as profecias que nos legaram. O que também se poderia dizer de Fernando Pessoa.

Bandarra deixou-nos as suas **Trovas**,⁵ poema em 159 estâncias irregulares, dividido em Sonho Primeiro, Sonho Segundo e Sonho Terceiro, publicado pela primeira vez, na sua totalidade, em 1644, e objecto, em 1603, de um estudo exegetico, da autoria de D. João de Castro: **Paráfrase e concordância de algumas profecias de Bandarra**.

Sobre as credenciais de Bandarra como profeta de Portugal, convirá dar a palavra ao primeiro exegeta das suas **Trovas**, D. João de Castro, e ao segundo e terceiro profetas dos «Avisos» da **Mensagem**, Padre António Vieira e Fernando Pessoa, respectivamente.

⁵ «Profecias» do Bandarra — Sapateiro de Trancoso — Apresentação [de] António Carlos Carvalho (Lisboa: Editorial Vega, s.d.).

Ouçamos D. João de Castro, o primeiro teorizador e apóstolo do Sebastianismo:

O principal de todos que mais profetizou, deixando suas profecias em escrito, foi um homem de baixa sorte, sapateiro de Trancoso, vila de Portugal, ensinando-nos Deus por estas suas eleições quanto se lembra sempre de pequenos para confusão do costume do mundo, não se desprezando por tais meios manifestar-lhe suas grandezas, como se ele corre e despreza crer-lhe por esses tais. [...] Não sabia ler nem escrever, o qual compôs estas trovas tão bem feitas em seu género que nenhum famoso poeta português querendo meter noutros algumas *profecias sagradas* (itálico nosso) ou quaisquer se lhe pudera na perfeição delas igualar [...] De modo que em semelhante sujeito e metro só o Espírito que por ele as fez e não outrem as poderá quando quiser fazer.⁶

O padre António Vieira, o segundo profeta dos «Avisos», foi um dos principais exegetas das *Trovas* ou profecias do Bandarra, numa longa carta que enviou ao bispo eleito do Japão, o jesuita André Fernandes. Esta carta, uma das peças do processo que a Inquisição de Coimbra moveu contra Vieira em 1663, foi publicada pela primeira vez em 1856, na edição das Obras Inéditas, com o seguinte título: *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida de El-Rei D. João IV, escrita por Gonçalo Eanes Bandarra e comentadas por Vieira, em carta ao bispo do Japão, D. André Fernandes.*

Eis uma breve amostra das credenciais de profeta que o autor da *História do Futuro* vê em Bandarra:

Não se pode logo negar que Bandarra foi verdadeiro profeta, pois profetizou e escreveu há tantos anos tantas cousas, tão exactas, tão miúdas e tão particulares, que vimos todas cumpridas com nossos olhos. [...] É certo que só Deus podia dizer e revelar todos estes futuros e qualquer deles, e com a mesma certeza se deve ter e afirmar que foi o Bandarra verdadeiro profeta. [...] Foi logo lume sobrenatural, profético e divino, o que alumiou o entendimento deste homem idiota e humilde, para que as maravilhas de Deus, que nestes últimos tempos havia de ver o mundo em Portugal, tivessem também aquela preminência de todos os grandes mistérios divinos, que é serem muito de antes profetizados.⁷

Vejamos, finalmente, o que nos diz Fernando Pessoa sobre a natureza profética das *Trovas* do Bandarra: «O Quinto Império. O Futuro de Portugal — que não calculo, mas sei — está escrito já, nas *Trovas* do Bandarra, e também nas quadras de Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português,

⁶ Id., *Ib.*, pp.19-20.

⁷ Padre António Vieira, *Obras Várias* (IV), pp. 45, 16-17, e 18, apud *Obras Escolhidas* — Prefácio e Notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Vol. VI (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952).

pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé?». ⁸
«No terceiro Corpo das suas profecias, o Bandarra anuncia o regresso de D. Sebastião (pouco interessa agora o que ele entende por esse «regresso») para um dos anos entre 1878 e 1888.» ⁹

Quanto às credenciais do Padre António Vieira como profeta do Quinto Império, bastará chamar a atenção para a carta a que se fez referência atrás (*Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo...*), para a «Defesa do livro intitulado *Quinto Império*, que é a apologia do livro *Clavis Prophetarum*, e respostas das proposições censuradas pelos Inquisidores, estando recluso nos cárceres do Santo Ofício»; para a Sentença que no Tribunal do Santo Ofício de Coimbra se leu ao Padre António Vieira.» ¹⁰

Digamos, por último, duas palavras sobre o terceiro profeta da **Mensagem**: Fernando Pessoa.

Deixemos que ele próprio nos apresente as suas credenciais: «De modo que, à minha sensibilidade cada vez mais profunda, e à minha consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio, tudo quanto é futilidade literária, mera arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante. Pouco a pouco, mas seguramente, no divino cumprimento íntimo de uma evolução cujos fins me são ocultos, tenho vindo erguendo os meus propósitos e as minhas ambições cada vez mais à altura daquelas qualidades que recebi.» ¹¹

Feitas estas breves considerações sobre «Os Avisos», em geral, passamos agora a analisar cada um deles em particular.

⁸ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional* — Recolha de textos por Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão (Lisboa: Atica, 1979), p. 245.

⁹ *Id.*, *Ib.*, p. 174.

¹⁰ Padre António Vieira, *Obras Várias (IV)*, apud *Obras Escolhidas* — Prefácio e Notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Vol. VI (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952).

¹¹ Fernando Pessoa, *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*. Introdução de Joel Serrão (Lisboa: Editorial Confluência, Lda., 1944), pp.39-40.

A este testemunho vários outros se poderiam acrescentar. Ater-nos-emos a apontar um registrado numa das cartas a Ofélia: «O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinada cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam» (Fernando Pessoa, *Cartas do Amor de Fernando Pessoa*. Organização, prefácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz [Lisboa: Edições Atica, 1978], p.131).

PRIMEIRO
O BANDARRA

28-03-1930

SONHAVA, anonymo e disperso,
O Imperio por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo

Nao foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.

A primeira coisa que salta à vista no poema sobre o Bandarra é a sua estrutura externa e o estilo. Poema curto, de oito versos apenas, octossilábicos, em duas quadras e rima cruzada, com um ritmo bastante incerto, quase caótico, e num estilo de sabor prosaico e directo, adequa-se certamente muito bem à natureza do profeta: um homem do povo, um simples sapateiro que faz poesia sem ter estudado arte poetica ¹². Bandarra (1500-1566?), «de condição humilde», era «dado à leitura dos textos sagrados e, possuindo uma prodigiosa memória, grangeou fama, em Trancoso, de rabi local, pela facilidade com que reproduzia textos da Escritura e por um dom espantoso de predições». ¹³

«SONHAVA, anonymo e disperso»

Para mais fielmente reproduzir o carácter do profeta e a origem das profecias, o poeta tem o cuidado de nos apresentar Bandarra a sonhar, sendo «sonhava» a primeira palavra da poesia. É que as «profecias» de Bandarra constam de três sonhos. Na primeira estância de cada «Sonho», Bandarra começa por declarar que o que vai anunciar o viu em sonhos:

Vejo, vejo, direi, vejo
Agora que estou sonhando,
Semente d'El-Rei Fernando
Fazer um grande despejo. ¹⁴

Oh! quem tivera poder
Para dizer
Os sonhos que o homem sonha! ¹⁵

Oh! quem pudera dizer
Os sonhos que o homem sonha! ¹⁶

¹² Talvez valesse a pena lançar uma nuvenzinha de suspeita sobre a tão decantada lenda da origem humilde do Bandarra e da sua falta de formação académica. E se nele tivéssemos um paralelo com Martín Fierro? O carácter popular da poesia deste é apenas aparente, como é sabido. Tanto na poesia de um como na do outro a fisionomia popular da forma contrapõe-se a profundidade do conteúdo.

¹³ **Dicionário da História de Portugal**. Dirigido por Joel Serrão, Vol. I (Porto: Livraria Figueirinhas, s.d.), p. 289.

¹⁴ «Profecias» do Bandarra — Sapateiro de Trancoso — Apresentação [de] António Carlos Carvalho (Lisboa: Editorial Vega, S.D.), p.41.

¹⁵ Id., p. 69.

¹⁶ Id., p.77.

O epíteto de «anonymo» dado a Bandarra encontra a sua explicação nestas palavras de Fernando Pessoa: «É Bandarra um nome colectivo, e designa, não só um homem, o primeiro que teve a visão profética dos destinos do País, senão também aqueles outros, que se lhe seguiram, e que, servindo-se do seu tipo de visão e da sua forma literária, buscaram legitimamente o *anonimato* designando as suas trovas como sendo do Bandarra também» (itálico nosso).¹⁷

Por sua vez, o epíteto de «disperso» relaciona-se com a vasta gama de predições contidas nas «Profecias» de Bandarra.

«Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo.»

Com estes dois símiles, acentua o poeta a natureza da mensagem e a do mensageiro, ou seja, a da profecia e a do profeta. É a primeira confusa, no sentido de ser passível de várias interpretações, entre as quais se conta a que o Padre António Vieira lhe dá em *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*, a que já se fez referência. E é o segundo, o profeta, um homem do povo, um simples sapateiro, como declaram os seus biógrafos: «plebeu como Jesus Christo.» (O poeta, interessado em aproximar Bandarra do doce Rabino da Galileia, põe adrede de lado o facto da sua ascendência real — Jesus pertence à casa de David —, e mostra-no-lo na sua missão sotereológica junto das pessoas de condição humilde, em oposição a e em conflito com a classe alta, isto é, com os príncipes dos sacerdotes e com os sinédritas.)

«Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.»

Na segunda estância, o poeta diz primeiro o que Bandarra não foi e diz seguidamente o que foi. De todos é sabido que não é com os predicados de «santo» e de «heroe» que Bandarra aparece nas páginas da história de Portugal. Mas, na sua qualidade de profeta, foi marcado com o «signal» de Deus, foi ungido pelo Senhor, como ungidos eram os profetas do Antigo Testamento. Mensageiro de Deus, foi por Ele miraculosamente metamorfoseado em Portugal, como já o fora Nun'Álvares Pereira, para que ninguém possa duvidar da autenticidade das suas profecias: «Desceu sobre mim o Senhor, e ungiu-me com seu espírito, diz Isafas, para que,

¹⁷ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional*. Recolha de textos por Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão (Lisboa: Edições Atica, 1979), p.175.

como médico dos aflitos cativos de Babilónia, curasse com o talento de minhas promessas e profecias a tristeza e desmaio de seus corações.»¹⁸

Ao dizer que o coração é que foi Portugal, tem o poeta em mente mais que uma mera sinédoque, uma vez que o coração é o centro da vida por excelência.¹⁹ Por outro lado, a rosa branca do emblema rosacruz está no lugar correspondente ao centro vital ou chakra do coração. À intensidade vibratória crescente deste centro está associada a clarividência consciente dos mundos subtis ou metafísicos: etérico, astral, mental, causal.

¹⁸ Apud Padre António Vieira, *Obras Escolhidas* — Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Vol. VIII — *História do Futuro* (I) (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1953), p.47.

¹⁹ El corazón era la única víscera que los egipcios dejaban en el interior de la momia, como centro necesario al cuerpo para la eternidad. [...]. En la doctrina tradicional, el corazón era el verdadero asiento de la inteligencia, siendo el cerebro sólo un instrumento de realización; por ello al cerebro corresponde la luna y al corazón el sol, en el sistema analógico antiguo que demuestra la profundidad de los conceptos y su persistencia. Todas las imágenes de «centro» se han relacionado con el corazón [...]. Según los alquimistas, el corazón es la imagen del sol en el hombre, como el oro es la imagen del sol en la tierra (Juan-Eduardo Cirlot, *Diccionario de símbolos* [Barcelona: Editorial Labor, 1981], p. 145).

SEGUNDO

ANTÓNIO VIEIRA

31-07-1929

O CÉU STRELLA o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à gloria tem,
Imperador da lingua portugueza,²⁰
Foi-nos um céu também.

No immenso espaço seu de meditar,
Constellado de fórma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do ethereo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Imperio
Doira as margens do Tejo.

²⁰ Edição Aguilar: portuguesa.

Eis-nos perante mais um poema de doze versos, distribuídos por três quartetos em rima cruzada, sendo os três primeiros versos decassilábicos e o quarto hexassilábico, o que nos faz lembrar o metro da ode clássica.

Se repararmos bem, notamos imediatamente que o poema se estrutura à volta do semema «céu», como se depreende dos lexemas «céu», três vezes, «strella», «azul», «constellado», «luar», duas vezes, «luz», «ethereo», «madrugada irreal», «doira». É que o profeta aqui é António Vieira (1607-1696), e, portanto, um membro do clero, cuja missão fundamental consiste em ligar o céu à terra e a terra ao céu, pondo o homem em contacto com a divindade e a divindade em contacto com o homem.

«O CÉU STRELLA o azul e tem grandeza.»

Como a salvação de Portugal reside no céu, o poeta, *ex abrupto*, põe o leitor a contemplar a majestade de uma noite estrelada. É o céu no auge da sua magia e misteriosa grandiosidade.

«Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da lingua portugueza,
Foi-nos um céu também.»

Eis como Cesare Ripa descreve a Fama.

É a curiosa figura de Mercúrio nu, com um manto sobre o braço esquerdo e o bastão na mão direita. Com a mão direita segura Pegaso pelo freio, numa postura como se estivesse para desferir voo. Mercúrio representa a Fama, dado que era o Mensageiro de Júpiter, assim como a Eficácia do Discurso, e uma boa Voz que se propaga em todas as direções. Pegaso significa que a Fama é levada pela Palavra que traduz as Acções dos grandes Homens.”²¹

Esta representação emblemática da Fama não podia ser mais apropriada para o Padre António Vieira. Levada aos quatro cantos do globo, *urbi et orbi*, pela virtude mágica da Palavra, quem entre os portugueses poderia veicular melhor essa Fama que o «Imperador da lingua portugueza», exegeta bíblico, missionário, diplomata, epistológrafo, pregador de magnates, de reis e de papas?

A fim de melhor justificar a inclusão do Padre António Vieira entre os profetas da Mensagem e dar mais credibilidade às suas profecias, o poeta coloca-o no paraíso, que é, como se sabe, um dos sentidos do vocábulo «glória.»

Com o verso «Foi-nos um céu também», quererá o poeta dizer que Vieira, além de ser o mestre supremo da língua portuguesa, foi um sinal dos desígnios de

²¹ Iconologia or Moral Emblems by Cesare Ripa (London: Benjamin Motte, 1709), Fig. 119: Fama Chiara: Good Fame.

Deus para Portugal, conceito que as seguintes palavras do autor da **Clavis Prophetaram** talvez ajudem a corroborar:

Estão os profetas e as profecias sobre as gentes e sobre os reinos, ou como astros benignos que influem e prometem felicidades, ou como cometas tristes e funestos, que influem e ameaçam suas ruínas. Levantem pois os reis e os reinos os olhos, olhem para estes sinais do céu, e, se os virem estrelas, esperem; se os virem cometas, temam.²²

Como o céu que o poeta nos convida a contemplar no primeiro verso está semeado de estrelas, poderemos concluir que os astros são benignos e, por conseguinte, «prometem felicidades» para Portugal.

«No imenso espaço seu de meditar,
Constellado de fôrma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.»

Numa clara alusão à maneira prodigiosa como o profeta António Vieira se espraçou discursivamente pela vasta amplidão dos tempos e dos espaços siderais, com a ousadia de um visionário que anda de braço dado com os profetas maiores do Velho Testamento, e deles se proclama igual, o poeta informa-nos que nos arrebatamentos proféticos do autor da **História do Futuro** já se pode vislumbrar a forma arquetípica de «El-Rei D. Sebastião», mas só ainda à ténue claridade da luz emprestada da lua.

Como já se disse para Bandarra, e se pode dizer com maioria de razão para Vieira, as palavras e os escritos dos profetas apresentam para os pobres mortais um carácter nebuloso. Cabe aos exegetas adivinhar a substância que jaz oculta para além das aparências. E esse exegeta, que é o vate Fernando Pessoa, perscruta atento os «avisos» de António Vieira e vê o «lugar escuro e caliginoso» transformar-se em «prenuncio claro do luar» e este em «luz do ethereo», e este em «dia». É como se, tal como no acto da concepção de Jesus, a palavra se fizesse carne.

António Vieira falou e D. Sebastião ressuscitou (que é o sentido de «surgiu») e o Quinto Império fez-se.

«Mas não, não é luar: é luz do ethereo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Imperio
Doira as margens do Tejo.»

²² Padre António Vieira, **História do Futuro** (I) apud **Obras Escolhidas**. Prefácio e notas de António Sérgio o Hernâni Cidade, Vol. VIII (Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1953), p.90.

A terceira estância que, à primeira vista, parece ser uma contradição, e até uma refutação, da estância anterior, é pura e simplesmente a sua reiteração. Se o poeta fala «no céu amplo de desejo» (repare-se no carácter polissémico do lexema céu, através do poema, e na beleza da metáfora) e na «madrugada irreal do Quinto Império», é porque, à maneira do que acontecia com os israelitas, e com todos aqueles que, noutras religiões, aguardam a vinda do seu Messias, do seu libertador, também aos portugueses, na longa estância do seu advento, não lhes resta senão suspirar por algo que ainda não é real, que ainda é só potência à espera de um demiurgo que a converta em acto: «madrugada irreal do Quinto Império.»²³ O profeta vive no céu da contemplação, à espera do advento da Idade do Amor.

²³ E se «a madrugada irreal do Quinto Império» fosse mais um indício da natureza utópica do Quinto Império, de uma pátria imaginária? Só nos restaria concluir que este discurso dialógico entre o ser e o não-ser da **Mensagem** nos faria lembrar a teia que Penélope fazia de dia e desfazia de noite, pelo que teriam razão aqueles críticos que vêem na **Mensagem** mais uma mistificação de Pessoa. Bem no fundo, a **Mensagem**, na sua essência, é um monumento poético ao passado glorioso de Portugal, e um Quinto Império estético.

Mas, se assim fosse, onde estaria aquele mínimo de coerência interna numa obra a que o próprio autor atribui uma estrutura matemática e aritmossófica: «O que fiz por acaso e se completou por conversa fora exactamente talhado, com Esquadro e Compasso, pelo Grande Arquitecto» (**Textos de Crítica e Intervenção** [Lisboa: Edições Atica, 1980], p.201)? E se estas contradições fossem apenas aparentes, não passando de um reflexo dos momentos de profundo desânimo, como os daqueles que, na sua luta prometeica com o destino, se vêem por vezes totalmente abandonados por Deus? Exemplifiquemos com uma figura prototípica — JOB — e passemos adiante.

TERCEIRO

[FERNANDO PESSOA]

10-12-1928

SCREVO meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de agua.²⁴
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando queres voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?

Ah, quando queres, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

²⁴ Edição Aguilar: água.

Eis-nos perante o único poema sem título, inacabado, portanto, como a obra profetizada pelo poeta: o Portugal do Quinto Império.

Na sua estrutura externa, este poema tem o mesmo ritmo que o de Bandarra (versos de oito sílabas) e tem vinte versos, distribuídos por cinco quadras, em rima cruzada. Outro aspecto a sublinhar, também quanto à estrutura externa, é a forma retórica do discurso. Os primeiros seis versos contêm afirmações (cinco, por sinal), e os restantes catorze contêm interrogações.

Pela primeira vez na **Mensagem**, o poeta deixa de ser aquele que fala dos outros e com os outros e pelos outros para passar a ser aquele de quem se fala. Fernando Pessoa (1888-1935), que sabe como ninguém como, através dos tempos, principalmente nos momentos de grandes crises, os poetas são a voz da consciência e da esperança dos povos, põe sobre os ombros o manto de profeta e de vate, e transforma-se na terceira pessoa da trindade profética da **Mensagem**: «...queréis reprobear una cosa tan agradable a Dios Nuestro Señor, como lo es la Poesía, que el Espíritu Santo aprobó, hablando en verso por boca de los profetas. Y si no pregunténlo al real Profeta David, que él, mejor que nadie, podrá decir su dicho en este caso.»²⁵

E, como não podia deixar de ser, estando como está o poeta revestido das roupagens de profeta, o poema, cheio de ressonâncias bíblicas, está decalcado na vida e na obra dos profetas do Antigo Testamento, pelo que se poderia afirmar que estamos perante o canto da Babilónia de Fernando Pessoa.²⁶ Desterrado, longe da sua «pátria natural» e por ela ardentemente suspirando como o Camões das redondilhas «Sobre os rios que vão», o poeta chora amargamente as penas do exílio e implora ao Senhor que o conduza à «Nova Terra» e a «Os Novos Céus.»

A tónica da poesia é a da dore e da esperança, tão bem expressas pelo primeiro e pelo último versos, respectivamente: «Screvo meu livro à beira-magua»; «Quando, meu Sonho e meu Senhor?»

«SCREVO meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de agua.
Só tu, Senhor, me dás viver.»

Choraram os profetas de Israel à beira dos rios da Babilónia; chora o profeta do Quinto Império à beira dos rios de Portugal. E, no meio do seu sofrimento, o profeta volta-se para Deus, o «Senhor» do quarto verso da primeira estância. Ou o Messias destinado a redimir Portugal? Ou para um e outro? Verdade é que uma

²⁵ Miguel Sánchez de Lima, *El Arte Política en Romance Castellano* — Edición de Rafael de Balbín Lucas (Madrid: CSIC, 1944), p.32.

²⁶ Compare-se o início deste poema com o do salmo 137 (136) e ver-se-á a razão de ser desta afirmação.

leitura intertextual, como a que resulta do relacionamento deste poema com o precedente — «António Vieira» —, aponta para D. Sebastião, como para ele também apontam as quatro estâncias restantes do poema que estamos a analisar. Mas a ambivalência sugerida para o «Senhor» da primeira estância encontra a sua justificação no contexto global da obra.

«Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando queres voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?»

Em consonância com uma das máximas mais conhecidas de Fernando Pessoa — «O que em mim sente está pensando» —, o profeta encontra lenitivo para a sua mágoa no sentir e no pensar no futuro Redentor de Portugal, Redentor a quem o liga um elo afectivo e e um elo intelectual — o «sentir» do coração e o «pensar» da mente, respectivamente. A sua vida vazia de sentido, vivida na esterilidade, é fecundada pela simples evocação espiritual do Senhor. Mas, como a dor é grande e o desejo de uma união permanente é intenso, o poeta, fazendo-se eco da conhecida loa sacra do Advento, a que já se fez menção noutra parte — «Quando virás, Senhor, o dia / Em que apareça o Salvador?» —, pergunta ao Senhor quando queres voltar.

É curioso notar que a pergunta com que fecha a segunda estância — «Quando é a Hora?» — encontrará o seu eco no último poema da **Mensagem**.

«Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?»

Cansados de esperar pelo Messias nos longos anos que viveram cativos no Egipto, que peregrinaram no deserto do Sinai e que sofreram as duras provas do exílio da Babilónia, os israelitas mais de uma vez se entregaram ao culto de falsos deuses. Porém, Jeová, compadecido deles, lá lhes mandava, de longe em longe, um profeta para lhes mostrar o engano em que tinham caído e reacender-lhes no peito o facho da esperança no futuro Libertador. Caso análogo aconteceu aos portugueses. Mas quem será esse «falso Deus» de que se fala na terceira estância? Os falsos D. Sebastões de que reza a lenda e a história?²⁷ O bezerro de ouro do materialismo, da vida do século? A última ilusão de salvação? Perguntas legítimas, supomos, da parte de alguém que se sabe mergulhado no mal («do mal que existo») e que ardentemente deseja que soe a hora do resgate.

²⁷ A história do povo judaico, tão intimamente ligada à história de Portugal, tal como se reflecte na **Mensagem**, está repleta de alusões a falsos profetas e a anti-Cristos.

A referência ao «despertar» vai muito bem com o espírito que enforma toda a **Mensagem**. Portugal, adormecido e sepultado desde que o Rei D. Sebastião desapareceu nos areais de Alcácer-Quibir, em 1578, e apresentado a dormir no poema de abertura da **Mensagem**, está à espera de que alguém o desperte e o leve a gozar das delícias da Terra de Promissão — «A Nova Terra e os Novos Céus.» E esse alguém é o seu Cristo, que quer dizer Messias ou Ungido do Senhor.

«Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?»

Em obediência à forma retórica da anáfora, a conjunção «quando» — que aparece três vezes na segunda estância, uma na terceira, uma na quarta e três na quinta, a que correspondem igualmente oito pontos de interrogação, distribuídos pelas respectivas estâncias — vai-se precipitando num ritmo vertiginoso. Ritmo que é marcado pela zeugma do predicado nos últimos versos da última estância. Excelente recurso estilístico para acentuar a ansiedade com que Portugal aguarda o advento do Messias.

Aquele «Encoberto» que é anunciado no último poema dos «Symbolos», que é o quinto, faz a sua reaparição no primeiro verso da quarta estância, associado, naturalmente, ao Quinto Império, traduzido pelas seguintes palavras, em forma de hipérbaton: «Sonho das eras portuguez.»

E é nesta quarta estância que Deus aparece mais uma vez na **Mensagem** como causa eficiente do intenso desejo que o poeta e profeta Fernando Pessoa e, com ele e nele, Portugal, tem de ver o Messias e Fundador do Quinto Império.

«Ah, quando quiserás, voltanto,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?»

Na reiteração, a que já nos referimos, tão bem expressa pelos «quandos» e pelos pontos de interrogação, pergunta o profeta a Deus quando será a sua esperança convertida em amor, isto é, quando será o seu sonho transformado em realidade, sonho que, aliás, é explicitado duas vezes directamente no poema e uma indirectamente, através do lexema «despertar.»

Mas que fique bem claro o sentido equívoco, polivalente, de Sonho. Sinónimo de «Rei», de «Cristo», de «Encoberto» e de «Senhor», este «Sonho» serve, antes de mais nada, para reiterar a natureza oracular do poema. O profeta Fernando Pessoa, tal como os profetas do Antigo Testamento e os seus predecesores Bandarra e António Vieira, via em sonhos o futuro Messias de Portugal.

A maneira como o poeta-profeta expressa a passagem do desejo do Quinto Império e do seu Fundador para a sua materialização ou consumação é digna de nota. É a aplicação da teoria paulina das três virtudes teologais. Segundo S. Paulo, quando a alma entra no paraíso, já não tem necessidade da fé nem da esperança (I Cor 13, 8-13). De posse do objecto dessa fé e dessa esperança — Deus —, já só precisa da terceira virtude teologal, a caridade ou amor, para viver em plenitude a vida contemplativa finalmente alcançada. Assim aconteceria com o profeta e, nele, com Portugal: de posse do Quinto Império, só necessitaria do amor, para com ele e nele viver em união beatífica.

Notem-se os sememas e sintagmas que significam potência, no sentido que esta palavra tem na ontologia aristotélica: «Encoberto», «dias vacuos», «sonho das eras portuguez», «sopro incerto», «grande aneio», «nevoa», «saudade», «meu Sonho.» Mais uma prova de que sob as cinzas que amortalham Portugal jaz uma flamazinha à espera que um sopro divino venha reanimá-la.

Na análise paralela que temos vindo a fazer de uma possível leitura de sinal, de conteúdo, esotérico que a **Mensagem** nos sugere, este poema traduziria o desejo intenso de união (yoga), de religião (religare), com Deus. À nostalgia de algo sublime corresponde a ânsia da «hora» da iniciação e da iluminação. O «Encoberto» é esse momento de consciência absoluta em que o Eu Superior, «velado», se descobre, em que deixa de ser «sopro incerto» e «grande aneio» e passa a constituir a realidade existencial do homem, destinado a ser Deus.

Para concluirmos esta breve leitura do terceiro «Aviso», acrescentaremos apenas que a «nevoa» e a «saudade» enunciadas aqui irão encontrar na III secção da Terceira Parte — «Os tempos» — o seu *habitat* natural.

III

OS TEMPOS

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta.

Bandarra, «Profecias».

Fratres, scientes quia hora est
jam nos de somno surgere.

Rom 13, 11.

Na Terceira Parte da **Mensagem**, depois de «Os Symbolos» e «Os Avisos», surgem «Os Tempos.»

Tal como o título indica, é de «tempos» que se trata: dois designam períodos do dia — «Noite» e «Antemanhã» — e três designam fenómenos meteorológicos: «Tormenta», «Calma», e «Nevoeiro.»

Chama-se a atenção para um aspecto interessante de estrutura externa da Terceira Parte da **Mensagem**: a existência de cinco símbolos e de cinco tempos, separados por três avisos, e as correspondências entre os símbolos e os tempos. Assim, à «Noite» de «Os Tempos» corresponde «D. Sebastião» de «Os Symbolos»; à «Tormenta», o «Quinto Imperio»; à «Calma», «O Desejado»; à «Antemanhã», «As Ilhas Afortunadas»; ao «Nevoeiro», «O Encoberto.» Note-se ainda que as correspondências se processam pela ordem em que os poemas de cada secção aparecem no texto. Na noite dos tempos encontra-se envolto o Rei D. Sebastião; da tormenta há-de nascer o Quinto Império, dado que todo o acto de nascimento é acompanhado de dor; no meio da calma antever-se-á o Desejado; à meia luz da antemanhã hão-de vislumbrar-se as Ilhas Afortunadas; do meio do nevoeiro irromperá um dia a silhueta do Encoberto. É como se os cinco símbolos fossem figuras ou prefigurações do Antigo Testamento de Portugal, preditos pelos três profetas. Sem forçar a letra e o espírito, teríamos desta forma mais uma analogia entre a **Mensagem** e a Sagrada Escritura. Lembremo-nos, aliás, que a Terceira Parte se intitula «O Encoberto.»

Como se verá oportunamente, os poemas que constituem esta III secção de «O Encoberto» diferem todos uns dos outros, já quanto ao número de versos, já quanto aos esquemas rítmico, rímico e estrófico.

PRIMEIRO

NOITE

A NAU de um d'elles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à patria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um captivo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ancia
Fitando a prohibida azul distancia.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome —²⁸
O Poder e o Renome —
Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com elles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de heroe.

Queremos ir buscal-os, d'esta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distancia
De nós; e, em febre de ancia,
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

²⁸ Edição Aguilar: Nome.

A «Noite» consta de trinta versos, distribuídos por cinco sextilhas, em rima emparelhada e ritmo irregular: o primeiro, terceiro e sexto versos são decassilábicos; o segundo e o quarto são hexassilábicos; e o quinto é octossilábico, com excepção do da última estância, que é também hexassilábico. É de notar ainda que cada uma das estâncias tem dois versos agudos.

Muito apropriadamente, a «Noite» é o poema mais longo da **Mensagem**, simbolizando assim os longos séculos de espera pelo advento do Desejado, ou Messias. É uma daquelas noites que parecem não ter amanhecer.

O poema reveste forma narrativa nas primeiras três estâncias e forma invocativa nas duas últimas, o que quer dizer que há duas vozes no poema: a do narrador e a de uma das personagens. O narrador fala com o leitor e o mais novo dos três irmãos fala com Deus.

Também poderíamos tomar o terceiro dos irmãos como símbolo de Portugal, o qual, em certo sentido, se encontra mergulhado naquela «austera, apagada e vil tristeza» de que fala Camões em **Os Lusíadas** (X, 145).

Sem lhes dizer o nome, em virtude da transparência referencial do texto, o poeta conta a história de três irmãos: Gaspar, Miguel e Vasco Corte-Real, filhos de João Vaz Corte-Real, o navegador português que terá descoberto a Terra Nova por volta de 1472.²⁹

Partiu o primeiro dos irmãos para os mares e não regressou: «A nau de um d'elles tinha-se perdido / No mar indefinido.» Partiu o segundo em busca do primeiro, com autorização do Rei, e também não regressou: ficou «no mar sem fim e a nevoa escura.» Passou o tempo e o terceiro quis partir em busca dos irmãos, mas o Rei não lhe permitiu.³⁰

²⁹ «Os dois outros Cortes Reais — Gaspar e Miguel —, filhos do referido João Vaz, ficaram tristemente célebres pelas viagens que empreenderam para o ocidente e em que desapareceram. Gaspar Corte Real, além da viagem que, segundo se supõe, fizera com o pai, antes de 1488, empreendeu duas outras viagens: na primeira, com início em Lisboa, no Verão de 1500, teria atingido a Gronelândia, a costa da América do Norte, os rios Hudson e de S. Lourenço, o Canadá e a península do Labrador; na segunda, também iniciada em Lisboa, em Maio de 1501, desapareceu na nau em que seguia. O seu irmão Miguel Corte Real, receando que viessem a faltar viveres à segunda expedição do aludido Gaspar, terá saído de Lisboa, no encalço deste, em Junho seguinte, voltando dois meses depois ao ponto de partida, forçado pelos ventos. Em Maio de 1502, suspeitando a perda de seu irmão, Miguel Corte Real iniciou outra expedição, acabando também por desaparecer. Por sua vez, Vasco Anes Corte Real, irmão mais velho dos dois desafortunados navegadores e sucessor de seu pai nas capitânias de Angra e de S. Jorge, pretendeu ir, à sua custa, em busca de Gaspar e Miguel, mas não foi autorizado pelo monarca» (**Dicionário de História de Portugal**. Dirigido por Joel Serrão. Vol. II Porto: Livraria Figueirinhas, s.d.).

³⁰ Américo da Costa Ramalho tem um excelente estudo sobre a biografia dos Cortes-Reais, sobre as razões que terão levado Fernando Pessoa a privilegiá-los na **Mensagem**, ao contrário do que fez Camões em **Os Lusíadas**, sobre as fontes literárias de a «Noite» e sobre o seu significado

É a viagem de ida, mas não de volta; é a viagem daqueles para quem não existe o regresso a Itaca. A dificuldade da viagem dos dois primeiros irmãos é sublinhada pelas redundâncias e reduplicações: «mar indefinido»; «mar sem fim e nevoa escura»; «fim profundo / Do mar ignoto.» E o carácter agudizantemente crescente da tragédia é sugerido pela série de encavalgamentos que se espriam vertiginosamente pelos versos do poema: nada menos que nove.

« Como a um captivo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ancia
Fitando a proibida azul distancia.»

O drama do terceiro irmão, aquele a quem o Rei não autoriza a partir em busca dos outros, surge, em toda a sua dimensão existencial, na terceira estância. Senhor nobre, fidalgo, vive prisioneiro — «como um captivo» — no seu solar, com a «febre» e a «amargura» estampadas no rosto e na alma. A originalidade da adjectivação nos dois últimos versos desta sextilha — «Com fixos olhos rasos de ancia / Fitando a proibida azul distancia» — empresta uma dramaticidade dinâmica ao nobre «captivo.» O poder demiúrgico do poeta reflecte-se onde menos se espera: na transformação do sintagma popular — «olhos rasos de água» — em «olhos rasos de ansia», o que nos transporta ao terceiro poema dos «Avisos», em que a «beira-mar» se converte em «beira-magua.»

Nas duas últimas estrofes, o desolado e inconformado prisioneiro faz uma ardente prece ao Senhor, dizendo-lhe primeiro da viagem sem regresso dos irmãos, depois do seu desejo de partir em busca deles e, por último, das terríveis consequências da forçada inacção a que o sujeita um poder mais alto. Sem os irmãos, vê-se incompleto, incapaz de se elevar à condição de herói, a que por estatuto ético e social deve aspirar. É que a busca que ele pretende empreender é como que uma busca de si mesmo, o que quer dizer que a viagem do irmão «captivo» seria antes de mais uma viagem em busca da sua identidade: «É a busca de quem somos na distancia / De nós.» É o *Amor* que busca a *Psique*.

Para acentuar bem a angústia em que está mergulhado o terceiro irmão, o poeta fá-lo concluir a sua comovente lamentação com estas palavras: «Mas Deus

no conjunto do poema («Sobre o poema “Noite” da Mensagem de Fernando Pessoa», *Biblos* LII [Miscelânea em honra de Paulo Quintela], Coimbra, 1975, pp. 145-153).

A título de amostra de uma das afirmações produzidas acima, vamos transcrever a frase com que Costa Ramalho conclui o seu estudo: «E sem que o leitor se dê conta disso, o poema «Noite» passa a inserir-se na atmosfera do episódio camoniano do «Adamastor», de que o «Mostrengo» é a mais evidente emanção».

não dá licença que partamos». É o drama do homem sujeito aos caprichos do destino, impossibilitado de se realizar na virtude heróica para que se crê vocacionado, porque de tal é impedido por Deus e pelos homens: «O solar com vista para o mar é intuído como um cárcere que pela a iniciativa heróica do irmão angustiado, disposto a deixar os limites da terra pela liberdade da procura aventureira e arriscada no mar.»³¹

Continuemos a ler o poema com atenção e notaremos que estamos perante mais um caso de transmutação alquímica: uma viagem iniciada no tempo — «no mar da idade» — transforma-se numa viagem terminada na eternidade. E se repararmos que os irmãos «Ambos se foram pelo mar da idade / A tua eternidade» e que o «cativo» quer ir «buscá-los, desta vil / Nossa prisão servil», creio que poderemos ler também este poema num contexto ascético cristão. Como S. Paulo e os santos, o nobre «cativo» implora a Deus que o liberte da prisão que é o mundo e do cárcere que é o corpo, para a sua alma poder ir unir-se com a dos irmãos na eternidade de Deus.

Neste poema põe-se com toda a agudeza o drama existencial do homem, que é, por extensão, o da nação que encarna: Portugal. Impedido na primeira parte pelo rei de realizar o seu destino no tempo, impedido é também por Deus, na segunda parte, de realizá-lo na eternidade. Preso no solar enquanto ser-para-a-história, preso está também no mundo enquanto ser-para-a-vida etema.

³¹ Américo da Costa Ramalho, *Ib.*, p. 153.

Talvez seja o caso de dizer que estamos perante um autêntico caso de subversão do conceito de herói clássico. É como se no tempo da escrita da *Mensagem* fosse proibido ser herói, tal como fora entendido durante séculos.

SEGUNDO

TORMENTA

26-2-1934

QUE JAZ no abysmo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser.
Que inquietação do fundo nos soergue?
O desejar poder querer.

Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...
Mas subito, onde o vento ruge,
O relampago, pharol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar scuro struge.

Este poema tem oito versos, distribuídos por dois quartetos em rima cruzada e em igual número de versos de dez sílabas e de oito, que se sucedem alternadamente.

A primeira estância é constituída por duas perguntas e por duas respostas. Fazem-se as perguntas no primeiro e terceiro versos e dão-se as respostas no segundo e quarto.

«QUE JAZ no abysmo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser.»

Jogando com a polivalência do verbo *jazer*, que tanto significa estar deitado como estar morto, como já se viu, ao comentar o primeiro poema da **Mensagem** (aqui significa também encontrar-se, estar situado), o poeta pergunta e Portugal responde: «no abysmo sob o mar», «jaz» aquele Portugal que, embarcado na armada de D. Sebastião, na «última nau», está à espera que chegue a hora de se erguer, de ressuscitar, para se transformar em Quinto Império. É Portugal em potência «que jaz no abysmo sob o mar.» Digamo-lo mais uma vez, pois o contexto assim o pede: Este Portugal é como a Psique do **Burro de Ouro** de Apuleio, à espera que Amor vá libertá-la, ou como a Bela Adormecida à espera do beijo do príncipe que a desperte para a vida do amor, ou como Cristo que, depois da morte no Calvário, esteve sepultado três dias à espera do momento glorioso da ressurreição.³²

«Que inquietação do fundo nos soergue?
O desejar poder querer.»

Enquanto na primeira pergunta se procura saber quem jaz sepultado no «abysmo sob o mar», na segunda procura saber-se a causa da ressurreição desse alguém. E essa causa é «o desejar poder querer.» Por outras palavras, é um acto de desejo, um acto de poder e um acto de vontade, tão bem expressos pela sequência

³² Sobre esta dialéctica constante entre o imanente e o transcendente, entre o mundo dentro de nós e o mundo fora de nós, para que o poema nos remete, conceitos que o poeta traduz por meio de imagens pedidas emprestadas à mitologia, à lenda, às convenções literárias, à religião, ouçamos Joseph Campbell: «The immanent yet lost — but not forgotten — realm within us all is in Celtic mythology and folklore allegorized variously as the Land below Waves, the Land of Youth, the Fairy Hills, and, in Arthurian romance, that Never Never Land of the Lady of the Lake where Lancelot du Lac was fostered and from which Arthur received his sword Excalibur» (**Creative Mythology — The Masks of God** [Middlessex, England: Penguin Books, 1985], p. 184).

No contexto do poema que estamos a analisar, assim como de outros com que está intimamente relacionado, merece atenção especial a «Land below Waves» (Terra sob as Ondas).

de três infinitivos. É como se o poeta estivesse a explicar-nos a psicologia da acção. Começa-se no desejo, passa-se para o poder e termina-se na vontade. É esse o percurso que Portugal terá de seguir se quiser realizar o seu destino manifesto.

Antes de passarmos à análise da segunda estância, queríamos fundamentar um pouco melhor a leitura proposta para os dois primeiros versos da primeira. E vamos fazê-lo, concentrando-nos na conotação da palavra «abysmo.» Ao dizer que se trata, não de um abismo no mar, mas de um «abysmo sob o mar», o poeta está a fazer de «abysmo» uma metáfora para o Hades ou Tártaro da mitologia greco-romana e para o Limbo do Cristianismo, ou seja, para aquele inferno onde Orfeu foi buscar Eurídice, ou para aquele inferno onde Cristo (de que Orfeu é figura, segundo a Patrística) foi buscar as almas dos justos que aí se encontravam à espera do seu Libertador: «Chama-se *limbo dos justos*, ou *seio de Abraão*, o lugar onde estavam as almas dos justos antes da morte de Cristo. (...). A entrada do céu só ficou aberta com a morte de Cristo, como explicam os Teólogos, fundados em vários textos de S. Paulo.»³³

«Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...
Mas subito, onde o vento ruge,
O relampago, pharol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar seuro struge.»

De repente, na segunda estância, a tonalidade muda... o discurso é interrompido. Ao esplendor de uma noite em festa, como convinha à ressurreição de um deus, sucede um mar em tempestade, majestosamente descrita em apenas três versos, em que as quatro dimensões da palavra, de que fala Fray Luis de León em *De los nombres do Cristo*, e as onomatopeias e uma portentosa metáfora «o relampago, pharol de Deus» — realizam esse milagre, o milagre da virtude criadora do verbo e da beleza poética que quase nos faz esquecer a mensagem. Esta tempestade seria como que aquela comoção da natureza por ocasião de acontecimentos transcendentais, como, por exemplo, o da ressurreição de Cristo (Mt 28, 1-7). Seria, no caso presente, como que a dor do parto que precede o renascimento de Portugal ou o nascimento do Quinto Império.

³³ J. Bujanda, S. L., *Manual de Teologia Dogmática* Tradução de J. Dionísio de Oliveira, S.I. (Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1958), p. 595.

Para que fique devidamente esclarecido que não foi por acaso que fizemos, no texto, inferno sinónimo de limbo, vamos transcrever mais uma breve passagem deste mesmo *Manual*: «As palavras do Credo — «desceu aos infernos» — referem-se ao limbo dos justos, aonde Cristo foi anunciar a sua morte e ressurreição, e conceder-lhes a visão beatífica, que então começou para eles» (p. 595).

Para concluir, acrescentaremos apenas que oito, número de versos deste poema, é o símbolo da regeneração, na medida em que está na origem da forma central entre o quadrado (ordem terrestre) e o círculo (ordem da eternidade).³⁴ A visão faustosa da Igreja Triunfante aparece no oitavo céu, assim como a apoteose da Igreja Militante surge no oitavo degrau do «Purgatório» da **Divina Comédia** de Dante.

³⁴ Juan Eduardo Cirlot, **Diccionario de Símbolos** (Barcelona: Editorial Labor, S. .A., 1981), p. 330. «Por su sentido de regeneración fue en la Edad Media número emblemático de las aguas bautismales. Además, corresponde, en la mística cosmogónica medieval, al cielo de las estrellas fijas, que simboliza la superación de los influjos planetarios» (**Id., Ib.** p.330).

TERCEIRO

CALMA

15-02-1934

QUE COSTA é que as ondas contam
E se não póde encontrar
Por mais naus que haja no mar?
O que é que as ondas encontram
E nunca se vê surgindo?
Este som de o mar praiar
Onde é que está existindo?

Ilha proxima e remota,
Que nos ouvidos persiste,
Para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
Póde encontrar o caminho³⁵
À praia onde o mar insiste,
Se à vista o mar é sòsinho?

Haverá rasgões no espaço
Que dêem para outro lado,
E que, um d'elles encontrado,
Aqui, onde ha só sargaço,
Surja uma ilha velada,
O paiz afortunado
Que guarda o Rei desterrado
Em sua vida encantada?

³⁵ Edição aguilar: Pode.

Este poema, visto no seu aspecto intertextual, tem duas peculiaridades: é a continuação lógica do poema que o precede, na medida em que à tempestade se segue a bonança, ou, para nos servirmos da terminologia da epopeia, à «tormenta» se segue a «calma»; e, tematicamente, nas suas linhas gerais, é quase uma reduplicação de «As Ilhas Afortunadas», o quarto poema da I secção da Terceira Parte, intitulada «Os Symbolos.»

«Calma» é constituído por vinte e dois versos heptassilábicos, distribuídos por duas séptimas, em rima abbcabc, e uma oitava, em rima abbacbbc.

Com excepção dos três primeiros versos da segunda estância, que constituem uma afirmação, o poema, que se desenvolve dialecticamente entre o sentido do ouvido e o sentido da vista, assenta, retoricamente, sobre cinco perguntas: três na primeira estância, uma na segunda, e uma na terceira. A primeira pergunta reveste a forma de uma adivinha. Há nos mares uma costa de que as ondas falam e que as ondas conhecem e que aos homens não é dado encontrar. Mas que costa seja essa não o pode saber o poeta. O poeta tão só sabe que um som se desprende desse algo que as ondas lhe trazem aos ouvidos, mas que «para a vista não existe.» E sabe também que esse algo é uma «ilha proxima e remota» que os ouvidos pressentem e os olhos não conseguem ver. É o esbater-se da fronteira entre a função dos sentidos exteriores e a dos sentidos interiores. É o poeta à beira da visão mística. É a alma que, cansada do seu longo desterro numa vida inferior, suspira pelo regresso à sua mansão primeira.

Resolvida a adivinha, parcialmente, nos primeiros três versos da segunda estância, começa o poeta a perguntar-se como se poderá chegar a essa ilha: «Que nau, que armada, que frota/Póde encontrar o caminho/À praia onde o mar insiste, / Se à vista o mar é sòzinho?» Pergunta sem resposta³⁶

Mas, assim como o cavaleiro da demanda jamais desiste da aventura encençada e jamais repousa enquanto não encontrar o objecto da sua demanda, assim também o poeta não desiste da aventura a que se lançou em nome de Portugal. Ao dar-se conta de que um espesso muro o separa da «ilha proxima e remota», pergunta-se se não «haverá rasgões no espaço / Que dêem para outro lado», e se, encontrado um desses rasgões no Mar do Sargaço, ou seja, lá onde o «pátrio Tejo» e o «Padre Oceano» (*Os Lusíadas*, X, 37, e VII 20) se abraçam num amplexo que não conhece ocaso, não se verá surgir «umia ilha velada, / O paiz afortunado / Que guarda o Rei desterrado / Em sua vida encantada.»

Esta «ilha proxima e remota», isto é, espacialmente perto, mas espiritual-

³⁶ Da dificuldade que os homens têm em descobrir essa Terra Prometida fala o Evangelho Gnóstico segundo S. Torné: «The kingdom of the Father is spread upon the earth and men do not see it [...] The kingdom is within you and is without you. If you will know yourselves, then you will be known and you will know that you are the sons of the Living Father», apud Joseph Campbell, *Creative Mythology — The Masks of God* (Middlessex, England: Penguin Books, 1985), p. 157.

mente longe, é como que o santo Graal que os Cavaleiros da Távola Redonda buscavam. É o drama da cegueira dos homens perante as realidades espirituais.

Desterrado e encantado, precipitado nos abismos ou no mundo sublunar, tal como a Eurídice do mito, o Rei do poema «jaz» esperando que apareça um Orfeu que vá libertá-lo.

É mais uma vez a referência ao estado de encantamento em que se encontra o futuro Messias de Portugal, nas «Ilhas Afortunadas.»³⁷ E é, por concomitância, a prossecução de uma demanda sem fim. Portugal procura ansioso um Libertador, simbolizado pelo Rei D. Sebastião, que o reconduza à Terra da Promissão, ao Paraíso Perdido.

Para concluir, desejaríamos chamar a atenção para o jogo dialéctico entre o espaço visível e o espaço invisível, entre o *topos* onde se encontra o poeta e a *utopia* onde «jaz» o Rei. Como no poema em que se evoca Ulisses, o «aqui» defctico é um sinal inequívoco de que o poeta se encontra «à beira-magua», junto à cidade de Ulisses, cidade-mito, porque criada por um ser mítico. E utópica também?

³⁷ Lembramos que o Tristão das lendas arturianas surge do fundo das ondas, sem se saber quem são os seus progenitores, para se entregar a uma demanda de natureza salvífica.

QUARTO

ANTEMANHA

08-07-1933

O MOSTRENGO que está no fim do mar
Veio das trevas a procurar
A madrugada do novo dia,
Do novo dia sem acabar;
E disse, «Quem é que dorme a lembrar
Que desvendou o Segundo Mundo,
Nem o Terceiro quer desvendar?»³⁸

E o som na treva de elle rodar
Faz mau o somno, triste o sonhar,³⁹
Rodou e foi-se o mostrengo servo
Que seu senhor veio aqui buscar.
Que veio aqui seu senhor chamar —
Chamar Aquelle que está dormindo
E foi outrora Senhor do Mar.

³⁸ Edição Aguilar: *quere*.

³⁹ Ed. de 1934: sonhar tem ponto (.).

Este poema tem catorze versos distribuídos por duas séptimas de versos octossilábicos, com excepção do primeiro e quinto da primeira estância, que são decassilábicos. Quanto ao esquema rítmico, é de uma peculiaridade que vale a pena acentuar: todos os versos terminam em — *ar*, tirando o terceiro e sexto de cada uma das séptimas, que são brancos e graves. Dessas dez palavras terminadas em — *ar*, sete são verbos, uma é um verbo substantivado — *sonhar* —, e duas são *mar*: uma com letra minúscula e outra com letra maiúscula. E (é bom notá-lo também) em *mar* termina o primeiro verso e em *Mar* termina o último. É como se o poeta quisesse significar, por meio do espaço que o poema é, o mar em que o Mostrengo está preso, às ordens do que «foi outrora Senhor do Mar», de que não pode sair.

«O Mostrengo que está no fim do mar
Veio das trevas a procurar
A madrugada do novo dia,
Do novo dia sem acabar;»

Começando por esclarecer que o primeiro verso de «Antemanhã» é exactamente igual ao primeiro de «O Mostrengo», passamos a formular uma série de perguntas. Quem é este Mostrengo «que está no fim do mar»? Que será esse «Segundo Mundo» que o senhor do Mostrengo desvendou? E que será esse «Terceiro [Mundo]»? Serão estes mundos de carácter geográfico, ou, pelo contrário, serão apenas de carácter espiritual, místico? Partindo do princípio de que o Senhor do Mostrengo — aquele Senhor de quem ele é servo — é D. Sebastião, o «Rei desterrado» de quem se fala no poema precedente, e neste poema se diz ter sido «outrora Senhor do Mar», e partindo do princípio de que D. Sebastião é uma sinédoque de Portugal, a primeira leitura, em sintonia com outros poemas da **Mensagem**, parece indicar que este Mostrengo, à maneira, por exemplo, das gárgulas ou animais fabulosos que aparecem na arte religiosa medieval, é a imagem do sub-mundo demoníaco, vencido e sujeito ao domínio de entidades superiores; que esse «Segundo Mundo» é o mundo que os portugueses descobriram e conquistaram nos séculos XV e XVI; e o «Terceiro» é o Quinto Império que Portugal está predestinado a ser, de acordo com as profecias de Bandarra, de António Vieira e de Fernando Pessoa. Os quatro impérios de que fala a **Mensagem** (veja-se o poema «Quinto Imperio»), diferentes aliás dos profetizados pelo profeta Daniel, e aceites por Vieira na **História do futuro**,⁴⁰ alicerçados no tempo e num espaço geográfico, nasceram, viveram e morreram. Mas o Quinto Império, de sinal espiritual, alicerçado num tempo e espaço místicos, esse jamais perecerá, compreendendo-se assim que o poeta o defina metaforicamente como um «dia sem acabar».

Mas não será este poema susceptível de outras leituras? E se este Mostrengo fosse aquele dragão de que se fala no **Apocalipse**, o qual, depois de ter reinado no

⁴⁰ Padre António Vieira, *Ib.*, pp. 2-6.

mundo, é posto em cadeias por um espaço de mil anos, dando desta forma origem ao famoso Milenarismo de que tanto se falou e escreveu na Idade Média, e de que se fala também e escreve em nossos dias? Repare-se que o «mostrengo servo» do poema «veio aqui seu senhor chamar — / Chamar Aquelle que está dormindo / E foi outrora Senhor do Mar».

Trata-se, por conseguinte, de alguém que, tendo sido senhor do mundo, acaba por entregar o poder ao seu legítimo senhor: dele e do mundo. Este «Mostrengo» encarna a dimensão da personalidade dissociada do Eu Superior, que é o Senhor, a entidade divina latente no ser humano. É o próprio ser limitado pela realidade material e física que conduz o homem, através da experiência, Àquele «que está dormindo» e que aguarda a hora em que voltará a ser o senhor da consciência, não só no sono mas também na vigília.

Ouçamos as palavras de S. João e comparemos este poema com o Apocalipse, de que tantos ecos e sinais há na Mensagem:

Travou-se, então, uma batalha no Céu: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão e este pelejava também juntamente com os seus anjos. Mas não prevaleceram e não houve lugar no Céu para ele. O grande Dragão foi precipitado, a antiga Serpente, o Diabo ou Satanás, como Ihe chamam, o sedutor do mundo inteiro, foi precipitado na terra, juntamente com os seus anjos (Ap 13, 7-10).

[...]

Em seguida vi descer do Céu um anjo que tinha na mão a chave do Abismo e uma grande cadeia. Subjugou o Dragão, a Serpente antiga, que é Demónio, Satanás, acorrentou-o por mil anos. Lançou-o no Abismo, que fechou e selou, a fim de que não seduzisse mais as nações até que se completassem mil anos (Ap 20,1-3).

E enquanto esse Dragão apocalíptico, que é o mostrengo (cujo «som na treva de elle rodar / Faz mau o somno, triste o sonhar»), estiver encadeado, o mundo conhecerá um novo reino: o Reino do Espírito Santo, de que se falou anteriormente, depois de ter conhecido o Reino do Pai e o Reino do Filho.

Mas como é que esta segunda leitura poderá harmonizar-se com a primeira? Lê-se na II oitava do I Canto de *Os Lusíadas* que o poeta se propõe cantar também aqueles «Reis que foram dilatando / A Fé, o Império.» De modo que, conquistado um novo espaço geográfico, o «Segundo Mundo» de que se fala em «Antemanhã», e conquistado para Cristo, por meio da evangelização («dilatando a Fé»), a Portugal ressuscitado caberá levar a esse mundo o Reino do Espírito Santo, uma vez que, repetimos, segundo os proponentes das três idades do mundo, cada idade pertencerá a uma das três pessoas da Santíssima Trindade. E assim teríamos — diga-se mais uma vez — um paralelismo perfeito entre a história da humanidade, na sua dimensão salvífica ou soteriológica, e a de Portugal: ao Reino do Pai, Criador, corresponderia a primeira dinastia de Portugal; ao Reino do Filho, Redentor, caberia a segunda; e ao Reino do Espírito Santo, Santificador, caberia a terceira, que é aquela que há-de vir, segundo o autor do quinto evangelho, que é a Mensagem.

QUINTO
NEVOEIRO

11-12-1928

NEM REI nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.⁴¹
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
O' Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora'

Valete, Fratres.

⁴¹ Edição Aguilar: *quere*.

O último poema da **Mensagem**, retoricamente alicerçado sobre a anáfora e a antítese, tem catorze versos octossilábicos, distribuídos por uma sextilha, uma sétima e um verso isolado de apenas três sílabas. A sextilha rima em ababba, a sétima em abbcddd, e o último verso isolado, ou monóstico, rima com o quarto verso da sétima. Catorze versos: os «passos da cruz» do poeta, que são também os do Portugal da **Mensagem**, antes da sua profetizada ressurreição.

Uma das características do nevociro, símbolo do indefinido, da transição de uma realidade para outra, é dar à natureza uma forma indecisa, ambígua, em que não é possível distinguir com exactidão o dia da noite, a vida da morte. É uma entidade amorfa, no sentido etimológico e aristotélico do termo. Digamos que, num contexto escatológico, é algo de análogo ao limbo, que é o lugar onde se encontram as almas que não são dignas nem de céu nem de inferno. É assim que Portugal é apresentado neste último poema da **Mensagem**. E é-o sem qualquer sombra de dúvida, como se pode ver no título e no último verso da sétima em que Portugal é definido metaforicamente como nevociro: «O' Portugal, hoje és nevociro...»

«Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Repare-se que o poeta começa por antropomorfizar Portugal, dotando-o de «ser» e de «perfil», ou seja, de substância e de acidentes, e recorre seguidamente a duas metáforas e a um símile para acentuar o estado de «incerteza» e de «dispersão» em que está mergulhado.⁴²

Voltando à imagem do limbo, devemos dizer que as almas que lá se encontram, de acordo com os teólogos que o aceitam, irão um dia para o céu, pelo que a estadia aí é de carácter temporário. Portugal, apresentado adormecido no primeiro poema da **Mensagem** e encantado no antepenúltimo, continua no mesmo estado. Por entre o nevociro, adivinha-se um «fulgor baço da terra» e um «brilho sem luz e sem arder, / Como o que o fogo-fatuo encerra.»⁴³

⁴² Já se terá reparado devidamente no paralelismo entre estas palavras e as de Camões em **Os Lusíadas**, naquela oitava em que apresenta ao Rei D. Sebastião Portugal mergulhado numa «apagada e vil tristeza»? Ao fim e ao cabo, os pontos de encontro entre os dois maiores poetas de língua portuguesa parecem ser muitos mais que os que os críticos, em geral, terão querido ver até hoje, talvez levados, em parte, por uma ou outra referência menos lisongeira que Pessoa fez a Camões, no decorrer dos anos, o que, visto psicanaliticamente, poderá significar que a grandeza e o renome do autor de **Os Lusíadas** terão causado algumas noites de insónia ao autor da **Mensagem**.

⁴³ Sabendo que o fogo-fátuo é a fosforescência produzida por emanações de gases dos cadáveres em putrefacção, com facilidade se depreende o estado deplorável em que Portugal se encontra. Mas aos Messias nada é impossível. Em putrefacção estava Lázaro e Cristo ressuscitou-o.

Procurando fazer o retrato de um país, Portugal, começa o poeta por falar em termos profundamente negativos, dizendo primeiro que não há «Nem rei nem lei» — e depois que não há «nem paz nem guerra». É Portugal num estado de indefinição total, sem quem o governe e sem leis por que se governe.⁴⁴

Depois de ter definido Portugal na primeira estância em termos de nevoeiro, passa na segunda a definir os componentes humanos de Portugal. Por outras palavras, o poeta transita do retrato da pessoa colectiva para o retrato da pessoa individual. E esse retrato caracteriza-se pelos mesmos traços negativos e pela mesma imprecisão com que se caracteriza o retrato de Portugal.

Pessoa, em paralelismo e consonância com Bandarra, apresenta-nos uma imagem negativa de Portugal. Mas, enquanto Bandarra faz isso no princípio das *Trovas*, Pessoa fá-lo no fim da *Mensagem*.⁴⁵ É Portugal mergulhado na corrupção e na apatia.

«Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem.
Nem o que é mal nem o que é bem.»

Os três primeiros versos da segunda estância apresentam os portugueses em termos gnoseológicos, na dimensão filosófica tripartida de psicologia, ontologia e ética, uma vez que o que melhor define o ser humano é a capacidade de se conhecer a si mesmo, de saber qual é o seu destino, de saber distinguir entre o bem e o mal. E é precisamente isso que ignoram os portugueses: não sabem o que são; não sabem o que querem; não sabem distinguir entre o bem e o mal.

Diga-se, de passagem, que o terceiro verso da segunda estância é quase a reprodução literal do último verso da terceira estância das *Trovas* de Bandarra: «Que não sabem bem, nem mal», o que é mais uma prova inequívoca de que a *Mensagem* é um diálogo constante com as tradições literárias de Portugal, já cultas, já populares, para além de ser um diálogo com a Bíblia, a mitologia, as religiões esotéricas, como já foi dito mais de uma vez.

Como todo o acto de salvação começa pelo conhecimento de si mesmo, o poeta-apóstolo, prestes a fechar a porta do templo místico-esotérico que é a *Mensagem*, faz questão de chamar a atenção dos destinatários da sua mensagem, do seu evangelho, para o mandamento supremo da teologia gnóstica, esculpido ao alto da porta de entrada do santuário pítico de Delfos: «Conhece-te a ti mesmo.»

Mas o poeta acredita numa mudança, numa metanoia: acredita na ressurreição, num rito de passagem. Ou não?

⁴⁴ Rci, de *rex*, é aquele que rege, que governa

⁴⁵ Leiam-se as primeiras seis estâncias das *Trovas*, e ver-se-á a razão de ser desta asserção.

«(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto, e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.»

Entre parêntesis, engenhosamente criando uma atmosfera de simultaneidade, o poeta transporta-nos a um poema da Terceira Parte — «Calma» — em que fala como aqui, antiteticamente, da «ilha proxima e distante.» E, depois, reiterando o que já dissera na primeira estância, sublinha o estado de nebulosidade e de amorfismo físico, mental e moral, em que Portugal esta imerso.

Mas «É a hora?» Hora de quê e para quê?

Num dos hinos mais solenemente majestosos da liturgia do Sábado Santo ou Sábado de Aleluia, o precónio pascal, que começa «Exultet jam Angelica turba coelorum» («Alegre-se a multidão dos anjos celestes»), a certo momento o diácono canta estas palavras: «O' noite verdadeiramente venturosa, que foi a única a saber *o tempo e a hora* (o itálico é nosso) em que Cristo ressuscitou». É a hora soleníssima da ressurreição de Cristo. Será também a hora da ressurreição de Portugal? Parece ser esse o sentido da exortação.

E numa obra que serviu de fonte para a **Mensagem** e foi várias vezes citada no decorrer deste estudo, pode ler-se, no início do prólogo: «Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas, porque *o tempo está próximo*» (Ap 1, 3).

Valete, fratres.

Fernando Pessoa, **Mensagem**.

A graça do Senhor Jesus Cristo seja com
o vosso espírito, irmãos. (Gal 6, 18).

Não seles as palavras da profecia deste
livro, porque o tempo está próximo (Ap 22, 10).

Santa Barbara, California, primeiro de Fevereiro de 1987.

António Cirurgião

ANTÓNIO CIRURGIÃO

CONCORDÂNCIA

DA

MENSAGEM

DE

FERNANDO PESSOA

Pour deviner l'âme d'un poète, ou du moins sa principale préoccupation, cherchons dans ses oeuvres quel est le mot ou quels sont les mots qui s'y représentent avec le plus de fréquence.

Baudelaire.

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES GERAIS

As notas são a matéria-prima do compositor, as cores, a do pintor, e as palavras, a do escritor. E embora sabendo que as notas só se transformam em música, quando devidamente articuladas pelo compositor, que as cores só se transformam em pintura, quando devidamente dispostas pelo pintor, e que as palavras só se transformam em literatura, quando devidamente estruturadas pelo escritor, é nossa convicção que, tratando-se de um poeta como Fernando Pessoa e de uma obra como a **Mensagem** — um dos dois poemas épicos mais lidos em língua portuguesa —, é relevante, para uma melhor compreensão da arte do poeta e da natureza e significado do poema, proceder a um inventário dessa matéria-prima.

Mesmo em estado de dicionário, como viria a dizer Carlos Drummond de Andrade, as palavras são o poema em potência. E, sendo assim, um índice dessas palavras proporciona ao crítico a possibilidade de uma penetração mais profunda na génese da obra e na sua essência, assim como na maneira de «fingir» de Fernando Pessoa. Para não sairmos das letras nacionais, chamaremos apenas a atenção para os benefícios derivados, no campo da crítica, do **Índice analítico do vocabulário de «Os Lusíadas»**, organizado por António Geraldo da Cunha (Rio de Janeiro: Presença, 1980), benefícios de que são eloquente testemunho, por exemplo, os estudos seminais de Jorge de Sena¹ e os de Fíama Hasse Paes Brandão².

Publicada em vida do autor e por ele corrigida, em vista a uma futura edição, a **Mensagem** é, em nossa modesta opinião, a obra do Fernando Pessoa que melhor se presta para a elaboração de uma concordância, na medida em que, ao contrário das que ficaram inéditas, e das que, publicadas em vida, não foram objecto de possíveis correcções, ela reflecte a vontade do poeta.

Mesmo sabendo que uma das utilidades das concordâncias é a possibilidade de estabelecer paralelos e comparações entre as obras do mesmo autor e/ou entre as obras de um autor e as de outro(s), e que esse escopo ainda está longe de poder ser atingido entre nós, em virtude do estado embrionário desses estudos nas letras em

¹ Estudos sobre o vocabulário do «Os Lusíadas» / com notas sobre o humanismo e o esoterismo de Camões. Lisboa: Edições 70, 1982.

² O labirinto camoniano e outros labirintos. Lisboa: Editorial Teorema, 1985.

língua portuguesa, achamos, no entanto, que se trata de uma iniciativa louvável, sobretudo tendo em conta que ela poderá estimular os especialistas a realizar trabalho idêntico para outras obras de Pessoa e de outros escritores maiores nas pátrias de língua portuguesa.

ESCLARECIMENTOS PRELIMINARES

1. A concordância é feita à base da 2.^a edição, que é a da Agência Geral das Colónias, publicada em Lisboa, em 1941, de acordo com um exemplar da 1.^a edição, de 1934, revisto por Fernando Pessoa, como consta de uma nota impressa no fim do livro: «Desta edição, / a segunda que se publica da "Mensagem", / em que foram corrigidos e datados alguns poemas, / conforme um exemplar / da primeira edição revisto pelo autor, / fez-se uma tiragem especial / de 15 exemplares em papel "Manchester Ledger" / numerada de 1 a 15» (p. 104).

2. Para facilitar a leitura, apresenta-se em *itálico* o vocábulo em questão.

3. À direita do verso transcrito, indica-se em abreviatura o poema a que pertence o vocábulo em *itálico*, assim como o número do verso.

O algarismo à esquerda do verso significa o número de vezes que o vocábulo registado aparece nesse verso.

4. Os versos são apresentados pela ordem em que figuram nos respectivos poemas e na **Mensagem**.

5. Os substantivos são indicados no masculino do singular.

6. Os adjectivos são indicados no masculino do singular.

7. Os verbos são indicados no infinitivo.

8. Os participios passados com valor de adjectivo estão incluídos entre os respectivos verbos, sem referência específica, com a excepção de «disposto», o qual só aparece nesta forma.

9. Em geral, faz-se distinção entre pronome e adjectivo pronominal, mas não se faz distinção entre as funções sintácticas do pronome pessoal..

10. Não se especifica a espécie do substantivo, adjectivo, verbo, e interjeição, mas especifica-se, nalguns casos, a espécie de pronome, advérbio e conjunção. Quanto aos substantivos, constituem excepção os antropónimos, os mitónimos e os topónimos.

11. Os homógrafos são registados separadamente. Sirva de exemplo o vocábulo ser como substantivo e como verbo, respectivamente.

12. Neste índice encontra-se o inventário completo de todos os vocábulos, com excepção do artigo definido, de que se faz um inventário geral, logo no princípio, acompanhado de algumas observações pertinentes. E como a relevância de algumas dessas observações resulta do estabelecimento de um contraste com o artigo indefinido, faz-se também um inventário deste, no mesmo lugar, independentemente da sua inclusão no índice geral.

13. No que diz respeito aos antropónimos, esclarece-se que são registrados individualmente. Assim Afonso de Albuquerque, por exemplo, aparece sob Afonso e sob Albuquerque.

14. Pelo que se refere à pontuação, parece conveniente notar que, além do ponto e da vírgula, se encontram na **Mensagem** todos os outros sinais de pontuação, cujo número de ocorrências passamos a indicar, por ordem decrescente:

- a. ponto de interrogação - ? -: 35;
- b. ponto de exclamação - ! -: 27;
- c. travessão - — -: 18;
- d. dois pontos - : -: 15;
- e. ponto e vírgula - ; -: 14;
- f. aspas - « - »: 3;
- g. reticências - ... -: 2;
- h. parêntesis - () -: 1.

OBSERVAÇÕES À MARGEM DA CONCORDÂNCIA

Há na **Mensagem** 845 palavras diferentes, contando os homónimos, os antropónimos e os topónimos.

Com excepção do verbo «almar», que cremos ser um neologismo, à Mário de Sá-Cameiro, não parece haver na **Mensagem** sinais manifestos de grandes arrojos léxicos. O vocabulário utilizado, de velha cepa lusitana, e contemporâneo de todas as idades, reflectiria assim a perpetuidade da pátria que é chamado a celebrar.

A palavra em número mais elevado é o artigo definido, atingindo um total de 515, como se verá.

Dito isto, passamos a tecer algumas considerações sobre várias das categorias gramaticais com maior visibilidade.

PREPOSIÇÕES

Eis o número de algumas das preposições, por ordem decrescente:

- a) de - 189; b) e - 150; c) em - 101; d) a - 66; e) com - 24; f) por - 23.

Estas estatísticas permitem-nos concluir, se bem que de uma forma provisória, que há na **Mensagem** uma grande abundância de manifestações de posse, de dependência e de qualificação ou distinção, que são as funções fundamentais desempenhadas pela preposição **de**; que há também muitos casos de copulação e de situação no espaço, traduzidos, respectivamente, pela preposição **e** e pela preposição **em**.

SUBSTANTIVOS, VERBOS E ADJECTIVOS

Passando agora ao número de **substantivos, verbos, e adjectivos** diferentes, começaremos por dizer que a representação mais alta cabe ao substantivo, com 336, seguida do verbo, com 200, e do adjectivo, com 136.

Eis, por ordem decrescente, a distribuição dos substantivos e dos verbos, com maior representação.

A. SUBSTANTIVOS: a) mar - 38; b) Deus - 27; c) alma 24; d) terra - 18; e) Portugal- 17; f) rei - 16; g) céu, mundo e fim - 13; h) mão - 12; i) dia, império, nau, vida - 10; j) homem, hora, luz, noite - 9.

Bastaria fixar-se na frequência destes vocábulos para podermos concluir, corroborando assim os resultados dos estudos feitos em «**O Olhar esfíngico**» da **Mensagem**, que a obra é essencialmente um poema sobre a viagem da alma, de Portugal e do homem, na nau da vida. Perdida na noite da terra e do mar, essa nau navega sem desfalecer em direcção à luz, ao céu e a Deus, na esperança de que ao fim dessa longa viagem se faça novamente dia e soe a hora da entrada triunfal no novo império.

B. VERBOS: a) ser - 113; b) ter - 23; c) haver - 22; d) dar - 20; e) fazer - 19; f) vir - 17; erguer e querer - 16, cada um; g) ver - 15; h) poder - 15; i) ir - 13; j) dizer - 11; l) estar e morrer - 9, cada um.

Tal como acontece com os substantivos, também no capítulo dos verbos se destaca claramente um núcleo muito significativo, constituído por 14 verbos diferentes. Homens e coisas começam por ser, passam à posse, traduzida por ter e haver, transitam para o campo da dádiva, da acção e do movimento, e, caindo e erguendo-se, graças à vontade e à força, sondam os horizontes e prosseguem viagem até que a morte os visite e os leve para uma vida melhor.

C. ADJECTIVOS.

Ao contrário do que se dá com os substantivos e com os verbos, em que predominam núcleos isotópicos que poderão chamar-se chave para a determinação da estrutura do poema, no campo dos adjectivos tal fenómeno não é tão visível. Pelo que se pode começar por concluir que na **Mensagem** a substância é mais relevante que o acidente e a acção, mais importante que a qualidade.

PRONOMES POSSESSIVOS E ADJECTIVOS PRONOMINAIS POSSESSIVOS

1. **MEU** — Há 20 adjectivos pronominais e 1 pronome. 3 dos adjectivos são precedidos de artigo e só 1 dos adjectivos se pospõe ao substantivo.

2. **TEU** — Há 21 adjectivos pronominais e 1 pronome. 8 dos adjectivos são precedidos de artigo e só 2 dos adjectivos se pospõem ao substantivo.

3. **SEU** — Há 24 adjectivos pronominais e 3 pronomes. 9 dos adjectivos são precedidos de artigo e só um adjectivo se pospõe ao substantivo.

4. **NOSSO** — Há 4 adjectivos pronominais e 3 pronomes. 3 dos adjectivos são precedidos de artigo e 4 pospõem-se ao substantivo.

Fazem-se estas observações de natureza estatística, sobre pontos de gramática descritiva, a fim de se chamar a atenção para a prática de Fernando Pessoa na **Mensagem**, uma vez que ele é constantemente evocado como modelo em gramática normativa. Por exemplo, o fazer ou não fazer preceder os adjectivos pronominais possessivos ou pronomes adjuntos do artigo definido tem grande relevância no estudo comparativo da prática brasileira e da prática portuguesa.

ARTIGO DEFINIDO

O, A, OS, AS

I	— CAS	9
II	— QUI	8
III	— ULI	8
IV	— VIR	5
V	— HEN	3
VI	— TAR	7
VII	— AFO	6
VIII	— DIN	10
IX	— JOI	11
X	— FIL	2
XI	— DUA	3
XII	— FER	11
XIII	— PED	7
XIV	— JOA	5
XV	— SEB	5
XVI	— NUN	7
XVII	— IHN	6
XVIII	— JII	10
XIX	— ALB	11
XX	— INF	13
XXI	— HOR	28
XXII	— PAD	19
XXIII	— MOS	30
XXIV	— EPI	8
XXV	— COL	5
XXVI	— OCI	26
XXVII	— MAG	32
XXVIII	— GAM	22
XXIX	— MAR	10
XXX	— NAU	20
XXXI	— PRE	18
XXXII	— DSE	8
XXXIII	— IMP	20
XXXIV	— DES	9
XXXV	— ILH	8
XXXVI	— ENC	14
XXXVII	— BAN	2
XXXVIII	— VIE	13
XXXIX	— [PES]	12
XL	— NOI	31
XLI	— TOR	11
XLII	— CAL	14
XLIII	— ANT	14
XLIV	— NEV	3

OBSERVAÇÕES

1. Há na **Mensagem** um total de 486 artigos definidos, não se incluindo neste número 1 do título da Primeira Parte, os 8 das Secções e os 20 dos títulos dos poemas. Se contássemos esses, teríamos 515.

2. 2 é o número mínimo de artigos por poema e 32 é o número máximo, cabendo a «D. Filipa de Lencastre» o número mínimo e a «Fernão de Magalhães» o máximo.

3. A média de artigos definidos por poema é 11,9.

ARTIGO INDEFINIDO

UM, UMA, UNS; UMAS

III	— ULI	1
VIII	— DIN	3
X	— FIL	1
XII	— FER	1
XXII	— MOS	1
XXV	— COL	1
XXVII	— MAG	2
XXVIII	— GAM	2
XXX	— NAU	2
XXXIII	— IMP	1
XXXV	— ILH	1
XXXVIII	— VIE	2
XLIX	— [PES]	1
XLI	— TOR	1
XLII	— CAL	1

OBSERVAÇÕES

1. Há na **Mensagem** um total de 21 artigos indefinidos, não se contando um que faz parte do título de um poema. A incluir esse, teríamos 22.

2. Dos 44 poemas que constituem a **Mensagem**, só 15 têm artigos indefinidos, ou seja, aproximadamente um terço.

3. Desses 15, há um com 3 — «D. Dinis» —, quatro com 2, e os restantes dez com 1.

4. Esta escassez de artigos indefinidos, em relação aos artigos definidos, talvez nos permita opinar que, no campo dos conceitos, o poeta da **Mensagem** parece ter poucas dúvidas. Por outras palavras, o discurso da **Mensagem** é essencialmente assertivo, como convém a um poema de cariz histórico, oracular e messiânico.

Feitas estas breves observações, com a única finalidade de apontar aos estudiosos algumas das metas possíveis a que uma análise do vocabulário da **Mensagem** poderá levar, despedimo-nos do leitor com o nosso «Valete», pedido emprestado ao autor do poema, e saímos do palco, sinceramente convicto de que a representação já vai demasiado longa.

Manchester, 31 de Outubro de 1987.

António Cirurgião

ABREVIATURAS GRAMATICAIS

adj.	= adjetivo
adj. pron.	= adjetivo pronominal
adj. pron. dem.	= adjetivo pronominal demonstrativo
adj. pron. ind.	= adjetivo pronominal indefinido
adj. pron. pos.	= adjetivo pronominal possessivo
adv.	= advérbio
adv. afi.	= advérbio de afirmação
adv. lug.	= advérbio de lugar
adv. mod.	= advérbio de modo
adv. neg.	= advérbio de negação
adv. tem.	= advérbio de tempo
antr.	= antropónimo
art.	= artigo
conj.	= conjunção
conj. cau.	= conjunção causal
conj. fin.	= conjunção final
interj.	= interjeição
loc.	= locução
loc. adv.	= locução adverbial
loc. adv. lug.	= locução adverbial de lugar
loc. prep.	= locução preposicional
mit.	= mitónimo
num.	= numeral
par. apa.	= partícula apassivante
prep.	= preposição
pron.	= pronome
pron. dem.	= pronome demonstrativo
pron. ind.	= pronome indefinido
pron. int.	= pronome interrogativo
pron. pes.	= pronome pessoal
pron. pos.	= pronome possessivo
pron. rel.	= pronome relativo
p. p.	= particípio passado
s.	= substantivo
top.	= topónimo
vb.	= verbo

ABREVIATURAS DOS POEMAS

pela ordem em que aparecem na Mensagem

1. CAS O dos Castellos
2. QUI O das Quinas
3. ULI Ulysses
4. VIR Viriato
5. HEN O Conde D. Henrique
6. TAR D. Tareja
7. AFO D. Affonso Henriques
8. DIN D. Diniz
9. JOI D. João o Primeiro
10. FIL D. Philippa de Lancastre
11. DUA D. Duarte, Rei de Portugal
12. FER D. Fernando, Infante de Portugal
13. PED D. Pedro, Regente de Portugal
14. JOA D. João, Infante de Portugal
15. SEB D. Sebastião, Rei de Portugal
16. NUN Nunalvares Pereira
17. IHN O Infante D. Henrique
18. JII D. João o Segundo
19. ALB Affonso de Albuquerque
20. INF O Infante
21. HOR Horizonte
22. PAD Padrão
23. MOS O Mostrengo
24. EPI Epitaphio de Bartholomeu Dias
25. COL Os Colombos
26. OCI Occidente
27. MAG Fernão de Magalhães
28. GAM Ascensão de Vasco da Gama
29. MAR Mar Portuguez
30. NAU A Ultima Nau
31. PRE Prece
32. DSB D. Sebastião
33. IMP O Quinto Imperio
34. DES O Desejado
35. ILH As Ilhas Afortunadas
36. ENC O Encoberto
37. BAN O Bandarra
38. VIE Antonio Vieira
39. PES (Screvo meu livro à beira-magua)
40. NOI Noite
41. TOR Tormenta
42. CAL Calma
43. ANT Antemanhã
44. NEV Nevoeiro

	Que Deus <i>ao</i> Christo definiu:	QUI.10
	Assim o oppoz <i>à</i> Natureza	QUI.11
	A entrar na realidade,	ULI.12
	E <i>a</i> fecundal-a decorre.	ULI.13
	E é já o ir <i>a</i> haver o dia	VIR.11
	O heroe <i>a</i> si assiste, vario	HEN.3
	<i>À</i> espada em tuas mãos achada	HEN.5
	Cada uma é todo o mundo <i>a</i> sós.	TAR.2
	A quem fadou o instincto teu!	TAR.10
	O plantador de naus <i>a</i> haver,	DIN.2
	Meu dever fez-me, como Deus <i>ao</i> mundo.	DUA.1
	<i>As</i> horas em que um frio vento passa	FER.4
	Indifferente <i>ao</i> que ha em conseguir	PED.3
2	Fiel <i>à</i> palavra dada e <i>à</i> idéa tida.	PED.11
	Tem <i>aos</i> pés o mar novo e as mortas eras—	IHN.3
	Clareou, correndo, até <i>ao</i> fim do mundo,	INF.6
	Ó mar anterior <i>a</i> nós, teus medos	HOR.1
	Este padrão <i>ao</i> pé do areal moreno	PAD.3
2	Este padrão signala <i>ao</i> vento e <i>aos</i> céus	PAD.6
	E <i>ao</i> immenso e possivel oceano	PAD.9
	E a Cruz <i>ao</i> alto diz que o que me ha na alma	PAD.13
	Na noite de breu ergueu-se <i>a</i> voar;	MOS.2
	<i>À</i> roda da nau voou trez vezes,	MOS.3
	Voou trez vezes <i>a</i> chiar,	MOS.4
	Trez vezes <i>ao</i> leme as reprende,	MOS.20
	«Aqui <i>ao</i> leme sou mais do que eu:	MOS.22
	Manda a vontade, que me ata <i>ao</i> leme,	MOS.26
	Desvendámos. No mesmo gesto, <i>ao</i> céu	OCL.2
	A mão que <i>ao</i> Occidente o véu rasgou,	OCL.6
	Na praia <i>ao</i> longe por fim sepulto.	MAG.12
2	Pulso sem corpo <i>ao</i> leme a guiar	MAG.15
	E pasmam. Pelo valle onde se ascende <i>aos</i> céus	GAM.3
2	Ladeiam-o, <i>ao</i> durar, os medos, hombro <i>a</i> hombro,	GAM.6
	Cahe-lhe, e em extase vê, <i>à</i> luz de mil trovões,	GAM.9
	O céu abrir o abysmo <i>à</i> alma do Argonauta.	GAM.10
	Deus <i>ao</i> mar o perigo e o abysmo deu,	MAR.11
	Levando <i>a</i> bordo El Rei D. Sebastião,	NAU.1
	Foi-se a ultima nau, <i>ao</i> sol aziago	NAU.4
	Não voltou mais. <i>A</i> que ilha indescoberta	NAU.7
	Ah, quanto mais <i>ao</i> povo a alma falta,	NAU.13
	Surges <i>ao</i> sol em mim, a nevoa finda:	NAU.22
	Que Deus concede <i>aos</i> seus	DSB.2
	A Eucharistia Nova	DES.8
	Que sua Luz <i>ao</i> mundo dividido	DES.11
	<i>A</i> que, como uma criança	ILH.9
	Dormente, <i>a</i> dormir sorrimos.	ILH.10
	Este, que teve a fama e <i>à</i> gloria tem,	VIE.2
	Screvo meu livro <i>à</i> beira-magua	PES.1
	Quando virás <i>a</i> ser o Christo	PES.9

	De <i>a</i> quem morreu o falso Deus,	PES.10
	E <i>a</i> despertar do mal que existo	PES.11
	O segundo pediu licença <i>ao</i> Rei	NOI.3
	Do mar ignoto <i>à</i> patria por quem dera	NOI.9
	Então o terceiro <i>a</i> El-Rei rogou	NOI.11
	Como <i>a</i> um captivo, o ouvem a passar	NOI.13
	<i>À</i> tua eternidade;	NOI.22
	<i>A</i> Deus as mãos alçamos.	NOI.29
	<i>À</i> praia onde o mar insiste,	CAL.13
	Se <i>à</i> vista o mar é sòzinho?	CAL.14
	Veio das trevas <i>a</i> procurar	ANT.2
	E disse: «Quem é que dorme <i>a</i> lembrar	ANT.5
	Que é Portugal <i>a</i> entristecer —	NEV.4
abandonar, vb.	Da lareira <i>a abandonar!</i>	IMP.5
abraço, s.	A terra inteira com seu <i>abraço</i> .	MAG.18
Abrir, vb.	O mesmo sol que <i>abre</i> os céus	ULI.2
	Que elle <i>abra</i> os braços e lhe rasgue o véu.	JII.8
	<i>Abria</i> em flor o Longe e o Sul siderio	HOR.5
	Mais perto, <i>abre-se</i> a terra em sons e cores:	HOR.10
	O céu <i>abrir</i> o abyssmo <i>à</i> alma do Argonauta.	GAM.10
abstracto, adj.	Onde era só, de longe <i>a abstracta</i> linha.	HOR.12
abyssmo, s.	O ceú abrir o <i>abyssmo</i> <i>à</i> alma do Argonauta.	GAM.10
	Deus ao mar o perigo e o <i>abyssmo</i> deu,	MAR.11
	Que jaz no <i>abyssmo</i> sob o mar que se ergue?	TOR.1
acabar, vb.	Do novo dia sem <i>acabar</i> ;	ANT.4
acaso, s.	Fosse <i>acaso</i> , ou Vontade, ou Temporal	OCL.9
achar, vb.	<i>À</i> espada em tuas mãos <i>achada</i>	HEN.5
	Busca o oceano por <i>achar</i> ;	DIN.7
	O porto sempre por <i>achar</i> .	PAD.16
	Outros poderão <i>achar</i>	COL.3
2	Foi <i>achado</i> , ou não <i>achado</i> ,	COL.5
acto, s.	Com duas mãos — O <i>Acto</i> e o Destino —	OCL.1
addiar, vb.	Cadaver <i>addiado</i> que procria?	SEB.10
adverso, adj.	Sperae! Cahi no areal e na hora <i>adversa</i>	DSB.1
afastar, vb.	Este diz Inglaterra onde, <i>afastado</i> ,	CAS.8
	E a outra <i>afasta</i> o véu.	OCL.4
Affonso, antr.	D. <i>Affonso</i> Henriques	AFO.0
	<i>Affonso</i> de Albuquerque	ALB.0

afortunado , adj.	As Ilhas <i>Afortunadas</i> São ilhas <i>afortunadas</i> , O paiz <i>afortunado</i>	ILH.0 ILH.11 CAL.20
agente , s.	Deus é o <i>agente</i> ,	HEN.2
agua , s.	Tenho meus olhos quentes de <i>agua</i> .	PES.3
ah , interj.	<i>Ah</i> , quanto mais ao povo a alma falta, <i>Ah</i> , quando quiserás, voltando,	NAU.13 PES.17
ai , interj.	<i>Ai</i> dos felizes, porque são	QUI.3
ainda , adv. tem.	Do morto <i>ainda</i> commanda a armada, A mesma, e trazes o pendão <i>ainda</i> 2 Se <i>ainda</i> ha vida <i>ainda</i> não é finda. A mão do vento pode erguel-a <i>ainda</i> .	MAG.14 NAU.23 PRE.6 PRE.8
Albuquerque , antr.	Affonso de <i>Albuquerque</i>	ALB.0
alçar , vb.	A Deus as mãos <i>alçamos</i> .	NOI.29
além , s.	E esta febre de <i>Além</i> , que me consome,	FER.8
além de , loc. prep.	Braços cruzados, fita <i>além do</i> mar. O mar que possa haver <i>além da</i> terra. Quem quer passar <i>além do</i> Bojador Tem que passar <i>além da</i> dor.	JII.1 JII.4 MAR.9 MAR.10
alguem , pron ind.	Não fui <i>alguem</i> . Minha alma estava estreita È a voz de <i>alguem</i> que nos falla,	JOA.1 ILH.3
alma , s.	A vida é breve, a <i>alma</i> é vasta: Se a <i>alma</i> que sente e faz conhece È, na ara da nossa <i>alma</i> interna , Maior do que a minha <i>alma</i> . Não fui <i>alguem</i> . Minha <i>alma</i> estava estreita Entre tão grandes <i>almas</i> minhas pares, A <i>alma</i> é divina e a obra é imperfeita E a Cruz ao alto diz que o que me ha na <i>alma</i> E mais que o mostrengo, que me a <i>alma</i> teme Foi <i>alma</i> a Sciencia e corpo a Ousadia Foi Deus a <i>alma</i> e o corpo Portugal Dançam, nem sabem que a <i>alma</i> ousada O céu abrir o abysmo à <i>alma</i> do Argonauta. Se a <i>alma</i> não é pequena. Ah, quanto mais ao povo a <i>alma</i> falta, Mais a minha <i>alma</i> atlantica se exalta Demore-a Deus, chame-lhe a <i>alma</i> embora Senhor, a noite veio e a <i>alma</i> é vil. Para o intervallo em que esteja a <i>alma</i> imersa	QUI.7 VIR.1 JOI.10 FER.15 JOA.1 JOA.2 PAD.5 PAD.13 MOS.24 OCI.7 OCI.11 MAG.13 GAM.10 MAR.8 NAU.13 NAU.14 NAU.20 PRE.1 DSB.3

	Nada na <i>alma</i> lhe diz	IMP.8
	Pela visão que a <i>alma</i> tem!	IMP.15
	A <i>alma</i> penitente do teu povo	DES.7
	O que faz a <i>alma</i> poder ser de heroe.	NOI.24
	Ninguém conhece que <i>alma</i> tem,	NEV.8
almar, vb.	A regra de ser Rei <i>almou</i> meu ser,	DUA.2
alto, adj.	Faz que o ar <i>alto</i> perca	NUN.3
	Parece em promontorio uma <i>alta</i> serra —	III.2
alto, s	E a Cruz ao <i>alto</i> diz que o que me ha na alma	PAD.13
alto, adv. mod.	Atlas, mostra <i>alto</i> o mundo no seu hombro.	EPI.4
	E erguendo, como um nome, <i>alto</i> o pendão	NAU.2
Álvares, antr.	Nun' <i>Alvares</i> Pereira	NUN.0
amamentar, vb.	Teu seio augusto <i>amamentou</i>	TAR.5
amargura, s.	Da febre e da <i>amargura</i>	NOL.16
ambos, pron. ind.	<i>Ambos</i> se foram pelo mar da idade.	NOI.21
amigo, s.	Na noite escreve um seu Cantar de <i>Amigo</i>	DIN.1
amor, s.	Fazer minha esperança <i>amor</i> ?	PES.18
amplo, adj.	Porque é do portuguez, pae de <i>amplos</i> mares,	JOA.5
	É um dia; e, no céu <i>amplo</i> de desejo,	VIE.10
anceio, s.	De um grande <i>anceio</i> que Deus fez?	PES.16
ancia, s.	Erma, e entre choros de <i>ancia</i> e de pressago	NAU.5
	Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou <i>ancia</i> —	PREP.9
	Com fixos olhos rasos de <i>ancia</i>	NOI.17
	De nós ; e, em febre de <i>ancia</i>	NOI.28
	(que <i>ancia</i> distante perto chora?)	NEV.10
anciar, vb.	É a voz da terra <i>anciando</i> pelo mar	DIN.10
ancioso, adj.	Vem na aurora <i>anciosa</i> ?	ENC.2
angulo, s.	O direito é em <i>angulo</i> disposto.	CAS.6
anonymo, adj.	Sonhava, <i>anonymo</i> e disperso,	BAN.1
antemanhã, s.	Na <i>antemanhã</i> , confuso nada.	VIR.12
	<i>Antemanhã</i>	ANT.0

anterior, adj.	Ó mar <i>anterior</i> a nós, teus medos	HOR.1
antigo, adj.	No <i>antigo</i> seio, vigilante,	TAR.15
Antonio, antr.	<i>Antonio</i> Vieira	VIE.0
ao longe, loc. adv. lug.	Na praia <i>ao longe</i> por fim sepulto. E <i>ao longe</i> o rasto ruge em nuvens e clarões	MAG.12 GAM.7
apanhar, vb.	Trez imperios do chão lhe a Sorte <i>apanha</i>	ALB.9
apoiar, vb.	A mão sustenta, em que se <i>apoiar</i> o rosto.	CAS.9
aportar, vb.	Este, que aqui <i>aportou</i> , <i>Apertou?</i> Voltará da sorte incerta	ULI.6 NAU.8
approximar, vb.	Quando a nau se <i>approxima</i> ergue-se a encosta	HOR.8
aquelle, adj. pron.	Teu ser é como <i>aquelle</i> fria	VIR.9
aquelle, pron dem.	<i>Aquelle</i> diz Italia onde é pousado; Chamar <i>Aquelle</i> que está dormindo	CAS.7 ANT.13
aqui, adv.	Este, que <i>aqui</i> aportou, Ensinam estas Quinas, que <i>aqui</i> vês, « <i>Aqui</i> ao leme sou mais do que eu: Jaz <i>aqui</i> , na pequena praia extrema , <i>Aqui</i> onde ha só sargaço, Que seu senhor veio <i>aqui</i> buscar. Que veio <i>aqui</i> seu senhor chamar —	ULI.6 PAD.10 MOS.22 EPI.1 CAL.18 ANT.11 ANT.12
ar, s.	Faz que o <i>ar</i> alto perca	NUN.3
ara, s.	É na <i>ara</i> da nossa alma interna,	JOI.10
aragem, s.	Dá o sopro, a <i>aragem</i> — ou desgraça ou ancia	PRE9
archanjo, s.	Que <i>archanjo</i> teus sonhos veio	FIL.3
arder, vb.	Brilho sem luz e sem <i>arder</i> ,	NEV.5
areal, s.	Porisso onde o <i>areal</i> está Este padrão ao pé do <i>areal</i> moreno Sperai! Cahi no <i>areal</i> e na hora adversa Que importa o <i>areal</i> e a morte e a desventura	SEB.4 PAD.3 DSB.1 DSB.5
Argonauta, mit.	O céu abrir o abysmo à alma do <i>Argonauta</i>	GAM.10
armada, s.	Do morto ainda commanda a <i>armada</i> , Que nau, que <i>armada</i> , que frota	MAG.14 CAL.11

arroio, s.	<i>Arroio</i> , esse cantar jovem e puro,	DIN.6
Arthur, antr.	Que o Rei <i>Arthur</i> te deu.	NUN.8
arvore, s.	Em <i>arvores</i> onde o longe nada tinha; A <i>arvore</i> , a praia, a ave a fonte —	HOR.9 HOR.17
arvoredo, s.	Tinham coral e praias e <i>arvoredos</i>	HOR.2
asa, s.	Uma <i>Asa</i> do Grifo A Outra <i>Asa</i> do Grifo Sem que um sonho, no erguer de <i>asa</i> ,	III.0 ALB.0 IMP.3
ascender, vb.	E pasmam. Pelo valle onde se <i>ascende</i> aos céus	GAM.3
ascenção, s.	<i>Ascensão</i> de Vasco da Gama	GAM.0
assim, adv, mod.	<i>Assim</i> o oppoz à Natureza <i>Assim</i> a lenda se escore <i>Assim</i> se Portugal formou <i>Assim</i> vivi, assim morri, a vida E <i>assim</i> , passados os quatro O heroe a si assiste, vário	QUI.11 ULI.11 VIR.8 PED.9 IMP.16 HEN.3
assombro, s	O Capitão do Fim. Dobrado o <i>Assombro</i> , primeiro um movimento e depois um <i>assombro</i> .	EPI.2 GAM.5
atar, vb.	Manda a vontade, que me <i>ata</i> ao leme ,	MOS.26
aterrar, vb.	De quem é a dança que a noite <i>aterra</i> ?	MAG.7
até, adv.	Clareou, correndo, <i>até</i> ao fim do mundo, Que <i>até</i> ausente soube cercar Faça <i>até</i> mais rubra a brasa	INF.6 MAG.17 IMP.4
Atlas, mit.	<i>Atlas</i> , mostra alto o mundo no seu hombro.	EPI.4
atlantico, adj.	Mais a minha alma <i>atlantica</i> se exalta	NAU.14
atro, s.	Do dia claro, que no <i>atro</i>	IMP.19
auge, s.	Mas já no <i>auge</i> da suprema prova,	DES.6
augusto, adj.	Teu seio <i>augusto</i> amamentou	TAR.5
aureola, s.	Que <i>aureola</i> te cerca? É justa <i>aureola</i> dada	NUN.1 COL.11
aurora, s.	Vem na <i>aurora</i> anciosa?	ENC.2

ausente, s.	Que até <i>ausente</i> soube cercar	MAG.17
Ave	E, no desembarcar, ha <i>aves</i> , flores, A árvore, a praia, a flor, a <i>ave</i> , a fonte —	HOR.11. HOR.17
avó, s.	Ó mãe de reis e <i>avó</i> de imperios,	TAR.3
aziago, adj.	Foi-se a ultima nau, ao sol <i>aziago</i>	NAU.4
azul, adj.	Fitando a prohibida <i>azul</i> distancia.	NOI.18
azul, s.	Seu <i>azul</i> negro e brando. Surgir, redonda, do <i>azul</i> profundo. O céu <i>strella</i> o <i>azul</i> e tem grandeza.	NUN.4 INF.8 VIE.1
baço, adj.	Vejo entre a cerração teu vulto <i>baço</i> Este fulgor <i>baço</i> da terra	NAU.17 NEV.3
Bandarra, antr.	O <i>Bandarra</i>	BAN.0
Bartolomeu, antr.	Epitaphio de <i>Bartolomeu</i> Dias	EPI.0
bastante, s.	O <i>bastante</i> de lhe <i>bastar</i> !	QUI.6
bastar, vb.	3 <i>Baste</i> a quem <i>baste</i> o que lhe <i>bastar</i> O <i>bastante</i> de lhe <i>bastar</i> !	QUI.5 QUI.6
	Sem existir nos <i>bastou</i> .	ULI.8
beijo, s.	Os <i>beijos</i> merecidos da Verdade	HOR.18
beira-magua, s.	Screvo meu livro à <i>beira-magua</i>	PES.1
bem, s.	Nem o que é mal nem o que é <i>bem</i> .	NEV.9
benção, s.	A <i>benção</i> como espada, A espada como <i>benção</i>	AFO.7 AFO.8
besta, s.	Mais que a <i>besta</i> sadia,	SEB.9
Bojador, topon.	Quem quer passar além do <i>Bojador</i>	MAR.9
bordo, s.	Levando a <i>bordo</i> El Rei-D. Sebastião	NAU.1
braço, s.	<i>Braços</i> cruzados, fita além do mar Que ele abra os <i>braços</i> e lhe rasgue o véu.	JII.1 JII.8
branco, adj.	E a orla <i>branca</i> foi de ilha em continente,	INF.5
brando, adj.	Seu azul negro e <i>brando</i> .	NUN.4

brasa, s.	Faça até mais rubra a <i>brasa</i>	IMP.4
breu , s.	Na noite de <i>breu</i> ergueu-se a voar;	MOS.2
breve, adj.	A vida é <i>breve</i> , a alma é vasta :	QUI.7
brilhante, adj.	É um mytho <i>brilhante</i> e mudo —	NAU.12
brilhar, vb.	<i>Brilha</i> e o mar scuro struge	TOR.8
brilho, s.	Em seu throno entre o <i>brilho</i> das esferas, <i>Brilho</i> sem luz e sem arder,	IHN.1 NEV.5
bruto, adj.	Com <i>bruta</i> e natural certeza	TAR.6
busca, s.	É a <i>busca</i> de quem somos, na distancia	NOI.27
buscar, vb.	<i>Busca</i> o oceano por achar; <i>Buscar</i> na linha fria do horizonte Licença de os <i>buscar</i> , e El-Rei negou. Queremos ir <i>buscal-os</i> , d'esta vil Que seu senhor veio aqui <i>buscar</i> .	DIN.7 HOR.16 NOI.12 NOI.25 ANT.11
cabeça, s.	A <i>Cabeça</i> do Grifo	IHN.0
cabello, s.	E toldam-lhe romanticos <i>cabellos</i>	CAS.3
caber, vb.	Não <i>coube</i> em mim minha certeza;	SEB.3
cada um, loc. pron. ind.	<i>Cada uma</i> é todo o mundo a sós.	TAR.2
cadaver, s.	<i>Cadaver</i> addiado que procria?	SEB.10
cahir, s.	<i>Cahe-lhe</i> , em extase vê, à luz de mil trovões, Sperae! <i>Cahi</i> no areal e na hora adversa	GAM.9 DSB.1
calar,vb.	Mas que, se escutamos, <i>cala</i> , <i>Cala</i> a voz, e ha só o mar.	ILH.4 ILH.15
calcar, vb.	<i>Calcára</i> mais do que o submisso mundo	ALB.7
calma, s.	Só encontrará de Deus na eterna <i>calma</i> <i>Calma</i>	PAD.15 CAL.0
calmo, adj.	<i>Calmo</i> sob mudos céus, Em minha face <i>calma</i> .	PED.10 FER.12
caminho, s.	Pode encontrar o <i>caminho</i>	CAL.12
cansado, adj.	Desce os olhos <i>cansados</i>	ALB.2

cantar, s.	Na noite escreve um seu <i>Cantar</i> de Amigo Arroio, esse <i>cantar</i> , jovem e puro,	DIN.1 DIN.6
Cão, antr.	Eu, Diogo <i>Cão</i> , navegador, deixei	PAD.2
capitão, s.	O <i>Capitão</i> do Fim. Dobrado o Assombro ,	EPI.2
captivo, s.	Como a um <i>captivo</i> , o ouvem a passar	NOI.13
carne, s.	O mais é <i>carne</i> , cujo pó	JOL.3
casa, s.	Triste de quem vive em <i>casa</i> ,	IMP.1
casar, vb.	Quantas noivas ficaram por <i>casar</i>	MAR.5
castello, s.	O Dos <i>Castellos</i>	CAS.0
cavalleiro, s.	Pae, foste <i>cavalleiro</i>	AFO.1
caverna, s.	Nas minhas <i>cavernas</i> que não desvendo,	MOS.6
cego, adj.	Que as forças <i>cegas</i> se domem	IMP.14
cercar, vb.	Que aureola te <i>cerca</i> ? Que até ausente soube <i>cercar</i>	NUN.1 MAG.17
cerração, s.	Desvendadas a noite e a <i>cerração</i> Vejo entre a <i>cerração</i> teu vulto baço	HOR.3 NAU.17
certeza, s.	Com bruta e natural <i>certeza</i> Não coube em mim minha <i>certeza</i> ;	TAR.6 SEB.3
céu, s.	O mesmo sol que abre os <i>céus</i> Calmo sob mudos <i>céus</i> , Faz esse halo no <i>céu</i> ? Enche de estar presente o mar e o <i>céu</i> . Este padrão signala ao vento e aos <i>céus</i> Desvendámos. No mesmo gesto, ao <i>céu</i> E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos <i>céus</i> o <i>céu</i> abrir o abysmo à alma do Argonauta Mas nelle é que espelhou o <i>céu</i> . O <i>céu</i> strella o azul e tem grandeza . Foi-nos um <i>céu</i> também. É um dia; e, no <i>céu</i> amplo de desejo, A Nova Terra e os Novos <i>Céus</i> ?	ULI.2 PED.10 NUN.6 JII.6 PAD.6 OCI.2 GAM.3 GAM.10 MAR.12 VIE.1 VIE.4 VIE.10 PES.12
chamma, s.	A que reppelle, eterna <i>chamma</i> Mas a <i>chamma</i> , que a vida em nós creou, Com que a <i>chamma</i> do exforço se remoça,	JOL.11 PRE.5 PRE.10

chamar, vb.	Demore-a Deus, <i>chame</i> -lhe a alma embora Que veio aqui seu senhor <i>chamar</i> —	NAU.20 ANT.12
chão, s.	Trez imperios do <i>chão</i> lhe a Sorte apanha.	ALB.9
cheio, adj.	<i>Cheio</i> de Deus, não temo o que virá	FER.13
chiar, vb.	Voou trez vezes a <i>chiar</i> ,	MOS.4
chorar, vb.	Por te cruzarmos, quanta mães <i>choraram</i> , (Que ancia distante perto <i>chora</i> ?)	MAR.3 NEV.10
choro, s.	Erma, e entre <i>choros</i> de ancia e de pressago	NAU.5
Christandade, topon.	Grecia, Roma, <i>Christandade</i> ,	IMP.21
Christo, antr.	Que Deus ao <i>Christo</i> definiu: A Rosa, que é o <i>Christo</i> . E plebeu como Jesus <i>Christo</i> . Quando virás a ser o <i>Christo</i>	QUI.10 ENC.8 BAN.4 PES.9
cingir, vb.	Que quis <i>cingir</i> o materno vulto — <i>Cingil-o</i> , dos homens, o primeiro —,	MAG.10 MAG.11
cinza, s.	O frio morto em <i>cinzas</i> a occultou:	PRE.7
clarão, s.	Em <i>clarões</i> negros do valle vão E ao longe o rasto ruge em nuvens e <i>clarões</i>	MAG.4 GAM.7
clarear, vb.	<i>Clareou</i> , correndo, até ao fim do mundo, No valle <i>clareia</i> uma fogueira.	INF.6 MAG.1
claro, adj.	2 <i>Claro</i> em pensar, e claro em sentir, E <i>claro</i> no querer; Do dia <i>claro</i> , que no atro Surge, prenuncio <i>claro</i> do luar,	PED.1 PED.2 IMP.19 VIE.7
coisa, s.	Ninguém sabe que <i>coisa</i> quer.	NEV.7
Colombo, antr.	Os <i>Colombos</i>	COL.0
com, prep.	Fita, <i>com</i> olhar sphyngico e fatal O rosto <i>com</i> que fita é Portugal Compra-se a glória <i>com</i> desgraça Foi <i>com</i> desgraça e com vileza «Que farei eu <i>com</i> esta espada?» <i>Com</i> bruta e natural certeza E ouve um silencio murmuro <i>comsigo</i> : A fronte <i>com</i> o olhar;	CAS.10 CAS.12 QUI.2 QUI.9 HEN.7 TAR.6 DIN.3 FER.7

	Tudo mais é <i>com</i> Deus!	PED.12
	<i>Com</i> o que nella ia.	SEB.7
	<i>Com</i> seu manto de noite e solidão	IHN.2
	Da distancia imprecisa e, <i>com</i> sensiveis	HOR.14
	O por-fazer é só <i>com</i> Deus.	PAD.8
	Que o mar <i>com</i> fim será grego ou romano	PAD.11
	<i>Com</i> duas mãos — o Acto e o Destino —	OCI.1
	A terra inteira <i>com</i> seu abraço.	MAG.18
	<i>Com</i> que a chamma do exforço se remoça,	PRE.10
	Se <i>com</i> Deus me guardei?	DSB.6
	Contente <i>com</i> o seu lar,	IMP.2
	Vem, Galaaz <i>com</i> patria, erguer de novo	DES.5
	Mas Deus sagrou <i>com</i> Seu signal	BAN.6
	<i>Com</i> fixos olhos rasos de ancia	NOI.17
	E <i>com</i> elles de nós se foi	NOI.23
	Define <i>com</i> perfil e ser	NEV.2
commandar, vb.	Do morto ainda <i>commanda</i> a armada,	MAG.14
começar, vb.	Da erna noite <i>começou</i> .	IMP.20
começo, s.	Todo <i>começo</i> é involuntario	HEN.1
como, conj.	Teu ser é <i>como</i> aquella fria	VIR.9
	A benção <i>como</i> espada,	AFO.7
	A espada <i>como</i> benção!	AFO.8
	É o rumor dos pinhaes que, <i>como</i> um trigo	DIN.4
	Meu dever fez-me <i>como</i> Deus ao mundo.	DUA.1
	Creou-os <i>como</i> quem desdenha.	ALB.10
	E erguendo, <i>como</i> um nome, alto o pendão	NAU.2
	A que, <i>como</i> uma criança	ILH.9
	Confuso <i>como</i> o Universo	BAN.3
	E plebeu <i>como</i> Jesus Christo.	BAN.4
	<i>Como</i> a um captivo, o ouvem a passar	NOI.13
	<i>Como</i> o que o fogo-fatuo encerra.	NEV.6
comprar, vb.	<i>Compra-se</i> a gloria com desgraça	QUI.2
conceber, vb.	Que só genios <i>concebia</i> ?	FIL.2
conceder, vb.	Que Deus <i>concede</i> aos seus	DSB.2
conde, s.	O Conde D. Henrique	HEN.0
conduzir, vb.	Da mão que o <i>conduziu</i> .	OCI.12
confuso, adj.	Na antemanhã, <i>confuso</i> nada.	VIR.12
	<i>Confuso</i> como o Universo	BAN.3

conhecer, vb.	Se a alma que sente e faz <i>conhece</i> Ninguém <i>conhece</i> que alma tem,	VIR.1 NEV.8
conquistar, vb.	De pé, sobre os paizes <i>conquistados</i> E outra vez <i>conquistemos</i> a Distancia —	ALB.1 PRE.11
conseguir, vb.	Indifferente ao que há a <i>conseguir</i>	PED.3
consumir, vb.	E esta febre de Além, que me <i>consome</i> ,	FER.8
constellar, vb.	<i>Constellado</i> de fôrma e de visão	VIE.6
consummar, vb.	Sperança <i>consummada</i> ,	NUN.9
contar, vb.	Que costa é que as ondas <i>contam</i>	CAL.1
contente, adj.	<i>Contente</i> com o seu lar,	IMP.2
continente, s.	E a orla branca foi de ilha em <i>continente</i> ,	INF.5
contra, prep.	Dá, <i>contra</i> a hora em que, errada Cumprí <i>contra</i> o Destino o meu dever.	AFO.5 DUA.5
cor, s.	Mais perto, abre-se a terra em sons e <i>cores</i> :	HOR.10
coração, s.	Este, cujo <i>coração</i> foi Meu <i>coração</i> não tem que ter.	BAN.7 PES.2
coral, s.	Tinham <i>coral</i> e praias e arvoredos	HOR.2
corpo, s.	O <i>corpo</i> morto de Deus, Foi alma a Sciencia e <i>corpo</i> a Ousadia Foi Deus a alma e o <i>corpo</i> Portugal Pulso sem <i>corpo</i> ao leme a guiar Deus guarda o corpo e a forma do futuro,	ULI.4 OCI.7 OCI.11 MAG.15 NAU.10
correr, vb.	Clareou , <i>correndo</i> , até ao fim do mundo,	INF.6
costa, s.	Linha severa da longinqua <i>costa</i> — Que <i>costa</i> é que as ondas contam	HOR.7 CAL.1
cotovello, s.	A Europa jaz, posta nos <i>cotovellos</i> :	CAS.5
criar, vb.	E nos <i>creou</i> . De novo o <i>cria</i> ! <i>Creou-os</i> como quem desdenha. Quem te sagrou <i>creou-te</i> portuguez. Mas a chamma, que a vida em nós <i>creou</i>	ULI.10 TAR.16 ALB.10 INF.9 PRE.5

criança, s.	A que, como uma <i>criança</i>	ILH.9
cruz, s.	E a <i>Cruz</i> ao alto diz que o que me ha na alma Na <i>Cruz</i> morta do Mundo Na <i>Cruz</i> , que é o Destino, Na <i>Cruz</i> morta e fatal	PAD.13 ENC.3 ENC.7 ENC.11
cruzar, vb.	Braços <i>cruzados</i> , fita além do mar. Por te <i>cruzarmos</i> , quantas mães choraram,	JII.1 MAR.3
cujo, pron. rel.	O mais é carne <i>cujo</i> pó Este, <i>cujo</i> coração foi	JOI.3 BAN.7
cumprir, vb.	<i>Cumpri</i> contra o Destino o meu dever. Inutilmente? Não, porque o <i>cumpri</i> <i>Cumpriu-se</i> o Mar, e o Imperio se desfez Senhor, falta <i>cumprir-se</i> Portugal!	DUA.5 DUA.6 INF.11 INF.12
dança, s.	Uma <i>dança</i> sacode a terra inteira. De quem é a <i>dança</i> que a noite aterra?	MAG.2 MAG.7
dançar, vb.	Que <i>dançam</i> da morte do marinheiro <i>Dançam</i> , nem sabem que a alma ousada O sabem, e <i>dançam</i> na solidão;	MAG.9 MAG.13 MAG.20
dar, vb.	Os Deuses vendem quando <i>dão</i> <i>Dê</i> tua prece outro destino Que houveste a gloria e <i>dêste</i> o exemplo <i>Dá-nos</i> o exemplo inteiro <i>Dá</i> contra a hora em que, errada <i>Deu-me</i> Deus o seu gladio porque eu faça E eu vou, e a luz do gladio erguido <i>dá</i> Não me podia a Sorte <i>dar</i> guarida Fiel à palavra <i>dada</i> e à idéa tida. Que a Sorte a não <i>dá</i> Que o Rei Arthur te <i>deu</i> . Do mar e nós em ti nos <i>deu</i> signal. Segundo o destino <i>dado</i> . É justa aureola <i>dada</i> Deus ao mar o perigo e o abysmo <i>deu</i> , <i>Dá</i> o sopro, a aragem — ou desgraça ou ancia — Só tu, Senhor, me <i>dás</i> viver. Do mar ignoto à patria por quem <i>dera</i> Mas Deus não <i>dá</i> licença que partamos. Que <i>dêem</i> para outro lado,	QUI.1 TAR.9 JOI.7 AFO.3 AFO.5 FER.1 FER.11 PED.7 PED.11 SEB.2 NUN.8 INF.10 COL.6 COL.11 MAR.11 PRE.9 PES.4 NOI.9 NOI.30 CAL.16
de, prep.	O <i>Dos</i> Castellos <i>De</i> Oriente a Occidente jaz, fitando, O Occidente, futuro <i>do</i> passado.	CAS.0 CAS.2 CAS.11

O <i>Das Quinas</i>	QUI.0
Ai <i>dos</i> felizes, porque são	QUI.3
O bastante <i>de</i> lhe bastar!	QUI.6
O corpo morto <i>de</i> Deus,	ULI.4
<i>De</i> nada, morre.	ULI.15
Memoria em nós <i>do</i> instinto teu.	VIR.4
Ou tu, ou o <i>de</i> que eras a haste —	VIR.7
Ó mãe de reis e avó <i>de</i> imperios,	TAR.3
Na noite escreve um seu Cantar <i>de</i> Amigo	DIN.1
O plantador <i>de</i> naus a haver,	DIN.2
É o rumor <i>dos</i> penhais que, como um trigo	DIN.4
<i>De</i> Imperio, ondulam sem se poder ver.	DIN.5
E a falla <i>dos</i> pinhaes, marulho escuro,	DIN.8
É o som presente <i>d'esse</i> mar futuro,	DIN.9
É a voz <i>da</i> terra anciando pelo mar.	DIN.10
Mestre, sem o saber, <i>do</i> Templo	JOI.5
<i>De</i> o defenfer,	JOI.8
É, na ara <i>da</i> nossa alma interna,	JOI.10
Dona Philippa <i>de</i> Lencastre	FIL.0
Princeza <i>do</i> Santo Gral,	FIL.6
Humano ventre <i>do</i> Imperio,	FIL.7
Madrinha <i>de</i> Portugal!	FIL.8
Dom Duarte: Rei <i>de</i> Portugal	DUA.0
A regra <i>de</i> ser Rei almou meu ser,	DUA.2
Dom Fernando, Infante <i>de</i> Portugal	FER.0
E esta febre <i>de</i> Além, que me consome ,	FER.8
E eu vou, e a luz <i>do</i> gladio erguido dá	FER.11
Cheio <i>de</i> Deus, não temo o que virá,	FER.13
Maior <i>do</i> que a minha alma.	FER.15
Dom Pedro, Regente <i>de</i> Portugal	PED.0
2 <i>De</i> dever e <i>de</i> ser —	PED.6
Por não ser eu <i>dos</i> seus.	PED.8
D. João, Infante <i>de</i> Portugal	JOA.0
2 Porque é <i>do</i> portuguez, pac <i>de</i> amplos mares,	JOA.5
Dom Sebastião, Rei <i>de</i> Portugal	SEB.0
Ergue a luz <i>da</i> tua espada	NUN.11
Em seu throno entre o brilho <i>das</i> espheras,	IHN.1
Com seu manto <i>de</i> noite e solidão,	IHN.2
A Cabeça <i>do</i> Grifo	IHN.0
Uma asa <i>do</i> Grifo	JII.0
Braços cruzados, fita além <i>do</i> mar.	JII.1
O limite <i>da</i> terra a dominar	JII.3
O mar que possa haver além <i>da</i> terra.	JII.4
Enche <i>de</i> estar presente o mar e o céu.	JII.6
A Outra Asa <i>do</i> Grifo	ALB.0
Affonso <i>de</i> Albuquerque	ALB.0
<i>De</i> ver o mundo e a injustiça e a sorte.	ALB.3
Calcára mais <i>do</i> que o submisso mundo,	ALB.7
Trez imperios <i>do</i> chão lhe a Sorte apanha.	ALB.9

E a orla branca foi <i>de</i> ilha em continente,	INF.5
Clareou, correndo, até ao fim <i>do</i> mundo,	INF.6
Surgir, redonda, <i>do</i> azul profundo.	INF.8
<i>Do</i> mar e nós em ti nos deu signal.	INF.10
Splendia sobre as naus <i>da</i> iniciação	HOR.6
Linha severa <i>da</i> longinqua costa —	HOR.7
<i>Da</i> distancia imprecisa, e com sensiveis	HOR.14
2 Movimentos <i>da</i> esperança e <i>da</i> vontade,	HOR.15
Buscar na linha fria <i>do</i> horizonte	HOR.16
Os beijos merecidos <i>da</i> Verdade.	HOR.18
Este padrão ao pé <i>do</i> areal moreno	PAD.3
Que, <i>da</i> obra ousada, é minha a parte feita:	PAD.7
E faz a febre em mim <i>de</i> navegar	PAD.14
Só encontrará <i>de</i> Deus na eterna calma	PAD.15
O mostrengo que está no fim <i>do</i> mar	MOS.1
Na noite <i>de</i> breu ergueu-se a voar;	MOS.2
à roda <i>da</i> nau voou trez vezes,	MOS.3
Meus tectos negros <i>do</i> fim do mundo?»	MOS.7
E o homem do leme disse, tremendo:	MOS.8
«De quem são as velas onde me roço?»	MOS.10
<i>De</i> quem são as quilhas que vejo e ouço?»	MOS.11
E escorro os medos <i>do</i> mar sem fundo?»	MOS.16
E o homem <i>do</i> leme tremeu, e disse:	MOS.17
Trez vezes <i>do</i> leme as mãos ergueu:	MOS.19
E disse no fim <i>de</i> temer trez vezes	MOS.21
«Aqui ao leme sou mais <i>do</i> que eu:	MOS.22
E roda nas trevas <i>do</i> fim do mundo,	MOS.25
« <i>De</i> El-Rei D. João Segundo!»	MOS.27
Epitaphio <i>de</i> Bartolomeu Dias	EPI.0
O Capitão <i>do</i> Fim. Dobrado o Assombro,	EPI.2
Outros haverão <i>de</i> ter	COL.1
O que houvermos <i>de</i> perder	COL.2
O Longe e fez <i>d' elle</i> historia	COL.9
<i>Da</i> mão que desvendou.	OCI.8
<i>Da</i> mão que o conduziu.	OCI.12
Fernão <i>de</i> Magalhães	MAG.0
Em clarões negros <i>do</i> valle vão	MAG.4
<i>De</i> quem é a dança que a noite aterra?	MAG.7
São os Titãs, os filhos <i>da</i> Terra,	MAG.8
2 Que dançam <i>da</i> morte <i>do</i> marinheiro	MAG.9
Cingil-o, <i>dos</i> homens, o primeiro —	MAG.11
<i>Do</i> morto ainda commanda a armada,	MAG.14
2 As naus no resto <i>do</i> fim do espaço:	MAG.16
Galgam <i>do</i> valle pelas encostas	MAG.23
<i>Dos</i> mudos montes	MAG.24
Ascensão <i>de</i> Vasco <i>da</i> Gama	GAM.0
2 Os Deuses <i>da</i> tormenta e os gigantes da terra	GAM.1
Surge um silencio, e vae, <i>da</i> nevoa ondeando os véus,	GAM.4
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz <i>de</i> mil trovões,	GAM.9

	O céu abrir o abysmo à alma <i>do</i> Argonauta.	GAM.10
	Ó mar salgado, quanto <i>do</i> teu sal	MAR.1
	São lagrimas <i>de</i> Portugal!	MAR.2
	Quem quer passar além <i>do</i> Bojador	MAR.9
	Tem que passar além <i>da</i> dor.	MAR.10
	<i>Do</i> Imperio,	NAU.3
2	Erma e entre choros <i>de</i> ancia e de pressago	NAU.5
	Aportou? Voltará <i>da</i> sorte incerta	NAU.8
	Deus guarda o corpo e a fôrma <i>do</i> futuro,	NAU.10
	<i>Do</i> Imperio.	NAU.24
	A mão <i>do</i> vento pode erguel-a ainda.	PRE.8
	Com que a chamma <i>do</i> exforço se remoça,	PRE.10
	<i>Do</i> mar ou outra, mas que seja nossa!	PRE.12
	Triste <i>de</i> quem vive em casa,	IMP.1
	Sem que um sonho no erguer <i>de</i> asa,	IMP.3
	<i>Da</i> lareira a abandonar!	IMP.5
	Triste <i>de</i> quem é feliz!	IMP.6
	Mais que a lição <i>da</i> raiz —	IMP.9
	Tempos <i>do</i> ser que sonhou,	IMP.17
	<i>Do</i> dia claro, que no atro	IMP.19
	<i>Da</i> erma noite começou.	IMP.20
2	E ergue-te <i>do</i> fundo <i>de</i> não-seres	DES.3
	Mas já no auge <i>da</i> suprema prova,	DES.6
	A alma penitente <i>do</i> teu povo	DES.7
	Mestre <i>da</i> Paz, ergue teu gladio ungido,	DES.9
	Excalibur <i>do</i> Fim, em geito tal	DES.10
	Que voz vem no som <i>das</i> ondas	ILH.1
	Que não é a voz <i>do</i> mar?	ILH.2
	É a voz <i>de</i> alguém que nos falla,	ILH.3
	Sem saber <i>de</i> ouvir ouvimos,	ILH.7
	Na Cruz morta <i>do</i> Mundo	ENC.3
	A Rosa <i>do</i> Encoberto.	ENC.12
	Imperador da lingua portugueza,	VIE.3
	No immenso espaço seu de meditar,	VIE.5
2	Constellado <i>de</i> fôrma e <i>de</i> visão	VIE.6
	Surge, prenuncio claro <i>do</i> luar,	VIE.7
	Mas não, não é o luar: é luz <i>do</i> ethereo	VIE.9
	É um dia; e, no céu amplo de desejo,	VIE.10
	A madrugada ideal <i>do</i> Quinto Imperio	VIE.11
	Doira as margens <i>do</i> Tejo.	VIE.12
	Tenho meus olhos quentes <i>de</i> agua.	PES.3
	<i>De</i> a quem morreu o falso Deus,	PES.10
	E a despertar <i>do</i> mal que existo	PES.14
	<i>De</i> um grande anceoio que Deus fez?	PES.16
2	<i>Da</i> nevoa e <i>da</i> saudade quando?	PES.19
2	A nau <i>de</i> um <i>d'elles</i> tinha-se perdido	NOI.1
	<i>De</i> na fé e na lei	NOI.4
	<i>Da</i> descoberta, ir em procura	NOI.5
	<i>Do</i> irmão no mar sem fim e a nevoa escura	NOI.6

	Volveu <i>do</i> fim profundo	NOI.8
	<i>Do</i> mar ignoto à patria por quem dera	NOI.9
	Licença <i>de</i> os buscar, e El-Rei negou.	NOI.12
2	<i>Da</i> febre e <i>da</i> amargura,	NOI.16
	Com fixos olhos rasos <i>de</i> ancia	NOI.17
	Senhor, os dois irmãos <i>do</i> nosso Nome	NOI.19
	Ambos se foram pelo mar <i>da</i> idade	NOI.21
	e com elles <i>de</i> nós se foi	NOI.23
	O que faz a alma poder ser <i>de</i> heroc.	NOI.24
	Queremos ir buscá-los, <i>d' esta</i> vil	NOI.25
	É a busca <i>de</i> quem somos, na distancia	NOI.27
2	<i>De</i> nós; e, em febre <i>de</i> ancia,	NOI.28
	Que inquietação <i>do</i> fundo nos soergue?	TOR.3
	Isto, e o misterio <i>de</i> que a noite é o fausto...	TOR.5
	O relampago, pharol <i>de</i> Deus, um hausto	TOR.7
	Este som <i>de</i> o mar praiar	CAL.6
	E que, um <i>d' elles</i> encontrado,	CAL.17
	O mostrengo que está no fim <i>do</i> mar	ANT.1
	Veio <i>das</i> trevas a procurar	ANT.2
	A madrugada <i>do</i> novo dia,	ANT.3
	<i>Do</i> novo dia sem acabar;	ANT.4
	E o som na treva <i>de</i> elle rodar	ANT.8
	E foi outrora Senhor <i>do</i> Mar.	ANT.14
	Este fulgor baço <i>da</i> terra	NEV.3
de longe, loc. adv. lug.	Onde cra só, <i>de longe</i> a abstracta linha.	HOR.12
de pé, loc. adv.	<i>De pé</i> , sobre os paizes conquistados	ALB.1
de repente, loc. adv.	E viu-se a terra toda <i>de repente</i>	INF.7
decorrer, vb.	E a fecundal-a <i>decorre</i> .	ULI.13
defender, vb.	De o <i>defender</i> ,	JOI.8
definir, vb.	Que Deus ao Christo <i>definiu</i> : <i>Define</i> com perfil e ser	QUI.10 NEV.2
deixar, vb.	Eu, Diogo Cão, navegador, <i>deixei</i>	PAD.2
demorar, vb.	<i>Demore-a</i> Deus, chame-lhe a alma embora	NAU.20
dentro, prep.	<i>Dentro</i> em mim a vibrar.	FER.10
depois, adv. tem.	Primeiro um movimento e <i>depois</i> um assombro.	GAM.5
derradeiro, adj.	Tudo é incerto e <i>derradeiro</i> .	NEV.5
descer, vb.	Teu olhar <i>desce</i> .	HEN.6

	<i>Desce</i> os olhos cansados	ALB.2
descoberta, s.	Da <i>descoberta</i> , ir em procura	NOI.5
descompor, vb.	E sombras disformes e <i>descompostas</i>	MAG.3
descontente, adj.	Scr <i>descontente</i> é ser homem.	IMP.13
desdenhar, vb.	Creou-os como quem <i>desdenha</i> .	ALB.10
desejado, s.	O <i>Desejado</i>	DES.0
desejar, vb.	O <i>desejar</i> poder querer.	TOR.4
desejo, s.	É um dia; e, no céu amplo de <i>desejo</i> ,	VIE.10
desembarcar, vb.	E no <i>desembarcar</i> , ha aves, flores.	HOR.11
desfazer, vb.	O inteiro mar, ou a orla vã <i>desfeita</i> — Cumpru-se o Mar, e o Imperio se <i>desfez</i> .	JOA.7 INF.11
desgraça, s.	Compra-se a gloria com <i>desgraça</i> . Foi com <i>desgraça</i> e com vileza Sagrou-me seu em honra e em <i>desgraça</i> , Dá o sopro, a aragem — ou <i>desgraça</i> ou ancia —	QUI.2 QUI.9 FER.3 PRE.9
desnudo, adj.	Vivo e <i>desnudo</i>	ULI.5
dispertar, vb.	Mostra o sol já <i>disperto</i> ? Mas, se vamos <i>dispertando</i> , E a <i>dispertar</i> do mal que existo	ENC.10 ILH.14 PES.11
desterrar, vb.	Que guarda o Rei <i>desterrado</i>	CAL.21
destino, s.	Dê tua prece outro <i>destino</i> Cumpru contra o <i>Destino</i> o meu dever.	TAR.9 DUA.5
[destino, s.]	Segundo o <i>destino</i> dado. Com duas mãos — o Acto e o <i>Destino</i> — Na Cruz, que é o <i>Destino</i> ,	COL.6 OCI.1 ENC.7
desvendar, vb.	Sagrou-te, e foste <i>desvendando</i> a espuma, <i>Desvendadas</i> a noite e a cerração, <i>Desvendámos</i> . No mesmo gesto, ao céu Da mão que <i>desvendou</i> . Nas minhas cavernas que não <i>desvendo</i> , Que <i>desvendou</i> o Segundo Mundo, Nem o Terceiro quer <i>desvendar</i> ?»	INF.4 HOR.3 OCI.2 OCI.8 MOS.6 ANT.6 ANT.7

desventura, s.	Que importa o areal e a morte e a <i>desventura</i>	DSB.5
Deus, s.	Que <i>Deus</i> ao Christo definiu: O Corpo morto de <i>Deus</i>, <i>Deus</i> é agente, O que, imprevisto, <i>Deus</i> fadou. Quando <i>Deus</i> faz e a historia é feita. Meu dever fez-me, como <i>Deus</i> ao mundo. Deu-me <i>Deus</i> o seu gladio porque eu faça Cheio de <i>Deus</i>, não temo o que virá, Tudo mais é com <i>Deus</i>! <i>Deus</i> quer, o homem sonha, a obra nasce. <i>Deus</i> quiz que a terra fosse toda uma, O por-fazer é só com <i>Deus</i>. Só encontrará de <i>Deus</i> na eterna calma Foi <i>Deus</i> a alma e o corpo Portugal <i>Deus</i> ao mar o perigo e o abysmo deu, <i>Deus</i> guarda o corpo e a fôrma do futuro, Demore-a <i>Deus</i>, chame-lhe a alma embora Que <i>Deus</i> concede aos seus Em sonhos que são <i>Deus</i>. Se com <i>Deus</i> me guardei? O Imperio por <i>Deus</i> mesmo visto, Mas <i>Deus</i> sagrou com Seu signal De a quem morreu o falso <i>Deus</i>, De um grande aneio que <i>Deus</i> fez? A <i>Deus</i> as mãos alçamos. Mas <i>Deus</i> não dá licença que partamos. O relampago, pharol de <i>Deus</i>, um hausto	QUI.10 ULI.4 HEN.2 TAR.7 JOI.2 DUA.1 FER.1 FER.13 PED.12 INF.1 INF.2 PAD.8 PAD.15 OCI.11 MAR.11 NAU.10 NAU.20 DSB.2 DSB.4 DSB.6 BAN BAN.6 PES.10 PES.16 NOI.29 NOI.30 TOR.7
deus, s.	Os <i>Deuses</i> vendem quando dão. Os <i>Deuses</i> da tormenta e os gigantes da terra	QUI.1 GAM.1
dever, s.	Meu dever fez-me, como Deus ao mundo. Cumprí contra O Destino o meu <i>dever</i>. De <i>dever</i> e de ser —	DUA.1 DUA.5 PED.6
deveras, adv. afi.	O unico imperador que tem, <i>deveras</i> ,	IHN.4
dia, s.	E é já o ir a haver o <i>dia</i> Onde estás e não ha o <i>dia</i>. Vellar, maternos, um <i>dia</i>? Em <i>dia</i> e letra escrupuloso e fundo. Do <i>dia</i> claro, que no atro Traz o <i>dia</i> já visto? É um <i>dia</i>; e, no céu amplo de desejo, Meus <i>dias</i> vacuos enche e doura. A madrugada do novo <i>dia</i>, Do novo <i>dia</i> sem acabar;	VIR.11 TAR.14 FIL.4 DUA.3 IMP.19 ENC.6 VIE.10 PES.6 ANT.3 ANT.4

deante, adv.	E para <i>deante</i> naveguei.	PAD.4
Dias, antr.	Epitaphio de Bartolomeu <i>Dias</i>	EPI.0
Diniz, antr.	Dom <i>Diniz</i>	DIN.0
Diogo, antr.	Eu, <i>Diogo</i> Cão, navegador, deixei	PAD.2
direito, adj.	O <i>direito</i> é em angulo disposto	CAS.6
disforme, adj.	E sombras <i>disformes</i> e descompostas E sombras <i>disformes</i> e descompostas	MAG.3 MAG.21
disperso, adj.	Sonhava, anónimo e <i>disperso</i> , Tudo é <i>disperso</i> , nada é inteiro.	BAN.1 NEV.12
disposto, p.p.	O <i>direito</i> é em angulo <i>disposto</i> .	CAS.6
distante, adj.	(Que ancia <i>distante</i> perto chora?)	NEV.10
distancia, s.	Da <i>distancia</i> imprecisa, e, com sensíveis E outra vez conquistemos a <i>Distancia</i> — Fitando a prohibida azul <i>distancia</i> . É a busca de quem somos, na <i>distancia</i>	HOR.14 PRE.11 NOI.18 NOI.27
dividir, vb.	Duplice dono, sem me <i>dividir</i> , Que sua Luz ao mundo <i>dividido</i>	PED.5 DES.11
divino, adj.	A alma é <i>divina</i> e a obra é imperfeita. Uma ergue o facho tremulo e <i>divino</i> Que symbolo <i>divino</i>	PAD.5 OCL.3 ENC.5
dizer, vb.	Aquelle <i>diz</i> Italia onde é pousado; Este <i>diz</i> Inglaterra onde, afastado, E a Cruz ao alto <i>diz</i> que o que me ha na alma E <i>disse</i> : «Quem é que ousou entrar E o homem do leme <i>disse</i> , tremendo: <i>Disse</i> o mostrengo, e rodou trez vezes, E o homem do leme tremeu, e <i>disse</i> : E <i>disse</i> no fim de temer trez vezes: Nada na alma lhe <i>diz</i> Que ella nos <i>diz</i> a esperança E <i>disse</i> : «Quem é que dorme a lembrar	CAS.7 CAS.8 PAD.13 MOS.5 MOS.8 MOS.12 MOS. 17 MOS.21 IMP.8 ILH.8 ANT.5
dizer, s.	Onde quer que, entre sombras e <i>dizeres</i> ,	DES.1
dobrar, vb.	O Capitão do Fim. <i>Dobrado</i> o Assombro,	EPI.2
doirar, vb.	Pôs-me as mãos sobre os hombros <i>doirou-me</i> <i>Doira</i> as margens do Tejo.	FER.6 VIE.12

dois, num.	Com <i>duas</i> mãos — o Acto e o Destino — Senhor, os <i>dois</i> irmãos do nosso Nome	OCI.1 NOI.19
dom, s.	O Conde <i>D.</i> Henrique <i>D.</i> Affonso Henriques <i>D.</i> Diniz <i>D.</i> João O Primeiro <i>D.</i> Duarte; Rei de Portugal <i>D.</i> Fernando: Infante de Portugal <i>D.</i> Pedro: Regente de Portugal <i>D.</i> João: Infante de Portugal <i>D.</i> Sebastião: Rei de Portugal O Infante <i>D.</i> Henrique <i>D.</i> João O Segundo «El-Rei <i>D.</i> João Segundo!» «El-Rei <i>D.</i> João Segundo!» «De El-Rei <i>D.</i> João Segundo!» Levando a bordo El-Rei <i>D.</i> Sebastião, <i>D.</i> Sebastião Que morreu <i>D.</i> Sebastião? El-Rei <i>D.</i> Sebastião.	HEN.0 AFO.0 DIN.0 JOL.0 DUA.0 FER.0 PED.0 JOA.0 SEB.0 IHN.0 JIL.0 MOS.9 MOS.18 MOS.27 NAU.1 DSB.0 IMP.25 VIE.8
domar, vb.	Que as forças cegas se <i>domem</i>	IMP.14
dominar, vb.	O limite da terra a <i>dominar</i>	JIL.3
dona, s.	<i>D.</i> Tareja <i>D.</i> Philippa de Lencastre	TAR.0 FIL.0
dono, s.	Duplices <i>dono</i> , sem me dividir,	PED.5
dor, s.	Tem que passar além da <i>dor</i> .	MAR.10
dormente, adj.	<i>Dormente</i> , a dormir sorrimos	ILH.10
dormir, vb.	E só se, meio <i>dormindo</i> , <i>Dormente</i> , a <i>dormir</i> sorrimos. E disse: «Quem é que <i>dorme</i> a lembrar Chamar Aquelle que está <i>dormindo</i>	ILH.6 ILH.10 ANT.75 ANT.13
dourar, vb.	Meus dias vacuos enche e <i>doura</i> .	PES.6
Duarte, antr.	<i>D. Duarte</i> : Rei de Portugal	DUA.0
durar, v.	Vive porque a vida <i>dura</i> . Ladeiam-o, ao <i>durar</i> , os medos, hombro a hombro, É O que eu me sonhei que eterno <i>dura</i> ,	IMP.7 GAM.6 DSB.7
duplices, adj.	<i>Duplices</i> dono, sem me dividir,	PED.5

e, conj.

<i>E</i> toldam-lhe românticos cabellos	CAS.3
Fita, com olhar sphyngico e fatal	CAS.10
Foi com desgraça e com vileza	QUI.9
<i>E</i> Filho o ungiu	QUI.12
É um mytho brilhante e mudo —	ULI.3
Vivo e desnudo	ULI.5
<i>E</i> a fecundal-a decorre.	ULI.13
Se a alma que sente e faz conhece	VIR.1
<i>E</i> é já o ir a haver o dia	VIR.11
<i>E</i> inconsciente.	HEN.4
Ergueste-a, e fez-se.	HEN.8
Ó mãe de reis e avó de imperios,	TAR.3
Com bruta e natural certeza	TAR.6
Onde estás e não ha o dia.	TAR.14
<i>E</i> a tua inteira força!	AFO.4
<i>E</i> ouve um silencio murmuro comsigo:	DIN.3
Arroio, esse cantar, jovem e puro,	DIN.6
<i>E</i> a falla dos pinhaes, marulho obscuro,	DIN.8
O homem e a hora são um só	JOI.1
Quando Deus faz e a historia é feita.	JOI.2
Que houveste a gloria e deste o exemplo	JOI.7
2 <i>Em</i> dia e letra escrupuloso e fundo.	DUA.3
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,	FER.3
<i>E</i> esta febre de Além, que me consome,	FER.8
<i>E</i> este querer grandeza são seu nome	FER.9
2 <i>E</i> eu vou, e a luz do gladio erguido dá	FER.11
Claro em pensar, e claro em sentir	PED.1
De dever e de ser —	PED.6
Fiel à palavra dada e à idéa tida.	PED.11
Seu azul negro e brando.	NUN.4
Com seu manto de noite e solidão,	IHN.2
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —	IHN.3
Enche de estar presente o mar e o céu.	JII.6
<i>E</i> parece temer o mundo vario	JII.7
Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.	JII.8
2 <i>De</i> ver o mundo e a injustiça e a sorte.	ALB.3
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,	INF.4
<i>E</i> a orla branca foi de ilha em continente,	INF.5
<i>E</i> viu-se a terra inteira, de repente,	INF.7
Do mar e nós em ti nos deu signal.	INF.10
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.	INF.11
2 Tinham coral e praias e arvoredos	HOR.2
Desvendadas a noite e a cerração,	HOR.3
As tormentas passadas e o mysterio,	HOR.4
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio	HOR.5
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:	HOR.10
<i>E</i> , no desembarcar, ha aves, flores,	HOR.11
Da distancia imprecisa, e, com sensiveis	HOR.14
Movimentos da esprança e da vontade,	HOR.15

	O exorço é grande e o homem é pequeno.	PAD.1
	E para deante naveguei.	PAD:4
	A alma é divina e a obra é imperfeita.	PAD.5
	Este padrão signala ao vento e aos céus	PAD.6
2	E ao immenso e possível oceano	PAD.9
	E a Cruz ao alto diz que o que me ha na alma	PAD.13
	E faz a febre em mim de navegar	PAD.14
	E disse: «Quem é que ousou entrar	MOS.5
	E o homem do leme disse, tremendo:	MOS.8
	De quem são as quilhas que vejo e ouço?»	MOS.11
	Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,	MOS.12
	Trez vezes rodou immundo e grosso,	MOS.13
	E escorro os medos do mar sem fundo?»	MOS.16
2	E o homem do leme tremeu, e disse:	MOS.17
	E disse no fim de temer trez vezcs:	MOS:21
	E mais que o mostrengo, que me a alma teme	MOS.24
	E roda nas trevas do fim do mundo,	MOS.25
	O Longe e faz d'elle historia.	COL.9
	E porisso a sua gloria	COL.10
	Com duas mãos — o Acto e o Destino —	OCI:1
	E a outra afasta o véu.	OCI.4
	Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia	OCI.7
2	E sombras disformes e descompostas	MAG.3
	O sabem, e dançam na solidão;	MAG.20
2	E sombras disformes e descompostas	MAG.21
	Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra	GAM.1
	E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus	GAM.3
	Surge um silencio, e vac, da nevoa ondeando os véus,	GAM:4
	Primeiro um movimento e depois um assombro.	GAM.5
2	E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.	GAM.7
	Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta	GAM.8
	Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,	GAM.9
	Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,	MAR.11
	E erguendo, como um nome, alto o pendão	NAU.2
2	Erma, e entre choros de ancia e de pressago	NAU.5
	Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,	NAU.10
	E breve.	NAU.12
	E entorna,	NAU.15
	E em mim, num mar que não tem tempo ou spaço,	NAU.16
	Surges ao sol em mim, e a nevoa finda:	NAU.22
	A mesma, e trazes o pendão ainda	NAU.23
	Senhor, a noite veio e a alma é vil.	PRE.1
	Tanta foi a tormenta e a vontade!	PRE.2
	O mar universal e a saüdade.	PRE.4
	E outra vez conquistemos a Distancia —	PRE.11
	Sperae! Cahi no areal na hora adversa	DSB.1
2	Que importa o areal e a morte e a desventura	DSB.5
	E assim, passados os quatro	IMP.16
	Onde quer que, entre sombras e dizeres,	DES.3

<i>E ergue-te do fundo de não-seres</i>	DES.3
<i>E só se, meio dormindo,</i>	ILH.6
<i>Cala a voz, e ha só o mar.</i>	ILH.15
<i>Na cruz morta e fatal</i>	ENC.11
<i>Sonhava, anonymo e disperso,</i>	BAN.1
<i>E plebeu como Jesus Christo.</i>	BAN.4
<i>O céu 'strella o azul e tem grandeza.</i>	VIE.1
<i>Este que teve a fama e a gloria tem,</i>	VIE.2
<i>Constellado de fôrma e de visão,</i>	VIE.6
<i>É um dia, e, no céu amplo de desejo,</i>	VIE.10
<i>Só te sentir e te pensar</i>	PES.5
<i>Meus dias vacuos enche e doura.</i>	PES.6
<i>E a despertar do mal que existo</i>	PES.11
<i>A Nova Terra e os Novos Céus?</i>	PES.12
<i>Da nevoa e da saudade quando?</i>	PES.19
<i>Quando, meu Sonho e meu Senhor?</i>	PES.20
<i>De, na fé e na lei</i>	NOI.4
<i>Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.</i>	NOI.6
<i>Licença de os buscar, e El-Rei negou.</i>	NOI.12
<i>E, quando o vêem, vêem a figura</i>	NOI.15
<i>Da febre e da amargura,</i>	NOI.16
<i>O Poder e o Renome —</i>	NOI.20
<i>E com elles de nós se foi</i>	NOI.23
<i>De nós; e, em febre de ancía,</i>	NOI.28
<i>Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...</i>	TOR.5
<i>Brilha, e o mar scuro struge.</i>	TOR.8
<i>E se não pode encontrar</i>	CAL.2
<i>E nunca se vê surgindo?</i>	CAL.5
<i>Ilha proxima e remota,</i>	CAL.8
<i>E que, um d'elles encontrado,</i>	CAL.17
<i>E disse: «Quem é que dorme a lembrar</i>	ANT.5
<i>E o som na treva de elle rodar</i>	ANT.8
<i>Rodou e foi-se o mostrengo servo</i>	ANT.10
<i>E foi outrora Senhor do Mar.</i>	ANT.14
<i>Define com perfil e ser</i>	NEV.2
<i>Brilho sem luz e sem arder,</i>	NEV.5
<i>Tudo é incerto e derradeiro.</i>	NEV.11

idade, s.	Para onde vai toda <i>idade</i> .	IMP.23
	Ambos se foram pelo mar da <i>idade</i>	NOI.23
el (-rei), artigo	« <i>El-Rei D. João Segundo!</i> »	MOS.9
	« <i>El-Rei D. João Segundo!</i> »	MOS.18
	« <i>De El-Rei D. João Segundo!</i> »	MOS.27
	Levando a bordo <i>El-Rei D. Sebastião,</i>	NAU.1
	<i>El-Rei D. Sebastião.</i>	VIE.8
	Então o terceiro a <i>El-Rei</i> rogou.	NOI.11
	Licença de os buscar, e <i>El-Rei</i> negou.	NOI.12

ele, pron. pess.	Por <i>elle</i> resa! Com o que <i>nella</i> ia. Que <i>elle</i> abra os braços e lhe rasgue o véu. Mas o que a <i>elles</i> não toca O Longe e faz <i>d' elle</i> história. Violou a Terra. Mas <i>elles</i> não Mas <i>nelle</i> é que espelhou o céu. Que <i>ella</i> nos diz a esperança A nau de um <i>d' elles</i> tinha-se perdido E com <i>elles</i> de nós se foi E que, um <i>d' elles</i> encontrado, E o som na treva de <i>elle</i> rodar	TAR.8 SEB.7 JIL.8 COL.7 COL.9 MAG.19 MAR.12 ILH.8 NOI.1 NOI.23 CAL.17 ANT.8
eleger, vb.	Teu nome, <i>eleito</i> em sua fama, Inutilmente <i>eleita</i>	JOI.9 JOA.3
em, prep.	A Europa jaz, posta, <i>nos</i> cotovellos: O direito é <i>em</i> angulo disposto. A mão sustenta, <i>em</i> que se appoia o rosto. A entrar <i>na</i> realidade, <i>Em</i> baixo, a vida, metade Memoria <i>em</i> nós do instinto teu. <i>Na</i> antemanhã, confuso nada. À espada <i>em</i> tuas mãos achada <i>No</i> antigo seio, vigilante, Dá, contra a hora <i>em</i> que, errada <i>Na</i> noite escreve um seu Cantar de Amigo Teu nome, eleito <i>em</i> sua fama, É, <i>na</i> ara da nossa alma interna, Que enigma havia <i>em</i> teu seio <i>Em</i> dia e letra escrupuloso e fundo. Firme <i>em</i> minha tristeza, tal vivi. 2 Sagrou-se seu <i>em</i> honra e <i>em</i> desgraça, Às horas <i>em</i> que um frio vento passa Dentro <i>em</i> mim a vibrar. <i>Em</i> minha face calma. 2 Claro <i>em</i> pensar, e claro <i>em</i> sentir, E claro <i>no</i> querer; Indiferente ao que ha <i>em</i> conseguir Não coube <i>em</i> mim minha certeza; Com o que <i>nella</i> ia. Faz esse halo <i>no</i> céu? S. Portugal <i>em</i> ser, <i>Em</i> seu throno entre o brilho das esferas, O globo mundo <i>em</i> sua mão. Parece <i>em</i> promontorio uma alta serra — Não pensa <i>em</i> vida ou morte, E a orla branca foi de ilha <i>em</i> continente, Do mar e nós <i>em</i> ti nos deu signal.	CAS.1 CAS.6 CAS.9 ULI.12 ULI.14 VIR.4 VIR.12 HEN.5 TAR.15 AFO.5 DIN.1 JOI.9 JOL.10 FIL.1 DUA.3 DUA.4 FER.3 FER.4 FER.10 FER.12 PED.1 PED.2 PED.3 SEB.3 SEB.7 NUN.6 NUN.10 IHN.1 IHN.5 JIL.2 ALB.4 INF.5 INF.10

	Abria <i>em</i> flor o Longe, e o Sul siderio	HOR.5
	<i>Em</i> arvores onde o Longe nada tinha;	HOR.9
	Mais perto, abre-se a terra <i>em</i> sons e cores:	HOR.10
	E, <i>no</i> desembarcar, ha aves, flores,	HOR.11
	Buscar <i>na</i> linha fria do horizonte	HOR.16
	E a Cruz ao alto diz que o que me ha <i>na alma</i>	PAD.13
	E faz a febre <i>em</i> mim de navegar	PAD.14
	Só encontrará de Deus <i>na</i> eterna calma	PAD.15
	O mostrengo que está <i>no</i> fim do mar	MOS.1
	<i>Na</i> noite de breu ergueu-se a voar;	MOS.2
	<i>Nas</i> minhas cavernas que não desvendo,	MOS.6
	E disse <i>no</i> fim de temer trez vezes:	MOS.21
	E roda <i>nas</i> trevas do fim do mundo,	MOS.25
	Jaz aqui, <i>na</i> pequena praia extrema,	EPI.1
	Atlas, mostra alto o mundo <i>no</i> seu hombro.	EPI.4
	O que, <i>no</i> nosso encontrar	COL.4
	Desvendámos. <i>No</i> mesmo gesto, ao céu	OCL.2
	<i>No</i> valle clareia uma fogueira.	MAG.1
	<i>Em</i> clarões negros do valle vão	MAG.4
	Indo perder-se <i>na</i> escuridão.	MAG.6
	<i>Na</i> praia ao longe por fim sepulto.	MAG.12
	As naus <i>no</i> resto do fim do espaço:	MAG.16
	Indo perder-se <i>nos</i> horizontes,	MAG.22
	E ao longe o rastro ruge <i>em</i> nuvens e clarões.	GAM.7
	<i>Em</i> baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta	GAM.8
	Cahe-lhe, e <i>em</i> extase vê, à luz de mil trovões,	GAM.9
	Mas <i>nelle</i> é que espelhou o céu.	MAR.12
2	E <i>em</i> mim, <i>num</i> mar que não tem tempo ou espaço,	NAU.16
	Surges ao sol <i>em</i> mim, e a nevoa finda:	NAU.22
	Resta-nos hoje, <i>no</i> silencio hostil,	PRE.3
	Mas a chamma, que a vida <i>em</i> nós creou,	PRE.5
	O frio morto <i>em</i> cinzas a occultou:	PRE.7
2	Sperae! Cahi <i>no</i> areal e <i>na</i> hora adversa	DSB.1
	Para o intervallo <i>em</i> que esteja a alma immersa	DSB.3
	<i>Em</i> sonhos que são Deus.	DSB.4
	Triste de quem vive <i>em</i> casa,	IMP.1
	Sem que um sonho, <i>no</i> erguer de asa,	IMP.3
	Nada <i>na</i> alma lhe diz	IMP.8
2	<i>No</i> tempo que <i>em</i> eras vem.	IMP.12
	Do dia claro, que <i>no</i> atro	IMP.19
	Mas já <i>no</i> auge da suprema prova,	DES.6
	Excalibur do Fim, <i>em</i> geito tal	DES.10
	Que voz vem <i>no</i> som das ondas	ILH.1
	Vem <i>na</i> aurora anciosa?	ENC.2
	<i>Na</i> Cruz morta do Mundo	ENC.3
	<i>Na</i> Cruz, que é o Destino,	ENC.7
	<i>Na</i> Cruz morta e fatal	ENC.11
	<i>No</i> immenso espaço seu de meditar,	VIE.5
	É um dia; e, <i>no</i> céu amplo de desejo,	VIE.10

	<i>No mar indefinido.</i>	NOI.2
2	<i>Dc, na fé e na lei</i>	NOI.4
	<i>Da descoberta, ir em procura</i>	NOI.5
	<i>Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.</i>	NOI.6
	<i>É a busca de quem somos, na distancia</i>	NOI.27
	<i>De nós; e, em febre de ancia,</i>	NOI.28
	<i>Que jaz no abysmo sob o mar que se ergue?</i>	TOR.1
	<i>Por mais naus que haja no mar?</i>	CAL.3
	<i>Que nos ouvidos persiste</i>	CAL.9
	<i>Haverá rasgões no espaço</i>	CAL.15
	<i>Em sua vida encantada?</i>	CAL.22
	<i>O mostrengo que está no fim do mar</i>	ANT.1
	<i>E o som na treva de elle rodar</i>	ANT.8
em baixo, loc. adv.	<i>Em baixo, a vida, metade</i>	ULI.14
	<i>Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta</i>	GAM.8
em vão, loc. adv.	<i>Quantos filhos em vão resaram!</i>	MAR.4
embora, conj.	<i>Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora</i>	NAU.20
emprestar, vb.	<i>Por uma luz emprestada.</i>	COL.12
encantado, adj.	<i>Em sua vida encantada?</i>	CAL.22
encerrar, vb.	<i>Como o que o fogo-fatuo encerra.</i>	NEV.6
encher, vb.	<i>Enche de estar presente o mar e o céu.</i>	JII.6
	<i>Meus dias vacuos enche e doura.</i>	PES.6
Encoberto, s.	<i>O Encoberto</i>	ENC.0
	<i>A rosa do Encoberto.</i>	ENC.12
	<i>Quando virás, ó Encoberto,</i>	PES.13
encontrar, vb.	<i>Só encontrará de Deus na eterna calma</i>	PAD.15
	<i>O que, no nosso encontrar,</i>	COL.4
	<i>E se não pode encontrar</i>	CAL.2
	<i>O que é que as ondas encontram</i>	CAL.4
	<i>Póde encontrar o caminho</i>	CAL.12
	<i>E que, um d'elles encontrado,</i>	CAL.17
encosta, s.	<i>Quando a nau se appproxima ergue-se a encosta</i>	HOR.8
	<i>Subitamente pelas encostas,</i>	MAG.5
	<i>Galgam do valle pelas encostas</i>	MAG.23
enigma, s.	<i>O enigma que fizera.</i>	NOI.10
	<i>Que enigma havia em teu seio</i>	FIL.1
ensinar, vb.	<i>Ensinam estas Quinas, que aqui vês,</i>	PAD.10
então, adv.	<i>Então o terceiro a El-Rei rogou</i>	NOI.11

entornar, vb.	E <i>entorna</i> ,	NAU.15
entrar, vb.	A <i>entrar</i> na realidade, E disse: «Quem é que ousou <i>entrar</i>	ULI.12 MOS.5
entre, prep.	<i>Entre</i> tão grandes almas minhas pares, Em seu throno <i>entre</i> o brilho das espheras, Erma, e <i>entre</i> choros de ancia e de pressago Vcjo <i>entre</i> a cerração teu vulto baço Onde quer que, <i>entre</i> sombras e dizeres,	JOA.2 IHN.1 NAU.5 NAU.17 DES.1
entristecer, vb.	Que é Portugal a <i>entristecer</i> —	NEV.4
envelhecer, vb.	<i>Envelheceu</i> .	TAR.12
epitaphio, s.	<i>Epitaphio</i> de Bartolomeu Dias	EPI.0
era, s.	Tem aos pés o mar novo e as mortas <i>eras</i> — 2 <i>Eras</i> sobre <i>eras</i> se somem No tempo que em <i>eras</i> vem. Sonho das <i>eras</i> portuguez,	IHN.3 IMP.11 IMP.12 PES.14
erguer, vb.	<i>Ergueste</i> -a, e fez-se. E eu vou, e a luz do gladio <i>erguido</i> dá Mas que espada é que, <i>erguida</i> , <i>Ergue</i> a luz da tua espada Quando a nau se approxima <i>ergue</i> -se a encosta Na noite de breu <i>ergueu</i> -se a voar; Trez vezes do leme as mãos <i>ergueu</i> , Uma <i>ergue</i> o facho tremulo e divino A mão que <i>ergueu</i> o facho que luziu, E <i>erguendo</i> , como um nome, alto o pendão A mão do vento pode <i>erguel</i> -a ainda. Sem que um sonho, no <i>erguer</i> de asa, E <i>ergue</i> -te do fundo de não-seres Vem, Galaaz com patria, <i>erguer</i> de novo, Mestre da Paz, <i>ergue</i> teu gladio ungido, Que jaz no abysmo sob o mar que se <i>ergue</i> ?	HEN.8 FER.11 NUN.5 NUN.15 HOR.8 MOS.2 MOS.19 OCI.3 OCI.10 NAU.2 PRE.8 IMP.3 DES.3 DES.5 DES.9 TOR.1
ermo, adj.	<i>Erma</i> , e entre choros de ancia e de pressago Da <i>erma</i> noite começou.	NAU.5 IMP.20
errado, adj.	Dá, contra a hora em que, <i>errada</i>	AFO.5
escorrer, vb.	Assim a lenda se <i>escorre</i> E <i>escorro</i> os medos do mar sem fundo?»	ULI.11 MOS.16
escrever, vb.	Na noite <i>escreve</i> um seu Cantar de Amigo <i>Screvo</i> meu livro à beira-magua	DIN.1 PES.1

escrupuloso, adj.	Em dia e letra <i>escrupuloso</i> e fundo.	DUA.3
escuridão, s.	Indo perder-se na <i>escuridão</i> .	MAG.6
escuro, adj.	Mas Sua luz projecta-o, sonho <i>escuro</i> Do irmão no mar sem fim e a nevoa <i>escura</i> . Brilha, e o mar <i>scuro</i> struge.	NAU.11 NOI.6 TOR.8
escutar, vb.	Mas que, se <i>escutamos</i> , cala, Por ter havido <i>escutar</i> .	ILH.4 ILH.5
esphera, s.	Em seu throno entre o brilho das <i>espheras</i> ,	IHN.1
espaço, s.	As naus no resto do fim do <i>espaço</i> : E em mim, num mar que não tem tempo ou <i>spaço</i> , No immenso <i>espaço</i> seu de meditar, Haverá rasgões no <i>espaço</i>	MAG.16 NAU.16 VIE.5 CAL.15
espada, s.	À <i>espada</i> em tuas mãos achada «Que farei eu com esta <i>espada</i> ?» A bênção como <i>espada</i> , A <i>espada</i> como bênção! É a <i>espada</i> que, volteando, Mas que <i>espada</i> é que, erguida, Ergue a luz da tua <i>espada</i>	HEN.5 HEN.7 AFO.7 AFO.8 NUN.2 NUN.5 NUN.11
espelhar, vb.	Mas nelle é que <i>espelhou</i> o céu.	MAR.12
esperança, s.	<i>Sperança</i> consummada, Movimentos da <i>esprança</i> e da vontade, Que ela nos diz a <i>esperança</i> Fazer minha <i>esperança</i> amor?	NUN.9 HOR.15 ILH.8 PES.18
esperar, vb.	<i>Sperae!</i> Cahi no areal e na hora adversa Onde o Rei mora <i>esperando</i> .	DSB.1 ILH.13
esplendor, vb.	<i>Splendia</i> sobre as naus da iniciação.	HOR.6
espreitar, vb.	A terra <i>espreita</i> .	JOI.4
espuma, s.	Sagrou-te, e foste desvendando a <i>espuma</i> ,	INF.4
esquecer, vb.	Só porque lembra o que <i>esqueceu</i> ,	VIR.2
esquerdo, adj.	O cotovello <i>esquerdo</i> é recuado;	CAS.5
esse, adj. pron. dem.	Arroio, <i>esse</i> cantar, jovem e puro, É o som presente d' <i>esse</i> mar futuro, Faz <i>esse</i> halo no céu?	DIN.6 DIN.9 NUN.6

esse, pron. dem.	É <i>Esse</i> que regressarei.	DSB.8
estar, vb.	Onde <i>estás</i> e não ha o dia. Não fui alguém. Minha alma <i>estava</i> estreita Enche de <i>estar</i> presente o mar e o céu. O mostrengo que <i>está</i> no fim do mar Para o intervalo em que <i>esteja</i> a alma immersa Porisso onde o areal <i>está</i> Onde é que <i>está</i> existindo? O mostrengo que <i>está</i> no fim do mar Chamar Aquelle que <i>está</i> dormindo	TAR:14 JOA.1 JII.6 MOS.1 DSB.3 SEB.4 CAL.7 ANT.1 ANT.13
este, adj. pron. dem.	«Que farei eu com <i>esta</i> espada?» E <i>esta</i> febre de Além, que me consome, E <i>este</i> querer grandeza são seu nome <i>Este</i> padrão ao pé do areal moreno <i>Este</i> padrão signala ao vento e aos céus Ensinam <i>estas</i> Quinas, que aqui vês, Queremos ir buscal-os, <i>d' esta</i> vil <i>Este</i> som de o mar praia <i>Este</i> fulgor baço da terra	HEN.7 FER.8 FER.9 PAD.3 PAD.6 PAD.10 NOI.25 CAL.6 NEV.3
este, pron. dem.	<i>Este</i> diz Inglaterra onde, afastado, <i>Este</i> , que aqui aportou, <i>Este</i> , cujo coração foi <i>Este</i> , que teve a fama e à gloria tem,	CAS.8 ULI.6 BAN.7 VIE.2
estrada, s.	Para a <i>estrada</i> se ver!	NUN.12
estreito, adj.	Não fui alguém. Minha alma estava <i>estreita</i>	JOA.1
estrelar, vb.	O céu <i>strella</i> o azul e tem grandeza.	VIE.1
estrugir, vb.	Brilha, e o mar scuro <i>struge</i> .	TOR.8
eternidade, s.	À tua <i>eternidade</i> ;	NOI.22
eterno, adj.	Mas'todo vivo é <i>eterno</i> infante A que repelle, <i>eterna</i> chamma A sombra <i>eterna</i> . Só encontrará de Deus na <i>eterna</i> calma	TAR.13 JOI.11 JOI.12 PAD.15
eterno, adv. mod.	É O que eu me sonhei que <i>eterno</i> dura,	DSB.7
ethereo, s.	Mas não, não é luar: é luz do <i>ethereo</i>	VIE.9
eu, pron. pes.	«Que farei <i>eu</i> com esta espada?» Deu-me Deus o seu gladio porque <i>eu</i> faça E <i>eu</i> vou, e a luz do gladio erguido dá Por não ser <i>eu</i> dos seus. <i>Eu</i> , Diogo Cão, navegador, deixei «Quem vem poder o que só <i>eu</i> posso,	HEN.7 FER.1 FER.11 PED.8 PAD.2 MOS.14

	«Aqui ao leme sou mais do que <i>eu</i> : É O que <i>eu</i> me sonhei que eterno dura,	MOS.22 DSB.7
Eucharistia, s.	À <i>Eucharistia</i> Nova.	DES.8
Europa, topon.	A <i>Europa</i> jaz, posta nos cotovellos <i>Europa</i> — os quatro se vão	CAS.1 IMP.22
evocar, vb.	É a Magia que <i>evoca</i>	COL.8
exaltar, vb.	Mais a minha alma atlantica se <i>exalta</i>	NAU.14
Excalibur, mit.	É <i>Excalibur</i> , a ungida, <i>Excalibur</i> do Fim, em geito tal	NUN.7 DES.10
exemplo, s.	Dá-nos o <i>exemplo</i> inteiro Que houvesse a gloria e dêste o <i>exemplo</i>	AFO.3 JOI.7
exforço, s.	O <i>exforço</i> é grande e o homem é pequeno. Com que a chamma do <i>exforço</i> se remoça,	PAD.1 PRE.10
existir, vb.	Foi por não ser <i>existindo</i> . Sem <i>existir</i> nos bastou. E a despertar do mal que <i>existo</i> Onde é que está <i>existindo</i> ? Para a vista não <i>existe</i> .	ULI.7 ULI.8 PES.11 CAL.7 CAL.10
extase, s.	Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,	GAM.9
extremo, adj.	Jaz aqui, na pequena praia <i>extrema</i> ,	EPI.1
face, s.	Em minha <i>face</i> calma.	FER.12
facho, s.	Uma ergue o <i>facho</i> tremulo e divino A mão que ergueu o <i>facho</i> que luziu,	OCI.3 OCI.10
fadar, vb.	O que, imprevisto, Deus <i>fadou</i> . A quem <i>fadou</i> o instincto teu!	TAR.7 TAR.10
fado, s.	Para teu novo <i>fado</i> !	DES.4
falla, s.	E a <i>falla</i> dos pinhaes, marulho obscuro,	DIN.8
fallar, vb.	É a voz de alguém que nos <i>falla</i> ,	ILH.3
falso, adj.	De a quem morreu o <i>falso</i> Deus,	PES.10
faltar, vb.	Ah, quanto mais ao povo a alma <i>falta</i> , Senhor, <i>falta</i> cumprir-se Portugal!	NAU.13 INF.12

fama, s.	Teu nome, eleito em sua <i>fama</i> , Este que teve a <i>fama</i> e à gloria tem,	JOI.9 VIE.2
pharol, s.	O relampago, <i>pharol</i> de Deus, um hausto	TOR.7
fatal, adj.	Fita, com olhar sphyngico e <i>fatal</i> Na Cruz morta e <i>fatal</i>	CAS.10 ENC.11
fausto, s.	Isto, e o mysterio de que a noite é o <i>fausto</i> ...	TOR.5
fazer, vb.	Se a alma que sente e <i>faz</i> conhece «Que <i>farei</i> eu com esta espada?» Ergueste-a, e <i>fez</i> -se. Quando Deus <i>faz</i> e a historia é <i>feita</i> . Que Portugal foi <i>feito</i> ser, Meu dever <i>fez</i> -me, como Deus ao mundo. Deu-me Deus o seu gladio porque eu <i>faça</i> <i>Faz</i> que o ar alto perca <i>Faz</i> esse halo no céu? Que, da obra ousada, é minha a parte <i>feita</i> : O por- <i>fazer</i> é só com Deus. E <i>faz</i> a febre em mim de navegar O Longe e <i>faz</i> d'elle historia. <i>Faça</i> até mais rubra a brasa De um grande aneio que Deus <i>fez</i> ? <i>Fazer</i> minha esperança amor? O cnigma que <i>fizera</i> . O que <i>faz</i> a alma poder ser de heroe. <i>Faz</i> mau o somno, triste o sonhar,	VIR.1 HEN.7 HEN.8 JOI.2 JOI.6 DUA.1 FER.1 NUN.3 NUN.6 PAD.7 PAD.8 PAD.14 COL.9 IMP.4 PES.16 PES.18 NOI.10 NOI.24 ANT.9
febre, s.	E faz a <i>febre</i> em mim de navegar Da <i>febre</i> e da amargura, De nós; e, em <i>febre</i> de ancia,	PAD.14 NOI.16 NOI.28
fecundar, vb.	E a <i>fecundal</i> -a decorre.	ULI.13
fecundo, adj.	Que symbolo <i>fecundo</i>	ENC.1
feliz, adj.	Ai dos <i>felizes</i> , porque são Triste de quem é <i>feliz</i> !	QUI.3 IMP.6
Fernando, antr.	D. <i>Fernando</i> : Infante de Portugal	FER.0
Fernão, antr.	<i>Fernão</i> de Magalhães	MAG.0
fé, s.	De, na <i>fé</i> e na lei	NOI.4
ficar, vb.	<i>Ficou</i> meu ser que houve, não o que ha. Quantas noivas <i>ficaram</i> por casar	SEB.5 MAR.5

fiel, adj.	<i>Fiel</i> à palavra dada e à idéa tida.	PED.11
figura, s.	E, quando o vêem, vêem a <i>figura</i>	NOI.15
filho, s.	E <i>Filho</i> o ungiu São os Titãs, os <i>filhos</i> da Terra, Quantos <i>filhos</i> em vão resaram!	QUI.12 MAG.8 MAR.4
fim, s.	Clareou, correndo, até ao <i>fim</i> do mundo, Que o mar com <i>fim</i> será grego ou romano O mar sem <i>fim</i> é portuguez. O mostrengo que está no <i>fim</i> do mar Meus tectos negros do <i>fim</i> do mundo?» E disse no <i>fim</i> de temer trez vezes: E roda nas trevas do <i>fim</i> do mundo, O Capitão do <i>Fim</i> . Dobrado o Assombro, As naus no resto do <i>fim</i> do espaço: Excalibur do <i>Fim</i> , em geito tal Do irmão no mar sem <i>fim</i> e a nevoa escura. Volveu do <i>fim</i> profundo O mostrengo que está no <i>fim</i> do mar	INF.6 PAD.11 PAD.12 MOS.1 MOS.7 MOS.21 MOS.25 EPI.2 MAG.16 DES.10 NOI.6 NOI.8 ANT.1
final, adj.	Que symbolo <i>final</i>	ENC.9
finda, adj.	Se ainda ha vida ainda não é <i>finda</i> .	PRE.6
findar, vb.	Surges ao sol em mim, e a nevoa <i>finda</i> :	NAU.22
firme, adj.	<i>Firme</i> em minha tristeza, tal vivi.	DUA.4
fitar, vb.	De Oriente a Occidente jaz, <i>fitando</i> , <i>Fita</i> , com olhar sphyngico e fatal O rosto com que <i>fita</i> é Portugal. Braços cruzados, <i>fita</i> além do mar. <i>Fitando</i> a prohibida azul distancia.	CAS.2 CAS.10 CAS.12 JII.1 NOI.18
fixo, adj.	Com <i>fixos</i> olhos rastos de ancia	NOI.17
flauta, s.	Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a <i>flauta</i>	GAM.8
flor, s.	Abria em <i>flor</i> o Longe, e o Sul siderio E, no desembarcar, ha aves, <i>flores</i> , A arvore, a praia, a <i>flor</i> , a ave, a fonte —	HOR.5 HOR.11 HOR.17
fogo-fatuo, s.	Como o que o <i>fogo-fatuo</i> encerra.	NEV.6
fogueira, s.	No valle clareia uma <i>fogueira</i> .	MAG.1
fonte, s.	A árvore, a praia, a flor, a ave, a <i>fonte</i> —	HOR.17

força, s.	E a tua inteira <i>força</i> ! Que as <i>forças</i> cegas se domem	AFO.4 IMP.14
fórma, s.	O sonho é ver as <i>fórm</i> as invisíveis Deus guarda o corpo e a <i>fórma</i> do futuro, Constellado de <i>fórma</i> e de visão,	HOR.13 NAU.10 VIE.6
formar, vb.	Assim se Portugal <i>formou</i> .	VIR.8
formidável, adj.	Seu <i>formidável</i> vulto solitario	JII.5
frater, s. (latim)	Valete, <i>Fratres</i> .	NEV.14
frio, adj.	Teu ser é como aquella <i>fria</i> Às horas em que um <i>frio</i> vento passa Por sobre a <i>fria</i> terra. Buscar na linha <i>fria</i> do horizonte O <i>frio</i> morto em cinzas a occultou:	VIR.9 FER.4 FER.5 HOR.16 PRE.7
fronte, s.	A <i>fronte</i> com o olhar;	FER.7
frota, s.	Que nau, que armada, que <i>frota</i>	CAL.11
fulgor, s.	Este <i>fulgor</i> baço da terra	NEV.3
fundo, adj.	Em dia e letra escrupuloso e <i>fundo</i> . Sob o seu passo <i>fundo</i>	DUA.3 ALB.8
fundo, s.	E escorro os medos do mar sem <i>fundo</i> ?» E ergue-te do <i>fundo</i> de não-seres Que inquietação do <i>fundo</i> nos soergue?	MOS.16 DES.3 TOR.3
futuro, adj.	É o som presente d'esse mar <i>futuro</i> ,	DIN.9
futuro, s.	O Occidente, <i>futuro</i> do passado. Deus guarda o corpo e a <i>fórma</i> do <i>futuro</i> ,	CAS:11 NAU.10
Galaaz, antr.	Vem, <i>Galaaz</i> com patria, erguer de novo,	DES.5
galgar, vb.	<i>Galgam</i> do valle pelas encostas	MAG.23
Gama, antr.	Ascensão de Vasco da <i>Gama</i>	GAM:0
gelar, vb.	Em baixo, onde a terra é, o pastor <i>gela</i> , e a flauta	GAM.8
gesto, s.	Desvendámos. No mesmo <i>gesto</i> , ao céu	OCI.2
genio, s.	Que só <i>genios</i> concebia?	FIL.2

gigante, s.	Os Deuses da tormenta e os <i>gigantes</i> da terra	GAM.1
gladio, s.	Deu-me Deus o seu <i>gladio</i> porque eu faça E eu vou, e a luz do <i>gladio</i> erguido dá Mestre da Paz, ergue teu <i>gladio</i> ungido,	FER.1 FER.11 DES.9
globo, s.	O <i>globo</i> mundo em sua mão.	IHN.5
gloria, s.	Compra-se a <i>gloria</i> com desgraça. Que houvesse a <i>gloria</i> e dêste o exemplo E porisso a sua <i>gloria</i> Este, que teve a fama e à <i>gloria</i> tem,	QUI.2 JOL.7 COL.10 VIE.2
gral, s. (graal)	Princeza do Santo <i>Gral</i> , Revele o Santo <i>Gral</i> !	FIL.6 DES.12
grande, adj.	Entre tão <i>grandes</i> almas minhas pares, O exforço é <i>grande</i> e o homem é pequeno. De um <i>grande</i> aneio que Deus fez?	JOA.2 PAD.1 PES.16
grandeza, s.	E este querer <i>grandeza</i> são seu nome Louco, sim, louco, porque quiz <i>grandeza</i> O céu <i>strella</i> o azul e tem <i>grandeza</i> .	FER.9 SEB.1 VIE.1
grego, adj.	Olhos <i>gregos</i> , lembrando Que o mar com fim será <i>grego</i> ou romano	CAS.4 PAD.11
Grecia, topon.	<i>Grecia</i> , Roma, Christandade	IMP.21
grifo, s.	A Cabeça do <i>Grifo</i> Uma Asa do <i>Grifo</i> A Outra Asa do <i>Grifo</i>	IHN.0 JIL.0 ALB.0
grosso, adj.	Trez vezes rodou immundo e <i>grosso</i> ,	MOS.13
guardar, vb.	Deus <i>guarda</i> o corpo e a fôrma do futuro, Se com Deus me <i>gardei</i> ? Que <i>guarda</i> o Rei desterrado	NAU.10 DSB.6 CAL.21
guarida, s.	Não me podia a Sorte dar <i>guarida</i>	PED.7
guerra, s.	A sua santa <i>guerra</i> . Suspendem de repente o odio da sua <i>guerra</i> Nem rei nem lei, nem paz nem <i>guerra</i> ,	FER.2 GAM.2 NEV.1
guiar, vb.	Pulso sem corpo ao leme a <i>guiar</i>	MAG.15
halo, s.	Faz esse <i>halo</i> no céu?	NUN.6
haste, s.	Ou tu, ou o de que eras a <i>haste</i> —	VIR.7

hausto, s.	O relampago, pharol de Deus, um <i>hausto</i>	TOR.7
haver, vb.	Vivemos, raça, porque <i>houvesse</i> E é já o ir a <i>haver</i> o dia Onde está e não <i>ha</i> o dia. O plantador de naus a <i>haver</i> , Que <i>houveste</i> a gloria e déste o exemplo Que enigma <i>havia</i> em teu seio Indifferente ao que <i>ha</i> em conseguir 2 Ficou meu ser que <i>houve</i> , não o que <i>ha</i> . O mar que possa <i>haver</i> além da terra. E, no desembarcar, <i>ha</i> aves, flores, E a Cruz ao alto diz que o que me <i>ha</i> na alma Outros <i>haverão</i> de ter O que <i>houvermos</i> de perder. 2 Fosse a hora que <i>haver</i> ou a que <i>havia</i> Não sei a hora, mas sei que <i>ha</i> a hora, Se ainda <i>ha</i> vida ainda não é finda. Por ter <i>havido</i> escutar. Cala a voz, e <i>ha</i> só o mar. Por mais naus que <i>haja</i> no mar? <i>Haverá</i> rasgões no espaço Aqui, onde <i>ha</i> só sargaço,	VIR.3 VIR.11 TAR.14 DIN.2 JOL.7 FIL.1 PED.3 SEB.5 JIL.4 HOR.11 PAD.13 COL.1 COL.2 OCI.5 NAU.19 PRE.6 ILH.5 ILH.15 CAL.3 CAL.15 CAL.18
Henrique, antr.	O Conde D. <i>Henrique</i> O Infante D. <i>Henrique</i>	HEN.0 IHN.0
Henriques, antr.	D. Affonso <i>Henriques</i>	AFO.0
heroe, s.	O <i>heroe</i> a si assiste, vario Não foi nem santo nem <i>heroe</i> , O que faz a alma poder ser de <i>heroe</i> .	HEN.3 BAN.5 NOI.24
historia, s.	Quando Deus faz e a <i>historia</i> é feita. O Longe e faz d'elle <i>historia</i> .	JOL.2 COL.9
hoje, adv. tem.	<i>Hoje</i> a vigilia é nossa. Restam-nos <i>hoje</i> , no silencio hostil, Ó Portugal, <i>hoje</i> és nevocairo...	AFO.2 PRE.3 NEV.13
hombro, s.	Poz-me as mãos sobre os <i>hombros</i> e doirou-me Atlas, mostra alto o mundo no seu <i>hombro</i> . 2 Ladeiam-o, ao durar, os medos, <i>hombro</i> a <i>hombro</i>	FER.6 EPI.4 GAM.6
homem, s.	O <i>homem</i> que foi o teu menino O <i>homem</i> e a hora são um só Sem a loucura que é o <i>homem</i> Deus quer, o <i>homem</i> sonha, a obra nasce. O esforço é grande e o <i>homem</i> é pequeno. E o <i>homem</i> do leme disse, tremendo:	TAR.11 JOL.1 SEB.8 INF.1 PAD.1 MOS.8

	E o <i>homem</i> do leme tremeu e disse: Cingil-o, dos <i>homens</i> , o primeiro —, Ser descontente é ser <i>homem</i> .	MOS.17 MAG.11 IMP.13
honra, s.	Sagrou-me seu em <i>honra</i> e em desgraça,	FER.3
hora, s.	Dá, contra a <i>hora</i> e em que, errada O homem e a <i>hora</i> são um só Às <i>horas</i> em que um frio vento passa Fosse a <i>hora</i> que haver ou a que havia 2 Não sei a <i>hora</i> , mas sei que ha a <i>hora</i> , Sperae! Cahi no areal e na <i>hora</i> adversa Quando é o Rei? Quando é a <i>Hora</i> ? É a <i>Hora</i> !	AFO.5 JOI.1 FER.4 OCI.5 NAU.19 DSB.1 PES.8 NEV.14
horizonte, s.	<i>Horizonte</i> Buscar na linha fria do <i>horizonte</i> Indo perder-se nos <i>horizontes</i> ,	HOR.0 HOR.16 MAG.22
hostil, adj.	Restam-nos hoje, no silencio <i>hostil</i> ,	PRE.3
humano, adj.	<i>Humano</i> ventre do Imperio,	FIL.7
idéa, s.	Fiel à palavra dada e à <i>idéa</i> tida.	PED.11
ignoto, adj.	Do mar <i>ignoto</i> à patria por quem dera	NOI.9
ilha, s.	E a orla branca foi de <i>ilha</i> em continente, Não voltou mais. A que <i>ilha</i> indescoberta São <i>ilhas</i> afortunadas, <i>Ilha</i> proxima e remota, Surja uma <i>ilha</i> velada,	INF.5 NAU.7 ILH.11 CAL.8 CAL.19
Ilhas Afort., topon.	As <i>Ilhas</i> Afortunadas	ILH.0
immenso, adj.	E ao <i>immenso</i> e possivel oceano No <i>immenso</i> espaço seu de meditar,	PAD.9 VIE.5
immerso, adj.	Para o intervallo em que esteja a alma <i>immersa</i>	DSB.3
imperador, s.	O unico <i>imperador</i> que tem, deveras <i>Imperador</i> da lingua portugueza,	IHN.4 VIE.3
imperfeito, adj.	A alma é divina e a obra é <i>imperfeita</i> .	PAD.5
imperio, s.	Ó mãe de reis e avó de <i>imperios</i> , De <i>Imperio</i> , ondulam sem se poder ver. <i>Humano</i> ventre do <i>Imperio</i> , Trez <i>imperios</i> do chão lhe a Sorte apanha. Cumprir-se o Mar, e o <i>Imperio</i> se desfez.	TAR.3 DIN.5 FIL.7 ALB.9 INF.11

	Do <i>Imperio</i> ,	NAU.3
	Do <i>Imperio</i> .	NAU.24
	O Quinto <i>Imperio</i>	IMP.0
	O <i>Imperio</i> por Deus mesmo visto,	BAN.2
	A madrugada irreal do Quinto <i>Imperio</i>	VIE.11
importar, vb.	Que <i>importa</i> o areal e a morte e a desventura	DSB.5
impreciso, adj.	Da distancia <i>imprecisa</i> , e, com sensíveis	HOR.14
imprevisto, adj.	O que, <i>imprevisto</i> , Deus fadou.	TAR.7
immundo, adj.	Trez vezes rodou <i>immundo</i> e grosso,	MOS.13
incerto, adj.	Aportou? Voltará da sorte <i>incerta</i> Tornar-me mais que o sopro <i>incerto</i> Tudo é <i>incerto</i> e derradeiro.	NAU.8 PES.15 NEV.11
inconsciente, adj.	E <i>inconsciente</i> .	HEN.4
indefinido, adj.	No mar <i>indefinido</i> .	NOI.2
indescoberto, adj.	Não voltou mais. A que ilha <i>indescoberta</i>	NAU.7
indifferente, adj.	<i>Indifferente</i> ao que ha em conseguir	PED.3
infante, s.	Mas todo vivo é eterno <i>infante</i> Dom Fernando: <i>Infante</i> de Portugal D. João: <i>Infante</i> de Portugal O <i>Infante</i> D. Henrique O <i>Infante</i>	TAR.13 FER.0 JOA.0 IHN.0 INF.0
infel, s.	Novos <i>infieis</i> vençam,	AFO.6
Inglaterra, topon.	Este diz <i>Inglaterra</i> onde, afastado,	CAS.8
iniciação, s.	Splendia sobre as naus da <i>iniciação</i> .	HOR.6
injustiça, s.	De ver o mundo e a <i>injustiça</i> e a sorte.	ALB.3
involuntario, adj.	Todo começo é <i>involuntario</i> .	HEN.1
inquietação, s.	Que <i>inquietação</i> do fundo nos soergue?	TOR.3
insistir, vb.	À praia onde o mar <i>insiste</i> ,	CAL.13
instincto, s.	Memoria em nós do <i>instincto</i> teu. A quem fadou o <i>instincto</i> teu!	VIR.4 TAR.10
inteiro, adj.	E viu-se a terra <i>inteira</i> , de repente,	INF.7

	Dá-nos o exemplo <i>inteiro</i> E a tua <i>inteira</i> força! O <i>inteiro</i> mar, ou a orla vã desfeita — Uma dança sacode a terra <i>inteira</i> . A terra <i>inteira</i> com seu braço. Tudo é disperso, nada é <i>inteiro</i> .	AFO.3 AFO.4 JOA.7 MAG.2 MAG.18 NEV.12
interno, adj.	É, na ara da nossa alma <i>interna</i> ,	JOI.10
intervallo, s.	Para o <i>intervallo</i> em que esteja a alma immersa	DSB.3
inutilmente, adv.	<i>Inutilmente</i> ? Não, porque o cumpri. <i>Inutilmente</i> eleita	DUA.6 JOA.3
invisível, adj.	O sonho é ver as formas <i>invisíveis</i>	HOR.13
ir, vb.	E é já o <i>ir a</i> haver o dia Com o que nella <i>ia</i> E eu <i>vou</i> , e a luz do gladio erguido dá E a orla branca <i>foi</i> de ilha em continente Em clarões negros do valle <i>vão</i> <i>Indo</i> perder-se na escuridão. <i>Indo</i> perder-se nos horizontes, Surge um silencio, e <i>vae</i> , da nevoa ondeando os véus, Para onde <i>vai</i> toda idade. Mas, <i>se vamos</i> despertando, Da descoberta, <i>ir</i> em procura Tempo <i>foi</i> . Nem primeiro nem segundo Queremos <i>ir</i> buscal-os, d'esta vil	VIR.11 SEB.7 FER.11 INF.5 MAG.4 MAG.6 MAG.22 GAM.4 IMP.23 ILH.14 NOI.5 NOI.7 NOI.25
ir-se, vb.	<i>Foi-se</i> a ultima nau, ao sol aziago Europa — os quatro <i>se vão</i> Ambos <i>se foram</i> pelo mar da idade E com elle de nós <i>se foi</i> Rodou e <i>foi-se</i> o mostrengo servo	NAU.4 IMP.22 NOI.21 NOI.23 ANT.10
irmão, s.	Do <i>irmão</i> no mar sem fim e a nevoa escura. Senhor, os dois <i>irmãos</i> do nosso Nome	NOI.6 NOI.19
irreal, adj.	A madrugada <i>irreal</i> do Quinto Imperio	VIE.11
isto, pron. dem.	Querer, poder só <i>isto</i> : <i>Isto</i> , e o mysterio de que a noite é o fausto...	JOA.6 TOR.5
Italia, topon.	Aquelle diz <i>Italia</i> onde é pousado;	CAS.7
já, adv. tem.	E é <i>já</i> o <i>ir a</i> haver o dia Que o mar unisse, <i>já</i> não separasse. O mar é o mesmo: <i>já</i> ninguem o tema!	VIR.11 INF.3 EPL.3

	Mas <i>já</i> no auge da suprema prova, Traz o dia <i>já</i> visto? Mostra o sol <i>já</i> desperto?	DES.6 ENC.6 ENC.10
jazer, vb.	A Europa <i>jaz</i> , posta nos cotovellos: De Oriente a Occidente <i>jaz</i> , fitando, <i>Jaz</i> aqui, na pequena praia extrema, <i>Jazas</i> , remoto, sente-te sonhado, Que <i>jaz</i> no abysmo sob o mar que se ergue?	CAS.1 CAS.2 EPI.1 DES.2 TOR.1
geito, s.	Excalibur do Fim, em <i>geito</i> tal	DES.10
Jesus, antr.	E plebeu como <i>Jesus</i> Christo.	BAN.4
João, antr.	Dom <i>João</i> O Primeiro D. <i>João</i> : Infante de Portugal D. <i>João</i> O Segundo «El-Rei D. <i>João</i> Segundo!» «El-Rei D. <i>João</i> Segundo!» «De El-Rci D. <i>João</i> Segundo!»	JOL0 JOA.0 JIL0 MOS.9 MOS.18 MOS.27
jovem, adj.	Arroio, esse cantar, <i>jovem</i> e puro,	DIN.6
justo, adj.	É <i>justa</i> aureola dada	COL.11

CONCORDÂNCIA

MENSAGEM, FERNANDO PESSOA

ladear, vb.	<i>Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,</i>	GAM.6
lado, s.	Que dêem para outro <i>lado</i> ,	CAL.16
Lencastre, topon.	Dona Philippa de <i>Lencastre</i>	FIL.0
lar, s.	Contente com o seu <i>lar</i> ,	IMP.2
lareira, s.	Da <i>lareira</i> a abandonar!	IMP.5
lagrima, s.	São <i>lagrimas</i> de Portugal!	MAR.2
lei, s.	De, na fé e na <i>lei</i> Nem rei nem <i>lei</i> , nem paz nem guerra,	NOI.4 NEV.1
lembrar, vb.	Olhos gregos, <i>lembrando</i> Só porque <i>lembra</i> o que esqueceu, E disse: «Quem é que dorme a <i>lembrar</i>	CAS.4 VIR.2 ANT.5
leme, s.	E o homem do <i>leme</i> disse, tremendo: E o homem do <i>leme</i> tremeu, e disse: Trez vezes do <i>leme</i> as mãos ergueu, Trez vezes ao <i>leme</i> as repreendeu, «Aqui ao <i>leme</i> sou mais do que eu: Manda a vontade, que me ata ao <i>leme</i> , Pulso sem corpo ao <i>leme</i> a guiar	MOS.8 MOS.17 MOS.19 MOS.20 MOS.22 MOS.26 MAG.15
lenda, s.	Assim a <i>lenda</i> se escorre	ULI.11
letra, s.	Em dia e <i>letra</i> escrupuloso e fundo.	DUA.3
levar, vb.	<i>Levando</i> a bordo El-Rei D. Sebastião,	NAU.1
lhe, pron. pes.	E toldam- <i>lhe</i> românticos cabellos Baste a quem baste o que <i>lhe</i> basta O bastante de <i>lhe</i> bastar! Que elle abra os braços e <i>lhe</i> rasgue o véu. Trez imperios do chão <i>lhe</i> a Sorte apanha. Cahe- <i>lhe</i> , e em extase vê, à luz de mil trovões, Demore-a Deus, chame- <i>lhe</i> a alma embora Nada na alma <i>lhe</i> diz	CAS.3 QUI.5 QUI.6 JII.8 ALB.9 GAM.9 NAU.20 IMP.8
licença, s.	O segundo pediu <i>licença</i> ao Rei <i>Licença</i> de os buscar, e El-Rei negou. Mas Deus não dá <i>licença</i> que partamos.	NOI.3 NOI.12 NOI.30

lição, s.	Mais que a <i>lição</i> da raiz —	IMP.9
limite, s.	O <i>limite</i> da terra a dominar	JIL.3
linha, s.	<i>Linha</i> severa da longinqua costa — Onde era só, de longe a abstracta <i>linha</i> . Buscar na <i>linha</i> fria do horizonte	HOR.7 HOR.12 HOR.16
livro, s.	Screvo meu <i>livro</i> à beira-magua	PES.1
língua, s.	Imperador da <i>língua</i> portugueza,	VIE.3
logar, s.	São terras sem ter <i>logar</i> ,	ILH.12
longe, s.	Abria em flor o <i>Longe</i> , e o Sul sidcrio Em arvores onde o <i>Longe</i> nada tinha O <i>Longe</i> e faz d'elle historia	HOR.5 HOR.9 COL.9
longinquo, adj.	Linha severa da <i>longinqua</i> costa —	HOR.7
louco, s.	2 <i>Louco</i> , sim, <i>louco</i> , porque quiz grandeza	SEB.1
loucura, s.	Minha <i>loucura</i> , outros que me a tomem Sem a <i>loucura</i> que é o homem	SEB.6 SEB.8
luar, s.	Surge, prenuncio claro do <i>luar</i> , Mas não, não é <i>luar</i> : é luz do ethereo	VIE.7 VIE.9
luz, s.	<i>Luz</i> que precede a madrugada, E eu vou, e a <i>luz</i> do gladio erguido dá Ergue a <i>luz</i> da tua espada Por uma <i>luz</i> emprestada. Cahe-lhe, e em extase vê, à <i>luz</i> de mil trovões Mas Sua <i>luz</i> projecta-o, sonho escuro Que sua <i>Luz</i> ao mundo dividido Mas não, não é <i>luar</i> : é <i>luz</i> do ethereo Brilho sem <i>luz</i> e sem arder,	VIR.10 FER.11 NUN.11 COL.12 GAM.9 NAU.11 DES.11 VIE.9 NEV.5
luzir, vb.	A mão que ergueu o facho que <i>luziu</i> ,	OCL.10
madrinha, s.	<i>Madrinha</i> de Portugal!	FIL.8
madrugada, s.	Luz que precede a <i>madrugada</i> , A <i>madrugada</i> irreal do Quinto Imperio A <i>madrugada</i> do novo dia,	VIR.10 VIE.11 ANT.3
mãe, s.	Ó <i>mãe</i> de reis e avó de imperios, Por te cruzarmos, quantas <i>mães</i> choraram,	TAR.3 MAR.3

Magalhães, antr.	Fernão de <i>Magalhães</i>	MAG.0
magia, s.	É a <i>Magia</i> que evoca	COL.8
maior, adj.	<i>Maior</i> do que a minha alma.	FER.15
mais, pron.	O <i>mais</i> é carne, cujo pó Tudo <i>mais</i> é com Deus!	JOI.3 PED.12
mais, adv. conj.	<i>Mais</i> que a besta sadia, Calcára <i>mais</i> do que o submisso mundo <i>Mais</i> perto, abre-se a terra em sons e cores: «Aqui ao leme sou <i>mais</i> do que eu: E <i>mais</i> que o mostrengo, que me a alma teme Não voltou <i>mais</i> . A que ilha indescoberta Ah, quanto <i>mais</i> ao povo a alma falta, <i>Mais</i> a minha alma atlantica se exalta Faça até <i>mais</i> rubra a brasa <i>Mais</i> que a lição da raiz — Tornar-me <i>mais</i> que o sopro incerto Por <i>mais</i> naus que haja no mar?	SEB.9 ALB.7 HOR.10 MOS.22 MOS.24 NAU.7 NAU.13 NAU.14 IMP.4 IMP.9 PES.15 CAL.3
mal, s.	E a despertar do <i>mal</i> que existo Nem o que é <i>mal</i> nem o que é bem.	PES.11 NEV.9
mandar, vb.	<i>Manda</i> a vontade, que me ata ao leme,	MOS.26
manto, s.	Com seu manto de noite e solidão,	IHN.2
mão, s.	A <i>mão</i> sustenta, em que se appoia o rosto. À espada em tuas <i>mãos</i> achada Poz-me as <i>mãos</i> sobre os hombros e doirou-me O globo mundo em sua <i>mão</i> . Trez vezes do leme as <i>mãos</i> ergueu, Com duas <i>mãos</i> — o Acto e o Destino — A <i>mão</i> que ao Occidente o véu rasgou, Da <i>mão</i> que desvendou. A <i>mão</i> que ergueu o facho que luziu, Da <i>mão</i> que o conduziu. A <i>mão</i> do vento póde erguel-a ainda. A Deus as <i>mãos</i> alçamos.	CAS.9 HEN.5 FER.6 IHN.5 MOS.19 OCI.1 OCI.6 OCI.8 OCI.10 OCI.12 PRE.8 NOI.29
mar, s.	É o som presente d'esse <i>mar</i> futuro, É a voz da terra anciando pelo <i>mar</i> . Porque é do portuguez, pae de amplos <i>mares</i> , O inteiro <i>mar</i> , ou a orla vã desfeita — Braços cruzados, fita além do <i>mar</i> . O <i>mar</i> que possa haver além da terra. Enche de estar presente o <i>mar</i> e o céu.	DIN.9 DIN.10 JOA.5 IHN.3 JII.1 JII.4 JII.6

Que o <i>mar</i> unisse, já não separasse.	INF.3
Do <i>mar</i> e nós em ti nos deu signal.	INF.10
Ó <i>mar</i> anterior a nós, teus medos	HOR.1
Que o <i>mar</i> com fim será grego ou romano	PAD.11
O <i>mar</i> sem fim é portuguez.	PAD.12
O mostrengo que está no fim do <i>mar</i>	MOS.1
E escorro os medos do <i>mar</i> sem fundo?»	MOS.16
Sou um Povo que quer o <i>mar</i> que é teu;	MOS.23
O <i>mar</i> é o mesmo: já ninguém o tema!	EPI.3
<i>Mar</i> Portuguez	MAR.0
Ó <i>mar</i> salgado, quanto do teu sal	MAR.1
Para que fosses nosso, ó <i>mar</i> !	MAR.6
Deus ao <i>mar</i> o perigo e o abysmo deu,	MAR.11
E em mim, num <i>mar</i> que não tem tempo ou espaço	NAU.16
O <i>mar</i> universal e a saúde.	PRE.4
Do <i>mar</i> ou outra, mas que seja nossa!	PRE.12
Que não é a voz do <i>mar</i> ?	ILH.2
Cala a voz, e ha só o <i>mar</i> .	ILH.15
No <i>mar</i> indefinido.	NOI.2
Do irmão no <i>mar</i> sem fim e a nevoa escura.	NOI.6
Do <i>mar</i> ignoto à patria por quem dera	NOI.9
Ambos se foram pelo <i>mar</i> da idade	NOI.21
Que jaz no abysmo sob o <i>mar</i> que se ergue	TOR.1
Brilha, e o <i>mar</i> scuro struge.	TOR.8
Por mais naus que haja no <i>mar</i> ?	CAL.3
Este som de o <i>mar</i> praiar	CAL.6
À praia onde o <i>mar</i> insiste,	CAL.13
Se à vista o <i>mar</i> é sósinho?	CAL.14
O mostrengo que está no fim do <i>mar</i>	ANT.1
E foi outrora Senhor do <i>Mar</i> .	ANT.14

margem, s.	Doira as <i>margens</i> do Tejo.	VIE.12
marinheiro, s.	Que dançam da morte do <i>marinheiro</i>	MAG.9
marulho, adj.	E a falla dos pinhaes, <i>marulho</i> obscuro,	DIN.8
mas, conj.	<i>Mas</i> todo vivo é eterno infante	TAR.13
	<i>Mas</i> que espada é que, erguida,	NUN.5
	<i>Mas</i> o que a elles não toca	COL.7
	Violou a Terra. <i>Mas</i> elles não	MAG.19
	<i>Mas</i> nelle é que espelhou o céu.	MAR.12
	<i>Mas</i> Sua luz projecta-o, sonho escuro	NAU.11
	Não sei a hora, <i>mas</i> sei que ha a hora,	NAU.19
	<i>Mas</i> a chamma, que a vida em nós creou,	PRE.5
	Do <i>mar</i> ou outra, <i>mas</i> que seja nossa!	PRE.12
	<i>Mas</i> já no auge da suprema prova,	DES.6
	<i>Mas</i> que, se escutamos, cala,	ILH.4
	<i>Mas</i> , se vamos despertando,	ILH.14

mestre, s.	<i>Mestre</i> , sem o saber, do Templo <i>Mestre</i> da Paz, ergue o teu gladio ungido	JOI.5 DES.9
metade, s.	Em baixo, a vida, <i>metade</i>	ULI.14
meu, adj. pron. pos.	<i>Meu</i> dever fez-me, como Deus ao mundo. A regra de ser Rei almou <i>meu</i> ser, Firme em <i>minha</i> tristeza, tal vivi. Cumprí contra O Destino o <i>meu</i> dever. Em <i>minha</i> face calma. Maior do que a <i>minha</i> alma. Não fui alguém. <i>Minha</i> alma estava estreita Entre tão grandes almas <i>minhas</i> pares, Não coube em mim <i>minha</i> certeza; Ficou <i>meu</i> ser que houve, não o que ha. <i>Minha</i> loucura, outros que me a tomem Nas <i>minhas</i> cavernas que não desvendo, <i>Meus</i> tectos negros do fim do mundo?» Mais a <i>minha</i> alma atlântica se exalta <i>Meu</i> coração não tem que ter. Tenho <i>meus</i> olhos quentes de água. <i>Meus</i> dias vacuos enche e doura. Fazer <i>minha</i> esperança amor? Quando, <i>meu</i> Sonho e <i>meu</i> Senhor?	DUA.1 DUA.2 DUA.4 DUA.5 FER.12 FER.15 JOA.1 JOA.2 SEB.3 SEB.5 SEB.6 MOS.6 MOS.7 NAU.14 PES.2 PES.3 PES.6 PES.18 PES.20
meu, pron. pos.	Que, da obra ousada, é <i>minha</i> a parte feita:	PAD.7
mil, num.	Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de <i>mil</i> trovões,	GAM:9
mim, pron. pes.	Dentro em <i>mim</i> a vibrar. Não coube em <i>mim</i> <i>minha</i> certeza; E faz a febre em <i>mim</i> de navegar E em <i>mim</i> , num mar que não tem tempo ou espaço Surges ao sol em <i>mim</i> , e a nevoa finda:	FER.10 SEB.3 PAD.14 NAU.16 NAU.22
monte, s.	Dos mudos <i>montes</i> .	MAG.24
morar, vb.	Que <i>moro</i> onde nunca ninguém me visse Onde o Rei <i>mora</i> esperando.	MOS.15 ILH.13
moreno, adj.	Este padrão ao pé do arcal <i>moreno</i>	PAD.3
morrer, vb.	O corpo <i>morto</i> de Deus, De nada, <i>morre</i> . Assim vivi, assim <i>morri</i> , a vida, Tem aos pés o mar novo e as <i>mortas</i> eras — O frio <i>morto</i> em cinzas a occultou: Que <i>morreu</i> D. Sebastião? Na Cruz <i>morta</i> do Mundo	ULI.4 ULI.15 PED.9 IHN.3 PRE.7 IMP.25 ENC.3

	Na Cruz <i>morta</i> e fatal De a quem <i>morreu</i> o falso Deus,	ENC.11 PES.10
morte, s.	Não pensa em vida ou <i>morte</i> , Que dançam da <i>morte</i> do marinheiro Que importa o areal e a <i>morte</i> e a desventura	ALB.4 MAG.9 DSB.5
morto, s.	Do <i>morto</i> ainda commanda a armada,	MAG.14
mostrar, vb.	Atlas, <i>mostra</i> alto o mundo no seu hombro. <i>Mostra</i> o sol já desperto?	EPI.4 ENC.10
mostrengo, s.	O <i>Mostrengo</i> O <i>Mostrengo</i> que está no fim do mar Disse o <i>mostrengo</i> , e rodou trez vezes E mais que o <i>mostrengo</i> , que me a alma teme O <i>mostrengo</i> que está no fim do mar Rodou e foi-se o <i>mostrengo</i> servo	MOS.0 MOS.1 MOS.12 MOS.24 ANT.1 ANT.10
movimento, s.	<i>Movimentos</i> da esprança e da vontade, Primeiro um <i>movimento</i> e depois um assombro.	HOR.15 GAM.5
mudo, adj	É um mytho brilhante e <i>mudo</i> — Calmo sob <i>mudos</i> céus, Dos <i>mudos</i> montes.	ULI.3 PED.10 MAG.24
mundo, s.	Cada uma é todo o <i>mundo</i> a sós. Meu dever fez-me, como Deus ao <i>mundo</i> . E parece temer o <i>mundo</i> vario De ver o <i>mundo</i> e a injustiça e a sorte. Calcára mais do que o submisso <i>mundo</i> Clareou, correndo, até ao fim do <i>mundo</i> , Meus tectos negros do fim do <i>mundo</i> ?» E a roda nas trevas do fim do <i>mundo</i> , Atlas, mostra alto o <i>mundo</i> no seu hombro. Que sua Luz ao <i>mundo</i> dividido Na Cruz morta do <i>Mundo</i> Que desvendou o Segundo <i>Mundo</i> ,	TAR.2 DUA.1 JII.7 ALB.3 ALB.7 INF.6 MOS.7 MOS.25 EPI.4 DES.11 ENC.3 ANT.6
mundo, adj.	O globo <i>mundo</i> em sua mão.	IHN.5
murmuro, adj.	E ouve um silencio <i>murmuro</i> consigo:	DIN.3
mysterio, s.	As nações todas são <i>mysterios</i> . As tormentas passadas e o <i>mysterio</i> , <i>Mysterio</i> . <i>Mysterio</i> . Isto, e o <i>mysterio</i> de que a noite é o fausto...	TAR.1 HOR.4 NAU.6 NAU.21 TOR.5

myto, s.	O <i>myto</i> é o nada que é tudo. É um <i>myto</i> brilhante e mudo ---	ULI.1 ULL.3
nação, s.	<i>Nação</i> porque reincarnaste, As <i>nações</i> todas são mysterios.	VIR.5 TAR.1
nada, s.	O mytho é o <i>nada</i> que é tudo. O todo, ou o seu <i>nada</i> .	ULI.1 JOA.8
nada, pron. ind.	De <i>nada</i> , morre. Na antemanhã, confuso <i>nada</i> . Em arvores onde o Longe <i>nada</i> tinha; <i>Nada</i> é disperso, <i>nada</i> é inteiro. Tudo é disperso, <i>nada</i> é inteiro.	ULI.15 VIR.12 HOR.9 IMP.8 NEV.12
não, adv. neg.	Foi por <i>não</i> ser existindo. Por <i>não</i> ter vindo foi vindo Onde estás e <i>não</i> ha o dia. Inutilmente? <i>Não</i> , porque o cumpri. Cheio de Deus, <i>não</i> temo o que virá, <i>Não</i> me podia a Sorte dar guarida Por <i>não</i> ser eu dos seus. <i>Não</i> fui alguem. Minha alma estava estreita Qual a Sorte a <i>não</i> dá. <i>Não</i> coube em mim minha certeza; <i>Não</i> pensa em vida ou morte, Tão poderoso que <i>não</i> quer o quanto Que o mar unisse, já <i>não</i> separasse. Nas minhas cavernas que <i>não</i> desvendo, Foi achado, ou <i>não</i> achado, Mas o que a elles <i>não</i> toca Violou a Terra. Mas elles <i>não</i> Se a alma <i>não</i> é pequena. <i>Não</i> voltou mais. A que ilha indescoberta E em mim, num mar que <i>não</i> tem tempo ou espaço, <i>Não</i> sei a hora, mas sei que ha a hora, Se ainda ha vida ainda <i>não</i> é finda. E ergue-te do fundo de <i>não</i> -seres Que <i>não</i> é a voz do mar? <i>Não</i> foi nem santo nem heroe, <i>Não</i> portuguez mas Portugal. 2 Mas <i>não</i> , <i>não</i> é luar: é luz do ethereo. Meu coração <i>não</i> tem que ter. Mas Deus <i>não</i> dá licença que partamos. E se <i>não</i> pode encontrar Para a vista <i>não</i> existe.	ULI.7 ULI.9 TAR.14 DUA.6 FER.13 PED.7 PED.8 JOA.1 SEB.2 SEB.3 ALB.4 ALB.5 INF.3 MOS.6 COL.5 COL.7 MAG.19 MAR.8 NAU.7 NAU.16 NAU.19 PRE.6 DES.3 ILH.2 BAN.5 BAN.8 VIE.9 PES.2 NOI.30 CAL.2 CAL.10
nascer, vb.	Deus quer, o homem sonha, a obra <i>nasce</i> .	INF.1

natural, adj.	Com bruta e <i>natural</i> certeza	TAR.6
Natureza, s.	Assim o oppoz à <i>Natureza</i>	QUI.11
nau, s.	O plantador de <i>naus</i> a haver, Splendia sobre as <i>naus</i> da iniciação. Quando a <i>nau</i> se aproxima ergue-se a encosta À roda da <i>nau</i> voou trez vezes, As <i>naus</i> no resto do fim do espaço: A Ultima <i>Nau</i> Foi-se a ultima <i>nau</i> , ao sol aziago A <i>nau</i> de um d'elles tinha-se perdido Por mais <i>naus</i> que haja no mar? Que <i>nau</i> , que armada, que frota	DIN.2 HOR.6 HOR.8 MOS.3 MAG.16 NAU.0 NAU.4 NOI.1 CAL.3 CAL.11
navegador, s.	Eu, Diogo Cão, <i>navegador</i> , deixei	PAD.2
navegar, vb.	E para deante <i>naveguei</i> . E faz a febre em mim de <i>navegar</i>	PAD.4 PAD.14
negar, vb.	Licença de os buscar, e El-Rei <i>negou</i> .	NOI.12
negro, adj.	Seu azul <i>negro</i> e brando. Meus tectos <i>negros</i> do fim do mundo?» Em clarões <i>negros</i> do valle vão	NUN.4 MOS.7 MAG.4
nem, conj.	Dançam, <i>nem</i> sabem que a alma ousada 2 Não foi <i>nem</i> santo <i>nem</i> heroe, 2 Tempo foi. <i>Nem</i> primeiro <i>nem</i> segundo <i>Nem</i> o Terceiro que desvendar?» 4 <i>Nem</i> rei <i>nem</i> lei, <i>nem</i> paz <i>nem</i> guerra, 2 <i>Nem</i> o que é mal <i>nem</i> o que é bem.	MAG.13 BAN.5 NOI.7 ANT.7 NEV.1 NEV.9
nevoeiro, s.	<i>Nevoeiro</i> Ó Portugal, hoje és <i>nevoeiro</i> ...	NEV.0 NEV.13
nevoa, s.	Surge um silencio, e vai, da <i>nevoa</i> ondeando os véus, Surges ao sol em mim, e a <i>nevoa</i> finda: Da <i>nevoa</i> e da saudade quando? Do irmão no mar sem fim e a <i>nevoa</i> escura.	GAM.4 NAU.22 PES.19 NOI.6
ninguém, pron. ind.	Que moro onde nunca <i>ninguem</i> me visse O mar é o mesmo: já <i>ninguem</i> o tema! <i>Ninguem</i> sabe que coisa quer. <i>Ninguem</i> conhece que alma tem,	MOS.15 EPI.3 NEV.7 NEV.8
noite, s.	Na <i>noite</i> escreve um seu Cantar de Amigo Com seu manto de <i>noite</i> e solidão, Desvendadas a <i>noite</i> e a cerração,	DIN.1 IHN.2 HOR.3

Na <i>noite</i> de breu ergueu-se a voar;	MOS.2
De quem é a dança que a <i>noite</i> aterra?	MAG.7
Senhor, a <i>noite</i> veio e a alma é vil.	PRE.1
Da erna <i>noite</i> começou.	IMP.20
<i>Noite</i>	NOI.0
Isto, e o mysterio de que a <i>noite</i> é o fausto...	TOR.5

noivo, s.	Quantas <i>noivas</i> ficaram por casar	MAR.5
------------------	---	-------

nome, s.	Teu <i>nome</i> , eleito em sua fama,	JOI.9
	E este querer grandeza são seu <i>nome</i>	FER.9
	E erguendo, como um <i>nome</i> , alto o pendão	NAU.2
	Senhor, os dois irmãos do nosso <i>Nome</i>	NOI.19

nos, pron. pes.	Sem existir <i>nos</i> bastou.	ULI.8
	E <i>nos</i> criou.	ULI.10
	Dá- <i>nos</i> o exemplo inteiro	AFO.3
	Do mar e nós em ti <i>nos</i> deu signal.	INF.10
	Restam- <i>nos</i> hoje, no silencio hostile	PRE.3
	É a voz de alguem que <i>nos</i> falla,	ILH.3
	Que ella <i>nos</i> diz a esperança	ILH.8
	Foi- <i>nos</i> um céu tambem	VIE.4
	Que inquietação do fundo <i>nos</i> soergue?	TOR.3
	Que <i>nos</i> ouvidos persiste,	CAL.9

nós, pron. pes.	Memoria em <i>nós</i> do instincto teu.	VIR.4
	Vella por <i>nós</i> !	TAR.4
	Volve a <i>nós</i> teu rosto serio,	FIL.5
	Do mar e nós em ti nos deu signal.	INF.10
	Ó mar anterior a <i>nós</i> , teus medos	HOR.1
	Mas a chamma, que a vida em <i>nós</i> creou,	PRE.5
	E com elles de <i>nós</i> se foi	NOI.23
	De <i>nós</i> ; e, em febre de ancia,	NOI.28
	<i>Nós</i> , Portugal, o poder ser.	TOR.2

nosso, adj. pron. pos.	É, na ara da <i>nossa</i> alma interna,	JOI.10
	O que, no <i>nosso</i> encontrar,	COL.4
	Senhor, os dois irmãos do <i>nosso</i> Nome	NOI.19
	<i>Nossa</i> prisão servil:	NOI.26

nosso, pron. poss.	Hoje a vigilia é <i>nossa</i> .	AFO.2
	Para que fosses <i>nosso</i> , ó mar!	MAR.6
	Do mar ou outra, mas que seja <i>nossa</i> !	PRE.12

novo, adj.	<i>Novos</i> inficis vençam,	AFO.6
	Tem aos pés o mar <i>novo</i> e as mortas eras —	IHN.3
	Para teu <i>novo</i> fado!	DES.4
	À Eucharistia Nova.	DES.8
2	A <i>Nova</i> Terra e os <i>Novos</i> Céus?	PES.12

	A madrugada do <i>novo</i> dia, Do <i>novo</i> dia sem acabar;	ANT.3 ANT.4
novo (de), loc. adv.	<i>De novo</i> o cria! Vem, Galaaz com patria, erguer <i>de novo</i> ,	TAR.16 DES.5
Nun', antr.	<i>Nun'</i> Alvares Pereira	NUN.0
nunca, adv. neg.	Pois, venha o que vier, <i>nunca</i> será Que moro onde <i>nunca</i> ninguém me visse E <i>nunca</i> se vê surgindo?	FER.14 MOS.15 CAL.5
nuvem, s.	E ao longe o rastro ruge em <i>nuvens</i> e clarões.	GAM.7
o, pron. dem.	Só <i>o</i> que passa! Só porque lembra <i>o</i> que esqueceu Ou tu, ou <i>o</i> de que eras a haste — <i>O</i> que, imprevisto, Deus fadou A que repelle, eterna chamma, Cheio de Deus, não temo <i>o</i> que virá, Pois, venha <i>o</i> que vier, nunca será Indiferente <i>ao</i> que ha em conseguir Ficou meu ser que houve, não <i>o</i> que ha. Com <i>o</i> que nella ia. E a cruz ao alto diz <i>o</i> que me ha na alma «Quem vem poder <i>o</i> que só eu posso, <i>O</i> que houermos de achar <i>O</i> que, no nosso encontrar Mas <i>o</i> que a elles não toca Fosse a hora que haver ou <i>a</i> que havia É <i>O</i> que eu me sonhei que eterno dura <i>O</i> que faz a alma poder ser de heroe Como <i>o</i> que o fogo-fatuo encerra. Nem <i>o</i> que é mal nem <i>o</i> que é bem.	QUI.4 VIR.2 VIR.7 TAR.7 JOI.11 FER.13 FER.14 PED.3 SEB.5 SEB.7 PAD.13 MOS.14 COL.2 COL.4 COL.7 OCI.5 DES.7 NOI.24 NEV.6 NEV.9
o, pron. pes.	Assim <i>o</i> oppoz à Natureza E Filho <i>o</i> ungiu. E a fecundal- <i>a</i> decorre. Ergueste- <i>a</i> , e fez-se. De novo <i>o</i> cria! De <i>o</i> defender. Inutilmente? Não, porque <i>o</i> cumpri. Qual a Sorte <i>a</i> não dá. Minha loucura, outros que me <i>a</i> tomem Creou- <i>os</i> como quem desdenha. Trez vezes ao leme <i>as</i> reprendeou, O mar é o mesmo: já ninguém <i>o</i> tema! Cingi- <i>lo</i> , dos homens, o primeiro —, Ladeiam- <i>o</i> , ao durar, os medos, hombro a hombro	QUI.11 QUI.12 ULI.13 HEN.8 TAR.16 JOI.8 DUA.6 SEB.2 SEB.6 ALB.10 MOS.20 EPI.3 MAG.11 GAM.6

	Mas Sua luz projecta- <i>o</i> , sonho escuro Demore- <i>a</i> Deus, chame-lhe a alma embora O frio morto em cinzas <i>a</i> occultou: A mão do vento pode erguel- <i>a</i> ainda. Licença de <i>os</i> buscar, e El-Rei negou. Como a um captivo, <i>o</i> ouvem a passar E, quando <i>o</i> vêem, vêem a figura Queremos ir buscal- <i>os</i> , desta vil	NAU.11 NAU.20 PRE.7 PRE.8 NOI.12 NOI.13 NOI.15 NOI.25
ó, interj.	Ó mãe de reis e avó de imperios, Ó mar anterior a nós, teus medos Ó mar salgado, quanto do teu sal Para que fosses nosso, <i>ó</i> mar! Quando virás, <i>ó</i> Encoberto, Ó Portugal, hoje és nevoeiro...	TAR.3 HOR.1 MAR.1 MAR.6 PES.13 NEV.13
obra, s.	Deus quer, o homem sonha, a <i>obra</i> nasce. A alma é divina e a <i>obra</i> é imperfeita. Que, da <i>obra</i> ousada, é minha a parte feita:	INF.1 PAD.5 PAD.7
obscuro, adj.	E a falla dos pinhaes, marulho <i>obscuro</i> ,	DIN.8
obter, vb.	Que seja só <i>obter</i> ;	PED.4
oceano, s.	Busca o <i>oceano</i> por achar; E ao immenso e possível <i>oceano</i>	DIN.7 PAD.9
Occidente, s.	De Oriente a <i>Occidente</i> jaz, fitando, O <i>Occidente</i> , futuro do passado. <i>Occidente</i> A mão que ao <i>Occidente</i> o véu rasgou,	CAS.2 CAS.11 OCI.0 OCI.6
ocultar, vb.	O frio morto em cinzas <i>a occultou</i> :	PRE.7
odio, s.	Suspendem de repente o <i>odio</i> da sua guerra	GAM.2
olhar, s.	Fita, com <i>olhar</i> sphyngico e fatal Teu <i>olhar</i> desce. A fronte com o <i>olhar</i> ;	CAS.10 HEN.6 FER.7
olho, s.	<i>Olhos</i> gregos, lembrando Desce os <i>olhos</i> cansados Tenho meus <i>olhos</i> quentes de agua. Com fixos <i>olhos</i> rasos de ancia	CAS.4 ALB.2 PES.3 NOI.17
onda, s.	Que voz vem no som das <i>ondas</i> Que costa é que as <i>ondas</i> contam O que é que as <i>ondas</i> encontram	ILH.1 CAL.1 CAL.4

onde, pron. rel.	Aquelle diz Italia <i>onde</i> é pousado;	CAS.7
	Este diz Inglaterra <i>onde</i> , afastado	CAS.8
	<i>Onde</i> estás e não ha o dia.	TAR.14
	Porisso <i>onde</i> o areal está	SEB.4
	Em arvores <i>onde</i> o Longe nada tinha;	HOR.9
	<i>Onde</i> era só, de longe a abstracta linha.	HOR.12
	«De quem são as velas <i>onde</i> me roço?	MOS.10
	Que moro <i>onde</i> nunca ninguém me visse	MOS.15
	E pasmam. Pelo valle <i>onde</i> se ascende aos céus	GAM.3
	Em baixo, <i>onde</i> a terra é, o pastor gela, e a flauta	GAM.8
	Para <i>onde</i> vae toda edade.	IMP.23
	<i>Onde</i> o Rei mora esperando.	ILH.13
	Mas subito, <i>onde</i> o vento ruge,	TOR.6
	À praia <i>onde</i> o mar insiste,	CAL.13
	Aqui, <i>onde</i> ha só sargaço,	CAL.18
onde, adv. int.	<i>Onde</i> é que está existindo?	CAL.7
onde quer que, loc. adv.	<i>Onde quer que</i> , entre sombras e dizeres,	DES.1
ondear, vb.	Surge um silencio, e vae, da nevoa <i>ondeando</i> os véus,	GAM.4
ondular, vb.	De Imperio, <i>ondulam</i> sem se poder ver.	DIN.5
opôr, vb.	Assim o <i>oppoz</i> à Natureza	QUI.11
Oriente, s.	De <i>Oriente</i> a Occidente jaz, fitando,	CAS.2
orla, s.	O inteiro mar, ou a <i>orla</i> vã desfeita — E a <i>orla</i> branca foi de ilha em continente,	JOA.7 INF.5
ou, conj.	2 <i>Ou</i> tu, <i>ou</i> o de que eras a haste —	VIR.7
	O inteiro mar, <i>ou</i> a orla vã desfeita —	JOA.7
	O todo, <i>ou</i> o seu nada.	JOA.8
	Não pensa em vida <i>ou</i> morte,	ALB.4
	Que o mar com fim será grego <i>ou</i> romano	PAD.11
	Foi achado, <i>ou</i> não achado,	COL.5
	Fosse a hora que haver <i>ou</i> a que havia	OCI.5
	2 Fosse Acaso, <i>ou</i> Vontade, <i>ou</i> Temporal	OCI.9
	E em mim, num mar que não tem tempo <i>ou</i> espaço,	NAU.16
	2 Dá o sopro, a aragem — <i>ou</i> desgraça <i>ou</i> ancia	PRE.9
	Do mar <i>ou</i> outra, mas que seja nossa!	PRE.12
ousadia, s.	Foi alma a Sciencia e corpo a <i>Ousadia</i>	OCI.7
ousar, vb.	Que, da <i>obra</i> ousada, é minha a parte feita: E disse: «Quem é que <i>ousou</i> entrar	PAD.7 MOS.5
ousado, adj.	Dançam, nem sabem que a alma <i>ousada</i>	MAG.13

outro, adj. pron. dem.	Dê tua prece <i>outro</i> destino A <i>Outra</i> Asa do Grifo E <i>outra</i> vez conquistemos a Distancia — Que dêem para <i>outro</i> lado,	TAR.9 ALB.0 PRE.11 CAL.16
outro, pron. dem.	Minha loucura, <i>outros</i> que me a tomem <i>Outros</i> haverão de ter <i>Outros</i> poderão achar E a <i>outra</i> afasta o véu. Do mar ou <i>outra</i> , mas que seja nossa!	SEB.6 COL.1 COL.3 OCI.4 PRE.12
outrora, adv. tem.	E foi <i>outrora</i> Senhor do Mar.	ANT.14
ouvido, s.	Que nos <i>ouvidos</i> persiste,	CAL.9
ouvir, vb.	E <i>ouve</i> um silencio murmuro comsigo: De quem são as quilhas que vejo e <i>ouço?</i> » 2 Sem saber de <i>ouvir</i> <i>ouvimos</i> , Como a um captivo, o <i>ouvem</i> a passar	DIN.3 MOS.11 ILH.7 NOI.13
padrão, s.	<i>Padrão</i> Este <i>padrão</i> ao pé do arcal moreno Este <i>padrão</i> signala ao vento e aos céus	PAD.0 PAD.3 PAD.6
pae, s.	<i>Pae</i> , foste cavalleiro. Porque é do portuguez, <i>pae</i> de amplos mares,	AFO.1 JOA.5
paiz, s.	De pé, sobre os <i>paizes</i> conquistados O <i>paiz</i> afortunado	ALB.1 CAL.20
palavra, s.	Fiel à <i>palavra</i> dada e à idéa tida.	PED.11
par, s.	Entre tão grandes almas minhas <i>pares</i> ,	JOA.2
para, prep.	<i>Para</i> a estrada se ver! <i>Para</i> o intervallo em que esteja a alma immersa <i>Para</i> onde vai toda idade. <i>Para</i> teu novo fado! <i>Para</i> a vista não existe. Que dêem <i>para</i> outro lado,	NUN.12 DSB.3 IMP.23 DES.4 CAL.10 CAL.16
para deante, loc. adv.	E <i>para deante</i> naveguei.	PAD.4
para que, conj. fin.	<i>Para que</i> fosses nosso, ó mar!	MAR.6
parado, vb.	Virgemmente <i>parada</i> ;	JOA.4
parecer, vb.	<i>Parece</i> em promontorio uma alta serra — E <i>parece</i> temer o mundo vario	JIL.2 JIL.7

parte, s.	Que, da obra ousada, é minha a <i>parte</i> feita:	PAD.7
partir, s.	Mas Deus não dá licença que <i>partamos</i> .	NOI.30
passar, vb.	E <i>passam</i> . Pelo valle onde se ascende aos céus	GAM.3
passado, s.	O Occidente, futuro do <i>passado</i> .	CAS.11
passar, vb.	Só o que <i>passa</i> ! Às horas em que um frio vento <i>passa</i> As tormentas <i>passadas</i> e o mysterio, Quem quer <i>passar</i> além do Bojador Tem que <i>passar</i> além da dor. E assim, <i>passados</i> os quatro Como a um captivo, o ouvem a <i>passar</i>	QUI.4 FER.4 HOR.4 MAR.9 MAR.10 IMP.16 NOI.13
passo, s.	Sob o seu <i>passo</i> fundo	ALB.8
pastor, s.	Em baixo, onde a terra é, o <i>pastor</i> gela, e a flauta	GAM.8
patria, s.	Vem, Galaaz com <i>patria</i> , erguer de novo, Do mar ignoto à <i>patria</i> por quem dera	DES.5 NOI.9
paz, s.	Mestre da <i>Paz</i> , ergue teu gladio ungido, Nem rei nem lei, nem <i>paz</i> nem guerra,	DES.9 NEV.1
pé, s.	Tem aos <i>pés</i> o mar novo e as mortas eras —	IHN.3
pedir, vb.	O segundo <i>pediu</i> licença ao Rei	NOI.3
Pedro, antr.	D. <i>Pedro</i> : Regente de Portugal	PED.0
pena, s.	2 Valeu a <i>pena</i> ? Tudo vale a <i>pena</i>	MAR.7
pendão, s.	E erguendo, como um nome, alto o <i>pendão</i> A mesma, e trazes o <i>pendão</i> ainda	NAU.2 NAU.23
penitente, adj.	A alma <i>penitente</i> do teu povo	DES.7
pensar, vb.	Claro em <i>pensar</i> , e claro em sentir, Não <i>pensa</i> em vida ou morte, Só te sentir e te <i>pensar</i>	PED.1 ALB.4 PES.5
pequeno, adj.	O exforço é grande e o homem é <i>pequeno</i> . Jaz aqui, na <i>pequena</i> praia extrema, Se a alma não é <i>pequena</i> .	PAD.1 EPI.1 MAR.8
perder, vb.	Faz que o ar alto <i>perca</i> O que houvermos de <i>perder</i> .	NUN.3 COL.2

	Indo <i>perder-se</i> na escuridão.	MAG.6
	Indo <i>perder-se</i> nos horizontes,	MAG.22
	A nau de um d'elles tinha-se <i>perdido</i>	NOI.1
Pereira, antr.	Nun' Alvares <i>Pereira</i>	NUN.0
perfil, s.	Define com <i>perfil</i> e ser	NEV.2
perigo, s.	Deus ao mar o <i>perigo</i> e o abysmo deu,	MAR.11
persistir, vb.	Que nos ouvidos <i>persiste</i> ,	CAL.9
perto, adv. lug.	Mais <i>perto</i> , abre-se a terra em sons e cores: (Que ancia distante <i>perto</i> chora?)	HOR.10 NEV.10
pinhal, s.	É o rumor dos <i>pinhaes</i> que, como um trigo E a falla dos <i>pinhaes</i> marulho obscuro,	DIN.4 DIN.8
plantador, s.	O <i>plantador</i> de naus a haver,	DIN.2
plebeu, s.	E <i>plebeu</i> como Jesus Christo.	BAN.4
pó, s.	O mais é carne, cujo <i>pó</i>	JOI.3
poder, vb.	De Imperio, ondulam sem se <i>poder</i> ver. Não me <i>podia</i> a Sorte dar guarida Querer, <i>poder</i> só isto: O mar que <i>possa</i> haver além da terra. <i>Póde</i> , que o querer tanto 2 «Quem vem <i>poder</i> o que só eu <i>posso</i> , Outros <i>poderão</i> achar A mão do vento <i>póde</i> erguel-a ainda. O que faz a alma <i>poder</i> ser de heroe. Nós, Portugal, o <i>poder</i> ser. O desejar <i>poder</i> querer. E se não <i>póde</i> encontrar <i>Póde</i> encontrar o caminho	DIN.5 PED.7 JOA.6 JII.4 ALB.6 MOS.14 COL.3 PRE.8 NOI.24 TOR.2 TOR.4 CAL.2 CAL.12
poder, s.	O <i>Poder</i> e o Renome —	NOI.20
poderoso, adj.	Tão <i>poderoso</i> que não quer o quanto	ALB.5
pois,conj. cond.	<i>Pois</i> , venha o que vier, nunca será	FER.14
pôr, vb.	A Europa jaz, <i>posta</i> nos cotovellos: <i>Poz-me</i> as mãos sobre os hombros e doirou-me	CAS.1 FER.6
por, prep.	Foi <i>por</i> não ser existindo. <i>Por</i> não ter vindo foi vindo Vella <i>por</i> nós!	ULI.7 ULI.9 TAR.4

	<i>Por</i> elle resal!	TAR.8
	Busca o oceano <i>por</i> achar;	DIN.7
	É a voz da terra anciando <i>pelo</i> mar.	DIN.10
	<i>Por</i> sobre a fria terra.	FER.5
	<i>Por</i> não ser eu dos seus.	PED.8
	O <i>por</i> -fazer é só com Deus.	PAD.8
	O porto sempre <i>por</i> achar.	PAD.16
	<i>Por</i> uma luz emprestada.	COL.12
	Subitamente <i>pelas</i> encostas,	MAG.5
	Galgam do valle <i>pelas</i> encostas	MAG.23
	E pasmam. <i>Pelo</i> valle onde se ascende aos céus	GAM.3
	<i>Por</i> te cruzarmos, quantas mães choraram,	MAR.3
	Quantas noivas ficaram <i>por</i> casar	MAR.5
	Ter <i>por</i> vida a sepultura.	IMP.10
	<i>Pela</i> visão que a alma tem!	IMP.15
	<i>Por</i> ter havido escutar.	ILH.5
	O Imperio <i>por</i> Deus mesmo visto,	BAN.2
	Do mar ignoto à patria <i>por</i> quem dera	NOI.9
	Ambos se foram <i>pelo</i> mar da idade	NOI.21
	<i>Por</i> mais naus que haja no mar?	CAL.3
por fim, loc. adv.	Na praia ao longe <i>por fim</i> sepulto.	MAG.12
porisso, conj.	<i>Porisso</i> onde o areal está	SEB.4
	E <i>porisso</i> a sua gloria	COL.10
porque, conj. caus.	Ai dos felizes, <i>porque</i> são	QUI.3
	Só <i>porque</i> lembra o que esqueceu,	VIR.2
	Nação <i>porque</i> reincarnaste,	VIR.5
	Povo <i>porque</i> ressuscitou	VIR.6
	Inutilmente? Não, <i>porque</i> o cumpri.	DUA.6
	<i>Porque</i> é do portuguez, pac de amplos mares,	JOA.5
	Louco, sim, louco, <i>porque</i> quiz grandeza	SEB.1
	Vive <i>porque</i> a vida dura.	IMP.7
porque, conj. fin.	Vivemos, raça, <i>porque</i> houvesse	VIR.3
	Deu-me Deus o seu gladio <i>porque</i> eu faça	FER.1
porto, s.	O <i>porto</i> sempre por achar.	PAD.16
Portugal, topon.	O rosto com que fita é <i>Portugal</i> .	CAS.12
	Assim se <i>Portugal</i> formou.	VIR.8
	Que <i>Portugal</i> foi feito ser,	JOI.6
	Madrinha de <i>Portugal</i> !	FIL.8
	Dom Duarte: Rei de <i>Portugal</i>	DUA.0
	Dom Pedro: Regente de <i>Portugal</i>	PED.0
	D. João: Infante de <i>Portugal</i>	JOA.0
	Dom Sebastião: Rei de <i>Portugal</i>	SEB.0
	S. <i>Portugal</i> em ser,	NUN.10

	Senhor, falta cumprir-se <i>Portugal!</i> Foi Deus a alma e o corpo <i>Portugal</i> São lágrimas de <i>Portugal!</i> Não portuguez mas <i>Portugal</i> . Nós, <i>Portugal</i> , o poder ser. Que é <i>Portugal</i> a entristecer — Ó <i>Portugal</i> , hoje és nevocairo...	INF.12 OCI.11 MAR.2 BAN.8 TOR.2 NEV.4 NEV.13
portuguez, s.	Porque é do portuguez, pae de amplos mares	JOA.5
portuguez, adj.	Quem te sagrou creou-te portuguez. O mar sem fim é portuguez. Mar <i>Portuguez</i> Não portuguez mas <i>Portugal</i> . Imperador da lingua <i>portuguesa</i> , Sonho das eras portuguez,	INF.9 PAD.12 MAR.0 BAN.8 VIE.3 PES.14
possível, adj.	E ao immenso e <i>possivel</i> oceano	PAD.9
pousar, vb.	Aquelle diz Italia onde é <i>pousado</i> ;	CAS.7
povo, s.	<i>Povo</i> porque ressuscitou Sou um <i>Povo</i> que quer o mar que é teu; Ah, quanto mais ao <i>povo</i> a alma falta, A alma penitente do teu <i>povo</i>	VIR.6 MOS.23 NAU.13 DES.7
praia, s.	Tinham coral e <i>praia</i> s e arvoredos A arvore, a <i>praia</i> , a flor, a ave, a fonte — Jaz aqui, na pequena <i>praia</i> extrema, Na <i>praia</i> ao longe por fim sepulto. À <i>praia</i> onde o mar insiste,	HOR.2 HOR.17 EPI.1 MAG.12 CAL.13
praia, vb.	Este som de o mar <i>praia</i> r	CAL.6
prece, s.	Dê tua <i>prece</i> outro destino <i>Prece</i>	TAR.9 PRE.0
preceder, vb.	Luz que <i>precede</i> a madrugada,	VIR.10
prenuncio, s.	Surge, <i>prenuncio</i> claro do luar,	VIE.
presente, adj.	É o som <i>presente</i> d'esse mar futuro, Enche de estar <i>presente</i> o mar e o céu.	DIN.9 JII.6
pressago, adj.	Erma, e entre choros de ancia e de <i>pressago</i>	NAU.5
primeiro, num.	Dom João O <i>Primeiro</i> Cingil-o, dos homens, o <i>primeiro</i> —, Tempo foi. Nem <i>primeiro</i> nem segundo	JOI.0 MAG.11 NOI.7

primeiro, adv.	<i>Primeiro</i> um movimento e depois um assombro.	GAM.5
princeza, s.	<i>Princeza</i> do Santo Gral,	FIL.6
prisão, s.	Nossa <i>prisão</i> servil:	NOI.26
procriar, vb.	Cadaver addiado que <i>procria</i> ?	SEB.10
procura, s.	Da descoberta, ir em <i>procura</i>	NOI.5
procurar, vb.	Vcio das trevas a <i>procurar</i>	ANT.2
profundo, adj.	Surgir, redonda, do azul <i>profundo</i> . Volveu do fim <i>profundo</i>	INF.8 NOI.8
proibir, vb.	Fitando a <i>proibida</i> azul distancia	NOI.18
projectar, vb.	Mas sua luz <i>projecta</i> -o, sonho escuro	NAU.11
promontorio, s.	Parece em <i>promontorio</i> uma alta serra —	JII.2
prova, s.	Mas já no auge da suprema <i>prova</i> ,	DES.6
proximo, adj.	Ilha <i>proxima</i> e remota,	CAL.8
pulso, s.	<i>Pulso</i> sem corpo ao leme a guiar	MAG.15
puro, adj.	Arroio, esse cantar, jovem e <i>puro</i> ,	DIN.6
qual, conj.	<i>Qual</i> a Sorte a não dá.	SEB.2
quando, conj.	Os Deuses vendem <i>quando</i> dão. <i>Quando</i> Deus faz e a historia é feita. <i>Quando</i> a nau se approxima ergue-se a encosta Mas <i>quando</i> quererás voltar? 2 <i>Quando</i> é o Rei? <i>Quando</i> é a Hora? <i>Quando</i> virás a ser o Christo <i>Quando</i> virás, ó Encoberto, Ah, <i>quando</i> quererás, voltando, Da nevoa e da saudade <i>quando</i> ? <i>Quando</i> , meu Sonho e meu Senhor? E, <i>quando</i> o vêem, vêem a figura	QUI.1 JOI.2 HOR.8 PES.7 PES.8 PES.9 PES.13 PES.17 PES.19 PES.20 NOI.15
quanto, pron.	Tão poderoso que não quer o <i>quanto</i> Ó mar salgado, <i>quanto</i> do teu sal Por te cruzarmos, <i>quantas</i> mães choraram, <i>Quanto</i> filhos em vão resaram! <i>Quantas</i> noivas ficaram por casar Ah, <i>quanto</i> mais ao povo a alma falta,	ALB.5 MAR.1 MAR.3 MAR.4 MAR.5 NAU.13

quatro, num.

E assim, passados os *quatro*
Europa — os *quatro* se vão

IMP.16
IMP.22

que, pron. rel.

- A mão sustenta, em *que* se apoia o rosto.
O rosto com *que* fita é Portugal.
Só o *que* passa!
Baste a quem baste o *que* lhe basta
O mytho é o nada *que* é tudo.
O mesmo sol *que* abre os céus
Este, *que* aqui aportou,
Se a alma *que* sente e faz conhece
Só porque lembra o *que* esqueceu,
Ou tu, ou o de *que* eras a haste —
Luz *que* precede a madrugada,
O *que*, imprevisto, Deus fadou.
O homem *que* foi o teu menino
Dá, contra a hora em *que*, errada
É o rumor dos pinhaes *que*, como um trigo
Que Portugal foi feito ser,
Que houveste a gloria e déste o exemplo
A *que* repelle, eterna chamma
Que só genios concebia
Às horas em *que* um frio vento passa
E esta febre de Além, *que* me consome,
Cheio de Deus, não temo o *que* virá,
Pois, venha o *que* vier, nunca será
Indifferente ao *que* ha em conseguir
Que seja só obter;
- 2 Ficou meu ser *que* houve, não o *que* ha.
Minha loucura, outros *que* me a tomem
Com o *que* nella ia.
Cadaver addiado *que* procria?
É a espada *que*, volteando,
Mas *que* espada é *que*, erguida
Que o Rei Arthur te deu.
O unico imperador *que* tem, deveras,
O mar *que* possa haver além da terra.
Ensinam estas Quinas, *que* aqui vês,
O mostrengo *que* está no fim do mar
Nas minhas cavernas *que* não desvendo,
De *quem* são as quilhas *que* vejo e ouço?»
«Quem vem poder o *que* só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
- 2 Sou um Povo *que* quer o mar *que* é teu;
E mais *que* o mostrengo, *que* me a alma teme
Manda a vontade, *que* me ata ao leme,
O *que* houvermos de perder.
O *que*, no nosso encontrar,
Mas o *que* a elles não toca

CAS.9
CAS.12
QUI.4
QUI.5
ULI.1
ULI.2
ULI.6
VIR.1
VIR.2
VIR.7
VIR.10
TAR.7
TAR.11
AFO.5
DIN.4
JOL.6
JOL.7
JOL.11
FIL.2
FER.4
FER.8
FER.13
FER.14
PED.3
PED.4
SEB.5
SEB.6
SEB.7
SEB.10
NUN.2
NUN.5
NUN.8
IHN.4
JIL.4
PAD.10
MOS.1
MOS.6
MOS.11
MOS.14
MOS.15
MOS.23
MOS.24
MOS.26
COL.2
COL.4
COL.7

	É a Magia <i>que</i> evoca	COL.8
2	Fosse a hora <i>que</i> haver ou a <i>que</i> havia	OCI.5
	A mão <i>que</i> ao Occidente o véu rasgou,	OCI.6
	Da mão <i>que</i> desvendou.	OCI.8
2	A mão <i>que</i> ergueu o facho <i>que</i> luziu,	OCI.10
	Da mão <i>que</i> o conduziu.	OCI.12
	De quem é a dança <i>que</i> a noite aterra?	MAG.7
	<i>Que</i> dançam da morte do marinheiro	MAG.9
	<i>Que</i> quis cingir o materno vulto —	MAG.10
	<i>Que</i> até ausente soube cercar	MAG.17
	Não voltou mais. A <i>que</i> ilha indescoberta	NAU.7
	<i>Que</i> teve?	NAU.9
	E em mim, num mar <i>que</i> não tem tempo ou spaço,	NAU.16
	<i>Que</i> torna.	NAU.18
	Mas a chamma, <i>que</i> a vida em nós creou,	PRE.5
	Com <i>que</i> a chamma do exforço se remoça,	PRE.10
	<i>Que</i> Deus concede aos seus	DSB.2
	Para o intervallo em <i>que</i> esteja a alma imersa	DSB.3
	Em sonhos <i>que</i> são Deus.	DSB.4
	É O <i>que</i> eu me sonhei <i>que</i> eterno dura,	DSB.7
	É Esse <i>que</i> regressarei.	DSB.8
	No tempo <i>que</i> em eras vem.	IMP.12
	Pela visão <i>que</i> a alma tem!	IMP.15
	Tempos do ser <i>que</i> sonhou,	IMP.17
	Do dia claro, <i>que</i> no atro	IMP.19
	<i>Que</i> não é a voz do mar?	ILH.2
	É a voz de alguém <i>que</i> nos falla,	ILH.3
	Mas <i>que</i> , se escutamos, cala,	ILH.4
	A <i>que</i> , como uma criança	ILH.9
	A Vida, <i>que</i> é a Rosa.	ENC.4
	Na Cruz, <i>que</i> é o Destino,	ENC.7
	A Rosa, <i>que</i> é o Christo.	ENC.8
	Este, <i>que</i> teve a fama e à gloria tem,	VIE.2
	Meu coração não tem <i>que</i> ter.	PES.2
	E a despertar do mal <i>que</i> existo	PES.11
	De um grande ancio <i>que</i> Deus fez?	PES.16
	O enigma <i>que</i> fizera.	NOI.10
	O <i>que</i> faz a alma poder ser de heroe.	NOI.24
	<i>Que</i> jaz no abysmo sob o mar <i>que</i> se ergue?	TOR.1
	<i>Que</i> inquietação do fundo nos soergue?	TOR.3
	Isto, e o mysterio de <i>que</i> a noite é o fausto	TOR.5
	Por mais naus <i>que</i> haja no mar?	CAL.3
	O <i>que</i> é <i>que</i> as ondas encontram	CAL.4
	<i>Que</i> nos ouvidos persiste,	CAL.9
	<i>Que</i> dêem para outro lado,	CAL.16
	E <i>que</i> , um d'elles encontrado,	CAL.17
	<i>Que</i> guarda o Rei desterrado	CAL.21
	O mostrengo <i>que</i> está no fim do mar	ANT.1
	<i>Que</i> desvendou o Segundo Mundo,	ANT.6

	<i>Que</i> seu senhor veio aqui buscar.	ANT.11
	<i>Que</i> veio aqui seu senhor chamar —	ANT.12
	Chamar Aquelle <i>que</i> está dormindo	ANT.13
	<i>Que</i> é Portugal a entristecer —	NEV.4
	Como o <i>que</i> o fogo-fatuo encerra.	NEV.6
2	Nem o <i>que</i> é mal nem o <i>que</i> é bem	NEV.9
que, loc.	<i>Que</i> Deus ao Christo definiu:	QUI.10
	E disse: «Quem <i>é que</i> ousou entrar	MOS.5
	Mas nelle <i>é que</i> espelhou o céu.	MAR.12
	O <i>que é que</i> as ondas encontram	CAL.4
	Onde <i>é que</i> está existindo?	CAL.7
	E disse: «Quem <i>é que</i> dorme a lembrar	ANT.5
que, conj.	Maior do <i>que</i> a minha alma.	FER.15
	Mais <i>que</i> a besta sadia,	SEB.9
	Faz <i>que</i> o ar alto perca	NUN.3
	<i>Que</i> elle abra os braços e lhe rasgue o véu.	JIL.8
	Tão poderoso <i>que</i> não quer o quanto	ALB.5
	Póde, <i>que</i> o querer tanto	ALB.6
	Calcára mais do <i>que</i> o submisso mundo	ALB.7
	Deus quiz <i>que</i> a terra fosse toda uma,	INF.2
	<i>Que</i> o mar unisse, já não separasse.	INF.3
	<i>Que</i> , da obra ousada, <i>é</i> minha a parte feita:	PAD.7
	<i>Que</i> o mar com fim será grego ou romano	PAD.11
	E a Cruz ao alto diz <i>que</i> o <i>que</i> me ha na alma	PAD.13
	«Aqui ao leme sou mais do <i>que</i> eu:	MOS.22
	E mais <i>que</i> o mostrengo, que me a alma teme	MOS.24
	Dançam, nem sabem <i>que</i> a alma ousada	MAG.13
	Tem <i>que</i> passar além da dor.	MAR.10
	Não sei a hora, mas sei <i>que</i> ha a hora,	NAU.19
	Do mar ou outra, mas <i>que</i> seja nossa!	PRE.12
	Sem <i>que</i> um sonho, no erguer de asa,	IMP.3
	Mais <i>que</i> a lição da raiz —	IMP.9
	<i>Que</i> as forças cegas se domem	IMP.14
	<i>Que</i> morreu D. Sebastião?	IMP.25
	<i>Que</i> sua Luz ao mundo dividido	DES.11
	<i>Que</i> ella nos diz a esperança	ILH.8
	Tornar-me mais <i>que</i> o sopro incerto	PES.15
	Mas Deus não dá licença <i>que</i> partamos.	NOI.30
que, pron. int.	« <i>Que</i> farei eu com esta espada?»	HEN.7
	<i>Que</i> enigma havia em teu seio	FIL.1
	<i>Que</i> archanjo teus sonhos veio	FIL.3
	Sem a loucura <i>que</i> é o homem	SEB.8
	<i>Que</i> aureola te cerca?	NUN.1
	Mas <i>que</i> espada é <i>que</i> , erguida,	NUN.5
	<i>Que</i> importa o arcal e a morte e a desventura?	DSB.5
	<i>Que</i> voz vem no som das ondas	ILH.1

	<i>Que symbolo fecundo</i>	ENC.1
	<i>Que symbolo divino</i>	ENC.5
	<i>Que symbolo final</i>	ENC.9
	<i>Que costa é que as ondas contam</i>	CAL.1
	<i>O que é que as ondas encontram</i>	CAL.4
3	<i>Que nau, que armada, que frota</i>	CAL.11
	<i>Ninguém sabe que coisa quer.</i>	NEV.7
	<i>Ninguém conhece que alma tem,</i>	NEV.8
2	<i>Nem o que é mal nem o que é bem.</i>	NEV.9
	<i>(Que ancia distante perto chora?)</i>	NEV.10
quem, pron. rel	Baste a <i>quem</i> baste o que lhe basta	QUI.5
	A <i>quem</i> fadou o instinto teu!	TAR.10
	Creou-os como <i>quem</i> desdenha.	ALB.10
	<i>Quem</i> te sagrou criou-te portuguez.	INF.9
	<i>Quem</i> quer passar além do Bojador	MAR.9
	Triste de <i>quem</i> vive em casa,	IMP.1
	Triste de <i>quem</i> é feliz!	IMP.6
	De a <i>quem</i> morreu o falso Deus,	PES.10
	Do mar ignoto à patria por <i>quem</i> dera	NOI.9
	É a busca de <i>quem</i> somos, na distancia	NOI.27
quem, pron. int.	E disse: « <i>Quem</i> é que ousou entrar	MOS.5
	«De <i>quem</i> são as velas onde me roço?	MOS.10
	De <i>quem</i> são as quilhas que vejo e ouço?»	MOS.11
	« <i>Quem</i> vem poder o que só eu posso,	MOS.14
	De <i>quem</i> é a dança que a noite aterra?	MAG.7
	<i>Quem</i> vem viver a verdade	IMP.24
	E disse: « <i>Quem</i> é que dorme a lembrar	ANT.5
quente, adj.	Tenho meus olhos <i>quentes</i> de agua.	PES.3
querer, vb.	E este <i>querer</i> grandeza são seu nome	FER.9
	É claro no <i>querer</i> ;	PED.2
	<i>Querer</i> , poder só isto:	JOA.6
	Louco, sim, louco, porque <i>quiz</i> grandeza	SEB.1
	Tão poderoso que não <i>quer</i> o quanto	ALB.5
	Póde, que o <i>querer</i> tanto	ALB.6
	Deus <i>quer</i> , o homem sonha, a obra nasce	INF.1
	Deus <i>quiz</i> que a terra fosse toda uma,	INF.2
	Sou um Povo que <i>quer</i> o mar que é teu;	MOS.23
	Que <i>quiz</i> cingir o materno vulto —	MAG.10
	Quem <i>quer</i> passar além do Bojador	MAR.9
	Mas quando <i>quererás</i> voltar?	PES.7
	Ah, quando <i>quererás</i> , voltando,	PES.17
[querer, vb.]	<i>Queremos</i> ir buscal-os, desta vil	NOI.25
	O desejar poder <i>querer</i> .	TOR.4
	Ninguém sabe que coisa <i>quer</i> .	NEV.7

quilhas, s.	De quem são as <i>quilhas</i> que vejo e ouço?»	MOS.11
quinas, s.	O Das <i>Quinas</i> Ensinam estas <i>Quinas</i> , que aqui vês,	QUI.0 PAD.10
Quinto Imperio, s.	O <i>Quinto Imperio</i> A madrugada irreal do <i>Quinto Imperio</i>	IMP.0 VIE.11
raça, s.	Vivemos, <i>raça</i> , porque houvesse	VIR.3
raiz, s.	Mais que a lição da <i>raiz</i> —	IMP.9
rasgar, vb.	Que elle abra os braços e lhe <i>rasgue</i> o véu A mão que ao Occidente o véu <i>rasgou</i> ,	JIL.8 OCI.6
raso, adj.	Com fixos olhos <i>rasos</i> de ancia	NOI.17
rastro, s.	E ao longe o <i>rastro</i> ruga em nuvens e clarões.	GAM..7
realidade, s.	A entrar na <i>realidade</i> ,	ULI.12
recuar, vb.	O cotovello esquerdo é <i>recuado</i> ;	CAS.5
redondo, adj.	Surgir, <i>redonda</i> , do azul profundo.	INF.8
reincarnar, vb.	Nação porque reincarnaste,	VIR.5
regente, s.	Dom Pedro: Regente de Portugal	PED.0
regra, s.	A <i>regra</i> de ser Rei almou meu ser,	DUA.2
regressar, vb.	É Esse que <i>regressarei</i> .	DSB.8
rei, s.	Ó mãe de <i>reis</i> e avó de imperios, Dom Duarte: <i>Rei</i> de Portugal A regra de ser <i>Rei</i> almou meu ser, Dom Sebastião: <i>Rei</i> de Portugal Que o <i>Rei</i> Arthur te deu. «El- <i>Rei</i> D. João Segundo!» «El- <i>Rei</i> D. João Segundo!» «De El <i>Rei</i> D. João Segundo!» Levando a bordo El- <i>Rei</i> D, Sebastião, Onde o <i>Rei</i> mora esperando. Quando é o <i>Rei</i> ? Quando é a Hora? O segundo pediu licença ao <i>Rei</i> Então o terceiro a El- <i>Rei</i> rogou Licença de os ir buscar, e El- <i>Rei</i> negou. Que guarda o <i>Rei</i> desterrado Nem <i>rei</i> nem lei, nem paz nem guerra,	TAR.3 DUA.0 DUA.2 SEB.0 NUN.8 MOS.9 MOS.18 MOS.27 NAU.1 ILH.13 PES.8 NOI.3 NOI.11 NOI.12 CAL.21 NEV.1

relampago, s.	O <i>relampago</i> , pharol de Deus, um hausto	TOR.7
remoçar, vb.	Com que a chamma do exforço se remoça,	PRE.10
remoto, adj.	Jazas <i>remoto</i> , sente-te sonhado,	DES.2
renome, s.	O Poder e o <i>Renome</i> —	NOI.20
repellir, vb.	A que <i>repelle</i> , eterna chamma	JOI.11
reprender, vb.	Trez vezes ao leme as <i>reprende</i> u,	MOS.20
ressuscitar, vb.	Povo porque <i>ressuscitou</i>	VIR.6
restar, vb.	<i>Restam-nos</i> hoje, no silencio hostil,	PRE.3
resto, s.	As naus no <i>resto</i> do fim do espaço:	MAG.16
revelar, vb.	<i>Revele</i> o Santo Gral!	DES.12
resar, vb.	Por ele <i>resa</i> ! Quantos filhos em vão <i>resaram</i> !	TAR.8 MAR.4
roçar, vb.	«De quem são as velas onde me <i>roço</i> ?	MOS.10
roda, s.	À <i>roda</i> da nau voou trez vezes,	MOS.3
rodar, vb.	Disse o mostrengo, e <i>rodou</i> trez vezes, Trez vezes <i>rodou</i> immundo e grosso, E <i>roda</i> nas trevas do fim do mundo, E o som na treva de elle <i>rodar</i> <i>Rodou</i> e foi-se o mostrengo servo	MOS.12 MOS.13 MOS.25 ANT.8 ANT.10
rogar, vb.	Então o terceiro a El-Rei <i>rogou</i>	NOI.11
Roma, topon.	Grecia, <i>Roma</i> , Christandade,	IMP.21
romano, adj.	Que o mar com fim será grego ou <i>romano</i>	PAD.11
romantico, adj.	E toldam-lhe romanticos cabellos	CAS.3
rosa, s.	A Vida, que é a <i>Rosa</i> . A <i>Rosa</i> , que é Christo. A <i>Rosa</i> do Encoberto.	ENC.4 ENC.8 ENC.12
rosto, s.	A mão sustenta, em que se appoia o <i>rosto</i> . O <i>rosto</i> com que fita é Portugal. Volve a nós teu <i>rosto</i> serio	CAS.9 CAS.12 FIL.5
rubro, adj.	Faça até mais <i>rubra</i> a brasa	IMP.4

rugir, vb.	E ao longe o rasto <i>ruge</i> em nuvens e clarões. Mas subito, onde o vento <i>ruge</i> ,	GAM.7 TOR.6
rumor, s.	É o <i>rumor</i> dos pinhaes que, como um trigo	DIN.4
saber, vb.	Mestre, sem o <i>saber</i> , do Templo Dançam, nem <i>sabem</i> que a alma ousada Que até ausente <i>soube</i> cercar O <i>sabem</i> , e dançam na solidão; 2 Não <i>sei</i> a hora, mas <i>sei</i> que ha a hora, Sem <i>saber</i> de ouvir ouvimos, Ninguem <i>sabe</i> que coisa qucr.	JOI.5 MAG.13 MAG.17 MAG.20 NAU.19 ILH.7 NEV.7
sacudir, vb.	Uma dança <i>sacode</i> a terra inteira	MAG.2
sadio, adj.	Mais que a besta <i>sadia</i> ,	SEB.9
sagrar, vb.	<i>Sagrou</i> -me seu em honra e em desgraça Quem te <i>sagrou</i> creou-te portuguez Mas Deus <i>sagrou</i> com Seu signal	FER.3 INF.9 BAN.6
sal, s.	Ó mar <i>salgado</i> , quanto do teu <i>sal</i>	MAR.1
salgado, adj.	Ó mar <i>salgado</i> , quanto do teu <i>sal</i>	MAR.1
santo, adj.	A sua <i>santa</i> guerra. Princeza do <i>Santo</i> Gral, S. Portugal em ser, Revelle o <i>Santo</i> Gral!	FER.2 FIL.6 NUN.10 DES.12
santo, s.	Não foi nem <i>santo</i> nem heroe,	BAN.5
sargaço, s.	Aqui onde ha só <i>sargaço</i> ,	CAL.18
saudade, s.	O mar universal e a <i>saüdade</i> . Da nevoa e da <i>saudade</i> quando?	PRE.4 PES.19
Sciencia	Foi alma a <i>Sciencia</i> e o corpo a Ousadia	OCL.7
se, pron.	A mão sustenta, em que <i>se</i> appoia o rosto. Assim a lenda <i>se</i> escorre De Imperio, ondulam sem <i>se</i> poder ver Senhor, falta cumprir- <i>se</i> Portugal! Quando a nau <i>se</i> approxima ergue- <i>se</i> a encosta Mais perto, abre- <i>se</i> a terra em sons e cores: Na noite de breu ergueu- <i>se</i> a voar; Indo perder- <i>se</i> na escuridão. Indo perder- <i>se</i> nos horizontes, Mais a minha alma atlantica <i>se</i> exalta	CAS.9 ULI.11 DIN.5 INF.12 HOR.8 HOR.10 MOS.2 MAG.6 MAG.22 NAU.14

	Com que a chamma do exforço <i>se</i> remoça Eras sobre eras <i>se</i> somem A nau de um d'elles tinha-se perdido Que jaz no abysmo sob o mar que <i>se</i> ergue?	PRE.10 IMP.11 NOI.1 TOR.1
se, conj.	<i>Se</i> a alma que sente e faz conhece <i>Se</i> a alma não é pequena. <i>Se</i> ainda ha vida ainda não é finda. <i>Se</i> com Deus me guardarei? Mas que, <i>se</i> escutamos, cala, E só <i>se</i> , meio dormindo, Mas, <i>se</i> vamos dispartando, <i>Se</i> à vista o mar é sòsinho?	VIR.1 MAR.8 PRE.6 DSB.6 ILH.4 ILH.6 ILH.14 CAL.14
se, par. apa.	Compre-se a gloria com desgraça. Assim <i>se</i> Portugal formou. Ergueste-a e fez-se. Para a estrada <i>se</i> ver! E viu-se a terra inteira de repente, 2 Cumpriu-se o Mar, e o Imperio <i>se</i> desfez. Que as forças cegas <i>se</i> domem E <i>se</i> não pode encontrar E nunca <i>se</i> vê surgindo?	QUI.2 VIR.8 HEN.8 NUN.12 INF.7 INF.11 IMP.14 CAL.2 CAL.5
se, pron. ind.	E pasmam. Pelo valle onde <i>se</i> ascende aos céus	GAM.3
Sebastião, antr.	Dom <i>Sebastião</i> : Rei de Portugal Levando a bordo El-Rei D. <i>Sebastião</i> , D. <i>Sebastião</i> Que morreu D. <i>Sebastião</i> ? El-Rei D. <i>Sebastião</i> .	SEB.0 NAU.1 DSB.0 IMP.25 VIE.8
segundo, num.	D. João O <i>Segundo</i> «EL-Rei D. João <i>Segundo</i> !» «EL-Rei D. João <i>Segundo</i> !» «De EL-Rei D. João <i>Segundo</i> !» O <i>segundo</i> pediu licença ao Rei Tempo foi. Nem primeiro nem <i>segundo</i> Que desvendou o <i>Segundo</i> Mundo,	JII.0 MOS.9 MOS.18 MOS.27 NOI.3 NOI.7 ANT.6
segundo, prep.	<i>Segundo</i> o destino dado.	COL.6
seio, s.	Teu <i>seio</i> augusto amamentou No antigo <i>seio</i> vigilante, Que enigma havia em teu <i>seio</i>	TAR.5 TAR.15 FIL.1
sem, prep.	<i>Sem</i> existir nos bastou. De Imperio, ondulam <i>sem</i> se poder ver Mestre, <i>sem</i> o saber, do Templo Duplice dono, <i>sem</i> me dividir,	ULI.8 DIN.5 JOI.5 PED.5

	<i>Sem a loucura que é o homem</i>	SEB.8
	<i>O mar sem fim é portuguez</i>	PAD.12
	<i>E escorro os medos do mar sem fundo?»</i>	MOS.16
	<i>Pulso sem cãpo ao leme a guiar</i>	MAG.15
	<i>Sem saber de ouvir ouvimos,</i>	ILH.7
	<i>São terras sem ter lugar,</i>	ILH.12
	<i>Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura</i>	NOI.6
	<i>Do novo dia sem acabar;</i>	ANT.4
2	<i>Brilho sem luz e sem arder,</i>	NEV.5
sem que, conj.	<i>Sem que um sonho, no erguer de asa,</i>	IMP.3
sempre, adv.	<i>O porto sempre por achar</i>	PAD.16
senhor, s.	<i>Senhor, falta cumprir-se Portugal</i>	INF.12
	<i>Senhor, a noite veio e a alma é vil.</i>	PRE.1
	<i>Só tu, Senhor, me dás viver.</i>	PES.4
	<i>Quando, meu Sonho e meu Senhor?</i>	PES.20
	<i>Senhor, os dois irmãos do nosso Nome</i>	NOI.19
	<i>Que seu senhor veio aqui buscar</i>	ANT.11
	<i>Que veio aqui seu senhor chamar —</i>	ANT.12
	<i>E foi outrora Senhor do Mar.</i>	ANT.14
sensível, adj.	<i>Da distancia imprecisa, e, com sensíveis</i>	HOR.14
sentir, vb.	<i>Se a alma que sente e faz conhece</i>	VIR.1
	<i>Claro em pensar e claro em sentir,</i>	PED.1
	<i>Só te sentir e te pensar</i>	PES.5
	<i>Jazas, remoto, sente-te sonhado,</i>	DES.2
separar, vb.	<i>Que o mar unisse, já não separasse</i>	INF.3
sepultar, vb.	<i>Na praia ao longe por fim sepulto</i>	MAG.12
sepultura, s.	<i>Ter por vida a sepultura.</i>	IMP.10
ser, vb.	<i>O cotovello esquerdo é recuado;</i>	CAS.5
	<i>O direito é em angulo disposto.</i>	CAS.6
	<i>Aquelle diz Italia onde é pousado;</i>	CAS.7
	<i>O rosto com que fita é Portugal.</i>	CAS.12
	<i>Ai dos felizes porque são</i>	QUI.3
2	<i>A vida é breve, a alma é vasta:</i>	QUI.7
	<i>Ter é tardar.</i>	QUI.8
	<i>Foi com desgraça e com vileza</i>	QUI.9
2	<i>O mytho é o nada que é tudo.</i>	ULI.1
	<i>É um mytho brilhante e mudo —</i>	ULI.3
2	<i>Foi por não ser existindo.</i>	ULI.7
	<i>Por não ter vindo foi vindo</i>	ULI.9
	<i>Ou tu, ou o de que eras a haste —</i>	VIR.7

Teu <i>ser</i> é como aquella fria	VIR.9
E é já o ir a haver o dia	VIR.11
Todo começo é involuntario	HEN.1
Deus é o agente,	HEN.2
As nações todas são mysterios.	TAR.1
Cada uma é todo o mundo a sós.	TAR.2
Mas todo vivo é eterno infante	TAR.13
Pac, foste cavalleiro.	AFO.1
Hoje a vigilia é nossa.	AFO.2
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo	DIN.4
É o som presente d'esse mar futuro,	DIN.9
É a voz da terra anciando pelo mar.	DIN.10
O homem e a hora são um só	JOI.1
Quando Deus faz e a historia é feita.	JOI.2
O mais é carne, cujo pó	JOI.3
Que Portugal foi feito ser,	JOI.6
É, na ara da nossa alma interna,	JOI.10
A regra de <i>ser</i> Rei almou meu ser,	DUA.2
E este querer grandeza são scu nome	FER.9
Pois, venha o que vier, nunca será	FER.14
É claro no querer;	PED.2
Que <i>seja</i> só obter;	PED.4
Por não <i>ser</i> eu dos seus	PED.8
Tudo mais é com Deus!	PED.12
Não fui alguém. Minha alma estava estreita	JOA.1
Porque é do portuguez, pai de amplos mares,	JOA.5
Sem a loucura que é o homem	SEB.8
É a espada que, volteando	NUN.2
Mas que espada é que, erguida,	NUN.5
É Excalibur, a ungida,	NUN.7
S. Portugal em <i>ser</i> ,	NUN.10
Deus quis que a terra fosse toda uma,	INF.2
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,	INF.4
Onde era só, de longe a abstracta linha.	HOR.12
O sonho é ver as fôrmas invisiveis	HOR.13
2 O esforço é grande e o homem é pequeno.	PAD.1
2 A alma é divina e a obra é imperfeita.	PAD.5
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:	PAD.7
O por-fazer é só com Deus.	PAD.8
Que o mar com fim será grego ou romano	PAD.11
O mar sem fim é portuguez.	PAD.12
«De quem são as velas onde me roço?	MOS.10
De quem são as quilhas que vejo e ouço»	MOS.11
«Aqui ao leme sou mais do que eu:	MOS.22
2 Sou um Povo que quer o mar que é teu;	MOS.23
O mar é o mesmo: já ninguem o tema!	EPI.3
Foi achado, ou não achado,	COL.5
É a magia que evoca	COL.8
É justa auréola dada	COL.11

<i>Fosse a hora que haver ou a que havia</i>	OCI.5
<i>Foi alma a Sciencia e o corpo a Ousadia</i>	OCI.7
<i>Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal</i>	OCI.9
<i>Foi Deus a alma e o corpo Portugal</i>	OCI.11
<i>De quem é a dança que a noite aterra?</i>	MAG.7
<i>São os Titãs, os filhos da Terra,</i>	MAG.8
<i>Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta</i>	GAM.8
<i>São lagrimas de Portugal!</i>	MAR.2
<i>Para que fosses nosso, ó mar!</i>	MAR.6
<i>Se a alma não é pequena.</i>	MAR.8
<i>Senhor, a noite veio e a alma é vil.</i>	PRE.1
<i>Tanta foi a tormenta e a vontade!</i>	PRE.2
<i>Se ainda ha vida ainda não é finda.</i>	PRE.6
<i>Do mar ou outra, mas que seja nossa!</i>	PRE.12
<i>Em sonhos que são Deus.</i>	DSB.4
<i>É O que eu me sonhei que eterno dura,</i>	DSB.7
<i>É Esse que regressarei.</i>	DSB.8
<i>Triste de quem é feliz!</i>	IMP.6
<i>Ser descontente é ser homem.</i>	IMP.13
<i>A terra será theatro</i>	IMP.18
<i>Que não é a voz do mar?</i>	ILH.2
<i>É a voz de alguém que nos falla,</i>	ILH.3
<i>São ilhas afortunadas,</i>	ILH.11
<i>São terras sem ter logar,</i>	ILH.12
<i>A Vida, que é a Rosa</i>	ENC.4
<i>Na Cruz, que é o Destino,</i>	ENC.7
<i>A Rosa, que é o Christo.</i>	ENC.8
<i>Não foi nem santo nem heroe,</i>	BAN.5
<i>Este, cujo coração foi</i>	BAN.7
<i>Foi-nos um céu tambem.</i>	VIE.4
2 <i>Mas não, não é luar: é luz do ethereo.</i>	VIE.9
<i>É um dia; e, no céu amplo de desejo,</i>	VIE.10
2 <i>Quando é o Rei? Quando é a Hora?</i>	PES.8
<i>Quando virás a ser o Christo</i>	PES.9
<i>O que faz a alma poder ser de heroe.</i>	NOI.24
2 <i>É a busca de quem somos na distancia</i>	NOI.27
<i>Nós, Portugal, o poder ser.</i>	TOR.2
<i>Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...</i>	TOR.5
<i>Se à vista o mar é sòzinho?</i>	CAL.14
<i>E foi outrora Senhor do Mar.</i>	ANT.14
<i>Que é Portugal a entristecer —</i>	NEV.4
2 <i>Nem o que é mal nem o que é bem.</i>	NEV.9
<i>Tudo é incerto e derradeiro.</i>	NEV.11
2 <i>Tudo é disperso, nada é inteiro.</i>	NEV.12
<i>Ó Portugal, hoje és nevociro...</i>	NEV.13
<i>É a Hora!</i>	NEV.14
 Teu ser é como aquella fria	 VIR.9
Que Portugal foi feito ser,	JOL.6

ser, s.

	Ficou meu <i>ser</i> que houve, não o que ha A regra de <i>ser</i> Rei almou meu <i>ser</i> , Tempos do <i>ser</i> que sonhou, E ergue-te do fundo de não- <i>seres</i> Define com perfil e <i>ser</i> De dever e de <i>ser</i>	SEB.8 DUA.2 IMP.17 DES.3 NEV.2 PED.6
serio, adj.	Volve a nós teu rosto <i>serio</i>	FIL.5
serra, s.	Parece em promontorio uma alta <i>serra</i> —	JIL.2
servil, adj.	Nossa prisão <i>servil</i> :	NOI.26
servo, s.	Os <i>servos</i> do solar. Rodou e foi-se o mostrengo <i>servo</i>	NOI.14 ANT.10
seu, adj. pron. poss.	Na noite escreve um <i>seu</i> Cantar de Amigo Teu nome, eleito em <i>sua</i> fama, Deu-me Deus o <i>seu</i> gladio porque eu faça A <i>sua</i> santa guerra. E este querer grandeza são <i>seu</i> nome O todo, ou o <i>seu</i> nada. <i>Seu</i> azul negro e brando. Em <i>seu</i> throno entre o brilho das espheras, Com <i>seu</i> manto de noite e solidão, O globo mundo em <i>sua</i> mão. <i>Seu</i> formidavel vulto solitario Sob o <i>seu</i> passo fundo Atlas, mostra alto o mundo no <i>seu</i> hombro. E porisso a <i>sua</i> gloria A terra inteira com <i>seu</i> abraço. Suspendem de repente o odio da <i>sua</i> guerra Mas <i>Sua</i> luz projecta-o, sonho escuro Contente com o <i>seu</i> lar, Que <i>sua</i> Luz ao mundo dividido Mas Deus sagrou com <i>Seu</i> signal	DIN.1 JOL.9 FER.1 FER.2 FER.9 JOA.8 NUN.4 IHN.1 IHN.2 IHN.5 JIL.5 ALB.8 EPI.4 COL.10 MAG.18 GAM.2 NAU.1 IMP.2 DES.11 BAN.6
	No immenso espaço <i>seu</i> de meditar, Em <i>sua</i> vida encantada? Que <i>seu</i> senhor veio aqui buscar. Que voio aqui <i>seu</i> senhor chamar —	VIE.5 CAL.22 ANT.11 ANT.12
seu, pron. poss.	Sagrou-me <i>seu</i> em honra e em desgraça, Por não ser eu dos <i>seus</i> . Que Deus concede aos <i>seus</i>	FER.3 PED.8 DSB.2
severo, adj.	Linha <i>severa</i> da longinqua costa —	HOR.7
si, pron.	O heroe a <i>si</i> assiste, vario E ouve um silencio murmuro <i>comsigo</i> :	HEN.3 DIN.3

siderio, adj.	Abria em flor o Longe, e o Sul <i>siderio</i>	HOR.5
silencio, s.	E ouve um <i>silencio</i> murmuro comsigo: Surge um <i>silencio</i> , e vae, da nevoa ondeando os véus Restam-nos hoje, no <i>silencio</i> hostil,	DIN.3 GAM.4 PRE.3
sim, adv.	Louco, <i>sim</i> , louco, porque quiz grandeza	SEB.1
symbolo, s.	Que <i>symbolo</i> fecundo Que <i>symbolo</i> divino Que <i>symbolo</i> final	ENC.1 ENC.5 ENC.9
signal, s.	Do mar e nós em ti nos deu <i>signal</i> . Mas Deus sagrou com Seu <i>signal</i>	INF.10 BAN.6
signalizar, vb.	Este padrão <i>signala</i> ao vento e aos céus	PAD.6
só, adj.	Cada uma é todo o mundo a <i>sós</i> . O homem e a hora são um <i>só</i>	TAR.2 JOI.1
só, adv.	<i>Só</i> o que passa! <i>Só</i> porque lembra o que esqueceu, Que <i>só</i> genios concebia? Que seja <i>só</i> obter; Querer, poder <i>só</i> isto: Onde era <i>só</i> , de longe a abstracta linha O por-fazer é <i>só</i> com Deus. <i>Só</i> encontrará de Deus na eterna calma «Quem vem poder o que <i>só</i> eu posso E <i>só</i> se, meio dormindo, Cala a voz, e ha <i>só</i> o mar <i>Só</i> tu, Senhor, me dás viver. <i>Só</i> te sentir e te pensar Aqui, onde ha <i>só</i> sargação,	QUI.4 VIR.2 FIL.2 PED.4 JOA.6 HOR.12 PAD.8 PAD.15 MOS.14 ILH.6 ILH.15 PES.4 PES.5 CAL.18
sob, prep.	Calmo <i>sob</i> mudos céus. <i>Sob</i> o seu passo fundo Que jaz no abysmo <i>sob</i> o mar que se ergue?	PED.10 ALB.8 TOR.1
sobre, prep.	Por <i>sobre</i> a fria terra. Poz-me as mãos <i>sobre</i> os hombros e doirou-me De pé, <i>sobre</i> os paizes conquistados Splendia <i>sobre</i> as naus da iniciação. Eras <i>sobre</i> eras se somem	FER.5 FER.6 ALB.1 HOR.6 IMP.11
soerguer, vb.	Que inquietação do fundo nos <i>soergue</i> ?	TOR.3
sol, s.	O mesmo <i>sol</i> que abre os céus Foi-se a ultima nau, ao <i>sol</i> aziago	ULI.2 NAU.4

	Surges ao <i>sol</i> em mim, e a nevoa finda: Mostra o sol já desperto?	NAU.22 ENC.10
solar, vb.	Os servos do <i>solar</i> .	NOL.14
solidão, s	Com seu manto de noite e <i>solidão</i> ,	IHN.2
solitário, adj.	Seu formidável vulto <i>solitário</i>	JII.5
som, s.	É o <i>som</i> presente d'esse mar futuro Mais perto, abre-se a terra em <i>sons</i> e cores: Que voz vem no <i>som</i> das ondas Este <i>som</i> de o mar praíar E o <i>som</i> na treva de elle rodar	DIN.9 HOR.10 ILH.1 CAL.6 ANT.8
sombra, s.	A <i>sombra</i> eterna. E <i>sombras</i> disformes e descompostas E <i>sombras</i> disformes e descompostas Onde quer que, entre <i>sombras</i> e dizeres,	JOI.12 MAG.3 MAG.21 DES.1
sonhar, vb.	Deus quer, o homem <i>sonha</i> , a obra nasce. É O que eu me <i>sonhei</i> que eterno dura, Tempos do ser que <i>sonhou</i> , Jazas, remoto, sente-te <i>sonhado</i> , <i>Sonhava</i> anonymo e disperso Faz mau o somno, triste o <i>sonhar</i> ,	INF.1 DSB.7 IMP.17 DES.2 BAN.1 ANT.9
sonho, s.	Que archanjo teus <i>sonhos</i> veio O <i>sonho</i> é ver as formas invisíveis Mas Sua luz projecta-o, <i>sonho</i> escuro Em <i>sonhos</i> que são Deus. Sem que um <i>sonho</i> , no erguer de asa, <i>Sonho</i> das eras portuguez Quando, meu <i>Sonho</i> e meu senhor?	FIL.3 HOR.13 NAU.11 DSB.4 IMP.3 PES.14 PES.20
somno, s.	Faz mau o <i>somno</i> , triste o sonhar,	ANT.9
sopro, s.	Dá o <i>sopro</i> , a aragem — ou desgraça ou ancia — Tornar-me mais que o <i>sopro</i> incerto	PRE.9 PES.15
sorrir, vb.	Dormente, a dormir <i>sorrimos</i> .	ILH.10
sorte, s.	Não me podia a <i>Sorte</i> dar guarida Qual a <i>Sorte</i> a não dá. De ver o mundo e a injustiça e a <i>sorte</i> . Trez imperios do chão lhe a <i>Sorte</i> apanha. Aportou? Voltará da <i>sorte</i> incerta	PED.7 SEB.2 ALB.3 ALB.9 NAU.8
sòzinho, adj.	Se à vista o mar é <i>sòzinho</i> ?	CAL.14

subitamente, adv.	<i>Subitamente</i> pelas encostas,	MAG.5
subito, adv.	Mas <i>subito</i> , onde o vento ruge,	TOR.6
submisso, adj.	Calcára mais do que o <i>submisso</i> mundo	ALB.7
sul, s.	Abria em flor o Longe, e o <i>Sul</i> siderio	HOR.5
sumir, vb.	Eras sobre eras se <i>somem</i>	IMP.11
Sphyngico, adj.	Fita, com olhar <i>sphyngico</i> e fatal	CAS.10
supremo, adj.	Mas já no auge da <i>suprema</i> prova,	DES.6
surgir, vb.	<i>Surgir</i> , redonda, do azul profundo. <i>Surge</i> um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus, <i>Surges</i> ao sol em mim, e a nevoa finda: <i>Surge</i> , prenuncio claro do luar, E nunca se vê <i>surgindo</i> ? <i>Surja</i> uma ilha velada,	INF.8 GAM.4 NAU.22 VIE.7 CAL.5 CAL.19
suspender, vb.	<i>Suspendem</i> de repente o odio da sua guerra	GAM.2
sustentar, vb.	A mão <i>sustenta</i> , em que se appoia o rosto.	CAS.9
tal, adj.	Excalibur do Fim, em geito <i>tal</i>	DES.10
tal, adv.	Firme em minha tristeza, <i>tal</i> vivi	DUA.4
tambem, adv.	Foi-nos um céu <i>tambem</i> .	VIE.4
tanto, pron.	Pode, que o querer <i>tanto</i> <i>Tanta</i> foi a tormenta e a vontade!	ALB.6 PRE.2
tardar, vb.	Ter é <i>tardar</i> .	QUI.8
Tareja, antr.	D. <i>Tareja</i>	TAR.0
tam, adv.	Entre <i>tam</i> grandes almas minhas pares, <i>Tam</i> poderoso que não quer o quanto	JOA.2 ALB.5
te, pron.	Que aureola <i>te</i> cerca? Que o Rei Arthur <i>te</i> deu. Sagrou- <i>te</i> , e foste desvendando a espuma, 2 Quem <i>te</i> sagrou criou- <i>te</i> portuguez. Por <i>te</i> cruzarmos, quantas mães choraram, Jazas, remoto, sente- <i>te</i> sonhado, E ergue- <i>te</i> do fundo de não-seres 2 Só <i>te</i> sentir e <i>te</i> pensar	NUN.1 NUN.8 INF.4 INF.9 MAR.3 DES.2 DES.3 PES.5

tecto, s.	Meus <i>tectos</i> negros do fim do mundo?»	MOS.7
Tejo, topon	Doira as margens do <i>Tejo</i> .	VIE.12
temer, vb.	Cheio de Deus, não <i>temo</i> o que virá, E parece <i>temer</i> o mundo vario E disse no fim de <i>temer</i> trez veses E mais que o mostrengo, que me a alma <i>teme</i> O mar é o mesmo: Já ninguém o <i>tema</i> !	FER.13 JII.7 MOS.21 MOS.24 EPL.3
templo, s.	Mestre, sem o saber, do <i>Templo</i>	JOI.5
tempo, s.	E em mim, num mar que não tem <i>tempo</i> ou espaço, No <i>tempo</i> que em eras vem. <i>Tempos</i> do ser que sonhou, <i>Tempo</i> foi. Nem primeiro nem segundo	NAU.16 IMP.12 IMP.17 NOI.7
temporal, s.	Fosse Acaso, ou Vontade, ou <i>Temporal</i>	OCI.9
ter, vb.	<i>Ter</i> é tardar. Por não <i>ter</i> vindo foi vindo Fiel à palavra dada e à idéa <i>tida</i> . <i>Tem</i> aos pés o mar novo e as mortas eras — O unico imperador que <i>tem</i> , deveras, <i>Tinham</i> coral e praias e arvoredos Em arvores onde o Longe nada <i>tinha</i> ; Outros haverão de <i>ter</i> <i>Tem</i> que passar além da dor. Que <i>teve</i> ? E em mim, num mar que não <i>tem</i> tempo ou espaço, <i>Ter</i> por vida a sepultura. Pela visão que a alma <i>tem</i> ! Por <i>ter</i> havido escutar. São terras sem <i>ter</i> logar, O céu <i>strella</i> o azul e <i>tem</i> grandeza. 2 Este, que <i>teve</i> a fama e a gloria <i>tem</i> , 2 Meu coração não <i>tem</i> que <i>ter</i> . <i>Tenho</i> meus olhos quentes de agua A nau de um d'elles <i>tinha-se</i> perdido Ninguém conhece que alma <i>tem</i> ,	QUI.8 ULI.9 PED.11 IHN.3 IHN.4 HOR.2 HOR.9 COL.1 MAR.10 NAU.9 NAU.16 IMP.10 IMP.15 ILH.5 ILH.12 VIE.1 VIE.2 PES.2 PES.3 NOI.1 NEV.8
terceiro, num.	Então o <i>terceiro</i> a El-Rei rogou Nem o <i>Terceiro</i> quer desvendar?»	NOI.11 ANT.7
terra, s.	É a voz da <i>terra</i> anciando pelo mar. A <i>terra</i> espreita, Por sobre a fria <i>terra</i> . O limite da <i>terra</i> a dominar O mar que possa haver além da <i>terra</i> . Deus quiz que a <i>terra</i> fosse toda uma,	DIN.10 JOI.4 FER.5 JII.3 JII.4 INF.2

	E viu-se a <i>terra</i> inteira, de repente, Mais perto, abre-se a <i>terra</i> em sons e cores: Uma dança sacode a <i>terra</i> inteira. São os Titãs, os filhos da <i>Terra</i> , A <i>terra</i> inteira com seu abraço. Violou a <i>Terra</i> . Mas elles não Os Deuses da tormenta e os gigantes da <i>terra</i> Em baixo, onde a <i>terra</i> é, o pastor gela, e a flauta A <i>terra</i> será <i>theatro</i> São <i>terras</i> sem ter logar, A Nova <i>Terra</i> e os Novos Céus? Este fulgor baço da <i>terra</i>	INF.7 HOR.10 MAG.2 MAG.8 MAG.18 MAG.19 GAM.1 GAM.8 IMP.18 ILH.12 PES.12 NEV.3
teu, adj. pron. pos.	Memoria em nós do instinto <i>teu</i> . <i>Teu</i> ser é como aquella fria À espada em <i>tuas</i> mãos achada <i>Teu</i> olhar desce. <i>Teu</i> seio augusto amamentou Dê <i>tua</i> prece outro destino A quem fadou o instinto <i>teu</i> ! O homem que foi o <i>teu</i> menino E a <i>tua</i> inteira força! <i>Teu</i> nome, eleito em sua fama, Que enigma havia em <i>teu</i> seio Que archanjo <i>teus</i> sonhos veio Volve a nós <i>teu</i> rosto serio Ergue a luz da <i>tua</i> espada Ó mar anterior a nós, <i>teus</i> medos Ó mar salgado, quanto do <i>teu</i> sal Vejo entre a cerração <i>teu</i> vulto baço Para <i>teu</i> novo fado! A alma penitente do <i>teu</i> povo Mestre da Paz, ergue <i>teu</i> gladio ungido À <i>tua</i> eternidade;	VIR.4 VIR.9 HEN.5 HEN.6 TAR.5 TAR.9 TAR.10 TAR.11 AFO.4 JOI.9 FIL.1 FIL.3 FIL.5 NUN.11 HOR.1 MAR.1 NAU.17 DES.4 DES.7 DES.9 NOI.22
teu, pron. pos.	Sou um povo que quer o mar que é <i>teu</i> ;	MOS.23
theatro, s.	A terra será <i>theatro</i>	IMP.18
ti, pron.	Do mar e nós em <i>ti</i> nos deu signal	INF.10
Titá, mit.	São os <i>Titãs</i> , os filhos da Terra,	MAG.8
tocar, vb.	Mas o que a elles não <i>toca</i>	COL.7
todo, adj. pron. ind.	<i>Todo</i> começo é involuntario As nações <i>todas</i> são mysterios Cada uma é <i>todo</i> o mundo a sós. Mas <i>todo</i> vivo é eterno infante	HEN.1 TAR.1 TAR.2 TAR.13

	Deus quiz que a terra fosse <i>toda</i> uma, Para onde vae <i>toda</i> edade.	INF.2 IMP.23
todo, s.	O <i>todo</i> , ou o seu nada.	JOA.8
toldar, vb.	E <i>toldam-lhe</i> romanticos cabellos	CAS.3
tomar, vb.	Minha loucura, outros que me a <i>tomem</i>	SEB.6
tormenta, s.	As <i>tormentas</i> passadas e o mysterio, Os Deuses da <i>tormenta</i> e os gigantes da terra Tanta foi a <i>tormenta</i> e a vontade! <i>Tormenta</i>	HOR.4 GAM.1 PRE.2 TOR.0
tornar, vb.	Que <i>torna</i> . <i>Torna-me</i> mais que o sopro incerto	NAU.18 PES.15
trazer, vb.	A mesma, e <i>trazes</i> o pendão ainda <i>Traz</i> o dia já visto?	NAU.23 ENC.6
tremar, vb.	E o homem do leme disse <i>tremendo</i> : E o homem do leme <i>tremeu</i> e disse:	MOS.8 MOS.17
tremulo, adj.	Uma êrgue o facho <i>tremulo</i> e divino	OCI.3
trez, num.	<i>Trez</i> impérios do chão lhe a Sorte apanha. À roda da nau voou <i>trez</i> vezes, Voou <i>trez</i> vezes a chiar, Disse o mostrengo, e rodou <i>trez</i> vezes <i>Trez</i> vezes rodou immundo e grosso, <i>Trez</i> vezes do leme as mãos ergueu, <i>Trez</i> vezes ao leme as reprendeu, E disse no fim de temer <i>trez</i> vezes:	ALB.9 MOS.3 MOS.4 MOS.12 MOS.13 MOS.19 MOS.20 MOS.21
throno, s.	Em seu <i>throno</i> entre o brilho das espheras,	IHN.1
treva, s.	E roda nas <i>trevas</i> do fim do mundo, Veio das <i>trevas</i> a procurar E o som na <i>treva</i> de elle rodar	MOS.25 ANT.2 ANT.8
trigo, s.	É o rumor dos pinhaes que, como um <i>trigo</i>	DIN.4
triste, adj.	<i>Triste</i> de quem vive em casa, <i>Triste</i> de quem é feliz! Faz mau o somno, <i>triste</i> o sonhar,	IMP.1 IMP.6 ANT.9
tristeza, s.	Firme em minha <i>tristeza</i> , tal vivi.	DUA.4
trovão, s.	Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil <i>trovões</i>	GAM.9

tu, pron. pes.	Ou <i>tu</i> , ou o de que eras a haste — Só <i>tu</i> , Senhor, me dás viver.	VIR.7
tudo, pron. ind	O mytho é o nada que é <i>tudo</i> . <i>Tudo</i> mais é com Deus! Valeu a pena? <i>Tudo</i> vale a pena <i>Tudo</i> é incerto e derradeiro. <i>Tudo</i> é disperso, nada é inteiro	ULI.1 PED.12 MAR.7 NEV.11 NEV.12
Ulisses, mit.	<i>Ulysses</i>	ULI.0
um, art. indef.	É <i>um</i> mytho brilhante e mudo — Na noite escreve <i>um</i> seu Cantar de Amigo E ouve <i>um</i> silencio murmuro comsigo: É o rumor dos pinhacs que, como <i>um</i> trigo Vellar, maternos <i>um</i> dia ? Às horas em que <i>um</i> frio vento passa Sou <i>um</i> Povo que quer o mar que é teu; <i>Uma</i> Asa do Grifo Por <i>uma</i> luz emprestada . No valle clareia <i>uma</i> fogueira. <i>Uma</i> dança sacode a terra inteira. Surge <i>um</i> silencio, e vai, da nevoa ondeando os véus, 2 Primeiro <i>um</i> movimento e depois <i>um</i> assombro. E erguendo, como <i>um</i> nome, alto o pendão E em mim, <i>num</i> mar que não tem tempo ou espaço Sem que <i>um</i> sonho, no erguer de asa, A que, como <i>uma</i> criança Foi-nos <i>um</i> céu também. É <i>um</i> dia; e, no céu amplo de desejo, De <i>um</i> grande aneio que Deus fez? O relampago, pharol de Deus, <i>um</i> hausto Surja <i>uma</i> ilha velada	ULI.3 DIN.1 DIN.3 DIN.4 FIL.4 FER.4 MOS.23 JII.0 COL.2 MAG.1 MAG.2 GAM.4 GAM.5 NAU.3 NAU.16 IMP.3 ILH.9 VIE.4 VIE.10 PES.16 TOR.7 CAL.19
um, num.	A mau de <i>um</i> d'elles tinha-se perdido E que, <i>um</i> d'elles encontrado,	NOI.1 CAL.17
ungir, vb.	E Filho o <i>ungiu</i> É Excalibur, a <i>ungida</i> , Mestre da Paz, ergue teu gladio <i>ungido</i> ,	QUI.12 NUN.7 DES.9
unir, vb.	Que o mar <i>unisse</i> , já não separasse	INF.3
universal, adj.	O mar <i>universal</i> e a saúde	PRE.4
Universo, topon.	Confuso como o <i>Universo</i>	BAN.3
ultimo, adj.	A <i>Última</i> Nau Foi-se a ultima <i>nau</i> , ao sol aziago	NAU.0 NAU.4

único, adj.	O <i>único</i> imperador que tem, deveras,	IHN.4
vacuo, adj.	Meus dias <i>vacuos</i> enche e doura	PES.6
valer, vb.	2 <i>Valeu</i> a pena? Tudo <i>vale</i> a pena	MAR.7
valete, vb. (latim)	<i>Valete</i> , Fratres.	NEV.14
valle, s.	No <i>valle</i> clareia uma fogueira. Em clarões negros do <i>valle</i> vão Galgam do <i>valle</i> pelas encostas E pasmam. Pelo <i>valle</i> onde se ascende aos céus	MAG.1 MAG.4 MAG.23 GAM.3
vão, adj..	O inteiro mar, ou a orla <i>vã</i> desfeita —	JOA.7
vario, adj.	O heroe a si assiste, <i>vario</i> E parece temer o mundo <i>vario</i>	HEN.3 JII.7
Vasco, antr.	Ascensão de <i>Vasco</i> da Gama	GAM.0
vasto, adj.	A vida é breve, a alma é <i>vasta</i> :	QUI.7
vela, s.	«De quem são as <i>velas</i> onde me roço?	MOS.10
velado, adj.	Surja uma ilha <i>velada</i> ,	CAL.19
vellar, vb.	<i>Vella</i> por nós! <i>Vellar</i> , maternos, um dia ?	TAR.4 FIL.4
vencer, vb.	Novos infieis <i>vençam</i>	AFO.6
vender, vb.	Os Deuses <i>vendem</i> quando dão.	QUI.1
vento, s.	Às horas em que um frio <i>vento</i> passa Este padrão signala ao <i>vento</i> e aos céus A mão do <i>vento</i> pode erguel-a ainda. Mas subito, onde o <i>vento</i> ruge,	FER.4 PAD.6 PRE.8 TOR.6
ventre, s.	Humano <i>ventre</i> do Imperio	FIL.7
ver, vb.	De Imperio, ondulam sem se poder <i>ver</i> . Para a estrada se <i>ver</i> ! De <i>ver</i> o mundo e a injustiça e a sorte E <i>viu-se</i> a terra inteira, de repente, O sonho é <i>ver</i> as fórmãs invisíveis Ensinam estas Quinas, que aqui <i>vês</i> , De quem são as quilhas que <i>vejo</i> e ouço?» Que moro onde nunca ninguém me <i>visse</i> Cahe-lhe, e em extase <i>vê</i> , à luz de mil trovões,	DIN.5 NUN.12 ALB.3 INF.7 HOR.13 PAD.10 MOS.11 MOS.15 GAM.9

	<i>Vejo</i> entre a corração teu vulto baço	NAU.17
	Traz o dia já <i>visto</i> ?	ENC.6
	O Imperio por Deus mesmo <i>visto</i> ,	BAN.2
2	E quando o <i>vêem</i> , <i>vêem</i> a figura	NOI.15
	E nunca se <i>vê</i> surgindo?	CAL.5
verdade, s.	Os beijos merecidos da <i>Verdade</i> . Quem vem viver a <i>verdade</i>	HOR.18 IMP.24
vêu, s.	Que elle abra os braços e lhe rasgue o <i>vêu</i> . E a outra afasta o <i>vêu</i> . A mão que ao Occidente o <i>vêu</i> rasgou, Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os <i>vêus</i> ,	III.8 OCI.4 OCI.6 GAM.4
vez, s.	À roda da nau voou trez <i>vezes</i> , Voou trez <i>vezes</i> a chiar, Disse o mostrengo, e rodou trez <i>vezes</i> , Trez <i>vezes</i> rodou immundo e grosso Trez <i>vezes</i> do leme as mãos ergueu, Tres <i>vezes</i> ao leme as reprendeu, E disse no fim de temer trez <i>vezes</i> : E outra <i>vez</i> conquistemos a Distancia —	MOS.3 MOS.4 MOS.12 MOS.13 MOS.19 MOS.20 MOS.21 PRE.11
vibrar, vb.	Dentro em mim a <i>vibrar</i> .	FER.10
vida, s.	A <i>vida</i> é breve, a alma é vasta : Em baixo, a <i>vida</i> , metade Assim vivi, assim morri, a <i>vida</i> , Não pensa em <i>vida</i> ou morte, Mas a chamma, que a <i>vida</i> em nós creou, Se ainda ha <i>vida</i> ainda não é finda. Vive porque a <i>vida</i> dura. Ter por <i>vida</i> a sepultura. A <i>Vida</i> , que é a Rosa. Em sua <i>vida</i> encantada?	QUI.7 ULI.14 PED.9 ALB.4 PRE.5 PRE.6 IMP.7 IMP.10 ENC.4 CAL.22
Vieira, antr.	Antonio <i>Vieira</i>	VIE.0
vigilante, adj.	No antigo seio <i>vigilante</i> ,	TAR.15
vigilia, s.	Hoje a <i>vigilia</i> é nossa.	AFO.2
vil, adj.	Senhor, a noite veio e a alma é <i>vil</i> . Queremos ir busca-los, desta <i>vil</i>	PRE.1 NOI.25
vileza, s.	Foi com desgraça e com <i>vileza</i>	QUI.9
violar, vb.	<i>Violou</i> a Terra. Mas elles não	MAG.19

vir, vb.	2 Por não ter vindo foi vindo Que archanjo teus sonhos veio Cheio de Deus, não temo o que virá, 2 Pois, venha o que vier, nunca será «Quem vem poder o que só eu posso, Senhor, a noite veio e a alma é vil. No tempo que em cras vem. Quem vem viver a verdade Vem, Galaaz com patria, erguer de novo, Que voz vem no som das ondas Vem na aurora anciosa? Quando virás a ser o Christo Quando virás, ó Encoberto, Veio das trevas a procurar Que seu senhor aqui buscar. Que veio aqui seu senhor chamar —	ULI.9 FIL.3 FER.13 FER.14 MOS.14 PRE.1 IMP.12 IMP.24 DES.5 ILH.1 ENC.2 PES.9 PES.13 ANT.2 ANT.11 ANT.12
virgemmente, adv.	Virgemmente parada	JOA.4
Viriato, antr.	Viriato	VIR.0
visão, s.	Pela visão que a alma tem! Constellado de fórna e de visão	IMP.15 VIE.6
vista, s.	Para a vista não existe. Se à vista o mar é sòsinho?	CAL.10 CAL.14
viver, vb.	Vivemos, raça, porque houvesse Firme em minha tristeza, tal vivi. Assim vivi, assim morri a vida, Triste de quem vive em casa, Vive porque a vida dura. Quem vem viver a verdade Só tu, Senhor, me dás viver	VIR.3 DUA.4 PED.9 IMP.1 IMP.7 IMP.24 PES.4
vivo, adj.	Vivo e desnudo Mas todo vivo é eterno infante	ULI.5 TAR.13
voar, vb.	Na noite de breu ergueu-se a voar; À roda da nau voou trez vezes, Voou trez vezes a chiar,	MOS.2 MOS.3 MOS.4
voltar, vb.	Não voltou mais. A que ilha indescoberta Aportou? Voltará da sorte incerta Mas quando quererás voltar? Ah, quando quererás, voltando,	NAU.7 NAU.8 PES.7 PES.17
voltear, vb.	É a espada que, volteando,	NUN.2

volver, vb.	<i>Volve</i> a nós teu rosto serio <i>Volveu</i> do fim profundo	FIL.5 NOI.8
vontade, s.	Movimentos da esperança e da <i>vontade</i> , Manda a <i>vontade</i> , que me ata ao leme, Fosse Acaso, ou <i>Vontade</i> , ou Temporal Tanta foi a tormenta e a <i>vontade</i> !	HOR.15 MOS.26 OCI.9 PRE.2
voz, s.	É a <i>voz</i> da terra anciando pelo mar. Que <i>voz</i> vem no som das ondas Que não é a <i>voz</i> do mar? É a <i>voz</i> de alguém que nos falla, Cala a <i>voz</i> , e ha só o mar	DIN.10 ILH.1 ILH.2 ILH.3 ILH.15
vulto, s.	Seu formidavel <i>vulto</i> solitario Que quiz cingir o materno <i>vulto</i> — Vejo entre a cerração teu <i>vulto</i> baço	JIII.5 MAG.10 NAU.17

BIBLIOGRAFIA

Adams, Hazard. *Philosophy of the Literary Symbol*. Florida: University Press at Florida, 1983.

Alonso, Dámaso — Bousoño, Carlos. *Seis calas en la expresión literaria española — prosa — poesía — teatro*. Madrid: Editorial Gredos, 1963.

Antunes, Alfredo. *Saudade e profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.

Antunes, Manuel. «O Platonismo de Fernando Pessoa». *Brotéria: Revista contemporânea de cultura*, 2, n.º 78 (1964), 137-148.

Anriques, Luís. «Ao Duque de Bragança, quando tomou Azamor, em que conta como foy.» *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Texto estabelecido, prefaciado e anotado por Álvaro J. da Costa Pimpão e Aida Fernanda Dias. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.

Apuleio. *Amor and Psyche. The Psychic Development of the Feminine*. A Commentary on the Tale by Apuleius by Erich Neumann. Princeton: Princeton University Press, 1971.

Arnold, Paul. *La Rose + Croix et ses rapports avec la Franc-Maçonnerie*. Paris: G.-P. Maisonneuve & Larose, 1970.

Arnold, Paul. *Histoire des Rose-Croix et les origines de la Franc-Maçonnerie*. Paris: Mercure de France, 1955.

Augusto, José. «Crítica literária — Mensagem poemas de Fernando Pessoa». *O diabo*, 27 Jan. 1935, p. 4.

Azevedo, Lúcio de. *Evolução do Sebastianismo*. Lisboa: Livraria clássica, 1947.

Bandarra. «Profecias» do Bandarra — Sapateiro de Trancoso. Apresentação [de] António Carlos Carvalho. Lisboa: Editorial Vega, s.d.

Barrow, Geoffrey R. «The Personal Lyric Disguised: Fernando Pessoa's Mensagem.» *Luso-Brazilian Review*, 13, Nº. 1 (1976), 91-99.

Belchior, Maria de Lourdes. «Fernando Pessoa e Luís de Camões: Heróis e mitos n'Os Lusíadas e na Mensagem.» *Personã* 5. Porto: Centro de estudos pessoanos, 1981, pp. 3-8.

Bousoño, Carlos. Vide Alonso, Dámaso.

Bene, Orietta del. «Vivências de Walter Pater em Fernando Pessoa». *Ocidente*, 74, N.º 362 (1968), 292-302.

Berardinelli, Cleonice. «Mensagem.» *Cadernos da Pontifícia Universidade Católica*, N.º 1 (1969), pp. 29-32.

Berthelot, Marcelin Pierre Eugène. *Les origines de l'alchimie*. Paris: G. Steinheil, 1885.

Bíblia Sagrada. 4.ª edição. Lisboa: Difusora bíblica, 1971.

Biderman, Sol. «Mount Abiegnos and the Masks: Occult Imagery in Yeats and Pessoa.» *Luso-Brazilian Review*, 5, N.º 1 (1968), 59-74.

Blanco, José. *Fernando Pessoa — Esboço de uma bibliografia*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

Boyer, Carolo, S. I. *Cursus Philosophiae*. Volumen primum et Volumen secundum. Paris: Typis Desclée de Brouwer et Soc., 1937.

Brandão, Fiama Hasse Pais. «A propósito da grafia da Mensagem». *Diário de Notícias* (Lisboa), 15-03-1978.

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. In *Demanda do Santo Graal*. Introdução, selecção, notas e glossário. Lisboa: Editorial Verbo, 1964.

Bujanda, J., S. L. *Manual de Teologia Dogmática*. Tradução de J. Dionísio de Oliveira, S. I. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1958.

Bunshaw, Stanley. *The Poem Itself*. Edited by Stanley Burnshaw. New York: A Pelican Original, Penguin Books, 1964.

Camões, Luís de. *Obras completas*. Com prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade. 5 volumes. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1956.

Campbell, Joseph. *Creative Mythology — Two Masks of God*. England, Middlessex: Penguin Books, 1985.

Cantel, Raymond. «Le Messianisme dans la pensée portugaise du XVI siècle à nos jours.» *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II (1970), pp. 433-444.

Carvalho, Carlos Castro da Silva. «Aspectos formais do nacionalismo místico da Mensagem.» *Colóquio/Letras*, N.º 62 (Julho de 1981), pp. 26-35.

Cavaco, Gilbert. «Pessoa and Portuguese Politics». Comunicação apresentada no Simpósio internacional sobre Fernando Pessoa, organizado pelo Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, Estados Unidos, a 7 e 8 de Outubro de 1977.

Centeno, Y. K. **5 aproximações: Peter Weiss, A. Ramos Rosa, Alquimia e Misticismo, Fernando Pessoa, Herman Hesse.** Lisboa: Edições Atica, 1976.

Centeno, Y. K. «“Episódios/A Múmia”: Um poema-chave para o estudo do hermetismo em Fernando Pessoa». *Persona* 1. Porto: Centro de estudos pessoanos, (Novembro de 1977), pp 51-67.

Centeno, Y. K. «O espólio e a biblioteca de Fernando Pessoa: Uma solução para alguns enigmas». In *Actas do I Congresso Internacional de estudos pessoanos*. Porto: Brasília Editora, 1978, pp. 703-711.

Centeno, Y. K. — Reckert, Stephen. **Fernando Pessoa — tempo — solidão — hermetismo.** Lisboa: Moraes Editores, s.d.

César, Amândio. «Sobre Fernando Pessoa, Poeta da Mensagem». Separata da revista *Gil Vicente*, Guimarães, 1968.

Chevalier, Jean — Gheerbrant, Alain. **Dictionnaire des Symboles.** Paris: Robert Laffont / Jupiter, 1982.

Cirlot, Juan-Eduardo. **Diccionario do simbolos.** Calabria-Barcelona: Editorial Labor, S. A., 1981.

Coelho, Jacinto do Prado. **A letra e o leitor.** Lisboa: Portugália Editora, 1969.

Coelho, Jacinto do Prado. «D’Os Lusíadas à Mensagem.» In *Acta do I Congresso internacional de estudos pessoanos*. Porto: Brasília Editora, 1978, pp. 305-316.

Coelho, Jacinto do Prado. Direcção de. **Dicionário de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária.** 3.ª ed. 5 vols. Porto: Figueirinhas, 1973.

Coelho, Jacinto do Prado. «O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa — Poeta». In *Actas do I Congresso internacional de estudos pessoanos*. Porto: Brasília Editora, 1978, pp. 271-285.

Condestável D. Pedro. **Obras completas do Condestável Dom Pedro de Portugal.** Introdução e edição diplomática de Luís Adão da Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

Costa, Dalila Pereira da. «O mar português». In *Actas do I Congresso internacional de estudos pessoanos*. Porto, Brasília Editora, 1978, pp. 199-212.

Costa, Dalila Pereira da. **O esoterismo de Fernando Pessoa.** Porto: Lello & Irmão, 1971.

Courteau, Joanna. «O sonho na poesia ortónima de Fernando Pessoa». *Luso-Brazilian Review*, 2, N.º 2 (1974), pp. 206-211.

Cuervo-Hewitt, Julia. «Fernando Pessoa frente ao Monte Abiegnus.» In *Actas do I Congresso internacional de estudos pessoanos*. Porto: Brasília Editora, 1978, pp. 419-440.

- Culler, Jonathan. *The Pursuit of Signs*. Ithaca: Cornell University Press, 1979.
- Cumont, Franz. *Astrology and Religion among the Greeks and Romans*. New York and London: G. P. Putnam & Sons, 1912.
- Dante Alighieri. *La Divina Commedia*. Torino: G. P. Paravia, 1922.
- Dictionary of Religions* (The Penguin). Edited by John R. Hinnellis. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books, 1986.
- D. Duarte. *Leal Conselheiro*. Actualização ortográfica e notas de João Morais Barbosa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- Eliade, Mircea. *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. Transl. Willard R. Trask. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1959.
- Ficino, Marsilio. *Sopra lo Amore ovvero Convito di Platone*. A cura e con prefazione di Giuseppe Rensi. Lanciano: R. Cabbra Editore, s.d.
- Filosofia da Saudade*. Selecção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- Flew, Antony. *A Dictionary of Philosophy*. Revised second edition. New York: St Martin's Press, 1984.
- Fludd, Robert, alias de Fluctibus. *Clavis Philosophiae et Alchymiae Fluddianae*. Frankfurt, 1933.
- Frazer, Sir James George. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. New York: The MacMillan Company, 1958.
- Frias, Eduardo. *O Nacionalismo místico de Fernando Pessoa*. Braga: Editora Pax, 1971.
- Frye, Northrop. *Anatomy of Criticism — four essays*. Princeton: Princeton University Press, 1973.
- Galhoz, Maria Alice. *Vide Fernando Pessoa, Obra completa...*
- Garcilaso de la Vega. *Garcilaso de la Vega y sus comentaristas; obras completas acompañadas de los textos íntegros de el Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas y Azara*. Edición, introducción y notas, cronología y bibliografía por Antonio Gallego Morell. Granada: Universidad de Granada, 1966.
- Gunter, Georges. *Fernando Pessoa — O Eu estranho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- Hawkes, Terence. *Motaphor*. Norfolk: Cox & Wyman Ltd, Fakenham, 1972.
- Heindel, Max. *Initiation ancienne et initiation moderne*. Traduit de la première édition par J. H. B. Mayres, Lodève: Association Rosicrucienne — Centre Languedoc-Pyrénées, 1974.

The Herder Symbol Dictionary. Translated by Boris Mathews. Wilmette, Illinois: Chiron Publications, 1986.

Hesíodo. **Théogonie. Les Travaux et les Jours. Le Bouclier.** Trad. par P. Mazon. Paris: 1928.

Hopper, Vincent Foster. **Medieval Number Symbolism — Its Sources, Meaning, and Influence on Thought and Expression.** New York: Cooper Square Publishers, Inc., 1969.

Jennins, Hargrave. **The Rosicrucians — Their Rites and Mysteries.** Third edition. Two volumes. London: John C. Nimmo, 1887.

Jung, Carl G. **Psyche & Symbol.** Selections from the Writings of C. G. Jung — Edited by Violet S. de Laszlo. Garden City-New York City: Doubleday & Company, Inc., 1958.

Keller, Ludwig. **Die Hellenen Zahlen, und die Symbolik der Katakomben.** Leipzig und Jena: 1906.

Lapa, Manuel Rodrigues. **Lições de literatura portuguesa — Época medieval.** 8.ª edição, revista e acrescentada. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1973.

Leal, Raúl. «Publica-se o primeiro capítulo do livro em preparação "Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império"». **Presença**, N.º 48 (Julho de 1936), pp. 4-5.

Leal, Raul. «As tendências orfaicas e o saudosismo». **Tempo presente**, N.º 5 (1959), pp. 17-24.

Leão, Duarte Nunes de. **Genealogía verdadera de los reyes de Portugal con sus elogios y sumario de sus vidas.** Primer y segundo tomos. Madrid: Por Francisco Martínez, 1628.

León, Fray Luis de. **De los nombres de Cristo.** 3 vols. Madrid: Espasa-Calpe, 1956.

Lima, Miguel Sánchez de. **El Arte Poética en Romance Castellano.** Edición de Rafael de Balbín Lucas. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1944.

Lind, George Rudolph. «Elementos ocultistas na poesia de Fernando Pessoa». **Colóquio: Revista de Artes e Letras**, N.º 37 (1966), pp. 60-63.

Livius, Titus. **De Urbe condita.** Edited by R. S. Connway-C. F. Walters. Oxford: Oxford Classical Texts, 1914.

Lobo, Francisco Rodrigues. **Corte na aldeia.** Prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1959.

Lopes, Fernão. **Crónica de D. João I.** Com uma introdução por Humberto Baquero Moreno e um prefácio de António Sérgio. [Porto]: Livraria Civilização, 1983.

Lourenço, Eduardo. **O Labirinto da Saudade: psicanálise mítica do destino português.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

- Lourenço Eduardo. «Camões e Pessoa», *Brotéria*, Vol. CX, n.º 7-8-9. Lisboa (Julho-Agosto-Setembro de 1980), pp. 55-68.
- MacQueen, John. *Allegory*. Norfolk: Cox & Wyman, Ltd, Fakenham, 1970.
- Marchese, Angelo — Forradellas, Joaquín. *Diccionario de retórica, crítica y terminología literaria*. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1986.
- Martins, Joaquim Pedro de Oliveira. *Os filhos de D. João I*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmãos, 1983.
- Martins, José Pedro de Oliveira. *A vida de Nun'Álvares Pereira*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmãos, 1983.
- Martins, Mário. *O Infante D. Henrique: O homem e a obra*. Lisboa: Livraria Romano Torres, 1957.
- Martins, Wilson. «Camões and the Súper-Camões». *Ocidente — Revista portuguesa de cultura*. Número especial. Ed. António Cirurgião (Novembro de 1972), pp. 39-43.
- Melo, D. Francisco Manuel de. *Tratado da Ciência Cabala*. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.
- Moisés, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- Mourão-Ferreira, David. Vide Fernando Pessoa. *Mensagem*.
- Nostradamus: *Life and Literature. Including All the Prophecies in French and in English, with Complete Notes and Indexes. A Critical Bibliography of Nostradamus and His Commentators*. By Edgar Leoni. New York: Nosbooks, 1965.
- Oriente, Fernão Álvares do. *Lusitânia transformada*. Introdução e actualização do texto por António Cirurgião. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- Pagels, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Random House, 1981.
- Pater, Walter. *Plato and Platonism: A Series of Lectures*. New York: Greenwood Press, [1969].
- Paz, Octavio. *Las hijas del libro*. Barcelona: Seis Barral Ediciones, S. A., 1981.
- Pensata (Bond, Hellen Merrick). *Virgil. With Illustrations by Pat Stewart*. New York: Euclid Publishing Co, 1976.
- Pedrayo, R. Otero. *Obras selectas. Parladoiro. Artículos*. Vigo: Editorial Galaxia, 1973.
- Pessoa, Fernando. *Obra completa*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965.
- Pessoa, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.

Pessoa, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1941.

Pessoa, Fernando. *Mensagem*. Com uma nota de David Mourão-Ferreira. 8.ª edição. Lisboa: Edições Atica, 1967.

Pessoa, Fernando. *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Organização, prefácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Edições Atica, 1978.

Pessoa, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa a Armando*

Côrtes-Rodrigues. *Introdução de Joel Serrão*. Lisboa: Editorial Confluência, Ltda, 1944.

Pessoa, Fernando. *Poesias*. Lisboa: Edições Atica, 1979.

Pessoa, Fernando. *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*. Recolha de textos por Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização por Joel Serrão. Lisboa: Edições Atica, 1979.

Pessoa, Fernando. *Textos de crítica ou intervenção*. Lisboa: Edições Atica, 1980.

Pessoa, Fernando. «This or Something like it, the Title of a Book of Travels.» In *Ralz e Utopia*, N.º 2 (1977), pp. 140-141.

Picchio, Luciana Stegagno. *A lição do texto - Filologia e literatura - I - Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1979.

Pinto, Frei Heitor. *Imagem da vida cristã*. Vols. 1-4. Lisboa: Livraria Sá da Costa: 1952.

Pires, António Machado. «Fernando Pessoa, Poeta do Encoberto.» In *D. Sebastião e o Encoberto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

Pires, António Machado. «Os Lusíadas de Camões e a Mensagem de Fernando Pessoa.» *Persona* 4. Porto: Centro de estudos pessoanos (Janeiro de 1981) pp. 43-51.

Platão. *The Republic*. Edited, with Notes, Commentary and Appendices, by James Adam. 2nd ed., with an introd. by D. A. Rees. Cambridge [Engl.]: University Press, 1963.

Plotin. *Ennéades*. Texte établi et traduit par Emile Bréhier. Troisième édition. 5 volumes. Paris: Société d'Édition, 1960.

Quadros, António. «O 'Eros e Psique' de Pessoa. Proposta de uma hermenêutica.» *Persona* 4. Porto: Centro de estudos pessoanos (Janeiro de 1981), pp.337-42.

Quental, Antero de. *Sonetos*. Edição organizada e anotada por António Sérgio. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1963.

Ramalho, Américo da Costa. «O Globo Mundo em sua mão.» In *Colóquio-Letras*. N.º 17, Fevereiro de 1962, pp. 60-62.

- Ramalho, Américo da Costa. «Sobre o “Mostrengo” de Fernando Pessoa. In *Littera*, ano VI, N.º 15, Janeiro-Junho de 1976, pp. 50-54.
- Ramalho, Américo da Costa. «Sobre o poema “Noite” da *Mensagem* de Fernando Pessoa». *Separata de Biblos*, vol. LI, Coimbra, 1975 (Miscelânea em honra de Paulo Quintela), pp. 145-153.
- Rahner, Karl / Vorgrimler. *Dictionary of Theology*. New Revised Edition. New York: The Crossroad Publishing Company, 1985.
- Ripa, Cesare. *Iconologia or Moral Emblems by Cesare Ripa*. London: Benjamin Motte, 1709.
- Roig, Adrien. «Blasones y comedia: Las quinas de Portugal de Tirso de Molina.» *Actas del VIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Providence: Brown University, 22-27 de Agosto de 1983, pp. 535-546. Publicadas por A. David Kossoff, José Amor y Vázquez, Ruth H. Kossoff, Geoffrey W. Ribans. Madrid: Ediciones Istmo, 1986.
- Santo Agostinho. *Obras Completas de San Agustín. Texto bilingue. II. Las Confesiones*. Séptima edición (8.ª del autor). Edición crítica y anotada por el Padre Angel Custodio Vega, O.S.A. Madrid: La Editorial Católica, 1974.
- Seabra, José Augusto. «Da Grécia a Portugal. Breve viagem pela pátria de Pessoa.» *Diário de Notícias*. Lisboa, 5 de Setembro de 1987.
- Sena, Jorge de. *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (Estudos colligidos 1940-1978)*. 2 volumes. Lisboa: Edições 70, 1982.
- Senior, John. *The Way Down and Out: The Occult in Symbolist Literature*. Ithaca: Cornell University Press, 1959.
- Serrão, Joel. *Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- Serrão, Joel. *Dicionário de história de Portugal*. Dirigido por Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas.
- Severino, Alexandrino. «Fernando Pessoa: A Modern Lusiad.» *Hispania*, 67 (1984), pp. 52-60.
- Silva, Agostinho da. *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: I. E. L. Cadernos do Rio Grande, 1959.
- Silva, Anazildo Vasconcelos da. *Semiotização literária do discurso*. Rio de Janeiro: Elo, 1984.
- Silva, Vítor Manuel Pires de Aguiar e. *Maneirismo o Barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1971.

Silveira, Francisco Maciel da. «Sermão pelo Bom Sucesso das armas de Portugal contra as armas da Holanda.» *Colóquio-Letras*, N.º 74, Julho de 1983, pp. 29-36.

Simões, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*. Lisboa: Bertrand, 1981.

Sousa, Manuel de Faria e. *Lusíadas* — Comentadas por Manuel de Faria e Sousa. Introdução de Jorge de Sena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.

Sousa, Manuel de Faria e. *Rimas várias de Luís de Camões* — Comentadas por... Lisboa: Theotonio Damaso de Mello, 1685. Ed. facsimil. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.

Sousa, Manuel de Faria e. *Epítome de las historias portuguesas*. Primer y segundo tomos. Madrid: Por Francisco Martinez, 1628.

Tahan, Malba. *Numerologia*. Rio de Janeiro. Gráfica Record Editora, 1969.

Todorov, Tzvetan. *The Poetics of Prose*. Ithaca: University Press, 1977.

Tindall, William York. *The Literary Symbol*. Bloomington & London: Indiana University Press, 1967.

Vasconcelos, António de. «O escudo nacional português, lenda e história», *Lusitânia, revista de estudos portugueses*, fasc. II, Março de 1924, vol. I, pp. 171-182, e fasc. III, Junho de 1924, vol. I, pp. 321-337.

Vieira, Padre António. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1982.

Vieira, Padre António. *História do Futuro*. In *Obras escolhidas*. Com prefácios e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade. Vols. VIII e IX. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1953.

Vieira, Padre António. *Esperanças de Portugal*. *Quinto Império do Mundo*. Primeira e segunda vida do El-Rei D. João IV, escritas por Gonçalo Eanes Bandarra e comentadas por Vieira em carta ao bispo do Japão, D. André Fernandes. In *Obras escolhidas*. Com prefácios e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade. Vol. VI. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952.

Vieira, Padre António. *Defesa do livro intitulado «Quinto Império», que é a apologia do livro «Clavis Prophetarum» e respostas das preposições censuradas pelos Inquisidores, estando recluso nos cárceres do Santo Ofício de Coimbra*. Ib.

Vilhena, António Mateus. «Fernando Pessoa e os meandros da solidão.» *ICALP — Revista. Instituto de cultura e língua portuguesa*, N.º 5 (Julho de 1986), pp. 95-102.

Zolla, Elémire. *The Androgyne — Roconciliation of Male and Female*. New York: The Crossroad Publishing Company, 1981.

Zurara, Gomes Eanes de. *Crónica de Guiné*. Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança. Livraria Civilização, s.d.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abraão 67
Açores 149, 174
Adão 59, 85, 164, 212, 224
Adamastor, Gigante 152, 162, 169
Adams, Hazard 365
Afonso de Albuquerque 127, 128, 139-141
Afonso VI, Rei de Leão e Castela 66, 70
África 94, 117, 169
África Austral 158
Afrodite 57
Agenor (rei fenício) 43
Agripa, Menénio 43
Alcácer-Quibir 46, 117, 190, 191, 204
Alfarrobeira, Batalha de 108
Algarve 35
Allen, Paul M. 62
Almeida, Onésimo Teotónio 17
Alonso, Dámaso 155, 365
Álvaro de Campos 81
Andrade, Carlos Drummond de 271
Andres, Robin 11
Angra do Heroísmo 248
Anriquez, Luys 93, 365
Antunes, Alfredo 42, 365
Antunes, Manuel 365
Apolo 56
Apulcio 41, 252, 365
Aristóteles 63, 66, 67, 208
Arnold, Paul 365
Ásia Menor 70
Atis 70
Atlântico 149, 169
Atlântida 219
Atlas 132, 133, 170
Augusto, José 365
Auretta, Christopher 11
Azevedo, Lúcio de 365

Babilónia 210, 227, 240
Baco 70

Balbín Lucas, Rafael 240
 Bandarra, Gonçalo Eanes 42, 43, 93, 94, 202, 209, 226-229, 231-234, 242, 245, 260, 265
 Bandeira, Manuel 50
 Barbosa, João Morais 99
 Barrow, Geoffrey R. 365
 Batalha de Ourique 51, 77
 Baudelaire 269
 Beatriz 128
 Beguin, Albert 214
 Belém 132, 213
 Bene, Orietta del 366
 Bento V, Papa 122
 Berardinelli, Cleonice 366
 Berthelot, Marcellin 164, 366
 Biderman, Sol 222, 366
 Blanco, José 11, 18, 21, 366
 Borges, Jorge Luís 205
 Borgonha 66
 Bossuet 70
 Botelho, Afonso 195
 Bousoño, Carlos 155, 365
 Bover, Carolo 366
 Bragança, José de 131
 Brandão, Fiama Hasse Paes 271, 366
 Brasil 113, 136, 145, 169, 175
 Buda 49
 Buescu, Maria Leonor Carvalho 45, 366
 Bujanda, J. 253, 366
 Bulhões, Alexandre O'Neill 20
 Burnshaw, Stanley 58, 366

Cabo da Boa Esperança 136, 169
 Cabo das Tormentas 169
 Cabral, Pedro Álvares 136, 169, 175
 Calderón de la Barca 205
 Camões, Luís de 15, 17, 18, 36, 41, 42, 43, 48, 52, 59, 81, 90, 136, 137, 143, 183, 186, 187, 209, 212, 240, 248, 256, 261, 264, 366
 Campbell, Joseph 252, 256, 366
 Canadá 248
 Cantel, Raymond 366
 Caribdes 162
 Carlos V, Imperador 178
 Carvalho, António Carlos 94, 227, 232
 Carvalho, Carlos Castro da Silva 35, 51, 58, 94, 366
 Castela 66, 70, 148
 Castro, Dom João de 227
 Castro, Ivo de 11, 21
 Cavaco, Gilbert 366
 Cavaleiros da Távola Redonda

Centeno, Y. K. 58, 67, 222, 367
 César, Amândio 367
 César, Augusto 132
 Ceres 72
 César, Júlio 81, 183
 Ceuta 86, 91, 112
 Cheerbrant, Alain 37, 127, 215, 222, 367
 Chevalier, Jean 37, 127, 215, 222, 367
 Cícero 52, 108
 Ciclope 162
 Cidade, Hernâni 29, 85, 93, 102, 226, 228, 234
 Circe 162
 Cirlot, Juan-Eduardo 33, 40, 44, 45, 53, 67, 119, 234, 254, 367
 Cirurgião, António 188, 370
 Coelho, Jacinto do Prado 18, 21, 26, 367
 Coimbra, Leonardo 194
 Colombo, Cristóvão 144, 171-172
 Comte, Auguste 63
 Condado Portucalense 54
 Conde Dom Henrique 48, 65-67, 76, 86
 Conde Dom Pedro 48, 90, 107-110, 112, 116, 194
 Condestável Dom Pedro 91, 108, 367
 Congo 136, 158
 Corte-Real, Gaspar 248-250
 Corte-Real, João Vaz 248-250
 Corte-Real, Miguel 248-250
 Corte-Real, Vasco 248-250
 Côrtes-Rodrigues, Armando 371
 Costa, Dalila L. Pereira da 222, 367
 Courteau, Joanna 367
 Creta 43
 Cristo 40, 41, 49, 51, 57, 63, 77, 86, 94, 95, 102, 103, 104, 110, 158, 183, 192, 204, 205, 210, 212, 213, 214, 223, 224, 227, 233
 Cristóvão, Fernando 11
 Cronos 131
 Cruzeiro do Sul 153
 Cuerpo-Hewitt, Julia 367
 Culler, Jonathan 368
 Cumont, Franz 87, 368
 Cunha, António Geraldo da 271
 Cunha-Viana, Bruna 11

 Da Cal, Ernesto Guerra 58
 Daniel (Profeta) 260
 Dante Alighieri 17, 128, 254, 368
 Darwin 63
 David, Profeta 240
 Delcano, Juan Sebastián
 Delfos 56, 265

Derrida, Marguerite 164
 Diana 72
 Dias, Bartolomeu 144, 145, 167-170
 Dinastia de Avis 54, 94
 Dinastia de Borgonha 54
 Diogo Cão 144, 145, 157-160
 Dionisos 138
 Dom Afonso Henriques, Rei de Portugal 36, 42, 48, 51, 70, 71, 72, 73-78, 80, 93, 95, 127
 Dom Afonso III, Rei de Portugal 35
 Dom Afonso V, Rei de Portugal 108
 Dom Dinis, Rei de Portugal 48, 79-82, 87
 Dom Duarte, Rei de Portugal 48, 90, 94, 97-99, 102, 112, 118, 123, 127, 148, 169, 194, 368
 Dom Fernando, Rei de Portugal 85
 Dom João I, Rei de Portugal 35, 45, 48, 70, 83-87, 90, 93, 98, 112, 118, 123, 127, 148, 159, 194
 Dom João II, Rei de Portugal 127, 128, 135-138, 140, 163, 164, 170
 Dom Manuel, Rei de Portugal 130, 136, 140, 162
 Dom Quixote 118
 Dom Sebastião, Rei de Portugal 46, 48, 70, 84, 115-118, 144, 189-192, 202, 203-205, 210, 221-224, 237, 241, 257, 260
 Dona Filipa de Lencastre 45, 48, 70, 84, 89-92, 98, 112, 123, 124
 Dona Tareja 42, 48, 69-73, 90, 124
 Duque de Bragança 93
 Duque de Lencastre 91

 Edipo 42, 169, 178
 Egipto 70, 241
 Eldorado 160, 164
 Eliade, Mircea 368
 Eneias 72, 152, 162
 Epicuro 52
 Éros 41, 155
 Esculápio 49
 Esfinge de Giseth 45
 Espanha 43, 178
 Eurídice 155, 253, 257
 Europa 41, 42, 46, 131, 132, 169, 174
 Eva 85, 224
 Excalibur 125

 Faria e Sousa, Manuel de 52, 168
 Fausto 164
 Febo 72
 Ferguson, George 144
 Fez 99, 103
 Ficino, Marsilio 368
 Fierro, Martín 232
 Flew, Antony 368
 Fludd, Robert 59, 368
 Fonseca, Luís Adão da 91

Forjaz, Marcela 11
 Forradellas, Joaquín 28, 35, 370
 Frazer, Sir James George 368
 Freitas, Frei Serafim de 152
 Frias, Eduardo 368
 Frye, Northrop 182, 186, 368

 Galaaz 118, 123, 154, 211, 213
 Galeno 44
 Galhoz, Maria Aliete 18, 20, 21, 368
 Galiza 195
 Gama, Vasco da 72, 136, 144, 162, 169, 181-184, 186
 Garcilaso de la Vega 368
 Alemanha 44
 Giráldez, Arturo 11
 Grécia 44, 56, 57, 70, 132, 209
 Guntar, Georges 368
 Gusmão, Bartolomeu de 209
 Guyer, Leland Robert 86

 Hawkes, Terence 368
 Heindel, Max 368
 Herculano, Alexandre 76
 Hércules 162
 Herrera, Fernando de 82, 168
 Hesíodo 162
 Hipócrates 50
 Holanda 45
 Homero 57
 Hopper, Vincent Foster 369
 Horácio 50
 Hudson 248

 Icaro 208
 Ilhas Afortunadas 42, 246
 Ilhas das Hespéridas 219
 Ilhas Filipinas 178, 179
 Ilhas Molucas 178
 Império Romano 209
 Império Visigótico 44
 Índia 113, 136, 168, 169, 174, 182
 Infante Dom Fernando 22, 48, 90, 94, 101-105
 Infante Dom Henrique 34, 35, 36, 81, 90, 112, 127, 128, 129-133, 136, 140, 144, 145, 152, 153, 147-
 -150, 159, 160, 174, 178, 194
 Infante Dom João 94, 111-113
 Inglaterra 45
 Isaías (Profeta) 233

Isis 70
Israel 162, 240
Itaca 162, 249
Itália 45

Jacob 164
Japão 228
Japeto 132
Jasão 184
Jardim das Hespéridas 128
Jennins, Hargrave 369
Jónatas 204
José (Pai putativo de Jesus) 218
José do Egito 218
Judas 94
Jung, C. G. 49, 369
Juno 72
Júpiter 43, 209

Keller, Ludwig 202, 369
Khan, Claude 164

Labrador 248
Lagos 153
Lapa, Manuel Rodrigues 123, 369
Laszlo, Violet S. de 49
Lázaro 41, 195, 264
Leal, Raul 369
Leão 66, 70
Leão, Duarte Nunes de 94, 369
Leiria 82
León, Fray Luis de 213, 253, 369
Lind, George Rudolph 369
Lisboa 44, 54, 57, 80, 153, 248
Lobo, Francisco Rodrigues 82, 369
Lopes, Fernão 124, 369
Lourenço, Eduardo 370
Lucrécio 52
Lusitânia 63

MacQueen, John 370
Madeira, Ilha da 149, 174
Magalhães, Fernão de 144, 177-180, 184
Manheim, Ralph 41
Mar Mediterrâneo 152
Marchese, Angelo 28, 370
Marco Aurélio, Imperador 99, 108
Maria Madalena 78, 195
Marquês de São Payo 35

Marta (irmã de Lázaro e de Maria) 78, 195
 Marte 72
 Martinho, Fernando 11
 Martins, Joaquim Pedro de Oliveira 90, 136, 370
 Martins, Mário 34, 370
 Martins, Wilson 42, 370
 Mazon, P. 219
 Mélétsinski, E. 164
 Melinde 186
 Melo, Dom Francisco Manuel de 44, 87, 125, 154, 370
 Mercúrio 72
 Milagre de Ourique 51, 52, 70, 77, 85, 95, 227
 Minos 43
 Moisés, Massaud 370
 Moisés, Patriarca 67, 162, 227
 Molière 17
 Monte Aventino 43
 Morell, Antonio Gallego 82, 168
 Mosteiro da Batalha 159
 Mostrengo 161-165, 169, 260
 Motte, Benjamin 236
 Mourão, Maria Paula 58, 229, 233, 370
 Mourão-Ferreira, David 16, 28, 229, 371

 Naudin, Marie 11
 Nostradamus 370
 Novalis 205
 Nun'Álvares Pereira 34, 119, 121-125, 172, 233
 Nunes, Alfredo 58
 Nunes de Leão, Duarte 369

 O'Neill, Alexandre 20
 Oceano Índico 169, 188
 Olimpo 145, 162, 170, 178
 Oliveira, J. Dionísio de 253
 Ordem de Avis 85
 Ordem de Cristo 85, 136, 149
 Ordem de Santiago 85, 112
 Ordem do Hospital 85
 Orfeu 42, 155, 253, 257
 Oriente, Fernão Alvares do 188, 370

 Pachá, Sérgio 11
 Pagels, Elaine 370
 Palas 72
 Patmos 130
 Patter, Walter 45, 370
 Paz, Octávio 370
 Pedrayo, R. Otero 370

Penélope 238
Península da Arábia 141
Península da Malásia 141
Península do Indústião 141
Península Ibérica 41, 45, 66, 179
Picchio, Luciana Stegagno 80, 371
Píndaro 62
Pinto, Frei Heitor 44, 371
Pires, Manuel Machado 82, 371
Pires, Maria Lucília 11
Pitágoras 44
Platão 43, 45, 66, 67, 84, 109, 154
Plotino 72, 371
Plutarco 82
Poe, Edgar Allan 16
Pontes, Maria de Lourdes Belchior 18, 198, 365
Preste, João 91
Prometeu 117, 132, 163, 164, 178
Propp, Vladimir 164
Prudêncio 34
Psique 41, 155

Quadros, António 11, 371
Queiroz, Maria da Graça 229, 371
Quental, Antero de 50, 219, 371
Quirino 72

Rabelais 17
Radamanto 43
Rafael 80
Rahner, Karl 372
Ramalho, Américo Costa 18, 133, 145, 163, 149, 248, 249, 250, 371, 372
Rasberry, Gloria 62
Reckert, Stephen 58, 67, 222, 372
Rei Artur 125
Remo 72
Richards, I. A. 23, 77
Ripa, Cesare 236, 372
Rocheta, Maria Isabel 58, 229, 233
Roig, Adrien 372
Roma 81, 103, 162, 209
Rômulo 72

Sá-Carneiro, Mário de 273
São João Crisóstomo 82
São João Evangelista 41, 59, 130, 261
São Lucas 90, 199
São Mateus 49, 82
São Paulo 43, 49, 51, 87, 103, 104, 117, 204, 243

São Pedro 67
 Sacro Império Romano 209
 Sagres 130
 Samuel 218
 Sanches de Lima, Miguel 240, 369
 Sansão 44
 Santo Agostinho 67, 73, 109, 160, 226, 372
 Santo Graal 91, 123, 125, 154, 213, 214, 257
 Sarpedão 43
 Saturno 131
 Schuré, Edouard 62
 Seabra, José-Augusto 11, 372
 Sena, Jorge de 50, 52, 372
 Séneca 52, 99, 108
 Senior, John 372
 Sérgio, António 29, 50, 85, 93, 102, 226, 228, 234
 Serrão, Joel 58, 140, 229, 232, 248
 Severino, Alexandrino 18, 372
 Sila 162
 Silva, Agostinho da 372
 Silva, Anazildo Vasconcelos da 16, 372
 Silva, David 11
 Silva, Vítor Manuel Pires de Aguiar e 155, 373
 Silveira, Francisco Maciel da 45, 373
 Simões, João Gaspar 16, 21, 222, 373
 Sócrates 99, 109

 Tahan, Malba 373
 Tânger 112
 Teixeira, António Braz 195
 Teixeira de Pascoaes 194
 Teresa Lourenço, Dona 85
 Terra Nova 174, 248
 Teseu 32
 Tétis 72
 Tindall, William York 201, 373
 Tirso de Molina 95
 Tito Lívio 43, 369
 Todorov, Tzvetan 164, 214, 373
 Toynbee, Arnold 131
 Trancoso 228
 Tristão 257
 Tróia 162

 Ulisses 44, 48, 55-59, 66, 152
 Unamuno, Miguel de 205

 Vasconcelos, António de 373
 Velho do Restelo 186

Velo de Oiro 152, 184
Veneza 152
Vénus 73
Vicente, Gil 49
Vico 73
Vieira, Afonso Lopes 82
Vieira, Padre António 28, 29, 42, 43, 70, 85, 93, 102, 202, 209, 225-229, 241, 242, 260, 373
Vilhena, António Mateus 373
Virgílio 213
Viriato 48, 61-64, 66, 67
Voltaire 70

Zeus 138
Zodíaco 40
Zolla, Elémire 84, 373
Zósimo 84
Zurara, Gomes Eanes de 131, 133, 373

ÍNDICE

Antelóquio

Introdução:

A poética da **Mensagem**
O género poético da **Mensagem**
Método crítico
Camões e Pessoa
Do texto adoptado
Da reprodução dos poemas
Bibliografia

Apêndice:

Visão anatómica da **Mensagem**
A data dos poemas

O introito e o valedictório

Divisão tripartida

PRIMEIRA PARTE

BRASÃO

I. OS CAMPOS

Primeiro: O dos Castellos

Segundo: O das Quintas

II. OS CASTELOS

Primeiro: Ulysses

Segundo: Viriato

Terceiro: O Conde D. Henrique

Quarto: D. Tareja

Quinto: D. Afonso Henriques

Sexto: D. Dinis

Séptimo (I): D. João o Primeiro

Séptimo (II): D. Philippa de Lencastre

III. AS QUINAS

Primeira: D. Duarte, Rei do Portugal
Segunda: D. Fernando, Infante de Portugal
Terceira: D. Pedro, Regente de Portugal
Quarta: D. João, Infante de Portugal
Quinta: D. Sebastião, Rei de Portugal

IV. A COROA

Nunalvares Pereira

V. O TIMBRE

A Cabeça do Grypho: O Infante D. Henrique
Uma Asa do Grypho: D. João o Segundo
A outra Asa do Grypho: Afonso de Albuquerque

SEGUNDA PARTE

MAR PORTUGUÊS

- I. O Infante
- II. Horizonte
- III. Padrão
- IV. O Mostrengo
- V. Epitaphio de Bartholomeu Dias
- VI. Os Colombos
- VII. Occidente
- VIII. Fernão de Magalhães
- IX. Ascensão de Vasco da Gama
- X. Mar Portuguez
- XI. A Ultima Nau
- XII. Prece

TERCEIRA PARTE

O ENCOBERTO

I. OS SYMBOLOS

Primeiro: D. Sebastião
Segundo: O Quinto Império
Terceiro: O Desejado
Quarto: As Ilhas Afortunadas
Quinto: O Encoberto

II. OS AVISOS

Primeiro: O Bandarra

Segundo: António Vieira

Terceiro: (Screvo meu livro à beira-magua...)

III. OS TEMPOS

Primeiro: Noite

Segundo: Tormenta

Terceiro: Calma

Quarto: Antemanhã

Quinto: Nevociro

A CONCORDÂNCIA DA MENSAGEM

1. Introdução

- a. Considerações gerais
- b. Esclarecimentos preliminares
- c. Observações à margem da concordância

- I. Preposições
- II. Substantivos, verbos e adjectivos
- III. Pronomes possessivos
- IV. Artigo definido
- V. Artigo indefinido

2. Abreviaturas dos poemas pela ordem em que aparecem na **Mensagem**

3. Abreviaturas gramaticais

4. Concordância da **Mensagem**

Bibliografia

Índice onomástico

Índice geral

O «Olhar Esfíngico» da **Mensagem** de Pessoa e a Concordância

Não havia até agora, na bibliografia pessoal, uma análise da **Mensagem** feita texto a texto, nessa lacuna que, desde logo, o livro de António Cirurgião vem preencher. Sabemos que dificilmente se pode aceder ao sentido do *todo* sem uma análise cuidada das *partes*, e sobretudo com o olhar sobre a obra como a **Mensagem** que, segundo o próprio autor, formava «um só poema». Os maus resultados obtidos em certas leituras que se preteriam *globais* provêm muitas vezes precisamente de não atender suficientemente à importância dos *detalhes*. Por outro lado, também sabemos que a atenção aos *pormenores* por mais *minuciosos* que sejam, numa *leitura cerrada* que se pretenda não deve perder de vista o *todo*, e, convém frisá-lo, é isso que o A. faz, descurando os ensinamentos da hermenêutica e do bom senso e do bom respeito. O presente estudo vem provar que das mais eficazes alternativas ao impressionismo crítico, generalizante por natureza, reside na prática de uma efectiva *leitura cerrada* dos textos.

Não faltam a António Cirurgião para a análise de uma obra tão complexa como a **Mensagem** as qualidades que, de acordo com o próprio Pessoa, exigem do «intérprete» dos «símbolos». Sobre o que lhe não faltou de um modo geral, na realização do seu estudo, para o qual soube mobilizar harmoniosamente os mais variados saberes, o necessário equilíbrio entre a *cautela* e a *ousadia* interpretativas. Como também nunca lhe faltaram a clareza expositiva, a limpidez da escrita na apresentação dos resultados do *close reading* que efectuou sempre norteador por grandes preocupações de rigor — de um poema obscuro, «esfíngico», a problemática desvelação como é a **Mensagem**.

Fernando J. B. Martinho